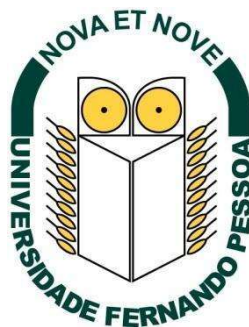


Liliana Manuela Pereira Santos Leite

Comunicação em saúde: O discurso da imprensa diária portuguesa
sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)



Universidade Fernando Pessoa

Porto

2022

Liliana Manuela Pereira Santos Leite

Comunicação em saúde: O discurso da imprensa diária portuguesa
sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

Universidade Fernando Pessoa

Porto

2022

© 2022

Liliana Manuela Pereira Santos Leite

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Liliana Manuela Pereira Santos Leite

Comunicação em saúde: O discurso da imprensa diária portuguesa
sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

(Assine Aqui)

Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção do grau de
Doutor em Ciências da Informação,
especialidade de Jornalismo e Estudos Mediáticos,
sob orientação do
Prof Doutor Jorge Pedro Sousa.

RESUMO

LILIANA MANUELA PEREIRA SANTOS LEITE: Comunicação em saúde: O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015). (Sob orientação do Prof. Dr. Jorge Pedro Almeida Silva e Sousa).

Esta tese propõe realizar um estudo de caso sobre a mediatização e cobertura jornalística de periódicos locais da crise de infeções nosocomiais ocorrida em 2015 no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, localizado no distrito do Porto. Tem como foco compreender de que forma ocorre a cobertura jornalística em casos de crise na saúde, com base nos critérios de noticiabilidade (Galtung; Ruge, 1965; Wolf, 1995, 1999; Traquina, 2005; 2020). Assim, formulou-se a seguinte problematização: Como os critérios de noticiabilidade comumente adotados pelo jornalismo direcionam e caracterizam a cobertura de crises na área da saúde?. Quanto ao objetivo geral procura-se demonstrar a relação entre os critérios de noticiabilidade na cobertura de factos da área da saúde, tendo em vista os conhecimentos técnicos específicos que são alheios ao campo jornalístico. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória. Como procedimentos técnicos, adota-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) e o Estudo de Caso (Yin, 2001), realizando-se a análise quantitativa e qualitativa dos dados colhidos. O *corpus* compreende peças publicadas entre os dias 14 de outubro de 2015 e 14 de novembro de 2015 nos cinco jornais impressos mais populares na cidade do Porto, sobre as infeções hospitalares ocorridas no Hospital de Gaia. Em linhas gerais, conclui-se que os critérios de noticiabilidade orientam quando os temas da saúde são relevantes, dando maior destaque em momentos excepcionais, como nos casos de surtos, epidemias e pandemias. Com o destaque para os momentos de crise, os mass media perdem a oportunidade de contribuir na prevenção de doenças, bem como de informar e possibilitar uma literacia que poderia ser realizada diariamente na área. Além disso, verifica-se que as fontes oficiais e

técnicas recebem menos atenção nas peças que, em grande parte, se utilizam da personificação e da tematização com destaque negativo que, por tendência, desperta maior interesse do público.

ABSTRACT

LILIANA MANUELA PEREIRA SANTOS LEITE: *Comunicação em saúde: O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015).* (Sob orientação do Prof. Dr. Jorge Pedro Almeida Silva e Sousa).

This thesis proposes to conduct a case study on the mediatization and news coverage of local periodicals of the nosocomial infections crisis that occurred in 2015 at the Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, located in the district of Porto. It focuses on understanding how the news coverage occurs in cases of health crisis, based on the criteria of noticiability (Galtung; Ruge, 1965; Wolf, 1995, 1999; Traquina, 2005; 2020). Thus, the following problematization was formulated: How the criteria of noticiability commonly adopted by journalism direct and characterize the coverage of crises in health? As for the general objective, it seeks to demonstrate the relationship between the criteria of noticiability in the coverage of facts in the health area, taking into account the specific technical knowledge that is alien to the journalistic field. As for the methodology, it is a descriptive and exploratory research. As technical procedures, it is adopted the Content Analysis (Bardin, 2011) and the Case Study (Yin, 2001), performing quantitative and qualitative analysis of the data collected. The corpus comprises pieces published between 14 October 2015 and 14 November 2015 in the five most popular printed newspapers in the city of Porto, on the hospital infections occurring at the Gaia Hospital. In general, it is concluded that the criteria of noticiability guide when health themes are relevant, giving greater prominence in exceptional moments, as in cases of outbreaks, epidemics and pandemics. With the emphasis on moments of crisis, the mass media lose the opportunity to contribute to the prevention of diseases, as well as to inform and enable a literacy that could be carried out daily in the area. In addition, it can be seen that official and technical sources receive less attention in the pieces that, for the most part, make use of

personification and thematization with negative highlighting that, by tendency, arouses greater interest from the public.

SOMMAIRE

LILIANA MANUELA PEREIRA SANTOS LEITE: *Comunicação em saúde: O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)*. (Sob orientação do Prof. Dr. Jorge Pedro Almeida Silva e Sousa).

Cette thèse propose de réaliser une étude de cas sur la médiatisation et la couverture médiatique par les périodiques locaux de la crise des infections nosocomiales survenue en 2015 au Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, situé dans le district de Porto. Il s'agit de comprendre comment la couverture médiatique se produit dans les cas de crise sanitaire, en se basant sur les critères de noticiabilité (Galtung ; Ruge, 1965 ; Wolf, 1995, 1999 ; Traquina, 2005 ; 2020). Ainsi, la problématisation suivante a été formulée : comment les critères de noticiabilité communément adoptés par le journalisme orientent et caractérisent la couverture des crises sanitaires ? Quant à l'objectif général, il vise à démontrer la relation entre les critères de nocivité dans la couverture des faits dans le domaine de la santé, en tenant compte des connaissances techniques spécifiques étrangères au domaine journalistique. Quant à la méthodologie, il s'agit d'une recherche descriptive et exploratoire. Comme procédures techniques, on adopte l'analyse de contenu (Bardin, 2011) et l'étude de cas (Yin, 2001), en effectuant une analyse quantitative et qualitative des données recueillies. Le corpus comprend des pièces publiées entre le 14 octobre 2015 et le 14 novembre 2015 dans les cinq journaux imprimés les plus populaires de la ville de Porto, sur les infections hospitalières survenues à l'hôpital Gaia. En général, il est conclu que les critères de nocivité guident lorsque les thèmes de la santé sont pertinents, donnant plus d'importance dans les moments exceptionnels, comme dans les cas d'épidémies et de pandémies. En mettant l'accent sur les moments de crise, les médias de masse perdent l'occasion de contribuer à la prévention des maladies, ainsi que d'informer et de permettre une alphabétisation qui pourrait être réalisée quotidiennement

dans la région. En outre, on peut constater que les sources officielles et techniques reçoivent moins d'attention dans les pièces qui, pour la plupart, utilisent la personnification et la thématization avec une mise en évidence négative qui, par tendance, suscite un plus grand intérêt de la part du public.

RESUMEN

LILIANA MANUELA PEREIRA SANTOS LEITE: *Comunicação em saúde: O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015).* (Sob orientação do Prof. Dr. Jorge Pedro Almeida Silva e Sousa).

Esta tesis propone realizar un estudio de caso sobre la mediatización y la cobertura periodística local de la crisis de infecciones nosocomiales ocurrida en 2015 en el Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, ubicado en el distrito de Oporto. Se centra en comprender cómo se produce la cobertura informativa en casos de crisis sanitaria, basándose en los criterios de noticiabilidad (Galtung; Ruge, 1965; Wolf, 1995, 1999; Traquina, 2005; 2020). Así, se formuló la siguiente problematización: ¿Cómo los criterios de noticiabilidad comúnmente adoptados por el periodismo dirigen y caracterizan la cobertura de las crisis en salud? En cuanto al objetivo general, se pretende demostrar la relación entre los criterios de noticiabilidad en la cobertura de los hechos en el área de la salud, teniendo en cuenta los conocimientos técnicos específicos ajenos al ámbito periodístico. En cuanto a la metodología, se trata de una investigación descriptiva y exploratoria. Como procedimientos técnicos, se adopta el Análisis de Contenido (Bardin, 2011) y el Estudio de Caso (Yin, 2001), realizando un análisis cuantitativo y cualitativo de los datos recogidos. El corpus comprende piezas publicadas entre el 14 de octubre de 2015 y el 14 de noviembre de 2015 en los cinco periódicos impresos más populares de la ciudad de Oporto, sobre las infecciones hospitalarias que se producen en el Hospital de Gaia. En general, se concluye que los criterios de noticiabilidad guían cuando los temas de salud son relevantes, dando mayor protagonismo en momentos excepcionales, como en casos de brotes, epidemias y pandemias. Con el énfasis en los momentos de crisis, los medios de comunicación pierden la oportunidad de contribuir a la prevención de enfermedades, así

como de informar y posibilitar una alfabetización que podría llevarse a cabo diariamente en la zona. Además, se observa que las fuentes oficiales y técnicas reciben menos atención en las piezas que, en su mayoría, hacen uso de la personificación y la tematización con destaque negativo que, por tendencia, despierta mayor interés del público.

Comunicação em saúde:

O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

Um beijo muito especial
às minhas queridas filhas
Madalena e Mariana,
que muitas vezes ficaram sem a mãe,
mas que estiveram sempre comigo.

Comunicação em saúde:

O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, desde logo, ao Professor Doutor Jorge Pedro Sousa, que aceitou orientar esta tese, acreditando sempre na sua pertinência, dando-me constante apoio e incentivo e mostrando-me, tantas vezes, o caminho certo, quando as dificuldades, pessoais e profissionais, traziam desnorte.

Gostaria também de deixar uma palavra a algumas pessoas amigas que nunca me deixaram desistir e que abordaram e discutiram alguns aspetos do tema comigo, destacando aqui a Patrícia.

Por último, gostaria de agradecer à minha família, nomeadamente ao meu marido, pela compreensão e disponibilidade sem fim e até mesmo pelas suas ideias e perspetivas diferentes sobre o tema.

Comunicação em saúde:

O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

ÍNDICE

RESUMO	V
ABSTRACT	VII
SOMMAIRE	IX
RESUMEN	XI
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – O PROBLEMA DAS INFEÇÕES HOSPITALARES	11
1.1. <i>As infeções hospitalares no Hospital de Gaia</i>	12
1.2. <i>Como é que eventos em saúde se tornam notícia?</i>	22
1.3. <i>Porque é que as IH’s deviam ser notícia?</i>	41
CAPÍTULO II – A MEDIATIZAÇÃO DAS INFEÇÕES HOSPITALARES	47
2.1. <i>A mediatização do tema das infeções hospitalares à luz da teoria da noticiabilidade</i>	50
2.2. <i>A mediatização do tema das infeções hospitalares à luz da teoria do enquadramento</i>	55
2.3. <i>A mediatização do tema das infeções hospitalares à luz da Teoria do Agendamento</i>	61
CAPÍTULO III - ESTUDO DE CASO: A MEDIATIZAÇÃO E COBERTURA DA INFEÇÃO HOSPITALAR NO HOSPITAL DE GAIA NA IMPRENSA DIÁRIA (2015)	67
3.1. <i>Metodologia</i>	67
i. <i>Análise de conteúdo versus análise do discurso</i>	70
ii. <i>Análise de conteúdo: pressupostos e fundamentos</i>	73
iii. <i>Estudo de caso: pressupostos e fundamentos</i>	78
iv. <i>Análise quantitativa e análise qualitativa</i>	85
v. <i>Análise quantitativa: pressupostos e fundamentos</i>	86
vi. <i>Análise qualitativa: pressupostos e fundamentos</i>	87
3.2. <i>Corpus da Pesquisa - Jornais</i>	90
i. <i>Diário de Notícias</i>	90
ii. <i>Jornal de Notícias</i>	92
iii. <i>Correio da Manhã</i>	93
iv. <i>Público</i>	95
v. <i>Jornal i</i>	96
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS JORNAIS	97
4.1. <i>Análise Quantitativa dos Dados</i>	105
4.2. <i>Análise Qualitativa dos Dados</i>	119
CONCLUSÃO	127

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXOS	144
ANEXO I – MATERIAIS ANALISADOS – CORREIO DA MANHÃ	145
ANEXO II – MATERIAIS ANALISADOS – DIÁRIO DE NOTÍCIAS.....	150
ANEXO III – MATERIAIS ANALISADOS – JORNAL DE NOTÍCIAS	156
ANEXO IV – MATERIAIS ANALISADOS – JORNAL I.....	171
ANEXO V – MATERIAIS ANALISADOS – PÚBLICO.....	177

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Características do <i>framing</i> nas coberturas jornalísticas.....	60
Quadro 2 – Técnicas para a análise de conteúdo.....	77
Quadro 3 – Justaposição das três principais abordagens de estudo de caso.....	83
Quadro 4 - Quadro de Critério de Análise - Correio da Manhã	98
Quadro 5 - Quadro de Critério de Análise – Diário de Notícias	99
Quadro 6 - Quadro de Critério de Análise – Jornal de Notícias.....	100
Quadro 7 - Quadro de Critério de Análise – Jornal i.....	103
Quadro 8 - Quadro de Critério de Análise – Jornal Público.....	104
Quadro 9 - Quadro de Análise Quantitativa dos Jornais	106

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Prevalência de doentes com Infeção Hospitalar (IH).....	20
Gráfico 2 - Evolução da distribuição de IH.....	21
Gráfico 3 - Características gerais dos materiais publicados - Comparativo entre os jornais	107
Gráfico 4 - Período de publicação - Comparativo entre os jornais	110
Gráfico 5 – Percentagem das expressões utilizadas - Jornal de Notícias	112
Gráfico 6 – Percentagem das expressões utilizadas - Diário de Notícias.....	113
Gráfico 7 – Percentagem das expressões utilizadas - Correio da Manhã.....	114
Gráfico 8 – Percentagem das expressões utilizadas - Jornal i.....	115
Gráfico 9 – Percentagem das expressões utilizadas - Jornal Público.....	116
Gráfico 10 – Abordagem Positiva X Abordagem Negativa - Comparativo entre os jornais	117

INTRODUÇÃO

Esta tese de doutoramento é fruto de inquietações da relação entre comunicação/saúde e, em especial, com os destaques dados pelos jornalistas aos factos relacionados com a saúde, questões estas que emergiram ao longo de minha carreira como enfermeira especialista ligada ao controlo de infeção. Atuar na área da saúde e, ao mesmo tempo, ser uma leitora ávida de jornais diários, moldou num certo sentido a minha percepção em relação à maneira como o jornalismo tende a tratar de factos que são do interesse público, mas que exigem conhecimentos específicos e técnicos para serem compreendidos na sua complexidade. Não se espera que um jornalista seja capaz de reproduzir com detalhe e profundidade o conhecimento adquirido por um profissional da saúde. Cabe ao jornalismo, enquanto campo social, traduzir informações técnicas para que estas sejam compreendidas pelo maior número de pessoas, tendo em conta a necessidade de se informar a população corretamente.

Tendo como ponto de partida o descrito anteriormente, quando, em 2015, ocorreu a crise de infeções hospitalares no, Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, acompanhei atentamente o esforço dos profissionais de saúde em identificar e controlar o foco de infeções, bem como a colheita de dados e posterior análise, com o intuito de produzir relatórios sobre o caso. Por outro lado, percebi o interesse crescente do jornalismo impresso local dois meses após a identificação dos primeiros casos. Esse interesse por parte dos media gerou uma cobertura durante um período relativamente curto de tempo. Durante este período, percebi que a crise no Hospital de Gaia, devido à sua gravidade e pela rápida multiplicação dos casos era de interesse social e, por consequência, do jornalismo. Ainda que compreendesse o valor de “novidade” da crise para os jornais, foi possível perceber o tipo de cobertura realizada e que o conteúdo que circulava, com algumas ressalvas, parecia superficial em termos informativos para população e até mesmo pouco esclarecedor. Também percebia um certo sensacionalismo nas reportagens e

notícias, algo que parecia apelar para o número de infetados, de óbitos, para a “tragédia”, mas pouco contribuía para que a população compreendesse melhor o que, de facto, estava a ocorrer, como deveria agir e os riscos reais decorrentes da crise. Além disso, ao observar esse caso, tive a percepção inicial de que os temas da saúde normalmente tornam-se noticiáveis em momentos de crise, fora dessas situações a temática da saúde, num sentido informativo, parece ficar desprezada e receber apenas espaços menores na cobertura jornalística. Outro ponto que se destacou na época, na minha observação, foi o espaço dedicado às “fontes oficiais”, ou seja, dos profissionais de saúde do hospital, da direcção do hospital, fontes ligadas ao ministério da saúde ou até mesmo cientistas que pudessem esclarecer com informações técnicas a população. Percebia uma maior atenção no drama pessoal, em doentes e familiares de infetados, bem como no sofrimento em relação às mortes.

Perante as inquietações na relação entre comunicação e saúde, especialmente em momentos de crise, optei por compreender melhor esta questão na minha investigação de doutoramento. Assim, poderia pesquisar os aspectos comunicacionais e jornalísticos que envolvem esse tipo de abordagem. Desse modo, a proposta desta tese é realizar um estudo de caso sobre a mediatização e cobertura da crise de infeção hospitalar no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE pela imprensa diária local, no ano de 2015. O tema de pesquisa nesta tese, em sentido amplo, debruça-se em como os jornais diários apresentam as peças nas questões relacionadas à saúde.

Partindo do esforço em compreender como ocorre a cobertura jornalística em casos de crise na saúde, de entender quais os critérios que orientam o jornalismo para definir o que é ou não notícia, bem como o destaque dado ou ainda as fontes consultadas, formulei a seguinte problematização que deve orientar o desenvolvimento desta tese: Como os critérios de noticiabilidade, comumente adotados pelo jornalismo, direcionam e caracterizam a cobertura de crises na área da saúde?

Quanto ao objetivo geral, trata-se de demonstrar a relação entre os critérios de noticiabilidade e a cobertura de factos da área da saúde, tendo em vista os conhecimentos técnicos específicos que são alheios ao campo jornalístico. Os objetivos específicos são:

- a) Explicitar o contexto das infeções hospitalares, tanto no sentido amplo quanto no caso específico, ocorrido no Hospital de Gaia em 2015;

- b) Elaborar contextualização teórica sobre o que é notícia e os critérios de noticiabilidade;
- c) Articular teoricamente a cobertura jornalística das infeções hospitalares com as teorias da noticiabilidade, enquadramento e agendamento;
- d) Contextualizar o caso de estudo - cobertura na imprensa diária local das infeções hospitalares ocorridas no Hospital de Gaia em 2015;
- e) Realizar a análise de conteúdo, através de dados qualitativos e quantitativos, a partir da cobertura jornalística de cinco jornais impressos locais.

Orientada pelas questões e objetivos supracitados, esta pesquisa justifica-se na medida em que pode contribuir para ampliar o entendimento da tríade comunicação/saúde/jornalismo em contexto de mediatização. Tal relação é de interesse geral da sociedade e, mais recentemente, como pode ser observado no decorrer na pandemia de Covid-19, temáticas relacionadas à saúde tornaram-se mais comuns no jornalismo generalista, não especializado. Desse modo, considera-se relevante compreender melhor como as Teorias do Jornalismo, orientam ou não, a publicação de conteúdos da saúde.

No âmbito teórico, inicialmente, foram utilizadas as perspectivas que tratam da definição do que é notícia. Partindo das concepções sociológicas amplas de Robert Ezra Park (1970), Patrick Charaudeau (2006) e Niklas Luhmann (2005), as quais compreendem as notícias enquanto produção de conhecimento (Park, 1970), construção da realidade (Luhmann, 2005) e interpretação da realidade (Charaudeau, 2006). Após, tratei, de forma mais direta, os estudos de comunicação e jornalismo, ao optar por discutir os critérios de noticiabilidade e realizar um resgate teórico com a finalidade de contextualizar o que seriam esses critérios. Elaborei essa contextualização com base nos estudos de White (1950), Breed (1955), Lewin (1947), Galtung e Ruge (1965), Schudson (1988), Mauro Wolf (1995; 1999), Sousa (2005; 2006) e Traquina (2005; 2020).

Desses autores destaco a ideia de que é notícia tudo aquilo que é importante para uma sociedade (Traquina, 2020). Além disso, trata-se de algo mediado socialmente, por diversos valores, tanto dos jornalistas e linhas editoriais, quanto valores gerais históricos e da sociedade, bem como mediado tecnicamente, pois depende de dispositivos técnicos de

comunicação (Sousa, 2006). A noção de acontecimento também pode ser considerada central na cobertura jornalística da área da saúde, sobretudo em crises, pois estas se caracterizam por acontecimentos incomuns, por vezes graves, que despertam emoções como medo e insegurança, bem como exigem informações fidedignas, o que reforça a “função social” do jornalismo (Traquina, 2005).

Sobre a linha teórica adotada para discutir os critérios de noticiabilidade, destaco as reflexões de Sousa (2005) que definem os critérios de noticiabilidade como uma forma de organização das notícias, critérios estes que não são rígidos e atemporais, mas ajustáveis ao longo de tempo e do contexto. Nesse sentido, tais critérios estabelecem uma hierarquia dos factos da realidade perante a cobertura jornalística, que sempre é limitada, seja pelo espaço destinado a cada facto nos media, seja pelo interesse social ou até por critérios editoriais, económicos e políticos. White (1950) contribui para essa discussão ao retomar a ação de “gatekeeper” definida por Lewin (1947), ao verificar que jornalistas, redatores, chefes de escritório, editores, entre outros tem a função de definir o que “entra” ou não na cobertura jornalística. Breed (1955) acrescenta um debate sociológico a essa questão. O autor sugere que, para além de códigos éticos e deontológicos, bem como dos valores pessoais dos jornalistas, a hierarquia e política editorial, por vezes, sobressai, constituindo-se como o “gate” de maior relevância na decisão do que será notícia ou não.

Nessa discussão, Galtung e Ruge (1965) elaboram uma obra basilar sobre o modelo da Teoria da Noticiabilidade, definindo doze critérios, denominados de valores-notícia ou “news values”, que regulam a noticiabilidade dos eventos, são eles: a frequência com que surgem notícias sobre esse tipo de eventos; a amplitude de interesse ou influência do evento, ou seja, o número de pessoas a quem poderá interessar saber; o inequívoco; a relevância; a consonância com as expectativas; a imprevisibilidade; a continuidade; a complementaridade; a presença de países/regiões de elite; a presença de pessoas de elite; a personificação; a negatividade.

Mais recentemente, já no final do Século XX, Mauro Wolf (1995; 1999) e Nelson Traquina (2005; 2020) retomam a discussão sobre os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia. Wolf (1999) define que a noticiabilidade compreende requisitos, procedimentos, operações e instrumentos para seleção de notícias, tendo em vista que não é possível publicar “tudo que interessa”. Para verificar o nível de noticiabilidade de determinado acontecimento, propõe quatro pontos, são eles: 1 - O grau de envolvimento

dos indivíduos com o evento, assim como o seu nível hierárquico; 2 - Os efeitos que a notícia terá, tanto no país como a nível internacional; 3 - O número de pessoas envolvidas no acontecimento; 4 - A importância do acontecimento em relação à posterior evolução de uma dada situação. Nesse âmbito, Traquina (2005) elaborou uma atualização do conjunto de valores-notícia, sintetizados nos termos: morte; proximidade; relevância; novidade; tempo; notoriedade; inesperado; conflito/controvérsia; disponibilidade; equilíbrio; visualidade; concorrência e dia noticioso.

Especificamente no eixo Comunicação/Saúde/Jornalismo destaca-se o trabalho de Lopes et al. (2012) que apresenta e debate a dimensão ética dos mass media ao tratar questões relacionadas com a saúde, pois estes são capazes de estabelecer a “agenda comunicacional” sobre o tema, ao interferir, inclusivamente, em decisões frente às crises de saúde.

Do ponto de vista metodológico esta é uma pesquisa descritiva e exploratória que tem como objetivo descrever e explicar de forma interpretativa o fenómeno observado. Como procedimentos técnicos, adota-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) e o Estudo de Caso (Yin, 2001), realizando as análises quantitativa e qualitativa dos dados colhidos. Empiricamente, o *corpus* compreende peças publicadas nos cinco jornais impressos mais populares na cidade do Porto, sobre as infeções hospitalares ocorridas no Hospital de Gaia em 2015. Os jornais selecionados são: Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Público e Jornal i. Optou-se, como recorte para esta pesquisa, por analisar as edições impressas dos jornais, excluindo notícias online. O recorte temporal definido foi de um mês, entre o dia 14 de outubro de 2015 e 14 de novembro de 2015.

Tendo como base as minhas inquietações iniciais, já explicitadas, as bases teóricas supracitadas e o caso de estudo metodologicamente definido, realizei um levantamento bibliográfico prévio no indexador Google Académico e no Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa, utilizando os termos “jornalismo”; “critérios de noticiabilidade”, “cobertura jornalística”, “saúde”; “crise na saúde”, com a intenção de verificar outros trabalhos que, por ventura, tenham tratado da mesma temática ou, pelo menos, a tríade Comunicação/Saúde/Jornalismo pelo olhar das Teorias do Jornalismo e dos critérios de noticiabilidade. Destaca-se a escassez de pesquisas em teses e dissertações nesta interface, no contexto dos trabalhos realizados nas línguas inglesa e portuguesa. No Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa não encontrei nenhuma

dissertação ou tese na área. Destaco que essa pesquisa foi de caráter exploratório, com o objetivo de levantar tais dados.

Através da pesquisa foi possível encontrar uma quantidade relevante de artigos, principalmente sobre a pandemia de Covid-19 e da cobertura jornalística realizada durante o seu período. Contudo, considero que a pandemia, por ser um evento de dimensões globais, por ter afetado profundamente o próprio funcionamento dos países e em função das diversas informações de cariz negacionista da ciência e a utilização das fake news. Tais estudos realizados no âmbito da Covid-19 concentram-se em debates sobre políticas públicas, comunicação institucional, discursos de chefes de Estado, disseminação de fake news, etc. Desse modo, não poderão contribuir para o debate que pretendo fazer nesta tese.

Por fim, indico duas teses que estabelecem a relação entre critérios de noticiabilidade e a cobertura de crises na saúde. O trabalho de Andrea Langbecker, intitulado “A cobertura jornalística sobre os sistemas públicos de saúde no Brasil e na Espanha — uma análise comparativa” (2017), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/Brasil. E a tese de Cláudia Malinverni “Epidemia midiática de febre amarela: desdobramentos e aprendizados de uma crise de comunicação na saúde pública brasileira” (2016), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/Brasil. Ambas foram desenvolvidas em programas de saúde pública e coletiva, sem ligações aos programas de ciências da comunicação.

Das teses citadas, saliento aqui as conclusões de Langbecker (2017) que, ao realizar a análise comparativa entre os jornais El País e Folha de São Paulo sobre os sistemas públicos de saúde de Espanha e do Brasil, respectivamente, constatou que das categorias de valores-notícia, estabelecidas conceptualmente pela autora, a mais presente foi “governo”, com destaque para as ações e medidas governamentais, tanto positivamente, quanto negativamente. A autora concluiu que nos jornais analisados utilizaram-se critérios como polémica; simplificação em relação à abordagem adotada; escassez de fontes oficiais; personalização e dramatização para sensibilizar os leitores.

Já Malinverni (2016, pp. 209), teve como objetivo desenvolver e explicitar o conceito de “epidemia midiática” que ocorreu com o aumento de casos de febre amarela detectados no verão, entre 2007-2008, no Brasil. Tal aumento de casos, conforme a

autoridade sanitária e a maioria dos especialistas, estava de acordo com a normalidade epidemiológica. Contudo, os mass media brasileiros criaram um repertório noticioso fortemente vinculado no risco em saúde, o que conduziu a um discurso sobre o evento de um quadro epidémico grave. A autora considera que tal abordagem jornalística gerou efeitos negativos, gerando uma aflição social, “[...] todo o sistema nacional de imunização e expôs a riscos desnecessários pessoas que se vacinaram contra a febre amarela incentivadas pelo discurso jornalístico e contrariando as recomendações do Ministério da Saúde”. Nas análises realizadas, a pesquisadora definiu quatro eixos temáticos, são eles: processo de produção da narrativa; uso de repertórios de risco; criação de uma necessidade de vacinação e tradução do conhecimento técnico-científico. Como conclusão, Malinverni (2016, pp. 209) aponta que o modo de produção da notícia (newsmaking), orientado pela espectacularização do assunto, com o objetivo de atrair uma maior audiência, configuraram a cobertura desse evento “[...] como espelho de uma realidade epidêmica inexistente”, sendo assim definida como uma “epidemia midiática”. Além disso, o estudo indica que o modelo de comunicação no Brasil e as falhas nas estratégias de comunicação governamentais contribuíram para esse quadro.

Perante as questões e reflexões explicitadas nas referências teóricas e observação empírica da cobertura jornalística das infeções ocorridas no Hospital de Gaia, indico algumas hipóteses iniciais, a serem confirmadas ao longo do trabalho.

- Os critérios de noticiabilidade, vinculados aos saberes da comunicação social, determinam “o que é” e o “que não é” notícia, ao atingir o tratamento de temas de interesse social que nem sempre se enquadram em tais critérios;
- A estrutura económica, política e hierárquica dos jornais pode direcionar o tratamento noticioso, por vezes de forma mais intensa do que os próprios critérios de noticiabilidade;
- Há uma escassez na consulta de fontes especializadas em peças jornalísticas da área da saúde.

- Existe um certo sensacionalismo na cobertura de crises, apelo para dramatizações ou personalização das questões, sobretudo em áreas como a saúde.
- Há cobertura fugaz das crises, que logo "perdem a atualidade" e deixam de ser notícia.
- A área da saúde coletiva, por meio da comunicação institucional, por vezes, falha em fornecer informações claras e abundantes para a população em momentos de crise. Considera-se que existe falha nas estratégias de comunicação governamentais, das direções de hospitais e na divulgação da ciência, etc.

Em termos de estrutura, esta tese está dividida em Introdução, quatro capítulos e Conclusão.

Na introdução é apresentada a temática a partir de reflexões decorrentes da atuação profissional da autora. Também são sintetizados: a problematização, os objetivos, a justificação, a metodologia, a linha teórica adotada e hipóteses iniciais.

O Capítulo I “O problema das infeções hospitalares” aborda a crise provocada pelas infeções hospitalares no Hospital de Gaia, detalha os aspectos institucionais sobre a situação e como a instituição de saúde responde a esse tipo de situação no presente, sete anos após a crise analisada nesta tese. No segundo item no Capítulo I, é discutida, teoricamente, a definição de notícia e os critérios de noticiabilidade. O terceiro subcapítulo inclui abordagem técnica, caracterizando as infeções hospitalares, ou infeções nosocomiais, com base em literatura científica da área, e amplia o conhecimento sobre essa questão no contexto europeu, sobretudo no caso de Portugal.

O segundo capítulo “A mediação e as infeções hospitalares” apresenta uma discussão sobre o eixo Comunicação/Saúde/Jornalismo. Reflete sobre os motivos que levaram o tema das infeções hospitalares do caso empírico, a serem destacados pelos mass media a partir dos critérios de noticiabilidade. Por fim, discute-se a mediação das infeções hospitalares à luz da Teoria do Enquadramento e da Teoria do Agendamento.

O capítulo III “Estudo de caso: a mediatização e cobertura da infeção hospitalar no hospital de gaia na imprensa diária (2015)” explicita o percurso metodológico, inicialmente com uma abordagem teórica acerca da metodologia e dos métodos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, sendo depois realizada uma contextualização histórica dos jornais analisados.

Por fim, o capítulo IV “Análise dos Jornais” traz a análise dos dados colhidos a partir da Análise de Conteúdo, dividida em análise quantitativa e análise qualitativa, o que permite projetar as descobertas da pesquisa sob a ótica das teorias apresentadas ao longo dos demais capítulos. Tais resultados são referenciados na Conclusão, que responde ao problema e valida ou não as hipóteses relacionadas na Introdução.

Comunicação em saúde:

O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

CAPÍTULO I – O problema das infeções hospitalares

O objetivo deste primeiro capítulo é refletir sobre a crise provocada pelas infeções hospitalares no Hospital de Gaia, assim como, entender o que são essas infeções e como o acontecimento se tornou notícia. Desta forma, o presente capítulo procura analisar os dados expostos em notícias e em relatórios da instituição hospitalar, além de abordar algumas das teorias comunicacionais que suportam teoricamente o conceito de notícia e dos critérios de noticiabilidade que orientam os mass media. A seguir, tratar-se-á da problemática das infeções nosocomiais e o porquê de serem um evento noticioso.

O primeiro subcapítulo apresenta o cenário das infeções hospitalares no Hospital de Gaia, em 2015, assim como, também aborda uma visão sobre como a instituição de saúde trata essa questão atualmente. Além disso, é feita uma abordagem da infeção associada aos cuidados de saúde (IACS), também conhecida por infeção nosocomial ou infeção hospitalar. Para a construção deste subcapítulo são utilizados dados e informações que permitem entender o que são as infeções hospitalares e a transmissibilidade num hospital nacional.

O segundo subcapítulo resulta de um entendimento basilar da definição de notícia, a partir das teorias sociológicas defendidas por Robert Ezra Park, Patrick Charaudeau e Niklas Luhmann. Esses argumentos justificam as notícias enquanto produção de conhecimento (Park, 1970) e construção da realidade (Luhmann, 2005), o que possibilita compreender o jornalismo como um fenómeno de interpretação da realidade (Charaudeau, 2006) e produção de conhecimento dessa realidade através de técnicas específicas. Na sequência, os critérios de noticiabilidade são apresentados com base em perspectivas mais contemporâneas, como White (1950), Breed (1955), Lewin (1947), Galtung e Ruge (1965), Schudson (1988), Mauro Wolf (1995; 1999), Sousa (2005) e Traquina (2020).

O terceiro subcapítulo explica a questão das infeções hospitalares, sobretudo no contexto nacional, com base em literatura científica da área Morais et al. (2013); Giarola et al. (2012); Moura et al. (200), bem como documentos da Organização Mundial de Saúde (OMS). Posteriormente, aproxima-se a questão das IH's do campo da comunicação com base no estudo de Cavaca et al. (2015), que trata a cobertura e invisibilidade de temas de saúde nos meios de comunicação impressos diários. O capítulo é finalizado e retoma alguns dos valores-notícia propostos por Traquina (2005), demonstrando como o tema das IH's cumpre tais critérios, ou seja, devem ser noticiadas.

Por fim, a discussão apresentada neste primeiro capítulo deverá contribuir para a análise do objeto empírico, que trata do discurso da imprensa diária portuguesa sobre as infeções hospitalares no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, na medida em que contextualiza teoricamente a questão das notícias para a comunicação social, bem como demonstra a importância de se observar como os media, no contexto português, tratam o tema da saúde.

1.1. As infeções hospitalares no Hospital de Gaia

As infeções hospitalares sempre foram uma grande preocupação em todos os hospitais do mundo. E no contexto em que a presente pesquisa se insere, quando se aborda a realidade portuguesa, o cenário não é diferente. É primordial compreender o contexto da infeção associada aos cuidados de saúde (IACS) para entender como ocorre e o reflexo de tal problema nos jornais portugueses.

Neste cenário, o Serviço Nacional de Saúde (SNS) português defende que existe a “necessidade de assegurar cuidados de saúde a todos os cidadãos”, pois para o serviço, o que realmente importa é que “as diferentes instituições hospitalares garantam a prestação de forma coordenada e articulada entre si, e com os restantes níveis de cuidados” (SNS, 2012, p. 05). Ou seja, nesta perspectiva, os cuidados de saúde a todos os cidadãos envolvem o controlo de contaminações que podem ocorrer via infeção hospitalar.

De acordo com Rodrigues (2013, p. 05), “as infeções nosocomiais¹ ou, mais comumente conhecidas por infeções hospitalares, surgem nos dias de hoje como um

¹ É considerada ainda uma infeção nosocomial se detetada nos 30 dias seguintes a uma intervenção e até um ano após a colocação de um componente protésico, uma válvula cardíaca ou um estimulador cardíaco.

problema de saúde importante, difícil de controlar”. É importante ressaltar que as infeções nosocomiais fomentam o desequilíbrio de recursos entre a procura e a oferta. Ou seja, os recursos disponíveis para os cuidados de saúde primários e secundários são desviados para o tratamento de infeções nosocomiais que podem ser prevenidas. (Coello et al., 1993). Desta forma, despoletam uma grande crise na saúde. E essa preocupação não é em vão, uma vez que esse tipo de doença também é responsável pelas taxas de mortalidade e morbidade nas instituições hospitalares. E além de todos os problemas que envolvem as instituições hospitalares, sejam elas públicas ou privadas, esse tema é um dos grandes "terrores" no sistema de saúde. Com o passar dos anos, nota-se que “os hospitais e as instituições de cuidados de saúde são, cada vez mais, epicentros de multirresistências de determinados microrganismos potencialmente patogénicos, principalmente resistências bacterianas” (Rodrigues, 2013, p. 13).

Segundo informações obtidas através da Organização Mundial de Saúde (OMS), uma infeção nosocomial significa “uma infeção adquirida no hospital por um doente que foi internado por outra razão que não essa infeção” ou ainda “uma infeção que ocorre num doente internado num hospital, ou noutra instituição de saúde, e que não estava presente nem em incubação à data de admissão” (WHO, 2002), ou seja, cuja manifestação ocorreu durante o internamento ou após a alta, podendo ser relacionada com o internamento ou com procedimentos hospitalares (Villas Bôas; Ruiz, 2004).

Portanto, quando situações de alto risco de contágio surgem nas instituições hospitalares, os mais diversos setores da sociedade ficam apreensivos. Os doentes, os familiares, os profissionais e entidades de saúde passam a tentar compreender o que está a acontecer, assim como, encontrar uma forma de reverter tal diagnóstico, que em muitos casos pode conduzir à mortalidade.

De acordo, com o preconizado por Teixeira et al. (2021), as infeções hospitalares são conhecidas na área da saúde como infeções nosocomiais e são caracterizadas por infeções adquiridas por um doente enquanto este recebe tratamento de saúde num ambiente hospitalar. Normalmente são quadros infecciosos que se desenvolvem durante o período de hospitalização, manifestando-se após as 48h da admissão na unidade de saúde ou até 30 dias depois de receber os cuidados hospitalares em casos relacionados com as cirurgias. Embora, na maior parte das vezes, sejam identificadas em doentes internados, esta categoria também inclui infeções detectadas após a alta e as chamadas infeções

ocupacionais que atingem a equipa de saúde. Os agentes patogénicos como as bactérias, vírus e fungos são os causadores mais frequentes desses quadros.

Os tipos de infeções nosocomiais mais comuns incluem: infeções da corrente sanguínea (relacionadas com a utilização do catéter venoso); a pneumonia adquirida em ambiente hospitalar; as infeções intestinais, geralmente causadas pela bactéria *Clostridium Difficile*; as infeções no local de cirurgias, as quais ocorrem até 30 dias após o procedimento cirúrgico e são divididas em três categorias (a infeção superficial no local onde a incisão foi feita, a infeção nos músculos e tecidos que estão num nível inferior ao local da incisão e a infeção em qualquer parte do corpo decorrente de cirurgia, incluindo órgãos internos); as infeções no trato urinário (também relacionadas com a utilização do cateter vesical) (Teixeira et al., 2021).

De acordo com Rodrigues (2013, p. 05), tais “infeções nosocomiais² ou, mais comumente conhecidas por infeções hospitalares, surgem nos dias de hoje como um problema de saúde importante, difícil de controlar”. É importante ressaltar que as infeções nosocomiais fomentam o desequilíbrio de recursos entre a procura e a oferta. Ou seja, os recursos disponíveis para os cuidados de saúde primários e secundários são desviados para o tratamento das infeções nosocomiais que podem ser prevenidas. (Coello et al., 1993). As infeções hospitalares podem provocar uma grande crise na saúde. E essa preocupação não é em vão, uma vez que esse tipo de doença também é responsável pelas taxas de mortalidade e morbidade nas instituições hospitalares, quer sejam públicas ou privadas, esse tema é um dos grandes “terrores” no sistema de saúde. Ao longo do tempo, nota-se que “os hospitais e as instituições de cuidados de saúde são, cada vez mais, epicentros de multirresistências de determinados microrganismos potencialmente patogénicos, principalmente resistências bacterianas” (Rodrigues, 2013, p. 13).

Cavaleiro (2011) acrescenta que as infeções nosocomiais ocorrem com maior frequência em doentes internados nas Unidades de Cuidados Intensivos (UCI), conduzindo a um aumento significativo no risco de mortalidade (duplicando ou triplicando esse risco) e acabam por ampliar o tempo de internamento, afetando não só o doente de forma individual, mas também sobrecarregando o hospital e os seus profissionais, o que, como consequência, incide negativamente no atendimento à população como um todo. Assim,

² É considerada ainda uma infeção nosocomial se detetada nos 30 dias seguintes a uma intervenção e até um ano após a colocação de um componente protésico, uma válvula cardíaca ou um estimulador cardíaco.

os doentes internados em UCI possuem um risco de 5 a 10 vezes maior de sofrerem uma infeção nosocomial do que os restantes doentes. Por outro lado, o aumento do risco está associado com a gravidade da condição clínica do doente, com o tempo de exposição aos procedimentos e dispositivos invasivos, com o tempo de permanência na UCI e também com as características ambientais da unidade, tais como as limitações de espaço. Ainda assim, estima-se que um terço das infeções nosocomiais possam ser evitadas através de programas de prevenção. (Cavaleiro, 2011, p. 03).

Neste contexto, as pessoas com imunossupressão (de causas variadas), trauma grave (decorrente de quedas, acidentes de trânsito, entre outros), doença pulmonar crónica e diabetes *mellitus* enfrentam um maior risco de infeção hospitalar, pois as alterações nos mecanismos imunológicos possibilitam que a flora dos agentes patogénicos comumente encontrada nos hospitais — mais resistente aos antimicrobianos — atinja com maior facilidade esses doentes. Outro ponto de preocupação, que reforça a necessidade de debate sobre as infeções nosocomiais, é a crescente incidência de infeções relacionadas a bactérias multirresistentes (popularmente referido nos mass media como superbactérias) a uma ou mais classes de agentes microbianos, o que aumenta a gravidade desses casos, e se tornam mais difíceis de serem tratados e, em casos extremos, podem gerar quadros epidémicos (Cavaleiro, 2011).

Outro aspecto relevante sobre as infeções nosocomiais é o facto de que essas provocam custos humanos e financeiros significativamente altos, exigindo a existência de programas de prevenção e constante atualização dos profissionais de saúde. Na revisão bibliográfica, Cavaleiro (2011) demonstra que, no contexto dos Estados Unidos (país que possui uma base de dados robusta sobre o tema), ocorrem cerca de 300 mil casos de sépsis e 200 mil casos de pneumonia anualmente decorrentes de infeções hospitalares, aumentando os dias de internamento dos doentes afetados, contribuindo para o impressionante número de 2,3 milhões, gerando 81 milhões de dólares em custos e acarretando 48 mil mortes diretamente ligadas às infeções hospitalares. No caso da União Europeia, estima-se que 4 milhões de pessoas são atingidas todos os anos por infeções nosocomiais, culminando em 35 a 50 mil mortes.

Em Portugal, conforme os dados disponibilizados no relatório da Direção-Geral da Saúde (DGS) - parte do 2º inquérito europeu sobre o programa de prevenção para o controlo de infeções, em 2017, a prevalência das infeções nosocomiais é 7.8% dos

internamentos verificados. Porém a literatura da área indica, no caso português, ausência de dados epidemiológicos (ou dados incompletos) sobre as infeções no contexto das Unidades de Cuidados Intensivos de forma individual, de cada unidade, o que acaba por dificultar a comparação e prejudica a delimitação geográfica da prevalência dessas infeções (Teixeira et al., 2021).

Cavaleiro (2011, p. 05) esclarece que é possível prevenir entre 20% e 30% das infeções nosocomiais com programas de prevenção e controlo aplicados nas unidades de saúde, bem como com a formação continuada dos profissionais de saúde. É necessário, também, que se estabeleça “programas de vigilância nos hospitais, de forma a poder medir-se a eficácia e a performance de cada hospital, através da taxa de infeção ajustada para o risco”, além de estudos epidemiológicos periódicos que sejam capazes de monitorizar a sua evolução, enfatizando a monitorização dos agentes patogénicos multirresistentes. Desse modo, as estratégias de prevenção das infeções nosocomiais são diversas e devem ser combinadas entre si, atuando em três eixos: diagnóstico rápido, tratamento optimizado e medidas de prevenção. No âmbito das medidas de prevenção é importante evitar a contaminação através de programas integrados, com uma “abordagem multidisciplinar, com a adequação das infraestruturas, ações de formação e sensibilização periódica a todos os profissionais de saúde e promoção de políticas locais de controlo de antibióticos”. Em linhas gerais, destaca-se: a lavagem e desinfeção das mãos, o isolamento das fontes de infeção, a prescrição correta e cuidadosa de antimicrobianos, os cuidados e protocolos de assépsia dos instrumentos cirúrgicos, os cateteres, os ventiladores respiratórios, entre outros.

No sentido de compreender a discussão nesta tese de doutoramento, é importante entender, neste contexto, o cenário do objeto do presente estudo. O Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, apresentou, em 2015, um surto de uma bactéria que infetou doentes, conduzindo ao óbito. De acordo com as notícias, em outubro de 2015, nos jornais diários, a bactéria foi detectada em agosto de 2015, mas apenas foi publicitada em outubro daquele ano. Conforme a notícia do site Observador, em 14 de outubro de 2015, em dois meses a bactéria infetou 30 pessoas “no Hospital de Gaia. Dos 30 doentes, oito morreram, todos já estavam antes em estado grave, pelo que a sua morte não pode ser associada à infeção.” (Silva, 2015).

Apesar de não ter sido noticiado o momento em que as infeções passaram a ocorrer, o assunto foi do conhecimento dos mass media e foi muito publicitado entre os meses de outubro e novembro de 2015. A consequência desse acontecimento, conduziu a um crescente aumento de interesse dos jornais na procura de informações sobre tal situação, tendo em vista que o hospital é um dos principais da região do Porto. Um deles, o Jornal de Notícias, publicou na edição impressa, no dia 14 de outubro de 2015, uma notícia em que a informação - citada anteriormente - de que o Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE (CHVNG/E) não conseguiu confirmar se as mortes que ocorreram estavam relacionadas com a bactéria detectada, pois os enfermos apresentavam um quadro clínico considerado grave. (Silva, 2015). Quando isso ocorreu, outros jornais também destacaram que o “Hospital de Gaia confirmou oito óbitos de doentes em que foi detectada uma bactéria hospitalar. Mas diz que as mortes não podem ser totalmente associadas à infeção porque eram pessoas com doenças graves”. (Borja-Santos, 2015).

Na época, a coordenadora do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência aos Antimicrobianos do CHVNG/E, Margarida Mota, informou ao Jornal de Notícias que outros 22 casos foram confirmados, mas que os mesmos não apresentavam maior gravidade. Mas a mesma relatou que 13 pessoas estavam internadas por se terem infetado com a bactéria *klebsiella pneumoniae*, também conhecida como KPC, responsável pela contaminação dos doentes no Hospital de Gaia. (Silva, 2015).

Uma das grandes preocupações das entidades responsáveis era o facto de a KPC ser considerada uma superbactéria, sendo altamente resistente a antibióticos. E isso fez com que o Grupo de Coordenação Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência aos Antimicrobianos do CHVNG/E averiguasse a fonte primária da bactéria. De acordo com a coordenadora do Programa, Margarida Mota, em entrevista ao Jornal de Notícias, “com base na análise dos dados atualmente existentes, o caso índice terá sido um doente do foro cirúrgico, com complicações pós-operatórias e com necessidade de vários esquemas de antibioterapia”. (Silva, 2015).

Conforme informações da coordenadora, “o primeiro caso notificado em Gaia ocorreu no dia 7 de agosto. Daí para cá, mais 29 pessoas foram contagiadas. Do total de 30 contágios, 22 são “portadores assintomáticos” (Silva, 2015). E com base nesta informação é possível observar que houve um intervalo de tempo considerável para a

divulgação da informação para a sociedade e os jornais da região. Sendo que era essencial que o assunto fosse abordado nas notícias, pois por ser uma bactéria de alta transmissibilidade - através do contacto com fluídos e secreções - e que estava presente numa das principais instituições hospitalares do Porto, os moradores da região precisavam saber o que estava a acontecer, assim como, as pessoas internadas e familiares das mesmas. Tal situação precisava ser do conhecimento da população, para que as pessoas pudessem ter “cuidados redobrados principalmente durante a lavagem e desinfeção das mãos antes e depois do encontro com os pacientes e ao uso de máscaras de proteção por parte dos profissionais de saúde”. (Silva, 2015).

Porém, perante o cenário que se passava no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, algumas medidas foram colocadas em prática:

Por isso mesmo, e depois da confirmação do primeiro caso, o Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência dos Antimicrobianos do CHVNG/E, colocou imediatamente em marcha um plano de ação. Foi reforçada, por exemplo, a capacidade do Laboratório de Microbiologia, os casos confirmados e suspeitos foram colocados em isolamento, foi reforçada a vigilância epidemiológica e a Direção-Geral da Saúde foi informada sobre a estirpe. (Silva, 2015).

Nas notícias publicadas no jornal Observador, em que são anunciadas as declarações de Dra Merlinde Madureira, presidente da Federação Nacional de Médicos e especialista naquela unidade hospitalar, para o Jornal de Notícias, destaca-se que a reação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho – EPE, foi muito elogiada. Além disso, a dra Merlinde Madureira destacou que “o comportamento do hospital foi exemplar”. (Silva, 2015). Desta forma, demonstrou que a instituição hospitalar estava a controlar a situação.

Porém, apesar das declarações e depoimentos, a situação continuava muito grave na instituição hospitalar. Em novembro de 2015, o Hospital de Gaia detectava 102 doentes com essa bactéria multirresistente, o que causava grande espanto em todos os envolvidos. Além disso, na época, havia 45 pacientes internados, sendo que quatro estavam com a infeção, o que causava um certo grau de preocupação, razão que justifica o isolamento necessário para não serem contaminados outros doentes. (Campos, 2015).

A preocupação do caso em assumir uma maior dimensão, os órgãos não assumiram uma posição sobre o assunto. Desta forma, em novembro de 2015 foram

publicadas as últimas notícias relacionadas a infeção hospitalar no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho – EPE nos jornais portugueses.

Entretanto, mesmo após a situação de 2015, assim como, a pandemia da Covid-19, o Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho – EPE, realiza pesquisas e produz relatórios para verificar os índices de infeções hospitalares. Em abril deste ano³, entre os dias quatro a oito de abril de 2022, foram colhidos os dados para o relatório de “Ponto de Prevalência da Infeção Hospitalar e Consumo de Antimicrobianos”.

Dos dados apresentados, um ponto destaca-se entre as sete categorias averiguadas para prescrição de antimicrobianos, a segunda mais indicada é a de infeção hospitalar, com 29,32% de doentes nesta categoria que consumiram esse tipo de medicação. Tal foco de prescrição ficou depois da categoria comunidade⁴, que ficou com 43,98%. Porém, é importante ressaltar que tanto a infeção hospitalar como na comunidade são muito graves dentro do cenário da instituição de saúde. A infeção da comunidade representa um risco de infeção hospitalar para os outros doentes e para os profissionais quando transmitida durante a admissão de um doente infetado. Desta forma, as duas categorias precisam de cuidados rigorosos para que a saúde não entre em colapso.

O relatório foi elaborado com critérios de inclusão e exclusão. Sendo incluídas todas as enfermarias da instituição hospitalar, tanto as agudas como as de cuidados de longa duração (incluindo as alas psiquiátricas e unidade de cuidados neonatais). Assim como, também foram incluídas as enfermarias/departamentos onde os doentes são monitorizados por períodos maiores de 24 horas. Entre os doentes/pacientes incluídos na análise do relatório, foram todos os que entraram na enfermaria antes ou até às 8 horas e que não tiveram alta no momento do dia do estudo. Foram incluídos os recém-nascidos em enfermarias de maternidade e de pediatria, se o bebé nasceu até às 8h. Para o relatório foram excluídos os serviços de urgência e emergência, assim como, os doentes do Hospital de Dia e Ambulatório com entrada e saída no mesmo dia para tratamento ou cirurgia de ambulatório, procedimentos de ambulatório e diálise.

³ Informação obtida através de documentos internos do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE que a autora desta tese de doutoramento teve acesso.

⁴ A infeção presente ou em período de incubação antes da admissão no hospital (cerca de 20%), define-se como uma infeção da comunidade.

Esse mesmo relatório apresentou dados referentes a Prevalência de doentes com Infeção Hospitalar (IH) e consumo de antimicrobianos entre março de 2016 e abril de 2022. De acordo com o Gráfico 1, em maio de 2017 e em maio de 2021 foram os períodos que tiveram aumento nos índices de doentes com infeção hospitalar.

Gráfico 1 - Prevalência de doentes com Infeção Hospitalar (IH)



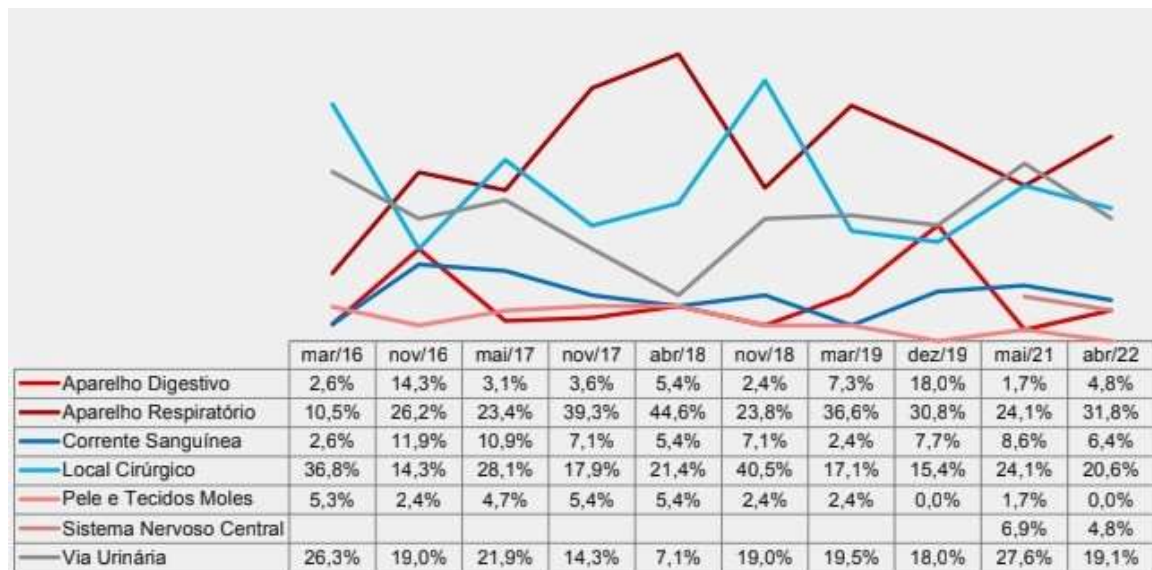
Fonte: Apresentação de resultados: Ponto de Prevalência da Infeção Hospitalar e Consumo de Antimicrobianos

Entre as 15 especialidades indicadas no relatório, a Medicina Geral foi a que apresentou a maior prevalência de doentes por infeção hospitalar, com índice de 26,3%. Além disso, essa categoria foi a que mais consumiu antimicrobianos, totalizando 25,65%. É importante ressaltar que esse relatório se refere a três tipos de infeção hospitalar: aparelho respiratório, local cirúrgico e via urinária.

O relatório “Ponto de Prevalência da Infeção Hospitalar e Consumo de Antimicrobianos” ainda demonstra a evolução da distribuição das infeções, indicando alguma regularidade entre os anos de 2016 e 2019, e queda em todas as categorias entre os anos de 2019 e 2021. No período mais agudo da pandemia de Covid-19, as infeções no trato respiratório diminuíram de 18% em dezembro de 2019 para 1,7% em maio de 2021, voltando a subir ligeiramente para 4,8% em abril de 2022 (conforme, Gráfico 2). É possível inferir que essa variação incomum decorre de todas as medidas aplicadas para o controlo da Covid-19, que reforçou estratégias e protocolos de prevenção, como o isolamento dos doentes, o uso de equipamentos de proteção individual como a máscara cirúrgica e a assépsia correta de utensílios e ambientes. Demonstrando que o foco na educação para

prevenção pode ser uma forma eficiente de diminuir a incidência de infeções nosocomiais. Além disso, o debate público decorrente da pandemia de Covid-19 também motivou a população em geral a compreender a necessidade de prevenção e os cuidados adequados para evitar a contaminação com agentes patogénicos infectocontagiosos, o que indica a importância de debater na esfera pública essas questões de saúde. Algo que pode ser fortalecido pelo jornalismo ao tratar desses temas com responsabilidade, levando ao público informações corretas e técnicas.

Gráfico 2 - Evolução da distribuição de IH



Fonte: Apresentação de resultados: Ponto de Prevalência da Infeção Hospitalar e Consumo de Antimicrobianos

Para entender o presente estudo, é importante compreender que esse é um assunto que faz parte da rotina dos hospitais, porém, nem sempre são noticiados nos jornais. Além disso, as infeções nosocomiais são definidas como a invasão do organismo de alguém, numa instituição de saúde (em hospitais, lares, clínicas e centros de saúde), por microrganismos que lhe são estranhos, hostis e completamente alheios ao motivo que levou a pessoa à referida instituição. Ou seja, a pessoa procurou determinada instituição de saúde para tratar um problema, e acabou sendo contaminada por um microrganismo que veio a prejudicar seu quadro clínico.

Deste modo, é importante compreender que as instituições de saúde são locais onde convivem pessoas não infetadas, pessoas infetadas e pessoas com elevado risco de infeção. E para isso, os cuidados preventivos são necessários, tanto por parte dos profissionais de saúde, como dos próprios pacientes e familiares. Os doentes com infeções

ou portadores de microrganismos patogénicos são fontes de infeção para os outros doentes e profissionais de saúde. Os doentes que se infetam no hospital constituem outra fonte de infeção. São factores de desenvolvimento de infeções nosocomiais o número de doentes (sobrelotação) no hospital, as transferências frequentes de um serviço para o outro e o nível de concentração na mesma ala de doentes vulneráveis à infeção (por exemplo: recém-nascidos, queimados e cuidados intensivos).

Foi necessário abordar neste capítulo essa breve contextualização sobre o que são as infeções nosocomiais, como ocorreram as infeções em 2015 no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho – EPE, o atual cenário da instituição de saúde para dar seguimento no desenvolvimento desta pesquisa. Assim, a partir do que foi exposto neste subcapítulo é possível abordar a temática no campo da comunicação, para entender como um evento em saúde, como a questão das infeções hospitalares, se torna uma notícia.

1.2. Como é que eventos em saúde se tornam notícia?

Antes de aprofundar a discussão sobre as infeções hospitalares, é importante abordar o conceito de notícia na perspectiva de algumas das Teorias do Jornalismo. Partindo de uma definição etimológica mais geral, o vocábulo notícia deriva do latim *notitia*, que significa “novidade” ou “facto recente”. Nesse contexto, se referia ao “primeiro aviso que se dá e que se recebe ou o próprio acontecimento levado pela primeira vez ao conhecimento da pessoa interessada; informação sobre qualquer coisa longínqua, escondida ou ignorada” (Marcondes Filho, 2009, p. 360). Mesmo nessa definição que remonta às origens da palavra, muito antes da invenção da imprensa, pode-se notar que significados atribuídos ao termo notícia já possuem ligação com o que se entende por notícia na atualidade da comunicação social. Há, nesse significado, o carácter de relatar um facto em “primeira mão” ou pela primeira vez. Além disso, há uma necessidade de informar sobre “coisas” distantes, ignoradas ou escondidas, ou seja, trazer informações sobre assuntos não (ou pouco) conhecidos, de outros lugares.

Sousa (2008, p. 13) considera que "o jornalismo é uma representação discursiva da vida humana na sua diversidade de vivências e ideias". Deste modo, a literatura traz contributos para a génese do jornalismo, estruturando os relatos, auxiliando naqueles que seriam os formatos e conteúdos das notícias. O autor entende que “os resumos historiográficos feitos pelos povos antigos acerca dos factos notáveis da sua vida

quotidiana e das façanhas dos seus reis são um dispositivo pré-jornalístico” (Sousa, 2008, p. 17). Cita os estudos de Hernando Cuadrado (2007 cit. in Sousa, 2008, pp.21-24) onde o autor aponta para a possibilidade das Actas Diurnas, que terão surgido em Roma aproximadamente no século II a.C, apresentarem as primeiras características dos atuais jornais: periodicidade; frequência da publicação; produção a partir de um corpo de escribas; difusão da informação considerada massiva para o período; uso do jornal de parede e em papiro; para além de ser uma iniciativa editorial do estado e privada. Ao pensar no Oriente, Sousa (2008, p. 24) aponta que há conhecimento da produção do jornal oficial denominado “Pao” no ano 618, tendo este resistido com diferentes nomes até 1911.

No jornalismo atual, Marcondes Filho (2009) defende que a produção de uma notícia envolve não apenas critérios objetivos, mas também um jogo de interesses entre o público e o privado, entre setores da sociedade com maior ou menor “espaço de fala” na esfera pública. Nesse sentido, pode-se entender que a notícia é fruto de acontecimentos da “vida quotidiana” que induzem a interesses diversos (por vezes, contraditórios). Acontecimentos estes que são apurados, editados e formalizados para o consumo do campo jornalístico, conferindo uma dimensão aos acontecimentos conforme critérios de visibilidade e noticiabilidade. Portanto, na produção de uma notícia há certa “ação informadora”, derivada de ações pessoais, sociais e ideológicas ligadas às tecnologias, à cultura e ao tempo histórico. Contudo, ressalta-se que tais aspectos não são estanques e imutáveis, pelo contrário, são mutáveis e intercambiáveis (Sousa, 2002). Desse modo, produzir uma notícia é um ato de transformação. Pois, significa transformar um:

[...] fato pessoal ou social em algo de interesse genérico. Geralmente seu tema é algo específico, que interessa a uma ou mais pessoas, a algum grupo, empresa ou organização política[...] Por ser um componente imaterial com capacidade e certa dose de efeitos na opinião pública, ela jamais é neutra, imparcial ou objetiva; ao contrário, ela entra na disputa política, econômica ou ideológica maior, sendo um de seus componentes mais importantes. (Marcondes Filho, 2009, p. 360).

Assim, o entendimento inicial das notícias converge com algumas perspectivas sociológicas de Robert Ezra Park, Patrick Charaudeau e Niklas Luhmann. Embora, estes autores apresentem argumentos, por vezes, divergentes entre si, considera-se que os mesmos, presentes no pensamento desses pesquisadores, podem estabelecer uma relação lógica entre ideias enquanto definições de base para o conceito de notícia, a ser abordado neste espaço, antes de tratar sobre perspectivas mais recentes e específicas.

Se analisarmos o pensamento de Robert E. Park, é possível inferir que as suas reflexões sobre a comunicação decorrem de sua formação académica e de sua experiência prática, como jornalista (entre 1887-1897) e assessor de comunicação (1904-1913). Na sua formação académica, ele forma-se em Filosofia, foi aluno dos pragmatistas William James e John Dewey, e prosseguiu para o Doutoramento em Sociologia no qual estudou com grandes pensadores da sociologia europeia, nomeadamente Georg Simmel e Wilhelm Windelband (Pontes, 2009).

No seu percurso formativo, Park desenvolveu uma pesquisa focada nas problemáticas das grandes cidades - as dinâmicas sociais de competição, o conflito, a cooperação, a adaptação e a assimilação permanente nesses espaços. Nessa análise, desenvolveu, em analogia com a Biologia, o conceito de “ecologia humana”, que pode ser, sinteticamente entendido como uma forma de perceber a organização humana em sociedades enquanto instrumento de “luta pela sobrevivência” (Pontes, 2009). Ressalta-se que Park (1970) sobrepõe a esse carácter biológico as dimensões culturais e sociais que controlam e direcionam as atividades humanas em sociedade. Assim, Park (1970) considera que a comunicação (aqui, em sentido amplo) é o espaço de transmissão e de ritualização das ações humanas em sociedade, de modo que uma ação organizada, deliberada e “profissionalizada” da comunicação por meio do jornalismo tem o papel de difundir e criar consenso, calcado na ideia de mobilidade (fazer circular) do que é transmitido. A partir desse entendimento sobre a relação entre a comunicação e a sociedade, Park (1970) dedicou o seu estudo à entrada de imigrantes na cidade de Chicago por meio dos jornais criados e mantidos pelos mesmos, bem como o papel de tais empresas de comunicação social na consolidação da cultura dos Estados Unidos. Decorrente dessa pesquisa, ele inferiu que as notícias são uma forma de conhecimento e que o fazer jornalístico é uma maneira de produzir conhecimento. Refletindo sobre as categorias sociais elaboradas por William James, Park (1970) afirma que as notícias têm em si conhecimentos diversos, como aqueles mais “instintivos” voltados para o senso comum e características de conhecimentos capazes de sistematizar (ou pelo menos tentar) a realidade, que seriam os conhecimentos científicos.

Nessa linha, Park (1970, p. 253-254) pontua que o conhecimento produzido nas notícias estaria mais próximo do senso comum do que o do conhecimento científico. Para explicar tal afirmação, o autor esclarece que tanto o jornalista, quanto o historiador

descreve factos. Porém, no fazer jornalístico descreve-se “acontecimentos isolados”, sem tentar “relacioná-los uns aos outros em forma causal ou em forma de sequências teleológicas”. Já a História, para além das descrições pontuais de factos, “busca situá-los em seu próprio lugar dentro de uma sucessão no tempo, descobrindo as tendências fundamentais e forças expressas nos fatos”. Assim, segundo Park (1970), o jornalista regista os acontecimentos na sua singularidade, estabelecendo a relação com o passado e o futuro apenas na medida em que isso possa auxiliar na compreensão do evento atual e presente.

A noção de notícia como produção de conhecimento, é a relação entre o senso comum e o conhecimento formal - oportunidade de realizar jornalismo. A mediação aparece como uma potencialidade dialética, refletida na atuação das notícias enquanto elemento capaz de interferir na realidade duplamente, ou seja: por um lado transforma fragmentos do conhecimento formal, da cultura e da política em factos da vida quotidiana; e por outro lado, faz com que eventos quotidianos sejam agendados para a discussão na esfera pública. Assim, as notícias, na teoria de Park, têm a função de “[...] orientar, de exercer um controlo social sobre as interações do senso comum” (Pontes, 2009, p. 372).

Niklas Luhmann (2005)⁵ diverge da tradição sociológica seguida por Park, elabora as suas ponderações num momento de falência do funcionalismo, no pós-guerra, guiado, de forma especial, pela crítica ao conceito de causalidade que tinha espaço nas ciências sociais da época. A ideia de causalidade denota um carácter explicativo epistemológico, estabelecendo uma relação entre meios e fins através de uma explicação mecanizada de causas mais ou menos invariáveis. Luhmann, como esclarece Bastos (2009, p. 303), “rechaça a noção de causalidade afirmando que cada efeito pode ter múltiplas causas e que cada causa pode ter múltiplos efeitos, o que impossibilita a aceitação de uma relação invariável”. Luhmann cria uma teoria sociológica baseada na ideia de sistemas. Nessa concepção, a sociedade seria constituída por “comunicações” sucessivas não vinculadas com ações individuais e/ou subjetivas (Bastos, 2009).

A sociologia de Luhmann (2005) renega a ideia de comunicação intencional, de intencionalidade entre a emissão de uma mensagem e os efeitos causados pela mesma. Luhmann (2005) entende que o acto de comunicar pressupõe três momentos: a sinalização,

⁵ Livro derivado de uma exposição realizada por Luhmann em 1994.

a percepção e o entendimento, ou seja, ocorre uma sinalização (envio de mensagem), o sistema psíquico por meio do Ego percebe a intenção dessa sinalização e, conseqüentemente, a comunicação realiza-se. Assim, não existiria uma transmissão de informação, mas sim a construção de informação. Para Luhmann (2005), entender, não significa necessariamente compreender a realidade objetiva da informação, significa distinguir a emissão (e quem emite) da informação enquanto objetos distintos. Ou seja, nesse pensamento há comunicação mesmo quando houver falta de entendimento em relação a realidade objetiva da informação. Luhmann (1997, p. 81 cit. in Kunzler, 2007, p. 133) afirma: “com isso ainda não está decidida a questão de saber se aquilo que foi compreendido será ou não colocado como fundamento da comunicação subsequente. Pode ser, mas também pode não ser”.

Ainda no âmbito das contribuições de Luhmann para a comunicação, o autor afirma que a realidade é complexa e seu entendimento de forma ampla é inatingível para a mente humana, assim, existem sistemas sociais como forma de reduzir tal complexidade. A comunicação seria um desses sistemas sociais, capaz de construir uma realidade através de discursos, simbologias e diferentes géneros (ficcionalis ou não), pois:

Quanto mais complexo se torna um sistema e quanto mais forte expor-se a irritações⁶, tanto mais variedade pode o mundo permitir sem perder em realidade; e tanto mais o sistema poderá se permitir trabalhar com negações, com ficções, com pressupostos “meramente analíticos” ou apoiados em estatística, que se distanciam do mundo como ele é. (Luhmann, 2005, p. 24).

Nessa concepção, a realidade dos meios de comunicação está em suas próprias operações internas e externas ao sistema de forma ambivalente, afinal pode tratar da observação das operações internas em si (por exemplo, estudos sobre jornalismo) ou ainda tratar daquilo que é mostrado como realidade (construída) pelos próprios meios de comunicação. Assim, Luhmann (2005) entende que os meios de comunicação, o autor chama de “construtivismo operacional”, não negam a realidade externa (inapreensível em sua totalidade), mas configuram de que maneira ela pode ser compreendida socialmente. O espaço de construção dessa realidade dar-se-ia em três níveis comunicacionais: o noticiário, a publicidade e o entretenimento.

⁶ Luhmann (2005) refere-se a irritações no sentido de provocar. Para ele, quanto mais complexo um sistema, mais forte ele se expõe às provocações externas, ao que vem de fora.

Focando apenas no âmbito do noticiário, Luhmann (2005) compreende que a criação e a assimilação de informações e acontecimentos de forma organizada e sistemática é um meio de edificar a realidade. Por critérios de “novidade” e pelo potencial desencadeador da comunicação, as notícias são selecionadas; assim, da realidade são escolhidos factos para serem comunicacionalmente construídos e posteriormente transmitidos pelos meios de comunicação. A seleção dos factos que tornar-se-ão notícias, o valor informativo, para Luhmann (2005), passa por uma relação de reforço mútuo dialético entre surpresas (aquilo que é novo e/ou inesperado) e padronização (aquilo que já se conhece, aquilo que é esperado).

Por outro lado, o mais próximo de Robert Park, foi Patrick Charaudeau (2006) que contribuiu com a compreensão do que é uma notícia com sua Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso. Nessa visão, a informação (manifesta nas novidades) procura representar o mundo nas coberturas quotidianas realizadas pelos mais diversos mass medias. Desse modo, notícia é o que é possível de ser “mostrado”, é o que devemos ter conhecimento enquanto sociedade, é, ainda, o que está marcado para ser percebido. Nesse ponto, Charaudeau (2006) esclarece que a informação implica em conteúdo e enquadramento, gerando um “efeito de verdade”.

Charaudeau (2006), como explicam Tavares e Berger (2010), ao tratar das formas de conhecimento anteriores como uma representação racionalizada de sua existência (como é a comunicação) indica que a aprendizagem humana converge entre os saberes tácito, prático, do senso comum e o saber organizado (técnico e científico). Os conhecimentos que emergem disso são filtrados pela experiência cultural civilizada. Tavares e Berger (2010, p. 33) também compartilham a compreensão de Charaudeau (2006) ao afirmarem que:

[...] as noções de informação e conhecimento numa lógica que seria anterior à da produção noticiosa. No momento em que se olha para essa lógica e ao mesmo tempo toma-se a “informação informativa” (aquela que, na mídia, estaria ligada aos acontecimentos), parece possível, através da observação textual (discursiva), perceber como outras formas e tipos de informação podem ser geradas. No tensionamento entre as lógicas do conhecimento e as lógicas do conhecimento noticioso, que conhecimento jornalístico pode ser visto? Entre um pólo e outro, que noção de informação pode ser pensada e como alcançar a mesma? (Tavares e Berger, 2010, p. 33).

Com esse argumento, Charaudeau (2006) contribui no acto de pensar para além do que é dito pelas notícias, permitindo refletir sobre como é dito. Na análise dos discursos

mediáticos, o autor afirma que o jornalismo é um fenómeno de interpretação, mais precisamente uma ferramenta de interpretação periódica e direcionada da realidade social. Assim, solicita-se do jornalista, a compreensão do fragmento da realidade relatada, bem como a expressão do que foi compreendido. Nesse sentido, o fazer jornalístico é uma operação semântica de codificação da realidade e tradução da mesma em mensagens pretensamente de fácil compreensão. Essa interpretação da realidade também se manifesta nos critérios de seleção do que, entre todos os factos que ocorrem quotidianamente, é ou não notícia. Além disso, a própria produção da notícia envolve uma série de operações da parte do jornalista, tais como: a seleção do que supostamente é mais interessante (normalmente explicitado em títulos e lead); a organização das informações; situar e ambientar as informações em géneros que facilitam inteligibilidade (reportagens, crônicas, etc.); e explicação/comentário de opinião (editoriais e afins).

A explicação das noções de notícia enquanto produção de conhecimento (Park, 1970) e enquanto construção da realidade (Luhmann, 2005), as quais permitem compreender o jornalismo como fenómeno de interpretação da realidade (Charaudeau, 2006) e produção de uma tradução (conhecimento) dessa realidade por meio de técnicas e géneros específicos, debater-se-á, na sequência, interpretações mais recentes sobre a problemática das notícias.

Partindo do ponto de vista que a notícia é entendida como algo que faz parte do dia a dia, hoje, com os avanços tecnológicos, está disponível a qualquer momento e em qualquer lugar. Neste contexto, Pena (2015, p. 18) explica que a notícia “é resultado da interação histórica e da combinação de uma série de vectores: pessoal, cultural, ideológico, social, tecnológico e mediático”. É através das notícias que a história é construída, independente do vector que faça parte da sua construção. Traquina (2020, p. 17), em convergência, considera que notícia é “[...] tudo o que é importante e/ou interessante. Isso inclui praticamente a vida, o mundo e o outer limits”. É a partir das notícias que a sociedade tem a possibilidade de construir a sua visão e, assim, formar a sua opinião sobre determinados assuntos.

Sousa (2006, pp. 27-28), ao falar sobre as notícias, relata que elas se enquadram dentro do contexto da comunicação, como sendo social e mediada. Social, pois fazem parte da “comunicação de massas”, e mediada, por serem feitas através de dispositivos técnicos de comunicação. E, além disso, complementando o que é exposto por Sousa (2006), a

notícia é considerada o principal produto do jornalismo, ela “não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas” (Traquina, 2020, p. 17).

E quando falamos de saúde, em especial, quase sempre ela está relacionada a um acontecimento. Seja uma campanha de vacinação, algum problema que as instituições hospitalares enfrentam ou, como o mundo vem enfrentando nos últimos três anos, uma pandemia⁷.

A sociedade, no decorrer dos séculos, sempre teve o desejo de ser informada sobre o que está a acontecer, o jornalismo é um instrumento essencial. Neste contexto, o jornalismo é utilizado como uma forma de as pessoas terem conhecimento sobre os acontecimentos que ocorreram e estão ocorrendo, na sua região e no mundo, de forma que lhes permitam “participar de conversas pessoais e de grupo, talvez para se sentirem reasseguradas de que através dos vários produtos do jornalismo não estão a perder algo, ou para serem fascinadas pelas alegrias ou tragédias da vida” (Traquina, 2020, p. 18).

Porém, é importante destacar que hoje, com as inúmeras transformações sociais, as notícias são disseminadas de forma:

[...] mais lateral e menos hierárquica”, onde as “pessoas passaram a obter as suas notícias sobre o mundo da mesma forma que há muito obtinham notícias sobre os seus amigos e vizinhos: a partir de informações e mexericos que lhes são transmitidos por pessoas que conhecem. (Schudson, 2011, p. 154-146).

Além disso, Traquina (2020, p. 24) reforça que essa ferramenta de comunicação é compreendida como uma construção social. Ressalta que é o “resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol das suas estratégias de comunicação, e os profissionais do campo, que reivindicam o monopólio de um saber” (Traquina, 2020, p. 24).

Foi refletindo sobre os canais sociais e o seu funcionamento, que Lewin (1947), em seu texto fundamental, concluiu que há uma impossibilidade de atingir a totalidade de uma população-alvo onde se pretenda estimular uma mudança e apontou, em alternativa, à existência de determinados membros decisores e influenciadores de comportamento. Em todos os canais sociais, existem determinadas áreas ou momentos onde se pode mudar o

⁷ Provocada pelo vírus da Covid-19, que atingiu diversos países do mundo, entre eles Portugal, em 2020 até meados de 2021 e 2022, sendo controlada a partir da vacinação.

sentido dos processos ou determinada ordem social ou comportamento – estas áreas funcionam como portões – gates. Intuitivamente, em seus estudos, Lewin (1947, p.145)⁸ sugere que estes gates são geridos por um conjunto de regras e critérios ou pelas decisões dos membros decisores – gate keepers. Lewin (1947, p.145) chega mesmo a ilustrar as suas ideias referindo, como exemplo, o percurso de um evento (candidato a notícia) num canal de informação, mas será White (1950) a formalizar o conceito de gate keeping aplicado à teoria da noticiabilidade.

Porém, é importante compreender que, de acordo com Sousa (2005, p. 31), “os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais”. Ou seja, eles não são regras a serem seguidas à risca, sem qualquer alteração ou modificação. Porém, Sousa (2005, p. 31) explica que também é importante entender que “por outro lado, são, frequentemente, de natureza esquiva, opaca e, por vezes, contraditória”. E isso faz com que gere um certo conflito no momento de definir o que é ou não notícia num determinado veículo de comunicação.

Os critérios de noticiabilidade funcionam como um método de organização das notícias, “da sua hierarquia interna e da maneira como ela confere ordem ao aparente caos da realidade. Além disso, os critérios de valor-notícia mudam ao longo do tempo (assuntos que há algum tempo não seriam notícia são-no hoje)” (Sousa, 2005, p. 31). É a partir deles, que variam conforme o local e veículo de comunicação, que é possível definir qual evento será ou não notícia, e qual relevância terá. Mas é importante ter um certo cuidado, pois “dois pólos começaram a tornar-se dominantes na emergência do campo jornalístico contemporâneo: o pólo económico (a definição das notícias como um negócio) e o pólo ideológico (a definição das notícias como um serviço público)” (Traquina, 2020, p. 21). Isso mostra, de forma clara, que pode haver uma disputa sobre o que será noticiado.

Num universo de milhares de eventos a acontecer diariamente local, nacional ou internacionalmente, White (1950) debruçou-se, em sua pesquisa, sobre o processo de seleção de notícias num jornal americano de média dimensão, numa cidade também de média dimensão. Mostra assim, que os jornalistas, redatores, chefes de escritório, editores constituem diferentes gate keepers, sucessivos e em número decrescente, selecionando e

⁸ “(...) Gate sections are governed either by impartial rules or by “gate keepers” (...). Lewin intui 2 tipos de motivações para o processo de decisão: pessoais ou subjetivas na pessoa do gate keeper ou por imposição de um código de critérios ou condutas subjacentes a uma organização.

filtrando os referidos eventos / possíveis notícias, até à obtenção de um conjunto reduzido e de pertinência avaliada por toda uma equipa. Nesse momento, caberá ao último gate keeper – o editor-chefe - a tomada de decisão sobre quais as notícias que serão apresentadas nas primeira e restantes páginas principais do jornal.

White consegue estabelecer dois tipos de triagem: a dos eventos que “merecem ser notícia” e, para cada evento, a reportagem selecionada. Relativamente ao primeiro tipo, concluí que se trata de um processo altamente subjetivo, baseado nas predefinições, preconceitos, expectativas e julgamento de valores que o gate keeper transporta das suas próprias vivências e construção social. Quanto ao segundo, apesar de também estar presente esta subjetividade⁹, White aponta já um outro conjunto de factores mais objetivos e organizacionais, como a hora em que a reportagem chega às suas mãos, o espaço disponível naquela edição, bem como o tamanho da notícia, o tipo de escrita e de apresentação da história¹⁰. E quando se pensa em como ela será produzida, é importante salientar que “a estrutura da notícia se assemelha a uma pirâmide invertida” (Traquina, 2020, p. 109), ou seja, ela é construída.

Por último, White reflete ainda sobre influências exógenas e mandatórias sobre este processo de decisão, nomeadamente a existência de eventos incontornáveis, eventos discutidos e reportados amplamente nos mass media concorrentes ou eventos de interesse público, concluindo que servir e agradar a audiência é um factor que está sempre presente no pensamento dos gate keepers.¹¹ (White, 1950 p. 389)

Breed (1955), em contrapartida, apresenta uma abordagem sociológica da noticiabilidade dos eventos e, ainda que não formalizada nesses termos, do gate keeping em seus estudos. Na perspectiva de Lewin (1947), quando enumera um conjunto de regras e critérios como uma das possibilidades de gate keeping, o editor-chefe, na qualidade de proprietário ou representante do proprietário, tem o direito de definir a política do jornal e certificar-se que a equipa desenvolve as suas atividades de acordo com essa política. Breed

⁹ In almost every case where he had some choice between competing press association stories Mr. *Gates* preferred the “conservative.

¹⁰ In almost every case where one news agency supplied a story filled with figures and statistics and the competing agency’s story was an easier going, more interpretative than statistical type of story, the latter appeared in the paper.

¹¹ A crime story will carry a warning as will an accident story. Human interest stories provoke sympathy and could set examples of conduct. Economic news is informative [...] our readers are looked upon as people with average intelligence and with a variety of interests and abilities.

(1955) sugere que, apesar dos códigos éticos e deontológicos, apesar dos diferentes graus de percepção e comprometimento com a política do jornal ao longo da hierarquia, essa política acaba por ser seguida, constituindo-se como um gate aos eventos que serão notícia ou à forma como serão apresentados. Segundo o autor, as rotinas e a dinâmica sócio-cultural da redação constituem-se num sistema auto-alimentado de objetivos e recompensas, que torna a política definida mandatória relativamente à comunicação factual e, muitas vezes imparcial, da realidade, produzindo “results insufficient for wider democratic needs” (Breed, 1955 p.328). Sigelman (1973) vai aprofundar este estudo sobre os mecanismos de integração / ostracização dos jornalistas numa redação.

Westley e Maclean (1957) apresentam um modelo de conceptualização do processo comunicacional onde a figura do gate keeper é responsável pela apreensão e selecção de eventos, de entre um universo infinito dos mesmos, transformando-os em símbolos (linguagem) que serão apreendidos pelo público. As pessoas – B’s – requerem e utilizam os mass media – C’s - para esse efeito, escolhendo aquele C que melhor “provided need satisfactions and problem solutions” (Westley e Maclean, 1957 p.32). Assim, para Westley e Maclean (1957), o gate keeping ou a selecção dos eventos a reportar, é realizado em função da satisfação das necessidades do público, que por sua vez é aferida em função do feedback que este fornece. Em última análise, se o feedback for negativo e o público não comprar o jornal, por exemplo, esse acaba por desaparecer em detrimento de outro concorrente. Se este conceito de feedback é incontornável enquanto variável explicativa do processo de gate keeping, o modelo não considera uma série de outras influências. Percebe-se, por exemplo, que alguém só sente necessidade do que conhece, ou seja, se nenhum mass media reportar um determinado evento, o público não saberá que tem necessidade de informação sobre o mesmo (por exemplo, o caso da censura extrema no regime da Coreia do Norte¹²). Por outro lado, o poder interventivo dos media na própria realidade, enquanto constituintes da mesma, altera-a e envia a percepção do público.

¹² A Coreia do Norte é controlada por uma ditadura comunista popular. Sendo assim, “na Coreia do Norte, aparelhos de rádio e televisão são previamente programados para seguir as estações oficiais do governo, que transmitem mensagens regulares de propaganda. A imprensa e as emissoras de radiodifusão - todas elas sob rígido controle estatal - ofereceu um cardápio de reportagens elogiosas sobre o líder norte-coreano. As dificuldades económicas do país não são noticiadas, e o trabalho de jornalistas estrangeiros é raro e controlado. A Coreia do Norte é considerada um dos países mais difíceis para a imprensa estrangeira cobrir”. (BBC, 2022).

Também o contexto cultural pode ser um factor que influi na percepção de saciabilidade por parte do público relativamente à informação que recebe dos mass media.

Galtung e Ruge (1965) vão elaborar o mais citado e incontornável modelo da Teoria da Noticiabilidade - a noticiabilidade de um evento dependerá da verificação cumulativa (ou não) de uma série de critérios denominados de valores-notícia ou news values. Esses “valores-notícia reflectem critérios de selecção do inesperado que é sempre o negativo do que é tido por adquirido” (Correia, 2000, p. 194). Reconhecendo a existência de um sistema sucessivo de gate keepers, mas sem dedicar o seu estudo sobre eles, os autores atribuem a probabilidade de um evento se tornar notícia à observação destes news values, seja uma forte verificação de um ou dois ou uma mais fraca de vários. No seguimento da alternativa abordada por Lewin (1947) em que os gates seriam geridos por um conjunto de regras e critérios, Galtung e Ruge (1965) elencam 12 valores-notícia para os quais os gate keepers avaliarão a noticiabilidade dos eventos, a saber¹³:

- A frequência com que surgem notícias sobre esse tipo de eventos;
- A amplitude de interesse ou influência do evento, ou seja, o número de pessoas a quem poderá interessar saber;
- Inequívoco;
- Relevância;
- Consonância com as expectativas;
- Imprevisibilidade;
- Continuidade;
- Complementaridade;
- Presença de países/regiões de elite;
- Presença de pessoas de elite;
- Personificação;
- Negatividade.

Ainda sobre a teoria, em 1979, Herbert Gans escreve “Deciding what’s news “, uma reflexão sobre um determinado conjunto de valores implícitos às notícias e às suas escolhas. Os diferentes “gate keepers” filtram a realidade através de um conjunto de lentes

¹³ Os news values estão apresentados de acordo com a atualização e explicação posterior de Galtung em <https://www.galtung-institut.de/en/2015/galtung-and-ruge-news-values-an-update-by-prof-galtung-october-2014/>.

sociais próprias como o etnocentrismo, o capitalismo liberal ou a democracia altruísta. Estas lentes são decisivas na escolha do que vai ser notícia, na escolha das fontes ou na escolha da abordagem à notícia. A situação perpetua-se porque a organização que produz as notícias contrata os jornalistas que partilhem estes valores implícitos ou, a sua própria dinâmica de funcionamento, acaba por os colocar em evidência e, subsequentemente, formatar o trabalho dos diferentes “gate keepers” envolvidos.

Sigal (1987) conclui que as notícias, ao invés de serem a realidade, são antes uma amostra de retratos da realidade, retratos estes fornecidos pelas fontes e mediados/filtrados posteriormente pelas organizações noticiosas, pelas rotinas jornalísticas e pelas convenções, nomeadamente a convenção da objetividade. Esta convenção, ao obrigar o jornalista a registar o relato das fontes em detrimento da sua própria percepção dos factos, por exemplo, obriga-o a uma constante procura de fontes. Assim, saber com quem os comunicadores falam, diz muito sobre as notícias e os seus conteúdos. As fontes a que os jornalistas acedem estão, segundo Sigal (1987), condicionadas principalmente por 3 aspectos:

1) O posicionamento social do jornalista – os jornalistas ocupam muitas vezes lugares fixos, geográfica e socialmente, que restringem o seu leque de fontes disponíveis.

2) A rotina organizacional – editar um jornal diário impõe uma organização de processos muito rigorosa, sujeita a deadlines sucessivos, em que cada etapa depende da anterior. Todos os dias os editores têm espaços para preencher e todos os dias os jornalistas têm de arranjar notícias. Esta necessidade diária de notícias, associada à escassez de recursos humanos, bem como de fundos orçamentais, “empurra” os jornalistas a socorrerem-se das agências noticiosas e dos departamentos de comunicação institucional, que fornecem as notícias de uma forma já pronta, formatada e numa base regular ¹⁴.

3) Convenção da autoridade – quanto mais autoridade tiver uma fonte dentro de uma organização ou um órgão, maior relevância será dada a esse relato. Esta convenção torna estas fontes muito importantes para os jornalistas, que as estimam, aceitam as suas visões e críticas. Forma-se uma aliança entre os jornalistas e estas fontes: os primeiros

¹⁴ Sigal refere-se no seu trabalho às agências governamentais e às fontes das notícias sobre o funcionamento das instituições políticas ou sobre as próprias políticas norte-americanas.

precisam dos segundos para produzir notícias e exclusivos e os segundos precisam dos primeiros para disseminar determinadas mensagens ou perspectivas.

A multiplicidade de influências sobre o processo de formação de notícias faz com que os critérios de noticiabilidade sejam “de natureza esquivada, opaca e, por vezes, contraditória, e funcionam conjunta e interrelacionadamente” (Sousa, 1999, p.178), tornando muito difícil uma sistematização da teoria da notícia.

Depois de, em *Discovering the news* de (1978), Michael Schudson intuir que a objetividade era um critério falacioso, uma vez que: 1. Os donos das cadeias noticiosas têm diferentes estilos de vida, diferentes valores políticos, diferentes consciências; 2. A forma das notícias, como por exemplo, a linguagem utilizada transmitem diferentes mensagens aos leitores 3. O processo da recolha e tratamento das notícias influencia o resultado final e subsequentemente a percepção dos leitores; Schudson (1978, p.84) vai tipificar as “explicações para as notícias serem como são” em três categorias, que tocam-se e inter-relacionam-se em todos os momentos: a ação pessoal, a ação social e a ação cultural.

Relativamente à ação pessoal, as notícias são fruto do que os editores e diretores das agências noticiosas querem que seja e “contratam gente que lhes exprime o ponto de vista” (Schudson, 1978, p.138). Do ponto de vista da ação social, as notícias “são um produto das organizações e dos seus constrangimentos”, independentemente da vontade pessoal dos redatores ou dos editores. Em inter-relação com a ação pessoal e a ação social, está a perspectiva de que as notícias são um produto dos padrões culturais da altura. Os acontecimentos são vistos “pela forma como a sociedade pensa sobre essas coisas”, “os automóveis entraram no mundo como carruagens sem cavalos”.

Shoemaker e Reese (1996) enumeram e estudam um conjunto de fatores que influenciam os conteúdos dos mass media, no âmbito das ações pessoais e sociais definidas por Schudson. Os autores analisam as características individuais dos jornalistas e editores, nomeadamente a sua área de formação, o seu percurso profissional, a auto-concepção do papel de jornalista, as suas atitudes pessoais e sentido ético. São também analisadas as rotinas de uma redação, bem como a forma como essas rotinas se relacionam e influenciam as características individuais em seu estudo. São ainda abordadas as influências organizacionais (Shoemaker & Reese, 1996), como por exemplo, como os

gatekeepers de média dimensão (editores) são mais sensíveis aos objetivos da organização do que os de baixa dimensão (jornalistas). Por último, referem-se alguns factores exógenos como o poder político ou económico das fontes, o nível de críticas que os mass media dirigem à acção governativa e consequente tentativa de controlo dos mass media pelos mesmos, o número de notícias de um dia influencia a dependência das notícias geradas pelos grupos de interesses ou pelas relações públicas.

Primeiro Mauro Wolf (1995; 1999) e, mais tarde, Nelson Traquina, voltam à abordagem sobre os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia utilizados diariamente pelos meios de comunicação social, teorizando e sistematizando a mesma. Os critérios de noticiabilidade consistem numa escala de valores que possibilita analisar a probabilidade de um acontecimento transformar-se ou não em notícia.

Wolf (1999) definiu o conceito de noticiabilidade como uma série de requisitos, procedimentos, operações e instrumentos mediante os quais os mass media têm que seleccionar frequentemente uma quantidade limitada e tendencialmente estável de notícias, entre um número imprevisível e indefinido de factos. Wolf (1995) atenta para o facto de os critérios de noticiabilidade não serem padronizados, uma vez que devem adaptar-se a uma série de factores que ocorrem à sua volta, muitos deles diferentes uns dos outros. Além disso, esses critérios devem ser relacionáveis e comparáveis, já que os factos disputam o espaço com outros acontecimentos que ocorrem paralelamente.

Os “valores-notícia” surgem como um elemento que faz parte da noticiabilidade e têm uma função complementar no decorrer do processo de produção de notícias, e responder a quais acontecimentos são passíveis de gerar notícia (Wolf, 1999). Recuperando o conceito explorado por Johan Galtung e Mari Ruge sobre o processo de seleção de acontecimentos no noticiário internacional, Wolf contribuiu de forma significativa ao entender que os valores-notícia encontram-se durante todo o processo de construção da notícia, desde a escolha dos temas até à sua elaboração (Langbecker et al., 2019).

Wolf (1999) considera as seguintes variáveis para verificar o nível de noticiabilidade de um acontecimento:

1 - O grau de envolvimento dos indivíduos com o evento, assim como o seu nível hierárquico;

- 2 - Os efeitos que a notícia terá, tanto no país como a nível internacional;
- 3 - O número de pessoas envolvidas no acontecimento;
- 4 - A importância do acontecimento em relação à posterior evolução de uma dada situação.

Harcup & O’Neill (2001) revisitam os valores-notícias de Galtung & Ruge, encontrando evidência de novos valores, nomeadamente o entretenimento, as notícias boas, como curas e salvamentos, e a agenda do jornal (ou dos seus editores).

Em Traquina (2005), a noticiabilidade consiste numa série de critérios e operações que fazem com que os acontecimentos possam ter um tratamento jornalístico, ou seja, possuir valor como notícia. Por conseguinte, para que um fenómeno ou tema tenha noticiabilidade, ele deve possuir valores-notícia. Almeida (2017) entende que os valores-notícia e os critérios de noticiabilidade apareceram para dar respostas no sentido de haver uma maior compreensão sobre o que é ou não notícia. Assim, os autores que trabalham com os critérios de noticiabilidade possivelmente possuem uma visão mais objetiva da forma como se produzem notícias (Moreira, 2006 cit. in Almeida, 2017).

Em Sousa (2001), a seleção é uma componente relevante do processo, uma vez que o jornal não pode ser um acumulado de todo o tipo de informações sem qualquer critério. O autor ressalta que a prática de selecionar notícias é um dos tópicos mais discutidos pelos estudiosos da área, sendo que a necessidade de escolhas faz com que a prática jornalística fique vulnerável às críticas.

Deste modo, durante o processo seletivo de acontecimentos, isto é, de potenciais notícias, os critérios de noticiabilidade orientam os jornalistas em relação à forma de classificação do que é ou não noticiável.

Silva et al. (2017) sugerem que o valor-notícia está integrado numa construção cognitiva que faz uma previsão parcial dos temas que tornar-se-ão notícia e a forma como serão abordados. E voltando à esfera sociológica, os critérios de noticiabilidade podem variar de acordo com cada jornalista, uma vez que estes são influenciados pelos valores que eles mesmos denotam nas notícias (Silva et al., 2017).

Traquina (2005), em uma de suas obras que sistematizam as Teorias da Comunicação, apresentou um novo/revisto conjunto de valores-notícia, a saber: morte, proximidade, relevância, novidade, tempo, notoriedade, inesperado, conflito/controvérsia, disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso.

Estes valores-notícia não se constituem como critérios abstractos ou pontuais, mas fazem parte de um quadro de avaliação que é racionalizado e interiorizado pelos jornalistas (Langbecker et al., 2019).

A morte é a componente da noticiabilidade que contribui para o negativismo dos jornais e está relacionado com o interesse que as pessoas costumam mostrar por notícias associadas à morte - “onde há morte, há jornalistas” (Traquina, 2005, p.79).

A proximidade está associada à familiaridade geográfica e cultural, sendo que quanto mais próximas as pessoas se sentirem da situação, mais esta desperta-lhes-á interesse. Wolf (1999) considera igualmente este valor, fazendo menção à associação entre distância e afinidade cultural.

A relevância, por outro lado, diz respeito à atenção em informar as pessoas sobre fenómenos que geram impacto nas suas vidas, sendo que quanto mais emoções gerar no público a nível sentimental, melhor.

A novidade diz respeito à procura, por parte do jornalista, de aspectos novos e importantes suscetíveis de despertarem o interesse do público.

Em relação ao tempo, Traquina (2005) menciona vários factores: o tempo em termos de atualidade, isto é, um acontecimento atual que já foi transformado em notícia e que pode servir de “gancho” (news peg) para outro acontecimento relacionado; o tempo em termos de comemorações de alguns dias, que apesar de não serem novidades podem ser repetidos e renovados; o tempo em termos de assuntos de continuidade, prolongados no tempo devido ao impacto que causaram.

A notoriedade diz respeito à qualidade do ser visível ou tangível. De acordo com Traquina (2005), os acontecimentos na área jornalística não são invisíveis, são tangíveis e concretos, uma vez que procuram respostas factuais em relação às questões: ‘Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Porquê?’.

O inesperado faz menção a acontecimentos que surpreendem e superam as expectativas dos jornalistas, que surgem repentinamente e causam caos na sala de redação.

O conflito/controvérsia é um valor-notícia importante na medida em que, de acordo com Traquina (2002, p.84), “a presença da violência física fornece mais noticiabilidade e ilustra de novo como os critérios [...] muitas vezes exemplificam a quebra do normal”. O autor defende que este conflito/controvérsia pode ser físico ou simbólico e que a violência é notícia pois simboliza uma rutura social.

Ainda sobre o conflito, Neder (2009) explicita que ele diz respeito às disputas existentes, realizadas pela violência, quer seja física como representativa; a infração, por sua vez, engloba todos os erros de comportamento ou conduta, os quais podem ir desde a criminalidade de um modo geral, até a casos de corrupção.

A disponibilidade está relacionada com os meios, com os recursos que a cobertura jornalística requer, sendo que todas as empresas de meios de comunicação têm recursos limitados, “não é possível ir a todas, isto é, cobrir todos os acontecimentos com o envio de um jornalista” (Traquina, 2005, p.196).

O equilíbrio está associado à quantidade de notícias que já existe ou existiu sobre um certo evento. Quando um acontecimento já foi divulgado numa série de notícias recentes, talvez este já não possua grande valor noticioso.

A visualidade constitui-se como um critério essencial para o jornalismo televisivo, no sentido em que requer que haja bom material visual de um acontecimento de modo que este seja noticiável. Está relacionado com os elementos visuais que têm impacto no público e que fazem com que um acontecimento tenha um maior valor noticioso, especialmente no jornalismo televisivo em que a imagem é um factor relevante.

A concorrência também é um factor significativo para as empresas. Por conseguinte, é muito importante para os jornalistas conseguirem a exclusividade de um acontecimento.

O dia noticioso depende da quantidade e a importância das notícias do momento, as quais vão influenciar a probabilidade de um acontecimento tornar-se notícia.

Traquina (2005) estabelece ainda uma diferenciação entre os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Os valores-notícia de seleção dizem respeito aos critérios que os jornalistas utilizam na altura de escolher a notícia. O autor faz também a distinção entre os valores de seleção substantivos: o conflito e a infração. Os valores de seleção substantivos são aqueles que lidam com a análise direta do acontecimento no que concerne à sua importância ou interesse como notícia. Os critérios contextuais, por sua vez, fazem referência ao contexto, à forma como as notícias se produzem (Silva & Jeronymo, 2017).

No seu “News and newsworthiness – a commentary”, Pamela Shoemaker, em 2006, reflete que as notícias são um bem, uma “commodity”, enquanto a noticiabilidade é um julgamento mental. As notícias são um bem transacionável, podem ser compradas, vendidas, trocadas. São produzidas pelos jornalistas, manipuladas por relações-públicas e consumidas pelas audiências. A noticiabilidade nunca poderia ser o único factor para um evento se tornar notícia, uma vez que se trata de uma construção mental. E desde a construção mental até à impressão do jornal, existe um espaço onde “algo acontece”. Não colocando em causa a existência de causalidade entre as duas variáveis, Shoemaker (2006) diz que não é possível aferir a sua dimensão ou mesmo o tipo de impacto: se positivo ou negativo.

Shoemaker e Cohen (2005) concluem que, apesar da noticiabilidade ser muito consensual geográfica e socialmente, assim como em pessoas com diferentes rendimentos, as notícias são muito diferentes de país para país, cidade grande para cidade pequena ou audiência rica e audiência pobre. Estas conclusões reforçam a convicção de que a noticiabilidade tem um efeito muito sobrevalorizado nas notícias publicadas, em detrimento dos outros factores já evidenciados em Shoemaker e Reese (1996), por exemplo.

Hinnant et al. (2011) refletem que a informação sobre a receção de determinada notícia influencia o jornalista - é importante considerar um efeito pró-social, discutindo-se o conflito da estimulação desse tipo de preocupação nos jornalistas com a posição neutra que um profissional deve ter. É importante os jornalistas considerarem a sua influência, julgamentos de noticiabilidade, na opinião pública e nos políticos.

M. P. Maccauley et al. (2012) concluem que o género dos editores e dos jornalistas é uma determinante do enquadramento utilizado nas notícias da saúde e que existe também alguma evidência que a etnia também pode influenciar.

1.3. Porque é que as IH's deviam ser notícia?

A partir do apresentado, as infeções hospitalares (IH's), se observadas como um evento na área da saúde, enquadram-se como um dos valores-notícia propostos por Traquina (2005). A questão do erro humano na área da saúde, muitas vezes é um factor que gera as IH's, e coloca em perigo a segurança do doente, ou seja, da sociedade. Envolve assim as questões relacionadas com a morte, o conflito, a notoriedade, a proximidade e a relevância (Traquina, 2005).

Porém, antes de analisar os critérios citados anteriormente, é necessário entender o que são as infeções hospitalares? Como se tornam um evento noticioso? Refletir sobre o assunto e compreender a sua relação com a proposta da tese, implica abordar e discutir alguns conceitos neste capítulo. É importante explicar que as infeções hospitalares se caracterizam como um problema de saúde, mas acima de tudo, também é algo que deve ser explicado à sociedade, o papel dos mass media, em especial, dos jornais portugueses - o objeto de estudo neste trabalho.

As IH's fazem parte de um problema antigo na área da saúde, e ainda são de grande resistência por parte dos profissionais de saúde. “Alguns profissionais acham que não é importante ter cuidados para se evitar a infeção hospitalar, principalmente os profissionais do ensino médio, que possuem pouco conhecimento em relação a este assunto” (Morais et al., 2013, p. 873). No contexto de Portugal, o assunto é de extrema relevância, pois de acordo com o conteúdo no jornal Público (2021), as “infeções por bactérias resistentes originam 1160 mortes por ano em Portugal”. E isso mostra o quanto abordar a temática é de extrema importância para os mass media, e faz parte dos critérios de valores-notícia propostos por Traquina (2005).

É importante entender que a problemática das IH's envolve muitos setores da sociedade, além das autoridades e profissionais de saúde, os mass media também possuem uma parcela de responsabilidade na forma de comunicar e informar essa questão ao público. Mas é importante, além de informar, entender o contexto deste assunto. Autores como Giarola et al. (2012, p. 152) explicam que “a IH, na atualidade, representa

preocupação não somente para os órgãos de saúde competentes, mas também um problema de ordem jurídica, social e ética em face às consequências na vida dos pacientes e o risco a que estes estão sujeitos”.

Em diferentes países, e em Portugal também, os debates que envolvem a questão da infeção hospitalar são motivados a partir das experiências vivenciadas por profissionais, em que relatam as “condições de atendimento hospitalar precário, especialmente, de urgência e emergência, em que os clientes são recebidos em macas contaminadas por secreções, e até mesmo por sangue, sem uma desinfecção prévia no ato da admissão” (Moura et al., 2008, p. 744). Estes problemas expõem as pessoas às infeções, podendo conduzir ao óbito.

Entender todos esses cenários, mas além disso, compreender o motivo que leva o assunto a ser notícia é essencial. Por se tratar de saúde, mas além disso, por ser algo que precisa de ser conhecido pela sociedade, é importante que os profissionais de comunicação tenham conhecimento sobre as infeções hospitalares, assim como, que os profissionais de saúde estejam abertos para falar sobre o assunto e a realidade vivenciada dentro dos hospitais.

Conforme, anuncia, a Organização Mundial de Saúde (OMS), a infeção hospitalar é definida como “uma infeção adquirida numa instituição de saúde (hospitais, lares, clínicas, centros de saúde), por um cliente que foi admitido por outra razão que não a de infeção e não estava presente no cliente na sua admissão, nem em incubação, nem nas primeiras 48h”. (OMS, 2018). Ou seja, as IH’s são adquiridas após o doente entrar no hospital ou até mesmo após a alta hospitalar – 30 dias depois de realizada a intervenção, depois de um ano da colocação de um componente protésico, uma válvula cardíaca ou um estimulador cardíaco. E para o mesmo é importante que se justifique que a infeção foi adquirida dentro do ambiente hospitalar ou instituição de saúde. Essas infeções são detectadas a partir da presença de microorganismos como bactérias, fungos, vírus e protozoários no organismo do doente, que começa a apresentar alguns sintomas como febre alta e até mesmo feridas no corpo. (Morais et al., 2013).

Outro dado importante é que as IH’s são a principal causa de mortalidade e morbidade (OMS, 2018), e isso provoca grande preocupação nos envolvidos, por mais que os profissionais de saúde se habituem a conviver com a vida e a morte. Por outro lado,

as infeções podem ser caracterizadas como endémicas ou epidémicas – nesta segunda é possível ter como exemplo a Covid-19. As infeções epidémicas ocorrem quando há um aumento de microrganismos infecciosos, uma infeção específica ou um microorganismo infectante. (Gupta et al., 2015).

A pandemia denominada por Covid-19, provocou a morte de milhões de pessoas no mundo e gerou um colapso nos sistemas de saúde dos mais variados países, fez com que os cuidados com a higiene aumentassem, e que o tema se evidenciasse nos meios de comunicação. Isso ocorreu, pois em virtude de ser um vírus desconhecido e com alto índice de contaminação, muitas pessoas que procuravam o sistema de saúde para tratar outros problemas, ficaram contaminadas pelo coronavírus. A partir disso, as medidas para o controlo da infeção pelo vírus foram adotadas nos ambientes hospitalares, de forma a evitar a contaminação dos doentes com outras comorbidades, os acompanhantes, e os próprios profissionais de saúde que faziam parte da linha de frente de combate à pandemia (Wang, Pan & Cheng, 2020).

As infeções hospitalares que já eram um problema, com a chegada de um novo vírus, tornaram-se num tormento diário para os profissionais de saúde, assim como, a sociedade em geral que depende dos serviços de saúde. E, assim, o assunto passou a ser tratado diariamente pelos mass media. Entretanto, as contaminações hospitalares por outras bactérias e vírus sempre ocorreram, e muitas vezes não receberam notoriedade pelos veículos de comunicação.

Mas é importante destacar que no contexto geral das infeções hospitalares - antes, durante e após a pandemia, que Portugal é um dos países que apresenta um índice elevado de contaminações. De acordo, com o jornal Público (2021), “em Portugal, estima-se que anualmente se registem 1160 mortes causadas por bactérias resistentes e a Direcção-Geral da Saúde (DGS) alerta para a importância de utilizar antibióticos apenas quando necessário, para que não se venham a tornar ineficazes”.

Neste contexto, é imperioso refletir sobre o motivo do tema abordado neste trabalho e o porquê de ser noticiado. É, igualmente, importante entender o cenário que envolve a cobertura dos meios de comunicação portugueses nas questões relacionadas com a saúde. Este fenómeno é consubstanciado pela “cobertura mediática dos temas de saúde tem se ampliado, indo ao encontro das expectativas da sociedade portuguesa” (Cavaca et

al., 2015, p. 3570). Ou seja, o que a sociedade deseja saber e dá atenção, é importante entender como isso ocorre, e qual tipo de notícia compartilhada.

Conforme explicam Cavaca et al. (2015, p. 3574), a partir de uma pesquisa que estuda a cobertura e invisibilidade de temas de saúde na comunicação impressa portuguesa, um dos pontos abordados, com base nas respostas dos entrevistados, são as doenças infecciosas, raras ou negligenciadas “só aparecem quando agregam elementos de noticiabilidade usuais à indústria jornalística, como quando surgem surtos, epidemias, alguma inovação da indústria farmacêutica ou adoecimento de celebridades”. Sendo assim, quando ocorre um surto de infeção hospitalar, este tema é tratado e noticiado pelos jornais.

Porém, no cenário do país, um dos pontos de destaque é que há muitos interesses, sejam eles “políticos, económicos e sociais que, balizados pelo conjunto de critérios de noticiabilidade, acatam a lógica jornalística implicada no Mercado da Atenção, frequentemente desarticulada das necessidades de saúde das populações mais vulneráveis”. (Cavaca et al., 2015, p. 3575). Neste contexto, é necessário retomar os valores-notícia propostos por Traquina (2005), que são: morte, proximidade, relevância, novidade, tempo, notoriedade, inesperado, conflito/controvérsia, disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso.

Entre os valores-notícia, e no cenário hipotético, no que levaria as IH's a serem notícia nos jornais portugueses, a morte é um dos critérios de noticiabilidade, pois gera interesse nas pessoas em informações relacionadas com o assunto. E como citado anteriormente, os jornalistas estão onde há morte, pois o “negativismo” presente nos veículos é um “atrativo” para os consumidores de informação.

Além disso, o conflito é outro valor-notícia que se encontra na abordagem da temática das IH's. Isso ocorre, pois há uma “violência simbólica” (Traquina, 2002, p.203), que diz respeito a uma rutura social, ou seja, algo que interrompe o fluxo, a tranquilidade, e a segurança dos portugueses que dependem do serviço de saúde. Portanto, o tema pode ser caracterizado como de interesse pelo critério de conflito, bem como na questão da relevância e notoriedade, que serão abordados a seguir.

Entretanto, antes de abordar tais valores-notícia como a relevância e a notoriedade, que são importantes ao falar sobre IH's, também é necessário abordar a proximidade. Ao falar de um assunto que possui um aspecto de familiaridade geográfica e

cultural, ou seja, que envolve a sociedade portuguesa, o mesmo já desperta o interesse do público-alvo. Quando se fala em proximidade, Traquina (2005) e Wolf (1999) destacam que a distância e afinidade cultural são primordiais para que um facto receba destaque e seja “escolhido” para tornar-se público, ser reconhecido como notícia. Neste caso, ao falar sobre saúde é algo que pode afetar qualquer cidadão português que procure um atendimento num hospital ou numa clínica, a proximidade do tema e a sociedade é de extrema importância nos critérios de noticiabilidade.

A relevância também exerce um papel fundamental, pois as IH’s podem ser consideradas como um fenómeno que gera impacto na sociedade portuguesa. Refletir sobre as consequências das infeções na vida das pessoas, como, por exemplo, a morte de um indivíduo, compromete a confiança no sistema de saúde. Desta forma, o valor-notícia de relevância que é proposto por Traquina (2005), está presente num dos motivos que levam o tema a ser abordado pelos jornais.

Por fim, o valor-notícia de notoriedade, proposto por Traquina (2005), faz com que se reflita sobre a importância de fazer com que as IH’s se tornem notícias, ou melhor, que sejam noticiadas nos jornais portugueses. Como se trata de um problema que gera um impacto na vida das pessoas, é um facto concreto e tangível, as IH’s possuem valores-notícia para que se tornem notícia.

É possível concluir que as infeções hospitalares merecem, ou melhor, precisam ser noticiadas, pois trata-se de um tema que envolve inúmeras questões. Antes de mais, refletem a saúde da população portuguesa. O bem **cuidados de saúde** define-se como os serviços prestados pelos médicos, enfermeiros e técnicos; pelos hospitais, centros de saúde e unidades operativas de saúde pública; e os bens consumidos exclusivamente com o objetivo de obter saúde. Os cuidados de saúde são um bem económico, representando as despesas com este bem, a formação de um bem capital e um investimento em capital humano. A saúde pode assim ser encarada como um investimento pecuniário, dando como retorno a redução de outcomes como a taxa de mortalidade, de incapacidade, de debilidade, de dependência e outros.

A partir do exposto, no próximo capítulo será analisado a mediatização das infeções hospitalares, a partir da análise da teoria da noticiabilidade, da teoria do enquadramento, da teoria do agendamento, assim como, a ética na cobertura do tema.

Comunicação em saúde:

O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

CAPÍTULO II – A mediatização das infeções hospitalares

O tema da saúde é de interesse geral tanto na esfera da política pública, como no contexto da comunicação, sendo um dos principais assuntos abordados pela comunicação social. Exemplos deste destaque são evidentes nos surtos, epidemias ou pandemias, como a de Covid-19, que teve início em 2020. Neste contexto e a partir do objeto de estudo desta investigação - comunicação em saúde: o discurso da imprensa portuguesa sobre as infeções hospitalares no Centros Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE em 2015, é necessário refletir no eixo: comunicação/saúde/jornalismo.

Lopes et al. (2012) apresentam uma discussão que assenta no eixo - comunicação - jornalismo - saúde a partir de dois pontos de vista. No primeiro entendimento, aborda-se a problemática da responsabilidade ética dos mass media mundiais ao tratar as questões relacionadas com a saúde, pois estes definem e direcionam uma agenda comunicacional que trata a saúde; são capazes de interferir em tomadas de decisão (política e individual) relativas aos cuidados de saúde. No âmbito do campo científico, a comunicação na saúde é compreendida como o estudo e o uso de métodos capazes de influenciar tais decisões individuais e grupais, ou seja, a interface entre saúde e comunicação não incide apenas em políticas públicas, mas também em posturas individuais.

Contextualizando a discussão no campo da comunicação, as autoras supracitadas justificam que a saúde se tornou especialidade das Ciências da Comunicação em 1975,

[...] quando foi criada a “Health Communication Division” na International Communication Association (ICA). A National Communication Association (NCA), dos Estados Unidos da América (EUA), formou uma secção com o mesmo nome em 1985. E, em 1997, foram formalmente reconhecidas as secções de “Public Health Education” e “Health Promotion” da American Public Health Association. Em simultâneo, surgiram revistas científicas dedicadas à temática, como a Health Communication, publicada pela primeira vez em 1989 e seguida, sete anos depois, pelo Journal of Health Communication (em 1996). Nos anos 90, o tema ganha uma atenção generalizada em revistas científicas caracterizadas pela interdisciplinaridade. (Lopes et al., 2012, p. 130).

Ao longo da década de 80, constata-se que houve um aprofundamento da afirmação/legitimidade social e científica na dicotomia comunicação / saúde. Assim, este campo torna-se, de forma progressiva, um tópico de grande relevância na agenda dos mass media mundiais. Em função de uma sociedade cada vez mais “medicalizada”, o interesse da comunicação social pela saúde aumentou e consolidou-se na década de 90, tornando a disseminação da informação sobre a saúde numa indústria ainda em crescimento (Lopes et al., 2012). Este dado, é reforçado com Lopes et al. (2012) referenciam um estudo de 2002 (o Gallup poll), segundo o qual a maior parte dos norte-americanos procura informações médicas e de saúde nos mass media (sobretudo nas emissões televisivas), em vez de recorrerem aos profissionais de saúde. Esta pesquisa foi realizada em 2002, mas pode-se inferir que, com o crescimento e popularização da internet, este cenário aumenta; conduzindo a problemas, já que boa parte dos espaços que publicam sobre a saúde na internet, além de não utilizarem fontes fidedignas da saúde, não são regulados pelas associações jornalísticas. Assim:

[...] a comunicação mediática passou a ser entendida como o meio privilegiado para aumentar o conhecimento e a consciência das populações sobre os assuntos de saúde, bem como para influenciar as suas percepções, crenças e atitudes, muito para além do clássico modelo de comunicação médico-paciente. (Lopes et al., 2012, p. 132).

Com esta realidade, os pesquisadores olham com mais atenção para essa questão, enfatizando o papel da comunicação social na formulação de uma “literacia em saúde”, que se constitui como a capacidade de compreender e utilizar informações relacionadas à saúde recebidas pelos meios de comunicação em atividades do quotidiano. Tal literacia pode interferir em diversos aspectos que, por sua vez, influenciam na saúde humana; afeta, de forma particular, os conhecimentos que são transmitidos e “absorvidos” sobre os cuidados de saúde no que diz respeito a nossa capacidade de encontrar, compreender e comunicar informações corretas sobre a saúde. Nesse sentido, a população fica com uma literacia redutora no tema de saúde — com informações incorretas, imprecisas e/ou

superficiais — está associada a taxas de hospitalização mais elevadas e práticas de prevenção reduzidas (Lopes et al., 2012; Lopes, Ruão e Marinho, 2010).

Assim sendo, a promoção de uma comunicação ética em saúde e preocupada com o bem-estar da população é essencial. Os mass media têm sido identificados como agentes centrais para o desenvolvimento da literacia em saúde, pois estes, de forma crescente, têm servido como fontes de informação primárias em assuntos de saúde para os cidadãos. Contudo, apesar desse papel primordial, a promoção do bem-estar e da saúde na comunicação social enfrenta diversos obstáculos. Sobre isso, Lopes et al. (2012, p. 134) referenciam Watzlawick, Beavin e Jackson (1967), afirmando que “[...] a construção da mensagem de uma determinada maneira, a partir de uma certa ordem de argumentação e com uma dada quantidade de informação, conduzirá os receptores para um determinado quadro de pensamento”. Assim, idealmente, toda a comunicação desenvolvida no sector da saúde — sejam notícias ou sejam campanhas específicas, como as de vacinação — tem o potencial e a responsabilidade de definir os conteúdos mais adequados para a situação e para o público-alvo, bem como elaborar as mensagens de forma que seja possível a promoção da saúde e a prevenção da doença (Lopes, Ruão e Marinho, 2010).

Existem particularidades associadas à natureza da comunicação social igualmente sensíveis nesse debate. Kline (2006), afirma que as orientações editoriais, políticas e económicas dos meios de comunicação social tendem a afectar o processo de tratamento das informações a serem publicitadas, bem como a forma como estas serão publicadas. Por exemplo, de acordo com as orientações editoriais ou mercadológicas, certos meios de comunicação ressaltam e enfatizam aspectos sensacionalistas da informação, dificultando um entendimento mais rigoroso e preciso do tema. Isso pode contribuir para o reforço de diferenças sociopolíticas que regulam a relação dos indivíduos com o assunto da saúde e do bem-estar.

Na perspectiva da comunicação em saúde, Kline (2006) ressalva a predominância de dois aspectos que são recorrentes na informação sobre a saúde: desafios para a saúde corporal e temas político-socioculturais de contextualização. Nestes temas, a autora salienta a necessidade de se identificar as fontes (as vozes) que são privilegiadas nas produções informativas. Nesta perspectiva, a autora considera relevante: compreender o porquê desse privilégio; identificar as vozes “abafadas” e os efeitos dessas opções, que pode colaborar para a manutenção de privilégios e diferenças de poder social de um grupo

sobre o outro. Em raciocínio semelhante, Lopes, Ruão e Marinho (2010), acrescentam que os valores mediáticos são, na maioria das vezes, diferentes dos valores científicos do campo da saúde, ou seja, a agenda que interessa aos técnicos de saúde não é igual à agenda noticiosa. Assim, é essencial analisar a produção mediática em saúde tendo em vista que estas possuem a capacidade de reflectir na saúde, na doença e nas ideologias das populações sobre esses temas, afetando a promoção da saúde como um todo.

Após essa breve contextualização teórica do eixo comunicação: jornalismo/saúde, este capítulo aborda os motivos que levam o tema das infeções hospitalares a serem mediatizados e/ou mediatizáveis, a partir das teorias da noticiabilidade, enquadramento e agendamento. Além disso, propõe-se examinar a ética dos mass media na cobertura em conteúdos referentes à saúde, as razões que fazem a temática ser mediatizada, assim como, trazer exemplos de outros casos do problema ocorridos em Portugal e demais países que receberam destaque jornalístico.

Considera-se fundamental tal abordagem teórica para a compreensão do contexto em que está inserido o objeto de estudo desta pesquisa. Assim, inicia-se o capítulo com o tópico sobre a mediatização da temática das infeções hospitalares na perspectiva da teoria da noticiabilidade.

2.1. A mediatização do tema das infeções hospitalares à luz da teoria da noticiabilidade

Quando se reflete sobre os motivos que levaram o tema das infeções hospitalares que ocorreram no Hospital de Gaia, em 2015, a serem destacados pelos mass media, muitas questões são levantadas. Entre elas, quais os critérios de noticiabilidade levados em consideração na hora de falar sobre o assunto? Os valores-notícia utilizados fazem com que o tema tenha relevância diante da sociedade?

Para aprofundar tal discussão, é importante retomar os conceitos relacionados à Teoria da Noticiabilidade. Sousa (2005, p. 30) explica que Galtung e Ruge (1965) foram os primeiros autores a falar sobre a existência de critérios de noticiabilidade, que fundamentam esta teoria. A partir de seus estudos, os autores elencaram os seguintes elementos como possíveis critérios: proximidade, momento do acontecimento, significância, proeminência social dos sujeitos envolvidos, proeminência das nações envolvidas nas notícias, consonância, imprevisibilidade, continuidade, composição e

negatividade. Na sequência desta pesquisa inaugural, outros autores desenvolveram investigações no âmbito da noticiabilidade, em que ressaltam pontos que promovem o interesse do público e, desta forma, permitem que um assunto se torne notícia.

Traquina (2021, p. 63) sintetiza a noticiabilidade como um “[...] conjunto de critérios e operações que fornecem aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”. Ou seja, diz respeito aos critérios de noticiabilidade tudo aquilo que tem a capacidade de agir no processo de produção das notícias, como: características do facto; questões culturais (pessoais do jornalista ou da sociedade), condições favorecedoras ou cerceadoras dos mass media; relação jornalista/fonte/público; questões éticas; e conjunturas sociais, políticas e económicas. Nesse contexto, sobre os valores-notícia, o autor acrescenta:

Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois sub-grupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia (Traquina, 2021, p. 78).

Ainda sobre critérios de noticiabilidade, Sousa (2006, p. 20) sintetiza, a partir dos estudos de Galtung e Ruge (1965) e Traquina (2002), que existem tipos de valores-notícia, nomeadamente:

[...] valores-notícia de selecção (morte; notoriedade; proximidade; relevância ou importância; novidade; factor tempo; surpresa; conflito ou controvérsia; infracção e escândalo), valores-notícia de selecção contextual (disponibilidade; equilíbrio do noticiário; potencial de cobertura em imagem; concorrência; dia noticioso) e valores-notícia de construção (amplificação – hiperbolização do acontecimento e das suas consequências; relevância - capacidade de mostrar como o acontecimento é importante; potencial de personalização; potencial de dramatização; consonância - ou potencialidade de enquadrar um acontecimento em enquadramentos anteriores).

No caso das infeções hospitalares que assolaram o Hospital de Gaia em 2015, a mediatização do tema colocou à luz alguns pontos da Teoria da Noticiabilidade, como o facto de ser um assunto que possui proximidade com o público-alvo da comunicação social analisada, envolve algo negativo, tem a proeminência social dos sujeitos envolvidos e da nação envolvida. Estes elementos tornaram o assunto elegível pela sua relevância para

ocupar as páginas dos periódicos portugueses e causar uma perturbação nacional sobre o problema enfrentado na saúde. De forma isolada, tais aspectos não são totalmente definidores sobre o que será ou não noticiado. Porém, a temática da saúde em si, desperta interesse público, ainda mais quando relacionada com algo trágico, como uma crise no sistema de saúde e mortes relacionadas ao problema. Interesse este que promove a venda de jornais e aumenta a audiência dos sites de notícias.

Cavaca et al. (2018) realizaram um estudo em que trazem a discussão o “valor-saúde”, onde abordam os critérios de prioridades potenciais para a comunicação e saúde. Os autores salientam que as notícias são o suporte para o conhecimento da sociedade, sobrepondo, muitas vezes, a própria escola. Dentro deste contexto, é possível refletir sobre como esses critérios de noticiabilidade são potencializados na decisão de priorizar notícias que tratam uma crise hospitalar, como o caso das infeções.

De acordo com Lopes et al. (2013, pp. 64), quando se trata da temática, “o jornalismo em saúde faz-se essencialmente em género de notícia”. Ou seja, as notícias sobre saúde já são um factor para serem mediatizadas e ocuparem um espaço considerável dos mass media, pois, conforme explicam Teles e Cruz (2020, pp. 40), “o jornalismo de saúde é um setor bastante valorizado” dentro deste campo. Quando se trata de questões que falam sobre uma crise, o agendamento já é automaticamente inserido pelos mass media, pois “os problemas de saúde se referem ao ordinário do dia a dia” (Cavaca et al., 2018, p. 28).

No caso das infeções hospitalares que afectaram o Hospital de Gaia em 2015, um dos pontos que chamou a atenção e fez tal acontecimento se tornar notícia foi a morte de pessoas através da contaminação. Tal facto é possível de ser compreendido a partir do que é exposto por Garcia (2011, p. 12)

Desta forma, os critérios substantivos que influenciam a selecção dos acontecimentos incluem como valores a morte ou menção a vítimas mortais, a notoriedade ou celebridade dos indivíduos envolvidos, a proximidade do acontecimento, a sua relevância para as pessoas, regiões ou país, a actualidade do acontecimento, efeméride ou a sua continuidade (tempo), a notabilidade, isto é, a qualidade de ser visível, ou seja, a quantidade de pessoas que envolve, o contrário do normal, o insólito, a falha, o excesso ou escassez. Os acontecimentos inesperados e o conflito ou controvérsia são também considerados como valores-notícia.

Em muitos momentos, na comunicação social, a questão das mortes de pessoas contaminadas por uma “bactéria resistente” no Hospital de Gaia recebe destaque. É

possível observar que, por ser mortal, torna a temática da infeção hospitalar uma questão evidenciada, pois é de extrema relevância para a sociedade de Portugal, principalmente para os que utilizam o tal espaço de saúde. Quando as crises na área da saúde acontecem, como o caso das infeções hospitalares, assim como mais recentemente a pandemia de Covid-19, o encerramento das urgências de obstetrícia/ginecologia, esses assuntos acabam colocando “o jornalismo e a comunicação de risco como promotores de noticiabilidade na saúde” (Lopes, Ruão e Marinho, 2010, p. 145). E promovendo uma “euforia” dentro das redações, como sendo algo “essencial” de ser noticiado.

As informações sobre guerra e violência sempre foram referência, sendo já a temática em si, um critério de noticiabilidade. Porém, nos últimos tempos muitas áreas começaram a ser mais aprofundadas e vistas como essenciais. Esse é o caso da saúde, que de acordo com Lopes e Araújo (2020, p.05) vem crescendo dentro da perspectiva jornalística, graças ao impacto que possui na vida das pessoas. Em casos em que a temática possui um lado negativo, como é o objeto de estudo desta tese de doutoramento, a tendência é que as pessoas queiram saber mais detalhes e o desenrolar da situação através de notícias diárias. Lopes e Araújo (2020, p. 05) alertam que apesar de ser um assunto relevante para o jornalismo e a sociedade, até antes da pandemia, “a mediatização deste campo não tem originado muitos estudos académicos”.

Portanto, quando se trata da temática de saúde, é possível perceber que “vem crescendo no cenário jornalístico e surge, assim, como um valor-notícia determinante para a edição dos jornais” (Silva e Gentilli, 2021, p. 04), principalmente a partir de 2020. Ou seja, além dos valores-notícia que são definidos por Traquina (2002b) e que foram citados no capítulo 1 desta tese, o tema “saúde” também pode ser considerado um dos valores que definem o que é ou não notícia no jornalismo. Isto explica a relevância que o assunto recebe na comunicação social, sendo que muitos mass media acabam investindo em cadernos sobre a temática, “colunas fixas sobre o tema, grandes reportagens, além de especialistas da área contratados” (Silva e Gentilli, 2021, p. 04).

Retomando Traquina (2002b, p. 173), ele explica o valor-notícia como sendo:

Conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou um assunto, são susceptíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo “valor-notícia”.

A partir do que é exigido pela sociedade, as redações entendem este conjunto de elementos como fundamental para definir se determinado acontecimento será noticiado. Ao falar sobre saúde, é possível citar dois exemplos, o caso da Gripe A e da Covid-19. Os mass media procuravam apurar, movidos pelo interesse social, se as doenças já estavam na localidade e se havia algum óbito provocado pela mesma. Esta tornou-se uma rotina no agendamento produzido pelos jornalistas.

Porém, a comunicação na área da saúde não é vista apenas dentro do contexto do jornalismo. Existem as assessorias¹⁵ de governo e da própria instituição de saúde que são fundamentais, principalmente quando ocorre uma crise na área. Ao pensar na infeção hospitalar que ocorreu em 2015 no Hospital de Gaia, em Portugal, é importante refletir que as comunicações governamentais e institucionais também exerceram um papel fundamental para respeitar os critérios de noticiabilidade, pois são fontes primárias que necessitavam garantir uma resposta para a sociedade.

Uma notícia é construída a partir das informações que são recolhidas em fontes oficiais e não oficiais, bem como pelo seu valor-notícia. As fontes oficiais fornecem informações relevantes, como o número de mortes, se há algum tipo de controlo sobre a situação, possibilidade de se enquadrar dentro do valor de “novidade”, assim como, questões inesperadas, como um surto incontrolável.

Porém, são os mass media que exercem papel fundamental, por serem os responsáveis por consultar as fontes, recolher as informações necessárias, construir a notícia e colocar em circulação. Deste modo, é importante aferir a relação entre os meios de comunicação e as fontes nas coberturas jornalísticas sobre saúde:

¹⁵ Profissionais de comunicação que trabalham nos órgãos de governo e nas instituições de saúde. São responsáveis por fazer a mediação com os profissionais de comunicação social.

Do outro lado deste processo de mediatização, temos os meios de comunicação social. Na construção de informação sobre a saúde, como de resto em qualquer área de interesse dos media, o papel das fontes é fundamental. O newsmaking é um processo “binário”, como refere McQuail (2003), pelo que a relação entre os jornalistas e as fontes é essencial à preparação da notícia. Esta relação passa por momentos de tensão ou afastamento e de negociação ou proximidade, num jogo que se assemelha a uma “dança” (Gans, 1979). Enquanto as fontes se procuram colocar como “definidores primários” das notícias (Hall et al., 1999), os jornalistas tentam descobrir o que estas desejam ocultar (Lopes, Ruão e Marinho, 2010, p. 143).¹⁶

Neste contexto, é possível compreender que a mediatização das infeções hospitalares é realizada a partir de alguns critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Porém, por mais que seja necessário e importante a divulgação de tal problema de saúde nas instituições hospitalares, também é preciso refletir sobre como essas notícias são construídas. Informar sem ultrapassar os valores éticos, como a exposição de pessoas envolvidas sem criar sensacionalismo, é fundamental para os mass media. É importante que “a cobertura mediática das doenças pode ainda ajudar a reduzir o estigma em relação a determinada patologia” (Lopes e Araújo, 2020, p. 08). Ou seja, a notícia deve, além de informar, consciencializar a população e as partes envolvidas (o governo e as instituições de saúde) como controlar tal crise infecciosa.

Para além dos critérios de noticiabilidade, outros factores são importantes no processo de mediatização do tema abordado nesta pesquisa. Um deles é o enquadramento, a forma em que as notícias são expostas pelos veículos de comunicação, ou seja, a visibilidade. Para dar continuidade nesta discussão, o próximo item irá abordar tal perspectiva a partir da teoria do enquadramento.

2.2. A mediatização do tema das infeções hospitalares à luz da teoria do enquadramento

Originalmente o conceito de enquadramento (ou framing) tem duas raízes distintas: nos pensamentos de Gregory Bateson e de Erving Goffman (Mendonça & Simões, 2012). Bateson (2000) propõe a noção de enquadramento a partir do campo da psicologia. Na tentativa de compreender o fenómeno da esquizofrenia e entender as relações de comunicação entre o médico psiquiatra e os seus doentes, o autor debruçou seu estudo na comunicação. Yves Winkin (1998), da Escola de Palo Alto, Bateson salientou

¹⁶ Newsmaking, também conhecida como teoria da noticiabilidade, é responsável pelos processos de produção de notícias.

as raízes de interação das psicopatologias, o que, por sua vez, denota um caráter comunicacional da obra de Bateson. Nesta perspectiva, o autor explica que as interações são como o norte “quadros de sentido” que moldam as interpretações e ações dos envolvidos em determinada ação comunicativa (face a face, coletiva, mediada, etc.). Conforme explicam Mendonça e Simões (2012, p. 188):

Bateson parte de uma distinção de vários níveis presentes na comunicação verbal humana. Para ele, toda mensagem apresenta, para além de um nível denotativo (de conteúdo), um nível metalinguístico e um nível metacomunicativo (Bateson, 2002, p. 87). O nível metalinguístico diz respeito ao modo como a própria mensagem repensa a linguagem, por meio de elementos implícitos e explícitos. O nível metacomunicativo, por sua vez, envolve elementos que definem a própria relação estabelecida entre os falantes. Desse modo, Bateson enfatiza que, mais do que conteúdos, enunciados comportam marcas que balizam a interação estabelecida.

Numa experiência empírica, com o intuito de observar os referidos níveis nos processos de comunicação, Bateson observou o comportamento dos macacos num jardim zoológico na cidade de São Francisco. O objetivo era identificar os critérios de comportamento que pudessem indicar se um organismo vivo (neste caso, os macacos) consegue ou não perceber que indícios emitidos por ele mesmo, bem como por outros de sua espécie, sinais comunicativos, ainda que rudimentares e extremamente simples. Assim, Bateson (2000) acreditava que seria possível determinar a existência ou não de mensagens metacomunicativas nas interações entre os primatas, o que, eventualmente, poderia ser extrapolado para os humanos. Nesta observação, Bateson (2000) avançou na formulação do enquadramento ao observar uma brincadeira de luta entre dois macacos jovens, na qual — para qualquer observador, incluindo humanos — era notório que os animais simulavam, através de ações e sinais, como um combate; porém, sabiam, assim como agiam de acordo, que se tratava de um “faz de conta”, apenas uma brincadeira. Desse comportamento, o pesquisador inferiu que o fenómeno da luta simulada, transformada numa brincadeira, só é possível se os seres envolvidos fossem capazes de identificar e reproduzir algum nível de meta-comunicação. Nesse contexto, Mendonça e Simões (2012) identificam que a mensagem metacomunicativa, no caso a percepção que “isto é uma brincadeira”, é, justamente, o enquadramento, o frame, que permite a compreensão do que está a ocorrer. Trata-se do que Bateson (2000) chama de meta-asserção, algo que nega as aparências imediatas ou, por analogia, independente da forma. Ou seja, identificada a validação 'Isto é brincadeira' parece algo como: ‘Estas ações nas quais estamos presentemente engajados

não denotam o que aquelas ações que elas representam denotariam” (Bateson, 2000, p. 89).

Com base nessa pequena experiência, Bateson (2000) propôs a adoção do conceito de enquadramento para estudar a relação entre o terapeuta e o doente no contexto da psicoterapia, oferecendo instruções para que o interlocutor seja capaz de captar as mensagens incluídas e excluídas em cada interação. Como sintetizam Mendonça e Simões (2012, p. 1989) “[...] todo enquadre é metacomunicativo e toda metacomunicação define um enquadre”. Isso implica afirmar que todo o enquadramento possibilita apontar o tipo e natureza da interação observada, da mesma forma que “[...] toda mensagem que faça referência à natureza da relação entre os sujeitos delimita um enquadre que permite compreender a situação ali delineada, assim como as regras implícitas que orientam as ações dos sujeitos”.

Nas obras de Goffman (1986), o conceito de enquadramento deriva de um diálogo entre o pragmatismo de William James, a fenomenologia de Schütz, a etnometodologia de Garfinkel e a ideia batesoniana de enquadramento (Mendonça e Simões, 2012). As produções de Goffman concentram-se em análises macrossociológicas, e em observar as interações quotidianas entre sujeitos e não grandes estruturas e sistemas sociais, o autor propõe que o enquadramento é o que permite entender aquilo que organiza a experiência dos sujeitos no mundo, que possibilita a compreensão do que está acontecendo em dada interação. Assim, também influenciado pelo trabalho de Bateson, Goffman (1986) afirma que o frame é um conjunto de princípios de organização que regulam os acontecimentos da realidade e o envolvimento subjetivo neles.

Goffman (1986) salienta ainda que certamente na grande maioria das situações reais de interação, diversos frames se sobrepõem e “funcionam” em conjunto, contudo ele defende que é possível identificar “quadros primários” ou “quadros básicos” inerentes à cultura que auxiliam na compreensão e organização do conceito em questão. Nesse raciocínio, Goffman considera que os quadros primários são aqueles de aplicação imediata e direta, com significado implícito para a cultura, possibilitam identificar e descrever os acontecimentos e formas de interação. Tais frames constituem-se e modificam-se no contexto social, sendo elementos centrais da intersubjetividade coletiva. Ainda nesse tema, Mendonça e Simões (2012, p. 190):

Para discutir as transformações nos quadros primários, Goffman introduz os conceitos de key (chave) e keeing. A chave diz respeito a um conjunto de regras e convenções a partir das quais uma atividade é transformada em outra, partindo de um quadro primário e atualizando-o (Idem, pp. 43-44). Por meio dessa noção, o autor destaca a possibilidade de transformação e a sobreposição de quadros.

Nos conceitos de key e keeing, Goffman (1986) inclui a definição de footing. Termo usado para se referir ao posicionamento ou postura dos interlocutores numa situação interativa. Diretamente ligados com os frames dos acontecimentos, o footing configura-se e é modificado a partir dos discursos dos participantes. Nesse contexto, uma mudança no footing implica um determinado sujeito mudar o seu posicionamento na interação. Na ideia de footing, inclui-se: os aspectos pessoais relacionados com o tom de voz, a escolha das palavras, a expressão facial, etc.; nos papéis sociais, como a conversa entre um chefe e um funcionário, entre um professor e aluno, entre amigos, etc.; e papéis discursivos mais complexos, como quando alguém expressa a ideia, um discurso de terceiros. Assim, sinteticamente, diante de situações de interação os frames são estruturas de sentido derivadas da cultura e o footing é o posicionamento dos indivíduos no frame (Goffman, 1986).

As definições de enquadramento de Bateson e Goffman foram pensadas, inicialmente, na área da psicologia social, sendo possível utilizá-las para analisar outros processos de comunicação. Lara Netto (2020) esclarece que toda a forma de interação entre humanos exige comunicação e expressa-se em conteúdos, atribui temas à linguagem bem como à relação entre os interlocutores com indicações, ou seja, frames de como os sujeitos devem agir nas mais diversas situações. No âmbito dos estudos dos mass media, Lara Netto (2020) salienta que é possível observar o enquadramento em duas dimensões: pelo frame dos mass media, ou seja, pela forma como os veículos de comunicação apresentam certo tema; ou pelo frame da audiência, modo como o público cria enquadramentos para os assuntos oferecidos pelos mass media. Na certeza, porém, o enquadramento da audiência pode estar em desacordo com o enquadramento “idealizado” / proposto pelos mass media. Nenhum dos pólos do processo comunicativo tem total controlo na forma como os conteúdos e as mensagens circulam e serão interpretados.

No mesmo raciocínio, Rizzotto, Antonelli e Ferracioli (2017, p.86) destacam que os enquadramentos, do ponto de vista mediático/jornalístico “[...] abrangem princípios de seleção, ênfase e exclusão e são usados na rotina jornalística como forma de organizar os discursos”. Portanto, tal noção de enquadramento reflete uma série de escolhas ativas dos

jornalistas e de outros comunicadores. É importante reforçar, as palavras-chave, o título, o lead (abertura da notícia, o primeiro parágrafo com as informações introdutórias)¹⁷, as imagens que ilustrarão uma notícia, as fontes ouvidas, etc. Logo, reitera-se que o discurso jornalístico, por meio dos enquadramentos escolhidos, pode reforçar uma representação particular da realidade ou até mesmo sugerir perspectivas novas. Por outro lado, Massarani et al. (2013, p. 04) acrescenta que o enquadramento orienta o “consumo” das notícias “[...] em termos de relevância, importância, valores da notícia e contexto”.

Dessa forma, as notícias produzem moldes para os acontecimentos, recortando aspectos do real que tendem a conduzir a interpretação dos interlocutores. Conforme Mouillaud (1997), o frame é uma das características de toda a narrativa jornalística, operando na construção da própria notícia. Na visão de Mouillaud (1997), os frames de episódios prevalecem no ecossistema mediático em relação aos frames temáticos, resultando numa maior veiculação de notícias direcionadas para acontecimentos pontuais, extraordinários e/ou, singulares, do que para temáticas mais amplas.

Em análise, a questão do enquadramento nas notícias, resume-se no quadro em infra, as características do conceito de frame no âmbito comunicacional, sintetizadas por Antunes (2009).

¹⁷ No próximo capítulo será abordada a diferença entre notícia, reportagem, artigo e comentário, que serão utilizados como base para a análise dos dados desta tese de doutoramento.

Quadro 1 – Características do framing no tratamento jornalístico

<p>a. Há uma clara proposição de que a construção jornalística da notícia se dá no escopo de enquadramentos, que se fazem presentes na matéria e ajudam a compor seu processo de significação e instigam o leitor a perceber a realidade de maneira similar. A problemática dos efeitos é um dos aspectos que a teoria formula.</p>
<p>b. Podemos pensar nos news frames como enquadramentos genéricos que articulam diferentes elementos para compor uma forma de abordagem da realidade, ou como enquadramentos que se voltam para assuntos específicos. São uma espécie de princípio interpretativo que organiza um conjunto de temas.</p>
<p>c. Os elementos que compõem o dispositivo de enquadramento podem ser bastante diversos, incluindo recursos como metáforas, exemplos, estabelecimento de relações causais, frases feitas, etc.</p>
<p>d. Os dispositivos de enquadramentos podem não aparecer explicitamente em um texto noticioso, mas sendo frames serão necessariamente acionados no lugar da interpretação. “O próprio frame é uma especificação da idéia que conecta diferentes dispositivos de enquadramento e pensamento em uma notícia” (Van Gorp, 2005, p. 487). É um objeto meta-comunicativo da interlocução jornalística, oferecendo ao leitor elementos para compreensão da notícia.</p>
<p>e. A ênfase analítica nos dispositivos de enquadramento operando em um nível específico não nos permite ignorar que, nos diferentes níveis ou “lugares” em que são identificados, os frames funcionam de maneira interconectada (Carvalho, 2000). Como estruturas cognitivas, modelos culturais ou esquemas discursivos, eles operam em interdependência. A percepção emerge em um processo de socialização cuja transmissão se dá por meio de práticas discursivas, criadas, modeladas e transformadas no âmbito da cultura.</p>
<p>f. A análise de um enquadramento a partir de um texto jornalístico não pode prender-se à identificação de uma ideia principal sob pena de produzir um reducionismo na compreensão dos processos pelos quais o sentido se constrói na notícia. Dependendo do recorte, uma mesma matéria pode conter em diferentes passagens várias ideias-chave, no interior do próprio material significativo que a compõe. Como sugere Carvalho (2000), o frame pode criar uma etiqueta para uma notícia, apagando outros elementos que atuam na construção do significado. Nesse sentido, a noção de enquadramento como perspectiva seria mais adequada do que enquadramento como uma estrutura.</p>

Fonte: Antunes (2009, p. 96-97).

Quanto ao enquadramento, especificamente no âmbito da comunicação em saúde, reflete-se que as questões propriamente comunicacionais (critérios de noticiabilidade, etc.) relacionam-se com os critérios da área da saúde, gerando problemáticas específicas. Sobre isso, Lopes, Ruão e Marinho (2010, p. 42) argumentam que contextos extraordinários, como a emergência de uma pandemia, levantam uma série de preocupações com a comunicação de tais questões. O Estado e as organizações nacionais e internacionais devem criar estratégias de comunicação bem planeadas para acontecimentos dessa magnitude, pois é um tema sensível e suscetível a resistência na opinião pública, distorções e notícias falsas. Trata-se, nas palavras dos autores, de uma situação de comunicação de

risco, na qual as pessoas devem ser munidas de informação vasta sobre o tema, traduzida de forma compreensível para o maior número de pessoas possível, pois “[...] quanto mais informação uma pessoa tiver: (a) maior apoio concede às medidas públicas de contenção e (b) mais facilmente toma medidas de prevenção individual”.

Outra problemática apresentada por Lopes, Ruão e Marinho (2010, p. 42) trata das fontes, que na área da saúde são múltiplas (oficiais, especializadas institucionais, especializadas não institucionais, cidadão comum, entre outras) e “[...] encontram nos media um meio de difusão de informação e criação de sentido (informativo, educacional e persuasivo) com o objectivo de promover a compreensão relativamente aos assuntos de saúde”. Assim, infere-se que a área da saúde também possui os seus enquadramentos próprios e ao cruzar com os discursos mediáticos, procura influenciar a agenda dos mass media para orientar o processo de produção das notícias na direção da criação de interpretações sociais que interessem aos objetivos do campo da saúde, ou seja, promovendo informações relevantes que auxiliam na garantia da saúde. Contudo, certamente, existem situações em que os enquadramentos específicos da saúde entram em choque com os enquadramentos que interessam exclusivamente ao campo jornalístico, como critérios mercadológicos (qual tipo de notícia que “vende” mais); disso, derivam apurações sensacionalistas e/ou desviantes que podem provocar prejuízos para a informação mais correta em relação às questões de saúde.

2.3. A mediatização do tema das infeções hospitalares à luz da Teoria do Agendamento

Quando uma crise se instala, independente do segmento, automaticamente se cria uma agenda dentro dos veículos de comunicação. No caso da área da saúde, em especial, sobre uma infeção hospitalar, de imediato um agendamento sobre tal assunto é gerado nas redações dos jornais. Como exemplo, pode-se citar o caso da Gripe A, que foi amplamente divulgada em diversos veículos de comunicação, e nos mais variados países. Numa pesquisa realizada por Lopes, Ruão e Marinho (2010, p. 140), os autores analisaram a mediatização da Gripe A nos principais mass media portugueses, onde foi possível observar que “no final de 2009, o balanço apontava já para 1897 notícias televisivas”, que tratavam sobre o assunto.

Porém, antes de iniciar a discussão sobre a mediatização das infeções hospitalares na perspectiva da teoria do agendamento, também é necessário fazer uma revisão do conceito. Conforme explicam Silva Junior, Procópio e Melo (2008), a teoria do agendamento foi criada por Maxwell McCombs e Donald Lewis Shaw (1972)¹⁸. Ela também é conhecida como “agenda-setting”, mas entende-se que:

Consiste na formulação de um conjunto de pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos que se constituem em uma das mais interessantes e poderosas ferramentas para a compreensão das articulações através das quais o conjunto de dispositivos da mídia determina a pauta (agenda) para a opinião pública estabelecer relações de relevância sobre determinados conjuntos de temas, bem como preterir, desimportar, ignorar e ofuscar outros assuntos (Silva Junior, Procópio e Melo, 2008, p. 220).¹⁹

Desta forma, é importante salientar que a palavra “agenda” tem uma perspectiva metafórica e simbólica para explicar como as notícias respondem a uma agenda dos meios de comunicação e da sociedade, de tal modo que sejam capazes de influenciar o público. E, para além disso, criar uma rotina de informação sobre determinado tema na vida das pessoas (Silva Junior, Procópio e Melo, 2008). É importante destacar o ponto de vista de Sousa (2005, p. 30), ao explicar que a agenda é feita a partir da escolha dos assuntos a serem abordados pelo jornal. A necessidade de fazer escolhas com o objetivo de valorizar, hierarquizar e selecionar. Ou seja, a agenda parte de uma escolha, que se dá a partir dos critérios de noticiabilidade que foram vistos no início deste capítulo.

A teoria do agendamento ao ser pensada no contexto da saúde, em especial, de uma crise em saúde, exerce uma função importante que pode refletir nos mais diversos âmbitos da sociedade. Além de que, ao seguir uma agenda, os mass media são capazes de promover algumas mudanças, pois “a mediatização da saúde e da doença pode influenciar os decisores políticos relativamente a políticas de prevenção ou tratamentos” (Lopes e Araújo, 2020, p. 08). Esse movimento faz com que ocorra um interesse em solucionar o problema, e as notícias sobre o assunto ficam gravadas na memória durante um intervalo de tempo, como é o exemplo da Gripe A, da Covid-19, o encerramento das urgências de

¹⁸ A teoria é criada após reanalisar os dados de White, em estudo que evolui a hipótese dos efeitos e influência dos media na opinião pública ao agendar quais são as temáticas de preocupação, a importância que possuem e como devem pensar sobre estas. (Gurevitch & Blumler, 1982 *cit. in* Traquina, 1993, p. 204)

¹⁹ No Brasil, país de referência dos autores, o termo pauta diz respeito ao conjunto de informações que são fornecidas ao profissional de comunicação para elaborar a notícia.

obstetrícia/ginecologia e do caso da bactéria presente no Hospital de Gaia em 2015. E é evidente que:

Os hospitais, enquanto organização, não estão imunes à ocorrência de acontecimentos negativos e consequentemente a situações de crise. Estes acontecimentos despertam, regra geral, o interesse dos jornalistas, pela importância que as instituições hospitalares têm na sociedade (Garcia, 2011, p. 31).

Os mass media prosseguem com o assunto, até que se tenha um desfecho e o mesmo seja dado como “encerrado” ou “combatido”, como é o caso do objeto do presente estudo. Enquanto a bactéria não foi controlada, de tal modo que as pessoas parassem de serem contaminadas, e que não houvesse mais nenhum óbito decorrente da mesma, a notícia continuou fazendo parte de uma agenda estabelecida pelos mass media, mas também respondia ao desejo da população que procurava informações sobre a situação – seja por curiosidade, por necessitar do serviço de saúde ou por ter algum familiar hospitalizado.

A relação que a teoria do agendamento proporciona na vida das pessoas é muito nítida, sendo um fenómeno possível de observar no dia a dia, em infra um exemplo de como isso ocorre:

Se você guardar os exemplares do seu jornal preferido durante duas ou três semanas, e em uma tarde passar pelas primeiras páginas, você terá uma noção da agenda que aquele jornal teve ao longo desse tempo. Alguns assuntos estarão nas capas desse jornal por muitas e muitas vezes (Silva Junior, Procópio e Melo, 2008, p. 206).

Ou seja, ao analisar a imprensa diária no período de outubro e novembro de 2015, é possível observar que existia uma agenda que abordava diariamente a temática da infeção hospitalar no Hospital de Gaia. Os mass media promoviam o agendamento do caso que estava em evidência no momento, pelos aspectos até aqui expostos: seus critérios de noticiabilidade (proximidade, inesperado, relevância, morte, conflito), valor-notícia e relevância da área da saúde. Ainda, neste contexto, também “existe uma relação entre as agendas de atribuição e a questão do enquadramento (framing)” (Silva Junior, Procópio e Melo, 2008, p. 210).

Como uma crise na saúde envolve muitas questões – políticas, sociais e económicas – é natural e automático o interesse do jornalismo e a mediatização do assunto. Porém, essa agenda pode ser influenciada por outros factores, como o próprio governo e a

instituição de saúde, que podem suscitar a atenção da comunicação social e ser a fonte dos mass media.

É importante compreender que o agendamento depende de inúmeros factores, não apenas dos interesses da comunicação social e da sociedade, mas também dos poderes públicos e envolvidos no facto, no caso das instituições hospitalares, que, como já citado neste capítulo, são as fontes oficiais para construção da notícia. Há uma divulgação de factos da área da saúde pelos jornalistas que, na sua maioria, preferem contactar “fontes organizadas de informação, ou seja, fontes capazes de canalizar uma informação previamente estruturada” (Lopes et al., 2011, p. 115).

Um ponto importante no agendamento, é que “as organizações noticiosas também determinam as notícias, na medida em que as normas da organização sobrepõem-se aos valores pessoais do jornalista” (Garcia, 2011, p. 13). Ou seja, os proprietários das empresas de comunicação possuem um poder na hora de definir o que será noticiado e entrará na agenda para ser mediatizado. Todavia, é imprescindível verificar até onde estas questões podem infringir as questões éticas, sendo capaz de conferir uma perspectiva sensacionalista aos factos. Uma das questões que diz respeito à saúde, é que “o objectivo da informação equilibrada parece encontrar alguns obstáculos” (Lopes, Ruão e Marinho, 2010, p. 143).

Um dos obstáculos está no acesso às fontes de saúde, que é necessário para a produção de qualquer notícia relacionada ao tema. Os jornalistas sentem-se numa situação difícil, pois “encontrar fontes que estejam dispostas a falar para os mass media e a contarem as suas “estórias” parece constituir uma tarefa árdua” (Lopes, Ruão e Marinho, 2010, p. 143). Deste modo, em muitos casos, a agenda é encaminhada a partir de atualização de dados, sem uma fonte especializada que forneça mais informações sobre a situação. E desta forma, uma das estratégias dos mass media é promover uma “memória ativa” nas pessoas sobre determinado assunto.

Portanto, entende-se que a teoria do agendamento articula novas informações com informações que já estão na memória do público. Wolf (1995, p. 149) explica que “(...) para a interpretação e a compreensão de um texto, há elementos que não são explicitamente mencionados e que são igualmente essenciais”. Ou seja, quando as infeções hospitalares são mediatizadas, elas já possuem uma carga informacional que está presente na memória

das pessoas, como por exemplo, a morte. Há uma memória sobre os factos já divulgados quando se atualiza as notícias sobre o número de pessoas contaminadas por uma bactéria hospitalar, ou o número de óbitos ocorridos.

Esta é a função do agendamento, acionar a memória e permitir que as pessoas reflitam sobre o assunto. E essa é uma das hipóteses da teoria do agendamento, a de que “os meios de comunicação selecionam os temas que o público falará e discutirá” (Garcia, 2011, p. 21).

Sendo assim, o próximo capítulo abordará o estudo de caso desta pesquisa, que trata sobre a mediatização e cobertura da infeção hospitalar no Hospital de Gaia na imprensa diária no ano de 2015.

Comunicação em saúde:

O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

CAPÍTULO III - Estudo de caso: a mediatização e cobertura da infeção hospitalar no hospital de Gaia na imprensa diária (2015)

A proposta desta tese de doutoramento visa realizar um estudo de caso de como ocorreu a mediatização e cobertura da infeção hospitalar no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE pela imprensa diária em 2015. Desta forma, o presente capítulo traz uma abordagem teórica da metodologia e dos métodos adotados para o desenvolvimento da pesquisa. Após é realizada uma descrição histórica dos objetos de análise, que são os jornais: Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Público e Jornal i. Por fim, o presente capítulo traz a análise das peças coletadas nos jornais, a partir da teoria apresentada no decorrer do trabalho, assim como, da metodologia e métodos adotados.

3.1. Metodologia

Köche (2007, p. 22), ao abordar as metodologias e métodos comumente utilizados, defende que é possível classificar as pesquisas científicas em algumas dimensões: quanto à natureza, quanto aos objetivos e quanto aos procedimentos utilizados. Segundo essa linha mais tradicional de classificação, Demo (2000) afirma que a pesquisa pode ser:

a) teórica: discussão epistemológica, dedica-se a estudar em profundidade as teorias ou, por via indutiva/dedutiva, elaborar hipóteses e novas teorias;

b) metodológica: concentrada na forma de produzir ciência;

c) empírica: empenhada em codificar aspectos da realidade que possam ser observados sistematicamente;

d) prática ou pesquisa-acção: concentrada em intervir na realidade.

Apesar da construção de categorias, Demo (2000) ressalta que na prática do fazer científico nenhum tipo de pesquisa é totalmente autossuficiente, usualmente, utiliza-se uma combinação dos tipos, acentuando este ou aquele, pois

[...] todas as pesquisas são ideológicas, pelo menos no sentido de que implicam posicionamento implícito por trás de conceitos e números; a pesquisa prática faz isso explicitamente. Todas as pesquisas carecem de fundamento teórico e metodológico e só têm a ganhar se puderem, além da estringência categorial, apontar possibilidades de intervenção ou localização concreta. (Demo, 2000, p. 22).

Retomando as classificações de Köche (2007), no âmbito de sua natureza, uma pesquisa pode ser básica, quando tem como objetivo produzir novos conhecimentos, contribuindo com o avanço da ciência, sem aplicações práticas previstas. Ou pode ser aplicada, quanto prevê a geração de conhecimentos a serem aplicados como solução possível de problemas específicos.

Seguindo as categorias propostas por Köche (2007) e Demo (2000), do ponto de vista dos objetivos, as pesquisas são divididas em:

a) exploratória: tem como finalidade fornecer mais informações sobre determinado tema, contribuindo para a definição e delineamento do estudo. Conforme Köche (2007), as pesquisas exploratórias orientam a formulação dos objetivos, das hipóteses e ainda podem permitir a descoberta de novo tipo de observação do tema. O autor ainda esclarece que, usualmente, as pesquisas bibliográficas e estudos de caso são considerados estudos exploratórios;

b) descritiva: o pesquisador regista e descreve os factos observados, procurando não interferir neles. Assim, descreve-se as características dos fenómenos observados e estabelece-se relações entre as variáveis. Estudos com objetivos descritivos normalmente operacionalizam técnicas padronizadas para a colheita de dados, como questionários e a observação sistemática;

c) explicativa: com o objetivo de “explicar os porquês e suas causas” através de registo, análise, classificação e interpretação dos fenómenos e objetos estudados. Ou seja, “aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o porquê das coisas” (Gil, 2019, p. 28).

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, Prodanov e Freitas (2013), segundo a argumentação de Köche (2007) e Demo (2000), esclarecem que se trata da

[...] maneira pela qual obtemos os dados necessários para a elaboração da pesquisa, torna-se necessário traçar um modelo conceitual e operativo dessa, denominado de design, que pode ser traduzido como delineamento, uma vez que expressa as ideias de modelo, sinopse e plano. O delineamento refere-se ao planeamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo diagramação, previsão de análise e interpretação de coleta de dados, considerando o ambiente em que são coletados e as formas de controle das variáveis envolvidas. O elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados. Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de papel (pesquisa bibliográfica e pesquisa documental) e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas (pesquisa experimental, pesquisa ex-postfacto, o levantamento, o estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante). (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

Do ponto de vista da abordagem do problema, as pesquisas podem adotar um ponto de vista quantitativo ou qualitativo. No caso quantitativo, consideram-se os dados que podem ser quantificáveis e traduzem-se em números, opiniões e informações para então classificá-las e analisá-las; necessita de recursos e técnicas estatísticas. Na abordagem qualitativa procura-se estabelecer uma relação entre a realidade objetiva e os sujeitos envolvidos, ou seja, trata-se de reconhecer o vínculo inseparável entre o “mundo objetivo” e as subjetividades humanas que não podem ser traduzidos em métricas quantificáveis. Nesse momento, o pesquisador interpreta os fenómenos e atribui-lhes significados, sem a necessidade de métodos e técnicas estatísticas, fá-lo, por tendência, através de análises indutivas (Demo, 2000; Köche, 2007).

A partir das categorias gerais apresentadas, a presente pesquisa é empírica, pois empenha-se em codificar aspectos da realidade a serem sistematizados. Quanto aos objetivos, trata-se de um estudo descritivo e exploratório, procura objetivamente descrever o fenómeno observado, bem como explicá-lo de forma interpretativa, com o objetivo de aprofundar o conhecimento da realidade analisada. Quanto aos procedimentos técnicos adotados, tem-se: Análise de Conteúdo e Estudo de Caso. Sobre a abordagem do problema, utiliza-se a análise qualitativa e a análise quantitativa. Ressalta-se que essas classificações não são estanques, existe um debate para discutir a forma de abordagem. Após descrever sinteticamente as categorias gerais referentes à metodologia e ao método nas quais o presente estudo se inscreve, na sequência deste capítulo cada técnica adotada será explicitada.

i. Análise de conteúdo versus análise do discurso

Antes de discutir a análise de conteúdo, é necessário explicar que existe um debate não consensual sobre a definição e diferenciação entre a análise de conteúdo e a análise de discurso. Alguns autores consideram que a análise de discurso faz parte da análise de conteúdo, outros que se trata de técnicas diferentes. Para esclarecer essa conceptualização e justificar a opção metodológica pela análise de conteúdo na presente tese, analisa-se a resenha histórica defendida por Lakatos e Marconi (2003) que justifica a origem de tais técnicas nos estudos linguísticos, sobretudo nas abordagens sociolinguísticas (nas quais a sociedade cria a linguagem, evidenciando as estruturas sociais) e etnolinguísticas (nas quais a linguagem gera as estruturas sociais e culturais - é a organizadora do mundo).

Conforme defendem Lakatos e Marconi (2003), a análise de conteúdo e a análise de discurso são mecanismos teórico-metodológicos utilizados na pesquisa comunicacional, sendo capazes de auxiliar na colheita de dados, possibilitando a sistematização, categorização e posterior análise dos mesmos. As autoras esclarecem que existe uma grande discussão entre as definições das técnicas de pesquisa; existem ambiguidades nas suas definições e na sua utilização no âmbito das ciências sociais.

O interesse em compreender a relação entre a linguagem e o pensamento remonta, como constata Orlandi (1989), desde os antigos hindus, os pensadores da Grécia Antiga e os estudiosos da Igreja Católica na Idade Média. Contudo, o estudo das linguagens enquanto ciência só foi concretizado no século XX com a linguística, que se desenvolveu de forma ativa na América do Norte. Bardin (2011) realiza o estudo da linguagem pela hermenêutica, que na sua origem concentrava-se em compreender as mensagens “ocultas”, de duplo sentido, as figuras de linguagem nos textos sagrados. A retórica também contribuiu nesse processo ao estudar as formas de expressão da comunicação persuasiva e a lógica argumentativa.

De acordo com Orlandi (1989), ao longo do século XX a linguística constituiu-se como uma ciência, refinando os métodos e delimitando o seu objeto de estudo. Apesar de recente, a formatação da linguística na área do conhecimento ocorreu em dois momentos históricos anteriores. O primeiro, no século XVII, onde os estudos da linguagem estavam concentrados no racionalismo com o objetivo de identificar os princípios universais lógicos que, supostamente, estariam presentes em todas as línguas. O segundo momento ocorre no

século XIX, quando a linguagem passou a ser compreendida através das línguas que se modificam ao longo dos anos, não sendo regidas por princípios estanques. Desse debate decorre a metalinguagem, caracterizada pelo uso de símbolos para descrever a própria língua, em outras palavras, trata-se de usar a linguagem para tratar dela própria (Orlandi, 1989).

Já no século XX os textos de Saussure, pela análise de anagramas²⁰, procuram demonstrar que em toda a mensagem há um texto latente “abaixo”, sob um texto poético, este último é o que comunica num primeiro nível, o que “seduz” o leitor. Nesse âmbito, Saussure conclui que a língua é, de forma ambivalente, um sistema abstrato e um facto social. Cada elemento que compõe a língua adquire significado, de acordo com o relacionamento com o todo no qual está inserido, trata-se, portanto, de uma organização interna das línguas, na qual Saussure denomina de sistema. Os autores posteriores passaram a chamar essa organização interna - estrutura, colocando os estudos da linguagem na família do estruturalismo. Lèvi-Strauss aproxima essa abordagem da etnografia ao analisar os mitos a partir do confronto em versões diferentes para um mesmo mito. Essa ampliação feita por Lèvi-Strauss serviu de fonte inspiradora para as reflexões de diversos teóricos, como Lacan, Foucault, Althusser e Derrida. Posteriormente, Chomsky promove uma grande mudança nos estudos da linguagem ao conceituar a gramática gerativa e transformacional, que compreende a língua a partir da ideia de que esta possui, um número limitado de regras capazes de gerarem infinitas sequências (frases). Chomsky inova ao salientar o aspecto descritivo e de cunho dedutivo, fazendo com que a teoria da linguagem não seja apenas descritiva, mas também explicativa, bem como procurou referências na lógica, na matemática e nos fundamentos biológicos da linguagem inerentes à espécie humana (Orlandi, 1989).

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), a ideia de análise de conteúdo e análise de discurso surge durante o estudo da linguagem e provém dessa construção teórica/reflexiva realizada ao longo do tempo em diferentes perspectivas teóricas, como as supracitadas. Reitera-se que a conceptualização e o uso da análise do discurso são problemáticos e não existe consenso entre os autores. Na visão de Lakatos e Marconi (2003), apesar de poucas reflexões teóricas e estudos práticos, a análise do discurso é uma proposta metodológica viável para as ciências humanas e sociais diferente da análise de

²⁰ Palavras formadas pela transposição de letras de outras palavras ou frases (Orlandi, 1989).

conteúdo. Nesse sentido, as autoras consideram que a análise do discurso ocupa um espaço entre a linguística "dura" e a análise de conteúdo, é singular porque as suas bases teóricas são historicamente definidas. Nessa linha de argumentação, a análise do discurso propõe reflexões aprofundadas sobre as condições de produção dos textos, num contexto ideológico e histórico, procurando compreender mecanismos de domínio incluídos na linguagem com a finalidade de elaborar uma reflexão crítica que, segundo Orlandi (2001) apud Lakatos e Marconi (2003), não seria nem descritiva e nem explicativa. Bardin (2011), por outro lado, entende que a análise do discurso está no campo da análise de conteúdo, pois trata-se de uma técnica que pretende analisar os processos de produção (estrutura profunda) partindo da superfície discursiva (processos semântico-sintáticos).

Contribuindo para essa discussão, Sousa (2006) também entende a análise do discurso como um método separado da análise de conteúdo. Para o autor a diferenciação está nos procedimentos metodológicos, pois

[...] quando a análise do discurso é quantitativa, pode ser denominada análise de conteúdo. Quando é qualitativa, usualmente denomina-se análise do discurso. De qualquer modo, seja qualitativa ou quantitativa, uma análise do discurso é sempre, em essência, uma análise do discurso. Aliás, para se chegar à substância de um discurso, o mais útil é complementar a análise quantitativa com a análise qualitativa. (Sousa, 2006, p. 660).

Em resumo, Lakatos e Marconi (2003) defendem que a análise de conteúdo tende a considerar os materiais analisados como ilustrações de uma situação, limitados ao seu contexto. A análise do discurso, em tese, procura pelos processos produtivos anteriores do que por uma interpretação do material em si. Em argumentação semelhante, Orlandi (1989) afirma que as duas abordagens dividem-se em campos teóricos distintos que escolhem direções inversas, enquanto a análise do discurso parte da enunciação para o discurso, a análise de conteúdo parte do discurso para a enunciação, ou seja, a análise do discurso visa compreender como determinado material se articula e funciona no contexto social e histórico no qual está inserido. E a análise de conteúdo procura compreender o que determinado material “quer dizer”. Contudo, Orlandi (1989) salienta que, apesar das diferenças, as duas técnicas têm pontos em comum e podem, inclusive, serem combinadas.

Após essa breve contextualização da análise do discurso, reflete-se sobre a análise de conteúdo, conforme adoptada na presente pesquisa.

ii. Análise de conteúdo: pressupostos e fundamentos

Em relação à análise de conteúdo, Lakatos e Marconi (2003) afirmam que é um método comum nas ciências humanas e sociais, sobretudo na área da comunicação. De forma geral, trata-se de uma técnica normalmente utilizada para trabalhar com dados quantitativos, mas não se restringe só a isso, sendo igualmente uma opção para análises qualitativas. Lakatos e Marconi (2003) enumeram alguns pesquisadores como Silverman (1993) e Neuman (1994) que consideram a análise de conteúdo própria para pesquisas quantitativas, já estudiosos como Berg (1998), Insch (1997) e Sarantakos (1993) defendem que tal método reúne elementos de abordagem qualitativa e quantitativa, pois a quantificação dos dados, através de técnicas matemáticas, é normalmente realizada numa fase inicial da análise de conteúdo para fins de sistematização. Posteriormente, o método exige uma fase analítica na qual abordagens qualitativas são relevantes.

Sobretudo nos países lusófonos, a psicóloga e investigadora francesa Laurence Bardin, ao publicar em 1977 o manual “Análise de Conteúdo”, tornou-se numa referência para a análise de conteúdo, ainda que outros autores tenham abordado o tema anteriormente. Para Bardin (2011) a análise de conteúdo constitui-se com base nas diversas técnicas de sistematização e explicitação do conteúdo presente nos materiais analisados. Aqui, é importante esclarecer que, apesar de ser um método inicialmente utilizado para textos escritos, ele pode ser facilmente adaptado para a análise de outros tipos de produtos mediáticos. A finalidade da análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), estaria na formulação de deduções lógicas justificadas nos materiais sobre a origem das mensagens analisadas, ou seja, identificar quem emitiu, qual o contexto, quais os efeitos. Percebe-se que o entendimento de Bardin (2011), por considerar que a análise do discurso é parte da análise de conteúdo, engloba elementos que visam compreender, também, o processo produtivo das mensagens. Sinteticamente, a análise de conteúdo seria:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (Bardin, 2011, p. 42).

Nesse sentido, a análise de conteúdo procura o rigor da objetividade científica sem desconsiderar a subjetividade dos sujeitos, permitindo, assim, a formulação de indicadores quali e quantitativos, que por sua vez devem conduzir a uma compreensão

mais profunda do objeto analisado, fundada na dedução e na inferência, capaz de decifrar os significados latentes e subentendidos das mensagens. Nesse ponto, Lakatos e Marconi (2003) convergem com Bardin (2011), sugerindo que a potência da análise de conteúdo está, justamente, na capacidade de gerar dados quali e quantitativos, direcionando, por meio da separação entre inferências e hipóteses, interpretações de cunho mais abrangentes e completas sobre o fenómeno observado. Ainda que atualmente, especialmente após Bardin, a análise de conteúdo seja utilizada para a construção de dados qualitativos e quantitativos, na sua origem esteve mais ligada às pesquisas quantitativas, pois era decalcada na suposta objetividade das métricas estatísticas.

No que concerne à contextualização, Lakatos e Marconi (2003) explicitam a análise de conteúdo como um instrumento voltado para as comunicações — aqui as autoras não se referem exclusivamente ao campo de estudos da comunicação, mas sim a “comunicações” num sentido mais amplo, mensagens, produções textuais, etc. Tal técnica, voltada para análise de conteúdos jornalísticos, surge nos Estados Unidos da América, sobretudo na Universidade de Colombia, durante a Primeira Guerra Mundial e desenvolve-se ao longo da década de 40. O funcionalista Harold Lasswell criou a técnica com a finalidade de compreender o uso das propagandas políticas nas duas grandes guerras. Os trabalhos de Lasswell foram pioneiros em estudos que quantificavam dados dos materiais jornalísticos e de propaganda, centrados na objetividade e rigor matemático. A máquina de propaganda nazi ampliou o interesse por essa técnica, pois permitia tentar compreender a lógica utilizada nessas propagandas de forma separada de análises sobre os valores morais e normativos que envolviam o nazismo.

As pesquisas desenvolvidas por Lasswell também se aproximaram do behaviorismo, que na área da psicologia se distanciava da psicologia comportamental rejeitando a introspecção intuitiva, focando na elaboração de dados enquanto amostras bem definidas, sistematizadas e categorizadas, enfatizando os critérios de objetividade. Nesse sentido, pode-se afirmar que na sua origem a análise de conteúdo estava fundamentalmente, na corrente positivista que na época recusava a possibilidade de explorar dados qualitativos com a justificação de que estes não seriam objetivos, logo, não seriam científicos (Lakatos, Marconi, 2003).

Ao retomar a história da análise de conteúdo, Bardin (2011) afirma que com o fim da Segunda Guerra Mundial, rapidamente, a análise de conteúdo deixou de ser um método

popular, caindo num certo descrédito. Na década de 50, ocorre uma reutilização do método, sobretudo na área da psicologia linguística. Essa reutilização procurou diversificar o método, abrangendo outras possibilidades de sistematização dos materiais e respondendo às dúvidas das outras áreas, para além do jornalismo, como a antropologia, a história, a psicanálise, a sociologia e a ciência política. Por outro lado, a crescente discussão sobre a pesquisa qualitativa e quantitativa nas ciências sociais, adotou técnicas qualitativas na análise de conteúdo. Em resumo, a análise quantitativa foca a frequência com que determinado elemento ocorre nas comunicações e as qualitativas procuram compreender a ausência de determinado elemento, articulando com a combinação das duas inferências e interpretação mais complexa e profunda dos fenómenos (Bardin, 2011).

Bardin (2011) defende que o debate entre a análise qualitativa e quantitativa foi produtiva na redução da rigidez e objetividade que era exigida nas ciências sociais, permitindo avançar no sentido de contemplar, também, critérios subjetivos. Lakatos e Marconi (2003) indicam que o aparecimento da semiótica e da informática também contribuíram para o avanço na análise de conteúdo. A semiótica contribuiu com dinamização do entendimento das significações e a informática potencializou o rigor técnico nos métodos de colheita de dados. Por fim, do ponto de vista do desenvolvimento da análise de conteúdo, entende-se que esta evoluiu com períodos de aceitação e de negação no meio académico, com o objetivo de ultrapassar o senso comum e o subjetivismo na interpretação dos fenómenos.

Quanto a sua operacionalização na prática, Bardin (2011) defende que deve incorporar de forma conjunta dois aspectos, são eles:

- Função Heurística para complementar a pesquisa bibliográfica exploratória, facilitando a formulação de hipóteses que podem direcionar a descobertas novas;
- Função de administração da prova, permitindo que as hipóteses e inferências sejam testadas.

Outro ponto destacado por Bardin (2011) é que a análise de conteúdo é essencialmente empírica, não podendo ser concebida com base numa formulação a priori fechada. Para facilitar a sua utilização prática, a autora sugere uma série de regras de base. Nesse sentido, deve-se partir da leitura ou observação inicial para depois aprofundar. Deste

modo, a análise de conteúdo pretende relacionar as estruturas semânticas (significantes) com as estruturas sociológicas (significados) dos materiais, articulando os aspectos superficiais dos textos (novamente, não se trata apenas de textos escritos) com os factores que caracterizam essa superfície, ou seja, elementos sociais, psicológicos, culturais e contextuais envolvidos na produção do texto.

Assim, a análise de conteúdo não procura uma leitura “comum” dos materiais que partiria dos significantes para chegar aos significados. Na verdade, o processo é inverso, procuram-se significados de natureza diversa (psicológicos, sociológicos, políticos, etc). Bardin (2011) define que a explicitação, sistematização e expressão dos conteúdos passa por três etapas, conjugada em três pólos cronológicos que compreendem:

1. Pré-análise: compreende a fase inicial, na qual se deve organizar e sistematizar as ideias, define-se quais os materiais analisados, articulando isso com as hipóteses e objetivos iniciais da pesquisa. Assim, inicia-se a elaboração de indicadores capazes de auxiliar na interpretação mais ampla do fenómeno. Bardin (2011) subdivide a pré-análise em quatro etapas: a leitura flutuante (leitura repetida do material até estar familiarizado com o mesmo), a constituição do *corpus* (organização e sistematização do material, tendo em vista critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e relevância), a formulação de hipóteses e objetivos a partir de procedimentos exploratórios (trata-se de ter pressupostos suficientemente reflexíveis para que sejam adequados ao longo do decorrer da pesquisa), a referenciação dos índices e elaboração dos indicadores (com o objetivo de usar na análise), e preparação do material (trabalho final de sistematização e posterior análise).
2. Exploração do material: nessa etapa os “dados crus” são codificados para que seja possível aprofundar a compreensão do texto. Aqui, articula-se táticas de recorte, contagem, classificação e enunciação;
3. Tratamento dos resultados e interpretação: nessa fase final os dados podem ser quantificados utilizando técnicas estatísticas. O pesquisador propõe inferências e indica interpretações do fenómeno, sempre de forma articulada com o referencial teórico escolhido e os objetivos da pesquisa.

Em alguns casos, também é possível, nesta fase, acionar dimensões teóricas novas, decorrentes da leitura exploratória (inicial) dos materiais.

A autora Bardin (2011), apesar de orientar para que a análise de conteúdo seja operacionalizada nas etapas supracitadas, Bardin (2011) defende que essa operacionalização depende do problema de pesquisa, dos objetivos, do conjunto teórico escolhido e do tipo de material que será analisado. É um método que permite o pesquisador ter uma certa flexibilidade para articular as hipóteses, as técnicas e a interpretação.

Quanto à técnica utilizada na análise de conteúdo, Bardin (2011) sintetiza 5 eixos, explicitados no quadro em infra.

Quadro 2 – Técnicas para a análise de conteúdo

Eixo 1 - Análise temática ou de categoria:	A análise temática é uma das técnicas mais usuais na análise de conteúdo. Compreende em recortar, fragmentar o texto em categorias, conforme agrupamentos por analogias. Com essa tática procura-se identificar os núcleos de sentido, apontando a frequência com que cada núcleo se apresenta através de dados quantificáveis e comparáveis.
Eixo 2 - Análise de avaliação ou representacional :	O objetivo é identificar o locutor, o autor do texto analisado é analisado pelo que transmite. Não se trata de julgamento moral do autor, mas sim de fazer inferências da fonte emissora através do que está expresso na própria mensagem.
Eixo 3 - Análise da expressão:	Trata-se de técnicas combinadas que versam sobre a estrutura da narrativa presente na mensagem. Parte da ideia de que existe uma certa correspondência entre o tipo do discurso, as características de seu autor e o meio no qual circula a mensagem. Nesse sentido, essa técnica procura conhecer o autor da mensagem, as suas características sociais e culturais. Bardin (2011) assinala que a análise da expressão é útil para pesquisas de autenticidade de documentos históricos, na psicologia/psiquiatria e psicanálise clínica e em discursos políticos ou outros premeados fortemente pela retórica.
Eixo 4 - Análise das relações:	Deseja destacar do texto as relações entre os elementos da mensagem. Bardin (2011) subdivide essa categoria em dois tipos, são eles: a) análise de co-ocorrências, com o objetivo de identificar a presença simultânea de dois ou mais elementos. Para esse tipo, opta-se pela definição de unidades de registo (e posterior categorização), de unidades contexto, fragmentação do texto, codificação, comparação e interpretação. b) o segundo tipo é a análise estrutural, que almeja encontrar a repetição de uma mesma estrutura em objetos distintos. Nesse caso, adota-se a destruturação do texto, para explicá-lo e na sequência reconstruí-lo a partir de inferências.
Eixo 5 - Análise da enunciação:	Diferencia-se das técnicas supracitadas, pois entende a comunicação como um processo, evitando interpretações a partir das estruturas e aspectos formais dos textos. Trata das condições de produção em conjunto com as modalidades do discurso, valorizando aspectos como: a análise sintática, lógica, os elementos formais atípicos ou não explicitados (silêncios, omissões, etc). Bardin (2011) acrescenta que a análise da enunciação necessita de um roteiro planejado que deve iniciar pela definição do <i>corpus</i> , colheita e preparação sistematizada do material e finalizar com a análise propriamente dita, valorizando na dinâmica do discurso as lógicas inerentes à sua estrutura.

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Bardin (2011).

Ainda sobre a funcionalidade, Sousa (2006) referenciando Gillham (2000) acrescenta que a análise de conteúdo permite identificar e destacar nas produções relações sociais maiores, como aspectos de género, representação da violência, representação de minorias políticas e étnicas, etc. Exemplificando: “[...] num jornal pode-se contabilizar o número de notícias em que os protagonistas são homens e o número de notícias em que os protagonistas são mulheres para se avaliar se existe uma sobre-representação de um dos sexos no noticiário” (Sousa, 2006, p. 663).

Após refletir sobre as definições da análise de conteúdo, bem como o debate que existe entre os conceitos de análise de conteúdo e análise do discurso, parte-se para a abordagem do estudo de caso, outro método utilizado na presente pesquisa.

iii. Estudo de caso: pressupostos e fundamentos

Em linhas gerais o estudo de caso envolve a pesquisa aprofundada a exaustiva de um (ou poucos) objeto específico, permitindo detalhar de forma aprofundada (Yin, 2001). Gil (2019) complementa justificando que os estudos de caso preocupam-se em compreender uma realidade circunstancial que pode, ou não, fomentar inferências válidas para outros objetos. Trata-se de recolher e analisar informação sobre um grupo de indivíduos, uma comunidade específica, um objeto mediático no singular, etc. Yin (2001) acrescenta que é um tipo de pesquisa que permite abordagens qualitativas e quantitativas, sendo mais flexível no seu alinhamento. Conforme Yin (2001), referenciando Schramm, a essência do estudo de caso está em esclarecer aspectos singulares dos casos analisados, explicando motivos e resultados. Gil (2019, p. 37) explica que se trata de “[...] é uma estratégia de pesquisa que busca examinar um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto. Igualmente, estudos de caso diferem do método histórico, por se referirem ao presente e não ao passado”.

Tendo em vista que é um método que lida com casos no singular, usualmente de forma isolada, exige do pesquisador uma fundamentação teórica sólida e boa capacidade de observação, além de cuidado ao generalizar resultados. Yin (2001) considera que o estudo de caso é especialmente relevante ao trabalhar com condições contextuais, pertinentes ao fenómeno analisado. Assim, “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e contexto não estão claramente

definidos” o que permite “[...] um conjunto de outras características técnicas, como a colheita de dados e as estratégias de análise de dados” (Yin, 2001, p. 32). Para Gil (2019, p. 41) o estudo de caso, enquanto estratégia de pesquisa, “[...] independentemente de qualquer tipologia, orientará a procura de explicações e interpretações convincentes para situações que envolvam fenómenos sociais complexos”, bem como a formulação “[...] de uma teoria explicativa do caso que possibilite condições para se fazerem inferências analíticas sobre proposições constatadas no estudo e outros conhecimentos encontrados” (Gil, 2019, p. 42). Desse modo, o estudo de caso:

[...] enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. (Yin, 2001, p. 32-33).

Conforme as definições supracitadas, o estudo de caso não é definido, nem limitado, por técnicas de colheita de dados específicas ou por uma característica única de planeamento, trata-se de uma tática mais abrangente, ou seja, não possui um “desenho codificado” como outras técnicas comuns da pesquisa na área de ciências sociais.

Yin (2001, p. 20) indica que o estudo de caso deve iniciar no projeto definindo de forma clara “[...] “a sequência lógica que liga os dados empíricos a questões de investigação iniciais de um estudo e, em última análise, às suas conclusões”. Nesse âmbito, o autor afirma que existem quatro caminhos possíveis: caso único holístico, caso único integrado, casos múltiplos holísticos e casos múltiplos integrados. Os holísticos constituem-se numa única unidade de análise, já os tipos integrados necessitam de múltiplas unidades de análise.

Na visão de Yin (2001) uma pesquisa que adote o estudo de caso deve ser integrada por cinco elementos, são eles: perguntas do estudo, hipóteses (proposições), unidades de análise, a lógica que articula os dados com as proposições e, por fim, os critérios de interpretação dos resultados encontrados. Tendo em vista que se trata de uma metodologia mais flexível e sobretudo por analisar contextos singulares, é preciso ter clareza desses elementos, garantindo que estejam coesos e coerentes entre si. Em sua obra, Yin (2001) dá especial atenção para o quarto e quinto elemento, pois estes se relacionam com o planeamento e a operacionalização da análise.

Ainda que o método em si seja flexível, é fundamental ressaltar que a proposta de Yin é considerada positivista e preconiza um projeto bem estruturado que não pode sofrer grande alteração ao longo do processo, caso sejam necessários ajustes frequentes e amplos Yin (2001) defende que se deve recomeçar a pesquisa. Além disso, o autor enfatiza a necessidade da elaboração, a priori, de uma revisão de literatura abrangente e pertinente ao caso estudado antes de iniciar qualquer tipo de colheita de dados. Esse ponto é o que diferencia o estudo de caso de outros métodos, como a teoria fundamentada (grounded theory), a etnografia e abordagens sistêmicas, todas as técnicas utilizadas para o estudo de fenômenos singulares. Quanto à operacionalização, Yin (2001) sugere certa mediação da pesquisa partindo de quatro critérios: validade do constructo (geral), validade interna, validade externa e confiabilidade. A validade do constructo está relacionada com a tríade de evidências provenientes de diversas fontes, conduzindo a uma cadeia de evidências que deverá ser revista no fim do estudo, antes da redação final. A validade interna exige o uso de técnicas analíticas adequadas, capazes de estabelecer padrões e de combiná-los entre si. A validade externa remete que a generalização analítica que pode ser feita a posteriori, saindo do caso específico e aplicando os resultados (ou parte deles) em outros casos contextualmente similares. Por último, a confiabilidade diz respeito ao uso de protocolos e bancos de dados referendados.

Existem também variações no estudo de caso, sendo possível o estudo de caso único ou de casos múltiplos, para cada tipo Yin (2001) prevê o uso de táticas diferentes. Sobre os casos múltiplos, Yin (2001) defende a tendência de serem considerados mais confiáveis, pois uma visão mais global tendencialmente garante mais robustez à pesquisa. Na construção de estudo de casos múltiplos o autor explica que é essencial atentar para o que ele chama de “lógica de replicação”, que se diferencia da lógica da amostragem. A lógica da replicação exige “[...] o cômputo operacional do universo ou do grupo inteiro de respondentes em potencial e, por conseguinte, o procedimento estatístico para se selecionar o subconjunto específico de respondentes que vão participar do levantamento” (Yin, 2001, p. 70). Sobre o estudo de caso único, o pesquisador recomenda a escolha de um caso capaz de testar uma teoria consolidada, seja confirmando-a, contestando-a ou ainda estendendo-a a outras situações de pesquisa.

Yin (2011) sintetiza cinco características essenciais de um estudo de caso, são elas: a) trata-se de um sistema limitado, tendo limites em relação ao tempo, eventos ou

processos, limites esses que nem sempre estão explicitados de forma clara; b) o caso deve ser sobre algo, procura identificar que “algo” é esse para que seja possível orientar a pesquisa de forma orientada; c) é necessário manter o caráter único do caso, ressaltando aquilo que lhe é particular, específico, diferente e complexo; d) a investigação deve ocorrer no “ambiente natural” do caso, sem interferências do pesquisador; e) a investigação deve, sempre, utilizar múltiplas fontes de dados e diversificar o método de colheita dos dados, pode-se incluir: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo, diários, documentos, etc.

Ainda no âmbito da operacionalização, Yin (2001) reitera a complexidade desse tipo de pesquisa, pois nela o pesquisador lida com uma situação singular, muitas vezes pouco comum, na qual podem existir variáveis de interesse das partes envolvidas no estudo, algo que precisa ser previsto para que o pesquisador não replique afirmações que não são objetivas e imparciais, na medida do possível. A convergência de resultados decorrentes de fontes diversas, defende Yin (2001), garante um grau elevado de confiabilidade para o estudo.

Sintetizada da obra de Yin (2001) por Martins (2006), a ideia de tríade pode ser utilizada para ampliar a confiabilidade de um estudo de caso, sobre isso o autor explica:

A literatura apresenta e discute quatro tipos de triangulação: de fonte de dados – triangulação de dados – alternativa mais utilizada pelos investigadores -, triangulação de pesquisadores – avaliadores distintos colocam suas posições sobre os achados do estudo -, triangulação de teorias – leitura dos dados pelas lentes de diferentes teorias -, triangulação metodológica – abordagens metodológicas diferentes para condução de uma mesma pesquisa. (Martins, 2006, p. 80).

Assim sendo, pode-se afirmar que o estudo de caso é um método usual e válido, comumente utilizado nas ciências sociais aplicadas e na área da psiquiatria/psicanálise, pode contribuir com diferentes propósitos, como: analisar situações da vida quotidiana que ainda não tenham sido claramente definidas; descrever o contexto em que determinada pesquisa foi realizada; por fim, pode explicar possíveis variáveis causais num fenómeno inserido numa situação complexa, quando experiências não são possíveis.

Apesar da popularidade e dos inegáveis avanços do estudo de caso enquanto método, vale destacar que este possui uma série de limitações e questões sensíveis. Martins (2006) elucida esse aspecto, discutindo os principais pontos sensíveis do estudo de caso. Em primeiro lugar, a falta de rigor metodológico, que exige um cuidado especial com o

planeamento e a colheita dos dados, pois em muitos casos “[...] o pesquisador de estudo de caso foi negligente e permitiu que se aceitassem evidências equivocadas ou visões tendenciosas para influenciar o significado das descobertas e das conclusões” (YIN, 2001, p. 29-30).

Outro factor redutor é a dificuldade em criar generalizações válidas, pois a pesquisa de um único caso (ou mesmo de casos múltiplos) normalmente resulta numa base frágil para a generalização científica. Contudo, o propósito do estudo de caso não é proporcionar, de forma extremamente precisa, as características gerais de um fenómeno através de técnicas estatísticas. Ao contrário, é expandir ou ainda generalizar hipóteses teóricas. Assim, o maior entrave do estudo de caso é que a explicação científica é frágil devido aos fenómenos identificados serem observados apenas no caso escolhido, o que poderia comprometer as descobertas da pesquisa (Martins, 2006). De qualquer modo, Yin (2001) reforça que o pesquisador, ao realizar um estudo de caso, necessita criar um cenário (teoria / mais fontes diversas) capaz de elaborar uma análise apta para explicar e prever o fenómeno investigado.

Por fim, Martins (2006) indica como ponto de fragilidade o tempo dedicado à pesquisa. Existe o risco de estudos de caso precisarem de muito tempo para serem realizados e, por consequência, podem apresentar resultados pouco consistentes. Sobre essa questão, Yin (2001, p. 29) argumenta: “essa queixa pode até ser procedente, dada a maneira como se realizaram estudos de caso no passado [...], mas não representa, necessariamente, a maneira como os estudos de caso serão conduzidos no futuro”, além disso, existem situações nas quais o estudo de caso não necessita de se alongar no tempo, para Yin (2001) essa crítica

[...] confunde incorretamente a estratégia de estudo de caso com um método específico de colheita de dados, como etnografia ou observação participante. A etnografia, em geral, exige longos períodos de tempo no “campo” e enfatiza evidências observacionais detalhadas. (Yin, 2001, p 30).

Yazan (2016), numa de suas obras sobre métodos e metodologias, dedica-se a compreender em profundidade o estudo de caso, referindo que outros autores, para além de Yin, trataram da questão apresentando abordagens substancialmente diferentes. Yazan (2016) compara com Yin (2001) as definições de Robert Stake e Sharan Merriam. Com o intuito de ilustrar tais diferenças, resume-se no quadro em infra a justaposição das abordagens, conforme elaborado por Yazan (2016).

Quadro 3 – Justaposição das três principais abordagens de estudo de caso

Dimensão de interesse	Case Study Research: Design and Methods (Robert Yin)	The Art of Case Study Research (Robert Stake)	Qualitative Research and Case Study Applications in Education (Sharan Merriam)
Corrente epistemológica	Positivismo	Construtivismo e existencialismo (não determinismo)	Construtivismo
Definição de caso e estudo de caso	<p>Caso: é “um fenómeno contemporâneo no contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são claros e o investigador tem pouco controlo sobre o fenómeno e o contexto” (p. 13).</p> <p>Estudo de caso é uma investigação empírica de um caso ou casos, em conformidade com a definição acima mencionada, abordando o “como” ou “porquê” em questões relativas ao fenómeno de interesse.</p>	<p>Caso: é “uma coisa específica, complexa, funcionando”, mais especificamente, “um sistema integrado” que “tem um limite e peças em trabalho”, além de uma teleologia (em ciências sociais e serviços humanos) (p. 2).</p> <p>Estudo de caso qualitativo é um “estudo da particularidade e complexidade de um único caso, permite compreender a sua atividade dentro de circunstâncias importantes” (p. 11).</p> <p>Características: Holístico (considera a inter-relação entre o fenómeno e seus contextos); Empírico (baseia o estudo nas observações de campo); Interpretativo (sustenta-se sobre a intuição, sendo a pesquisa percebida, basicamente, como uma interação pesquisador- sujeito); Enfático (reflete experiências indiretas dos sujeitos)</p>	<p>Caso: é “uma coisa, uma entidade única, uma unidade em torno da qual existem limites” (p. 27), podendo ser uma pessoa, um programa, um grupo, uma política específica e assim por diante.</p> <p>Estudo de caso qualitativo é “uma descrição intensa, holística, bem como uma análise de um fenómeno limitado, como um programa, uma instituição, uma pessoa, um processo ou uma unidade social” (p. 13).</p> <p>Características: Particular (focaliza determinada situação, evento, programa ou fenómeno); Descritivo (produz rica e densa descrição do fenómeno em estudo); Heurístico (ilumina a compreensão do leitor do fenómeno estudado).</p>
Colheita de dados	Fontes de evidência quantitativas e qualitativas devem ser combinadas. A colheita de dados é influenciada pelas habilidades do investigador do estudo de caso, o treino para um estudo de caso específico, desenvolvimento de um protocolo para a investigação, triagem dos candidatos para o estudo de	O uso exclusivo de fontes de dados qualitativos. Sendo um estudo de caso qualitativo, do investigador requer “saber o que leva a uma compreensão significativa, reconhecendo boas fontes de dados, e consciente e inconscientemente testar	O uso exclusivo de fontes de dados qualitativos. O investigador do estudo de caso precisa adquirir as habilidades necessárias e seguir certos procedimentos para a realização de entrevistas eficazes, cuidadosas observações e de colheita de dados de documentos. Investigadores do estudo de caso qualitativo utilizam

	<p>caso (tomada de decisão final sobre a seleção do caso) e a realização de um estudo-piloto. Investigadores do estudo de caso fazem uso de seis ferramentas de colheita de dados: documentação, registos em arquivo, entrevistas, observações diretas, observação participante e artefactos físicos.</p>	<p>a veracidade dos seus olhos e a robustez das suas interpretações. Isso exige sensibilidade e ceticismo” (STAKE, 1995, p. 50). Investigadores do estudo de caso qualitativo exploram a observação, a entrevista e a análise de documentos como ferramentas de colheita de dados.</p>	<p>três técnicas de colheita de dados, sendo entrevistas, observação e análise de documentos.</p>
Análise de dados	<p>A análise de dados “consiste no exame, na categorização, na tabulação, no teste ou de outra forma na recombinação de evidências quantitativa e qualitativa para abordar as proposições iniciais de um estudo” (p. 109). Cinco técnicas dominantes para análise de dados: combinação de padrão, montagem da explanação, análise de séries temporais, modelos de lógica do programa e síntese cruzada dos casos.</p>	<p>A análise de dados é “uma questão de dar significado às primeiras impressões, bem como às compilações finais” (p. 71). Simultaneidade de colheita de dados e análise. Dois maneiras estratégicas para analisar dados: Agregação Categorial Interpretação Direta. “Cada pesquisador precisa, através da experiência e reflexão, encontrar as formas de análise que trabalham para ele ou ela” (p. 77).</p>	<p>A análise de dados é “o processo de fazer sentido fora dos dados. E fazer sentido fora dos dados envolve a consolidação, a redução e a interpretação do dito pelas pessoas e o visto e lido pelo pesquisador – é o processo de fazer sentido” (p. 178). Simultaneidade de coleta de dados e análise. Seis estratégias analíticas: análise etnográfica, análise narrativa, análise fenomenológica, método comparativo constante, análise de conteúdo e de indução analítica.</p>
Validação de dados	<p>Os investigadores do estudo de caso precisam garantir a validade do constructo (usar a triangulação de múltiplas fontes de evidência, a cadeia de evidências e a revisão por participantes da pesquisa), a validade interna (recorrer a técnicas analíticas, como a combinação de padrões), a validade externa (através do uso da generalização analítica) e a confiabilidade (valendo-se de protocolos de estudo de caso e de bancos de dados).</p>	<p>Questões de validação de dados estão envolvidas na noção de triangulação. Quatro estratégias de triangulação: triangulação das fontes de evidência, triangulação dos investigadores, triangulação das teorias e triangulação metodológica.</p>	<p>Seis estratégias para melhorar a validade interna: triangulação, revisão por participantes da pesquisa, observação de longo prazo, exame dos pares, pesquisa participante e divulgação de vieses do investigador. Três técnicas para garantir a confiabilidade: explicação do posicionamento do investigador com relação ao estudo, triangulação e uso de uma trilha de auditoria. Três técnicas para aumentar a validade externa: uso de descrição densa, tipicidade ou categorias modais e projetos.</p>

Fonte: Yazan (2016, p. 174-177, construção do autor).

Após abordar o estudo de caso, dando ênfase à perspectiva de Yin (2001) adotada nesta pesquisa, no próximo item discute-se as abordagens quantitativa e qualitativa.

iv. Análise quantitativa e análise qualitativa

Conforme Flick (2002), uma pesquisa pode ser organizada de acordo com a forma de abordar o seu objeto ou ainda pela natureza na intenção da investigação, que pode ser quantitativa ou qualitativa. A primeira adota explicações matemáticas e modelos estatísticos, enquanto a segunda foca na interpretação da realidade social. A discussão epistemológica dessas pesquisas, por vezes, atrasou o desenvolvimento das ciências, pois no passado investigadores e, até mesmo áreas do conhecimento, defendiam ser necessário adotar um dos métodos em detrimento do outro (Flick, 2002). Mais recentemente essa percepção foi mudando, hoje, comumente, considera-se que “[...] existem problemas que podem ser investigados por meio de metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes abordagens e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa” (Richardson, 2011, p.79). Além disso, é comum no estudo científico pesquisas que articulam dados quantitativos com explicações qualitativas, como é o caso da presente tese de doutoramento.

Assim, as realidades pesquisadas e as dinâmicas analíticas são construções do investigador com o intuito de responder às exigências do estudo científico, Richardson (2011) considera pertinente observar o quanto cada método e/ou técnica pode contribuir satisfatoriamente para o desvendar do empírico. Por outras palavras, deve-se observar com atenção e cuidado se a abordagem e os métodos adotados são capazes de auxiliar na análise empírica. Nesse sentido, a escolha da abordagem qualitativa, ou da abordagem quantitativa ou por uma combinação das duas reflete a formação do pesquisador e como o objeto é percebido pelo mesmo, indicando pontos de vista (não necessariamente negativos) ideológicos e históricos do autor da pesquisa (Richardson, 2011).

Assim, sem considerar nenhuma das abordagens menos válida, aborda-se na sequência do texto os fundamentos e pressupostos das abordagens quantitativa e qualitativa.

v. Análise quantitativa: pressupostos e fundamentos

A abordagem quantitativa preconiza a definição de indicadores e tendências (dados objetivos e representativos) presentes na realidade. Concentrar na explicitação numérica dos fenómenos observados, evitando a subjetividade. Nessa perspectiva, o resultado de uma pesquisa deve ser capaz de fornecer informações quantificáveis. Tal abordagem, por tendência, considera que, do ponto de vista científico, interessa mais explicações aplicáveis ao coletivo, valoriza-se o predomínio do número. (Richardson, 2011). Em suma, a abordagem quantitativa valoriza a estatística como ferramenta fundamental para a análise de dados e posterior formulação de inferências, de acordo com a viabilidade da amostra, que deve ser grande o suficiente para gerar dados quantitativos. Desse modo, a generalização é a principal característica desse método (Minayo; Sanches, 1993).

Richardson (2011) salienta que a fragilidade da abordagem quantitativa está, justamente, na sua capacidade de generalização, pois tende a ser negativa quando trata da validade interna, o que a amostra indicar será assumido para o todo, encobrindo singularidades. Por outro lado, é eficaz na validade externa, permitindo generalizações com alto grau de confiabilidade. Ou seja, entende-se que pesquisas quantitativas não são aplicáveis (sobretudo sozinhas) em todas as situações, contudo permitem a colheita e sistematização de grandes quantidades de dados.

Minayo e Sanches (1993) defendem que a qualidade de um estudo quantitativo depende do modelo estatístico utilizado, bem como do nível de planeamento, da variedade, da escolha das variáveis que serão contabilizadas, dos instrumentos de colheita de dados e, também, das teorias utilizadas. Os dados estatísticos devem ser selecionados tendo como base a teoria, obedecendo a uma intencionalidade epistemológica previamente delimitada. É importante ressaltar que nem todas as informações passíveis de serem traduzidas estaticamente servirão ao propósito da pesquisa, o uso de informações irrelevantes na estatística, conduzirá a resultados irrelevantes.

Richardson (2011) critica o modelo quantitativo puro, pois este conduz a uma visão essencialmente positivista da ciência, reduzindo a sua complexidade apenas ao campo possível do observado e expresso em números. Além disso, observa-se a separação dos factos de seus contextos ampliados; ênfase no empírico e sua confirmação;

pressuposição de que dados quantitativos são essencialmente neutros, imparciais e objetivos; concepção de que a ciência, como um todo, é imparcial e não afetada por valores. Não significa que tais características sejam “más”, porém nem sempre o determinismo estatístico serve para a compreensão das questões humanas, pois a ciência não deve apenas testar a validade de hipóteses através de amostras, mas também deve identificar, analisar e compreender (na medida do possível) as múltiplas possibilidades que surgem nos problemas da realidade. A ideia de que algo possa ser realmente imparcial já foi amplamente debatida do ponto de vista epistemológico e filosófico, pode-se afirmar que existe um consenso de que imparcialidade, de facto, não existe. Assim, considerar que uma pesquisa estatística é essencialmente imparcial e objetiva coloca a pesquisa em risco de ignorar a realidade e os pontos de vista humanos, “contaminando” dados estatísticos com valores e simbolismos sem perceber (Richardson, 2011).

Do ponto de vista de suas potencialidades, a abordagem quantitativa assume um papel fundamental na identificação de padrões e tendências, bem como auxilia na compreensão da influência de determinadas características sobre a realidade, de forma isolada ou associada. Na área das ciências médicas e biológicas, por exemplo, identificar esse tipo de influência pode ser valioso para o prioritário, desse ou daquele aspecto, algo indispensável para a formulação de políticas públicas adequadas.

vi. Análise qualitativa: pressupostos e fundamentos

Conforme Flick (2002), a abordagem qualitativa foi a base no mundo académico durante muitos séculos (ainda que não possuísse essa terminologia), até o século XIX quando surgiram transformações no paradigma atual. Diversas teorias clássicas passaram por reformulações e/ou substituições, abrindo espaço para as abordagens quantitativas, sobretudo no âmbito das ciências biológicas e exatas. Além disso, o desenvolvimento tecnológico possibilitou novas técnicas de colheita de dados de amostras cada vez maiores, algo restrito antes de invenções revolucionárias, desde a luz elétrica até softwares de colheita e processamento de dados e, mais recentemente, o desenvolvimento de Big Data. Assim, as abordagens qualitativas desenvolveram-se paralelamente com as abordagens quantitativas, concentrando-se no método indutivo e em características relacionadas aos comportamentos e interpretações dos próprios sujeitos. Nesta abordagem há uma valorização da diversidade.

Richardson (2011) afirma que estudos qualitativos procuram aprofundar o entendimento de um fenómeno social através de técnicas como as entrevistas em profundidade, a observação participante, a pesquisa-ação, a análise de conteúdo, etc. Nesse sentido, a abordagem qualitativa “dá voz” aos sujeitos em vez de apenas contabilizados em forma de dados estatísticos. Segundo Richardson (2011), Karl Max por meio de seu materialismo histórico e dialético, foi um dos precursores na forma de fazer ciência agregando valores qualitativos. Ao elaborar a sua teoria sobre a evolução das sociedades, Marx propôs que o modo de produção dos bens materiais condiciona a vida em sociedade, no âmbito social, político e intelectual, sempre interagindo com a materialidade. Triviños (2006) anuncia que a inovação do materialismo histórico e dialético está no estudo das

[...] leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade. O materialismo histórico significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenómenos sociais que, até o nascimento do marxismo, se apoiava em concepções idealistas da sociedade humana. (Triviños, 2006, p.51).

As pesquisas que passaram a ser orientadas pelo método dialético ressaltam a historicidade do fenómeno analisado e de suas relações em profundidade, geralmente contextualizando o problema no contexto complexo e ampliado da realidade observada. Além disso, permite identificar as contradições tanto no fenómeno pesquisado, quanto na própria produção científica. Assim, a abordagem qualitativa desenvolve-se com o pressuposto da inseparabilidade dos factos de seu contexto, pois percepções, opiniões, subjetividades e significados tendem a ser melhor compreendidos a partir de sua contextualização no mundo (Triviños, 2006).

Essas características são mais evidentes nas ciências humanas e sociais do que nas ciências naturais, pois os próprios objetos das ciências humanas e sociais, tendencialmente, são mutáveis, historicamente referenciados e dinâmicos. Ou seja, entende-se “[...] que a sociedade está em movimento constante, que o mundo social e nossa compreensão dele estão mudando constantemente, limitando o calor da generalização” (Richardson, 2011, p.101). Contudo, somente na década de 1970 essa alteração metodológica consolidou-se enquanto abordagem qualitativa formalmente, fundamentando-se nas críticas filosóficas, políticas e técnicas acerca dos métodos consagrados na época.

Minayo e Sanches (1993) apontam para a grande variação dos objetos das ciências sociais, afirmando que isso decorre da não-univocidade da linguagem e das subjetividades que atravessam as relações sociais. Nesse sentido, os autores consideram que essas ciências são marcadas pela pluralidade teórica, existiria, assim, uma “[...] identidade entre sujeito e objeto [...]”, afinal tanto o pesquisador, quanto os sujeitos da pesquisa são humanos, exigindo uma maior atenção do investigador na tentativa de fortalecer a sua neutralidade, mesmo considerando que “[...] não existe uma ciência neutra. Toda ciência passa por interesses e visões de mundo historicamente criadas, embora suas contribuições e seus efeitos teóricos e técnicos ultrapassem as intenções de seus próprios autores” (Minayo; Sanches, 1993, p. 245). Nesse sentido, entende-se que a questão da ideologia deve ser amplamente discutida, desde a formulação do objeto de estudo até à finalização da pesquisa. Assim sendo, Minayo e Sanches (1993, p. 246) argumentam que objeto das ciências sociais e humanas é intrinsecamente qualitativo, pois “[...] a realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante”.

Desse modo, entende-se que a abordagem qualitativa possibilita, através dos seus métodos, analisar as singularidades de cada sociedade, tendo em vista que “[...] seu foco é a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar” (Minayo; Sanches, 1993, p. 250). O que permite aos pesquisadores analisar realidades e contextos nos quais modelos estatísticos e padronizações numéricas não conseguem responder.

Por fim, Demo (2000, p. 101) explica que a abordagem qualitativa procura o “[...] esforço jeitoso de formalização perante uma realidade também jeitosa. Trata-se de uma consciência crítica de propensão formalizante da ciência, sabendo indigitar suas virtudes e vazios”. Isso significa que uma investigação qualitativa tem como prioridade os aspectos qualitativos da realidade, mas não despreza os aspectos quantificáveis. Além disso, Demo (2000, p. 101) defende que a pesquisa qualitativa necessita de um bom delineamento teórico e discernimento da parte do pesquisador, pois

[...] um questionário aberto pode ser a porta de entrada para um mundo de representações sociais mais subjetivas, e por isso mais profundas e determinantes, à medida que permite a fala descontraída, realista e natural, a não-linearidade de respostas sobre realidades tipicamente não-lineares. Mas, ainda assim ou precisamente por isso, precisa ser bem organizado e garantir, entre outras coisas, que em cada novo questionário se trata do mesmo tema, da mesma pesquisa, da mesma análise, ou seja, deve existir um contexto sistemático e lógico, até mesmo para podermos comparar e inferir. É erro crasso imaginar que de conversas soltas, amadoramente conduzidas ou mal conduzidas, se possa extrair alguma análise mais profunda, ou que de algumas pessoas indagadas se possa inferir conclusões que abalem o universo. Ademais, se no dado empírico, quantitativo ou pretensamente quantitativo, a manipulação corre solta, quer dizer de dados qualitativos desprovidos de um mínimo de sistematização.

Entende-se que a pesquisa qualitativa requer planeamento e estudo prévio aprofundado de materiais teóricos já consagrados na área em questão, focando no conteúdo interpretativo/subjetivo sem deixar de levar em consideração as contribuições que os dados estatísticos podem fornecer, mesmo no caso de estudos marcadamente qualitativos.

3.2. *Corpus da Pesquisa - Jornais*

A presente pesquisa é realizada a partir de notícias que foram publicadas em jornais portugueses diários sobre as infeções hospitalares no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE que ocorreram em 2015. Desta forma, a partir do que foi exposto em questões teóricas sobre a metodologia, foram selecionados cinco jornais diários de Portugal para analisar como abordaram o assunto naquele momento. Entretanto, para entender a importância destes jornais no contexto português, a seguir é apresentado um breve apontamento histórico de cada um deles: Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Público e Jornal i.

i. Diário de Notícias

O Diário de Notícias foi criado, em Lisboa, em 1864, pelo jornalista Eduardo Coelho e pelo seu sócio Tomás Quintino, empresário de tipografia. O aparecimento aconteceu durante a monarquia portuguesa do século XIX, sob um cenário de estabilidade política e paz social, quando os governantes entravam e saíam dos palácios num período conhecido como Regeneração.

Essa conjuntura favorável impulsionou o crescimento económico, baseado na industrialização e na construção de infraestruturas de transportes e comunicações, nomeadamente no caminho- de- ferro. A Revolução Industrial chegou ao país e isso repercutiu-se no jornalismo, como prova o aparecimento do DN, em 1864-1865. (Sousa, 2018, p. 165).

Como explica Sousa,

Com esses jornais, de que o Diário de Notícias é o primeiro expoente, inaugurou-se, em Portugal, a fase do jornalismo industrial. A imprensa começou a ser vista, prioritariamente, como um negócio, como uma indústria semelhante às demais. Esse modelo foi a matriz para os tempos vindouros. (2018, p.166).

Assim, para além de negócio, os jornais materializam-se, na época e ao longo da história, também como ideais dogmáticos dos seus fundadores. Os diários, através do tempo, tornam-se organizações industriais instituídas e fomentadoras de inúmeros papéis diante da sociedade. De modo geral, alinham o seu conteúdo editorial nas segmentações, que em última análise, revela as doutrinas político-partidárias de seus administradores (Sousa, 2018). Mas, também, procurava noticiar os interesses do público em geral com campanhas de solidariedade, por exemplo, a baixo custo, de modo a atingir grandes tiragens.

Seu fundador e diretor, Eduardo Coelho, era filho de um tipógrafo e industrial de tipografia, nascido em Coimbra, a 23 de abril de 1835. Considerado uma pessoa culta e instruída, tornou-se jornalista seguindo o exemplo dos irmãos, que trabalharam no Brasil por muitos anos (Sousa, 2018, p. 168). O jornal, desde a sua primeira edição, publicada em 29 de dezembro de 1864, caracterizou-se pela escrita clara e com conteúdos informativos, sendo mantido financeiramente pela venda de exemplares e publicidade. A tiragem inicial foi de cinco mil exemplares, número que triplicou em cinco anos. Desde a sua fundação, o DN contribuiu para a introdução de um sistema organizado de recolha de informações para o noticiário, uma novidade que se fazia através de uma rede de correspondentes em Portugal, Espanha e Brasil.

O Diário de Notícias nasceu como empresa familiar em 1888 e assim manteve-se até quase o final da primeira década do século XX. A sua primeira troca de propriedade aconteceu em 1919, quando, após um escândalo familiar, é vendido à empresa moageira Companhia Industrial de Portugal e Colónias, passando a constituir-se numa Sociedade Anónima (Empresa do Diário de Notícias S.A). Em 1928, muda de mãos passando a ser

administrado pela Empresa Nacional de Publicidade - ENP, controlada pela Companhia Industrial de Portugal e Colónias e pela Caixa Geral de Depósitos.

Após a revolução de 1974, o jornal é nacionalizado regressando à posse de privados em 1991 quando, sob o governo de Cavaco Silva e na sequência da sua política de liberalização da comunicação social, a empresa é adquirida pelo consórcio da Lusomundo, que também comprou o Jornal de Notícias do Porto. Em 2005, muda novamente de gestão.

Atualmente o Diário de Notícias pertence à Global Media Group, que adquiriu o seu controlo empresarial a partir de setembro de 2020. Além do jornal DN, a organização administra ainda, o Jornal de Notícias, Dinheiro Vivo, O Jogo, Açoriano Oriental e DN Madeira. Também administra as revistas Volta ao Mundo, Evasões, Notícias Magazine e Delas; a rádio TSF; os canais multimédia Crossmedia e Digital; as agências Lusa e Global Imagens; além de empresas de impressão e distribuição (Global Media Group, 2022).

Em seu atual estatuto possui 14 tópicos, onde consta que o DN “tem como principal objetivo assegurar ao leitor o direito a ser informado com verdade, rigor e isenção” (Diário de Notícias, 2022). Também ressalta que os valores jornalísticos e a liberdade de expressão regem a sua produção. Na sua página declara que possui uma audiência de três milhões de leitores e 5,8 mil exemplares vendidos (Global Media Group, 2022).

ii. Jornal de Notícias

O Jornal de Notícias foi criado em 1888. Com sede até a atualidade no Porto, surge num momento em que a cidade iniciava um período de crescimento e melhorias urbanas. Como explica Lima (2012, p. 239) foi o único dos três jornais centenários, juntamente com O Comércio do Porto e O Primeiro de Janeiro, produzidos na cidade que sobreviveu “às grandes transformações da imprensa no final do século XX”. Ao contrário do DN, tinha um perfil partidário. Poucos anos após sua fundação, passou a ser caracterizado como um diário popular, ao estilo dos tablóides sensacionalistas da imprensa anglo-saxónica.

O primeiro número do jornal circulou no dia dois de junho de 1888, manifestando sua intenção de defesa da linha partidária. Ainda no seu primeiro ano, caracterizou-se por

ataques ao governo progressista e ao gabinete José Luciano de Castro, bem como ao concorrente O Primeiro de Janeiro. Já a publicidade, a exemplo do DN, era a grande fonte de receita do jornal.

À semelhança do DN, o JN foi, durante 41 anos ininterruptos da ditadura do Estado Novo, controlado indiretamente pelo governo, sendo administrado também pela Empresa Nacional de Publicidade (ENP). Depois seguiu-se o mesmo desenrolar da história do Diário de Notícias, passando para as mãos da Global Media em 2020.

Como consequência do monopólio firmado ao longo dos anos das empresas detentoras destes jornais, houve o encerramento das atividades de "O Comércio do Porto", a 30 de julho de 2005, e "O Primeiro de Janeiro", no final de 2014, sendo hoje o Jornal de Notícias o único jornal diário de grande circulação publicado no Porto.

Segundo o site da Global Media (2022a), o JN tem uma cobertura máxima de 4,2 milhões e uma circulação paga de 32.196, tendo como linha editorial a proximidade “das pessoas e das suas causas, sem preconceitos quanto à pronúncia que marca a sua identidade, um jornal de territórios que fala para todo o país e para as comunidades espalhadas no Mundo” (Global Media Group, 2022a).

O Estatuto Editorial define o Jornal de Notícias como “publicação periódica informativa e não doutrinária, predominantemente consagrada à informação geral, sem excluir, em limites adequados de extensão e profundidade, a informação especializada” e “independente do poder político” (Jornal de Notícias, 2022).

iii. Correio da Manhã

O projeto do jornal Correio da Manhã foi iniciado em novembro de 1978, em Lisboa, pelas mãos de três dos seus fundadores, Vítor Direito, Carlos Barbosa e Nuno Rocha. Era um momento de crescente oportunidade no mercado dos tablóides e o objetivo do grupo era levar o diário à liderança nas vendas (Abreu, 2012, p. 46).

O nome, ao contrário das publicações da época, não utilizava a palavra Diário, como ocorria com o Diário de Lisboa, o Diário Popular e o Diário de Notícias. Seu formato e conteúdo também eram diferenciados. Por este motivo, o próprio Presidente da República da época, Mário Soares, não acreditava no projeto, caracterizava-se como um tablóide

informativo, sem cariz político como a maioria, mas sim popular, com atenção aos factos da comunidade.

Em 1986 já era uma publicação “viável e sólida” (Abreu, 2012, p. 51) com uma circulação diária de 60 mil exemplares. Neste período já era acusado de ser popular e sensacionalista, mas tornou-se o diário de maior circulação e receita em Portugal. O seu primeiro administrador, Vítor Direito, permaneceu no cargo por mais de 20 anos. Porém, no ano 2000, o CM foi vendido para o Grupo Cofina, mantendo as suas características de tablóide popular. Em 2015,

Segundo os dados divulgados pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), entre janeiro e agosto o CM vendeu em banca uma média de 105 519 exemplares por dia, reforçando a sua posição no primeiro lugar da tabela dos dez jornais e revistas de informação mais vendidos em Portugal. (Dias, 2015).

Sob a direção do Grupo Confina, o estatuto editorial do CM explica o projeto do jornal. Destacam-se alguns troços:

O Correio da Manhã é um grande jornal diário em língua portuguesa. Representa um projeto jornalístico de informação geral centrado nos interesses do leitor de Portugal, que diariamente procura servir e a quem dá voz na edição em papel, via net ou noutras plataformas técnicas de acesso à informação e à interatividade.

O Correio da Manhã tem os seus leitores como o único universo a servir. Com respeito pelas normas deontológicas que regem a profissão nas democracias avançadas, empenho, boa-fé e humildade no reconhecimento de eventuais erros, falhas ou imperfeições no exercício constante da atividade jornalística.

O Correio da Manhã acolhe o dever de informar. Defende o valor absoluto da notícia, como componente essencial da transparência democrática, e a necessária independência da atividade jornalística perante todas as formas de poder, sejam elas políticas, económicas, religiosas ou outras. (...)

O Correio da Manhã cultiva o jornalismo de investigação, para o necessário escrutínio da vida pública e como forma de controlo pelos cidadãos contra eventuais abusos de poder, autoridade ou posição dominante. (...)

O Correio da Manhã combate e denuncia todas as formas de exclusão social. Dedicar especial atenção aos direitos das crianças, mulheres, minorias e dos mais desfavorecidos. (Correio da Manhã, 2015).

O seu atual administrador, a Cofina Media, foi fundada em 1995 e é considerada uma das principais empresas do país. Atualmente é detentora de “4 jornais, 2 revistas e um canal de televisão por cabo, destacando-se o jornal desportivo diário Record, o gratuito Destak, as revistas de informação Sábado e feminina Máxima (online apenas) e o canal de televisão por cabo CMTV” (Cofina, 2022).

iv. Público

A empresa Público, Comunicação Social S.A. nasceu em 31 de outubro de 1989, mas foi somente em 5 de março de 1990 que o Jornal Público foi distribuído pela primeira vez com tiragem superior a 100 mil exemplares. No ano seguinte passou a estar vinculado ao World Media Network, uma associação de diversos jornais de referência da Europa, entre eles o alemão *Süddeutsche Zeitung*, o espanhol *El País*, o francês *Libération* e o italiano *La Stampa* (Dias, 2015, pp. 44-45).

Surgiu a partir da idealização de jornalistas que saíram do Jornal Expresso, e pretendiam criar um diário com um “um nível superior de qualidade jornalística” (Rebelo, 2020, p. 68). Desde a sua fundação, é administrado pelo grupo empresarial português Sonae, que possui negócios em áreas diversas como serviços financeiros, tecnologia, centros comerciais, retalho e telecomunicações. A parceria entre o grupo com Belmiro de Azevedo e o primeiro diretor do diário, Vicente Jorge Silva, tornou possível o projeto.

Em 2001 houve a reformulação gráfica do jornal, após seis anos de inserção de conteúdos também na internet e perante a necessidade de ajuste à nova realidade dos mass media. Um novo logótipo é criado em 2007, quando passa a ser identificado apenas por um P vermelho. (Dias, 2015, pp. 44-45).

Desde a sua fundação até hoje o jornal Público sempre manteve a sua linha editorial crítica e pluralista, com forte identificação no jornalismo clássico europeu. No seu Estatuto Editorial (2022), o diário se caracteriza como:

Público é um projecto de informação em sintonia com o processo de mudanças tecnológicas e de civilização no espaço público contemporâneo.

Público é um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica.

Público inscreve-se numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa. (...)

Público estabelece as suas opções editoriais sem hierarquias prévias entre os diversos sectores de actividade, numa constante disponibilidade para o estímulo dos acontecimentos e situações que, quotidianamente, são noticiados e comentados. (...). (Público, 2022)

v. Jornal i

O diário mais novo a ser estudado é o Jornal i, que circula nas bancas desde 7 de maio de 2009, de segunda a sexta-feira. Seu formato é mais pequeno do que os demais, sendo totalmente colorido e agrafado. Recebeu os prémios de "Melhor Jornal Europeu" em 2009, atribuído pela European Newspaper Award, e "Jornal mais bem desenhado da Península Ibérica", no mesmo ano, atribuído pela Society for News Design - Espanha. Também foi considerado pelo britânico The Guardian um dos jornais mais inovadores do mundo (Carvalho, 2012, pág. 69).

Criado pelo Grupo Lenam, foi vendido para o empresário Jaime Antunes. Manuel Cruz, fundador e proprietário da gráfica Sogapal, em 2012. Em 2014 passou para as mãos da Newshold, empresa angolana controlada por Álvaro Sobrinho. Após o despedimento coletivo dos jornalistas em 2015, a redação do jornal foi integrada no semanário Sol, ambos inseridos no portal Sapo, propriedade da empresa de telecomunicações MEO. Em 2020, o jornal ganhou um novo logotipo, sendo acrescentada a palavra "iNEVITÁVEL". Desde 2015 não há auditoria sobre a sua circulação.

No seu estatuto Editorial, o jornal se declara:

O i é um jornal rigorosamente independente de partidos políticos, organizações económicas, igrejas ou seitas.

O i pauta-se por preceitos de rigor, isenção, honestidade e respeito pela pessoa humana.

O i pode tomar posições políticas, mas faz uma clara distinção entre opinião, análise e notícias.

O i valoriza as notícias exclusivamente pelo valor jornalístico, e não pelo possível impacto político, social ou económico. (Jornal i, 2022).

O Estatuto determina as condutas dos jornalistas, a necessidade de exatidão das notícias, o respeito pela pessoa humana. Por fim, esclarece as regras sobre os direitos de resposta e o uso de fontes de informação (Jornal i, 2022).

Assim, a partir do que foi apresentado sobre a metodologia e o *corpus* da presente pesquisa, o próximo capítulo é dedicado a análise das peças dos jornais. Sendo assim, o capítulo trará mais questões que trazem informações sobre cada um dos jornais aqui apresentados.

CAPÍTULO IV - Análise dos Jornais

Antes de dar início à análise e a discussão das peças colhidas nos jornais, é necessário relembrar algumas informações importantes, de forma a entender o contexto da presente pesquisa. Conforme abordado anteriormente, foram selecionados os cinco principais jornais que publicaram notícias referentes ao distrito do Porto. Desta forma, esse foi um dos primeiros critérios para a análise das peças jornalísticas. Além disso, optou-se pelas reportagens divulgadas nos jornais diários impressos, não sendo consideradas as notícias publicadas nos sites destes jornais. Considerando, um espaço temporal de um mês, entre o dia 14 de outubro de 2015 e 14 de novembro de 2015.

Com base no recorte realizado, a partir dos jornais e do período a ser analisado, alguns critérios foram adotados para elaborar a pesquisa empírica. Desta forma, foram analisadas as peças de cada um dos jornais, no período de tempo estabelecido, e criados quadros para cada um dos jornais, onde constam informações como: a data da notícia, o título, se foi manchete, a classificação entre notícia, artigo de opinião e reportagem, se está na capa, o espaço dedicado, a identificação da página, o editorial, se é assinada por um jornalista, se constam fotos e quantidade, as fontes abordadas, as principais palavras utilizadas – especialmente no título e subtítulo – e o destaque dado. Esses quadros são a base para a análise quantitativa e qualitativa dos dados colhidos para a presente pesquisa.

A partir disso, foram elaborados os quadros expostos a seguir, que são a introdução da análise das peças dos jornais e servirão de base para compreender a forma como foi abordada a questão das infeções hospitalares pelos profissionais de comunicação social.

Entretanto, é importante ressaltar que neste primeiro momento é realizada uma análise geral de cada um dos jornais, com o objetivo de “visualizar” como eles abordaram o assunto, com os dados necessários para a análise quantitativa e qualitativa, que será exposta posteriormente. Sendo assim, foram elaborados cinco quadros – correspondentes

a cada um dos jornais analisados. Como critério de palavras utilizadas pelos jornais, optou-se por analisar o título, subtítulos e legendas das fotos. Deste modo, foram selecionadas as seguintes palavras: bactéria/bactérias/superbactéria, doente/doentes, morte/mortes, surto/surtos, infeção/infeções e infetado/infetados.

Em infra, no Quadro 4 é possível verificar as informações referentes às notícias publicadas pelo jornal Correio da Manhã no período estipulado.

Quadro 4 - Quadro de Critério de Análise - Correio da Manhã

15/10/2015 – Bactérias matam 4600 por ano nos hospitais	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Reportagem
Capa	Sim
Espaço dedicado	Capa, uma página e meia
Página	6 e 7 (par e ímpar)
Editorial	Atualidades II
Assinada por jornalista	Sim – Ágata Rodrigues
Foto	Sim – 4 fotos
Fontes	Dra Margarida Mota (responsável pelo GCL-PPCIRA do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE) e o Enf ^o Pedro Melo (enfermeiro especialista em saúde pública)
Palavras utilizadas	Bactérias, doentes, surto
Destaque	Morte
02/11/2015 – “Ninguém nos disse que tem a bactéria”	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia – Notícia Exclusiva
Capa	Não
Espaço dedicado	Abertura de página
Página	20 (par)
Editorial	Sociedade
Assinada por jornalista	Sim – Manuel Jorge Bento
Foto	Sim – 1 foto
Fontes	José Silva (filho de doente)
Palavras utilizadas	Bactéria, infeções
Destaque	Infeção e falta de informação

Fonte: Elaboração própria (2022).

Ao observar o Quadro 4, é possível perceber que o jornal Correio da Manhã publicou apenas duas notícias sobre o assunto, em momentos pontuais, sem manter uma frequência nas publicações e um desfecho sobre o caso. Além disso, percebe-se que foram notícias mais gerais, uma com destaque na instituição de saúde, dando informação sobre o que estava a acontecer na época, e outra com o foco em familiares de doentes do hospital. Para ter uma visão sobre os conteúdos, as capas e páginas com as notícias-reportagens estão disponíveis no Apêndice 1 do presente trabalho.

A seguir, no Quadro 5, constam as informações referentes às notícias publicadas pelo jornal Diário de Notícias no período estipulado.

Quadro 5 - Quadro de Critério de Análise – Diário de Notícias

15/10/2015 – Bactérias hospitalares. Um em cada dez doentes é infetado	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Reportagem
Capa	Não
Espaço dedicado	Página inteira
Página	14 (par)
Editorial	Portugal
Assinada por jornalista	Sim – Ana Maia
Foto	Sim – 1 foto
Fontes	Dra Margarida Mota (responsável do GCL-PPCIRA do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE) e a Dra Graça Rocha (vice-presidente da Associação Portuguesa de Infecção Hospitalar)
Palavras utilizadas	Bactérias, doentes, infetados, infeções
Destaque	Alto índice de contaminação, resistência da bactéria, morte
16/10/2015 – DGS confirma três mortes por infeção no Hospital de Gaia	
Manchete	Não
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia
Capa	Não
Espaço dedicado	Canto direito da página
Página	24 (par)
Editorial	Sociedade
Assinada por jornalista	Não
Foto	Não
Fontes	Dr Francisco George (Diretor-geral da Saúde)
Palavras utilizadas	Mortes, infeção
Destaque	Morte
22/10/2015 – Mais quatro doentes com superbactéria	
Manchete	Não
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia
Capa	Não
Espaço dedicado	Meia página, na parte inferior
Página	15 (ímpar)
Editorial	Portugal
Assinada por jornalista	Não
Foto	Não
Fontes	Direção-Geral de Saúde
Palavras utilizadas	Superbactéria, doentes
Destaque	Alto índice de contaminação, resistência da bactéria, morte

Fonte: Elaboração própria (2022).

Ao observar o Quadro 5, é possível perceber que o jornal Diário de Notícias divulgou três notícias sobre o assunto, dando uma ideia de continuidade no período de uma semana, mas sem apresentar um desfecho da situação. As notícias foram expostas dentro de uma perspectiva de “alertar” a sociedade do que estava a ocorrer e que pessoas estavam a ser contaminadas, nalguns casos, acontecendo o óbito. Para ter uma visão sobre os conteúdos, as capas e páginas com as notícias-reportagens estão disponíveis no Apêndice 2 do presente trabalho.

No Quadro 6 constam as informações referentes às notícias publicadas pelo Jornal de Notícias no período estipulado.

Quadro 6 - Quadro de Critério de Análise – Jornal de Notícias

14/10/2015 – Bactéria. Oito mortos e 22 doentes infetados no Hospital de Gaia (capa) e Bactéria infeta 30 doentes no Hospital de Gaia (página 06)	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Reportagem
Capa	Sim
Espaço dedicado	Página inteira
Página	6 (par)
Editorial	Nacional
Assinada por jornalista	Sim – Inês Schreck
Foto	Sim – 1 foto
Fontes	Dra Margarida Mota (responsável do GCL-PPCIRA do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE) e a Dra Merlinda Madureira (presidente da Federação Nacional de Médicos)
Palavras utilizadas	Bactéria, mortes, infetados, doentes
Destaque	Morte e resistência da bactéria
15/10/2015 – Bactéria. Hospital de Gaia incapaz de controlar surto que infetou 30 doentes (Capa) e Bactéria por controlar no hospital (páginas 04 e 05)	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Reportagem
Capa	Sim
Espaço dedicado	Duas páginas inteiras
Página	4 e 5 (par e ímpar)
Editorial	Primeiro plano
Assinada por jornalista	Sim – Inês Schreck
Foto	5 fotos – 1 na capa e 4 internas
Fontes	Direção-Geral da Saúde, Dra Margarida Mota (responsável do GCL-PPCIRA do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho, EPE.), Conceição Dias (filha de paciente), um idoso que não se identificou e um homem que se identificou como António Sousa, de 55 anos, e Enf ^o Pedro Melo (enfermeiro especialista em saúde pública)
Palavras utilizadas	Bactéria, surto, doentes, mortes, infeção

Destaque	Falta de controlo do surto da bactéria
16/10/2015 – Bactéria causou três das oito mortes	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia
Capa	Não
Espaço dedicado	Abertura de página
Página	9 (ímpar)
Editorial	Nacional
Assinada por jornalista	Não
Foto	Não
Fontes	Dr Francisco George (Diretor-geral da Saúde)
Palavras utilizadas	Bactéria, mortes
Destaque	Morte e resistência da bactéria
22/10/2015 – Mais quatro doentes com a bactéria	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia
Capa	Não
Espaço dedicado	Abertura de página
Página	9
Editorial	Nacional
Assinada por jornalista	Não
Foto	Sim – 1 foto
Fontes	Direção-Geral da Saúde, Dra Margarida Mota (responsável do GCL-PPCIRA do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho, EPE) e En ^o José Correia Azevedo (presidente do Sindicato dos Enfermeiros)
Palavras utilizadas	Bactéria, doentes, infeção
Destaque	Contaminação e resistência da bactéria
23/10/2015 – Mau uso de antibióticos na origem de bactéria	
Manchete	Não
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia
Capa	Não
Espaço dedicado	Canto direito da página
Página	10 (par)
Editorial	Nacional
Assinada por jornalista	Não
Foto	Não
Fontes	Dr Francisco George (Diretor-geral da Saúde) e Dr Silvério Cordeiro (presidente do Conselho de Administração do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE)
Palavras utilizadas	Bactéria
Destaque	No uso indevido e inadequado de antibióticos pelos profissionais de saúde
28/10/2015 – Hospital juntou doentes com bactéria no mesmo serviço	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia
Capa	Não
Espaço dedicado	Abertura de página

Página	10 (par)
Editorial	Nacional
Assinada por jornalista	Sim – Ana Gaspar
Foto	Sim – 1 foto
Fontes	Direção-Geral da Saúde e administração do Centro Hospitalar de Vila Nova Gaia e Espinho – EPE
Palavras utilizadas	Bactéria, doentes
Destaque	Negligência hospitalar
04/11/2015 – Gaia. 45 pessoas em isolamento por causa de bactéria perigosa (Capa) e Gaia enfrentou o maior surto do país da bactéria KPC (página 12)	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia
Capa	Sim
Espaço dedicado	Abertura de página
Página	12 (par)
Editorial	Nacional
Assinada por jornalista	Sim - Inês Schreck
Foto	Sim – 1 foto
Fontes	Ministério da Saúde, Dr José Artur Paiva (diretor do Programa de Prevenção e Infeções da Direção-Geral da Saúde)
Palavras utilizadas	Bactéria, surto, infetados
Destaque	Situação, como ocorreram as contaminações e medidas adotadas

Fonte: Elaboração própria (2022).

Ao observar o Quadro 6, onde constam informações dos critérios de análise sobre as peças jornalísticas do Jornal de Notícias, já é possível notar que o impresso trouxe sete notícias sobre o assunto, dando uma ideia de continuidade e de mais profundidade ao assunto. De imediato, já é possível analisar que o jornal trouxe mais publicações e informações do que os demais veículos estudados. Porém, essa discussão será mais aprofundada na análise quantitativa e qualitativa dos dados da presente pesquisa. Desta forma, também se destaca que para ter uma visão mais detalhada sobre como foram expostos os conteúdos neste jornal, as capas e páginas com as notícias-reportagens foram inseridas no Apêndice 3 do presente trabalho.

No Quadro 7, em infra, constam as informações referentes às notícias publicadas no Jornal i no período estipulado.

Quadro 7 - Quadro de Critério de Análise – Jornal i

15/10/2015 – Hospital de Gaia. Doente que tomou antibiótico durante um mês na origem do surto (Capa) e Bactéria resiste em Gaia. “Lotação acima do esperado dificulta prevenção” (Páginas 04 e 05)	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Reportagem
Capa	Sim
Espaço dedicado	Duas páginas inteiras
Página	04 e 05 (par e ímpar)
Editorial	Radar
Assinada por jornalista	Sim – Marta F. Reis
Foto	Sim – 1 foto
Fontes	Dra Margarida Mota (responsável do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho, EPE) e Dr Francisco George (Diretor-geral da Saúde)
Palavras utilizadas	Bactéria, doente, infeções, surto
Destaque	Resistência da bactéria, alto índice de contaminação e origem da transmissão
16/10/2015 – Gaia. DGS admite três mortes por infeção com superbactéria	
Manchete	Não
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia
Capa	Não
Espaço dedicado	Uma nota no canto direito da página
Página	14 (par)
Editorial	Radar
Assinada por jornalista	Não
Foto	Não
Fontes	Direção-Geral da Saúde
Palavras utilizadas	Infeção, mortes, superbactéria
Destaque	Morte

Fonte: Elaboração própria (2022).

Ao observar o Quadro 7, é possível constatar como o Diário da Manhã, o Jornal i divulga duas notícias sobre o assunto, que foram publicadas em dois dias seguidos, sem continuidade. Esta situação é diferente dos demais jornais que tiveram um espaço entre os dias, e tentaram testemunhar uma sequência sobre o caso, o Jornal i publica sobre o que está a ocorrer e as mortes, mas não explica o desfecho da situação em questão. Essa abordagem mais detalhada, no que diz respeito a esses pontos já expostos, será aprofundada no decorrer da análise quantitativa e qualitativa dos dados da presente pesquisa. Entretanto, salienta-se que os conteúdos deste jornal, as capas e páginas com as notícias-reportagens foram inseridos no Apêndice 4 do presente trabalho.

Por fim, no Quadro 8, apresentado a seguir, constam as informações referentes às notícias publicadas no Jornal Público no período estipulado.

Quadro 8 - Quadro de Critério de Análise – Jornal Público

15/10/2015 – Bactéria ligada a oito mortes em Gaia mantém 13 doentes em isolamento	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Reportagem
Capa	Não
Espaço dedicado	Página inteira
Página	14 (par)
Editorial	Portugal
Assinada por jornalista	Sim – Romana Borja-Santos
Foto	Sim – 1 foto
Fontes	Dra Margarida Mota (responsável do GCL-PPCIRA do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho, EPE)
Palavras utilizadas	Bactéria, mortes, doentes, infeção
Destaque	Morte
23/10/2015 – DGS atribui surto de bactéria em Gaia ao uso indevido de antibióticos	
Manchete	Sim
Classificação – Notícia, artigo, reportagem	Notícia
Capa	Não
Espaço dedicado	Página inteira
Página	14 (par)
Editorial	Portugal
Assinada por jornalista	Sim – António G. Rodrigues
Foto	Sim – 1 foto
Fontes	Dr Francisco George (Diretor-geral da Saúde), Dr Libério Ribeiro (presidente da Sociedade Portuguesa de Alergologia Pediátrica), DR Silvério Cordeiro (presidente do Conselho de Administração do Hospital de Gaia), Enf ^o José Azevedo (presidente do Sindicato dos Enfermeiros) e Dr José Artur Paiva (diretor do Programa de Prevenção e Infeções da Direção-Geral da Saúde)
Palavras utilizadas	Bactéria, doentes, mortes, surto
Destaque	No uso indevido e inadequado de antibióticos pelos profissionais de saúde

Fonte: Elaboração própria (2022).

Ao observar o Quadro 8, onde constam informações dos critérios de análise sobre as peças do Jornal Público, também se observa que o jornal publicou apenas duas notícias, com uma diferença de aproximadamente uma semana, sobre o assunto, dando uma ideia de informar o que está a acontecer e, depois de relatar o motivo de tal acontecimento. Entretanto, assim como os demais impressos, a análise será aprofundada no decorrer deste capítulo, na análise quantitativa e qualitativa dos dados. E para uma visão mais detalhada sobre como foram expostos os conteúdos neste jornal, as capas e páginas com as notícias-reportagens foram inseridos no Apêndice 5 do presente trabalho.

A partir desta análise geral dos jornais, no próximo item será realizada a análise quantitativa dos dados. Essas análises também servirão como base para posteriormente realizar a análise qualitativa e o comparativo de abordagem que os jornais fizeram sobre o caso.

4.1. Análise Quantitativa dos Dados

Após uma contextualização geral dos jornais, assim como, das peças analisadas em cada um deles sobre as infeções hospitalares no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, é necessário realizar uma análise quantitativa a partir dos critérios estabelecidos. É importante salientar que o recorte temporal da pesquisa ocorreu entre o dia 14 de outubro de 2015 e 14 de novembro de 2015, dando uma margem de aproximadamente um mês.

É fundamental destacar que esse recorte se deu em virtude do período em que os jornais selecionados falaram sobre o assunto, tendo em vista que houve boatos de que as infeções ocorriam desde agosto daquele ano. Entretanto, nada foi confirmado por fontes oficiais, assim como, a origem da contaminação também ficou em aberto. Alguns jornais trouxeram informações de que seria referente ao mau uso de antibióticos, falta de cuidado, contato entre os doentes infetados com os demais e entre outros factores.

Para a análise quantitativa foram estabelecidos os seguintes critérios: quantidade de inserções, manchetes, capas, notícias, fotos, período de publicação, assinatura de jornalista, artigos, reportagens, fontes oficiais utilizadas, uso de determinadas palavras e o destaque – se negativo ou positivo. Entre as palavras selecionadas para a análise estão: bactéria/bactérias/superbactéria, doente/doentes, morte/mortes, surto/surtos, infeção/infeções e infetado/infetados.

Desta forma, para uma melhor compreensão, em primeiro lugar será apresentado, no Quadro 9, uma análise geral quantitativa sobre os jornais, a partir dos critérios que foram expostos anteriormente. Em seguida, serão expostos gráficos para compreender visualmente os dados quantitativos destes jornais. A análise quantitativa de cada um desses pontos é importante para entender a forma como cada jornal da imprensa diária portuguesa abordou o assunto para que depois seja realizada a análise qualitativa. Sendo esses aspectos fundamentais para verificar os critérios de noticiabilidade que foram considerados no momento de reproduzir informações sobre o assunto.

Quadro 9 - Quadro de Análise Quantitativa dos Jornais

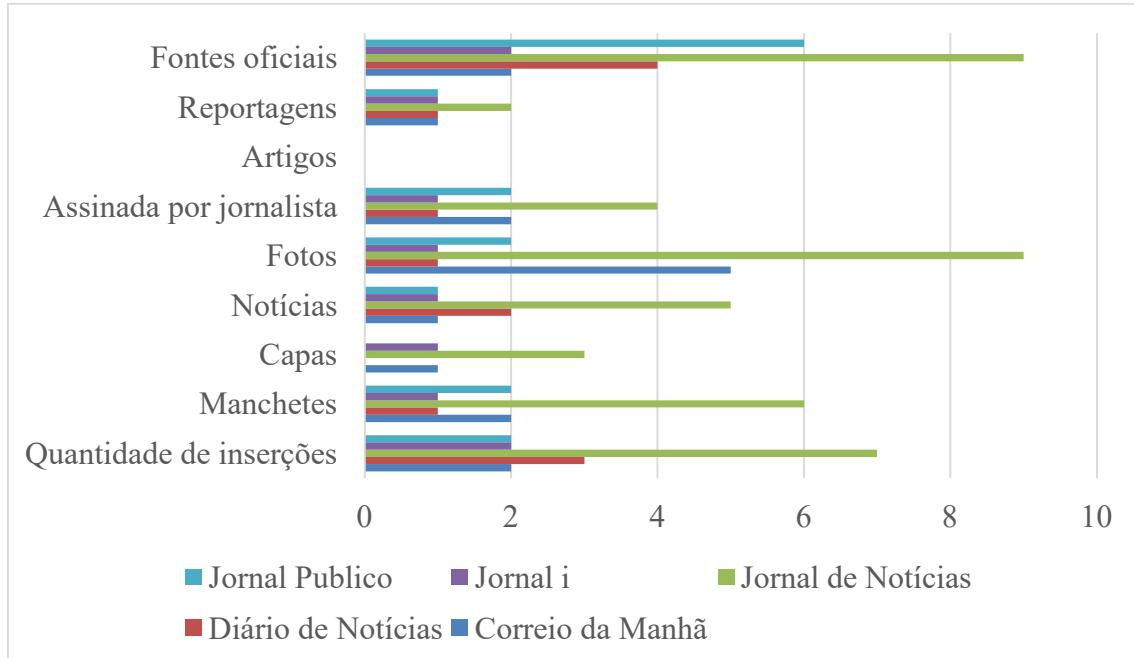
	Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias	Jornal i	Jornal Público
Quantidade de inserções	2	3	7	2	2
Manchetes	2	1	6	1	2
Capas	1	0	3	1	0
Notícias	1	2	5	1	1
Fotos	5	1	9	1	2
Período de publicação	17 dias	7 dias	20 dias	2 dias	8 dias
Assinada por jornalista	2	1	4	1	2
Artigos	0	0	0	0	0
Reportagens	1	1	2	1	1
Fontes oficiais	2	4	9	2	6
Uso da palavra “bactéria” ou “bactérias” ou “superbactéria”	2	2	7	2	2
Uso da palavra “doente” ou “doentes”	1	2	4	1	2
Uso da palavra “morte” ou “mortes”	0	1	3	1	2
Uso da palavra “surto” ou “surtos”	1	0	2	1	1
Uso da palavra “infeção” ou “infeções”	1	2	2	2	1
Uso da palavra “infetado” ou “infetados”	0	1	1	0	0
Destaque positivo	0	0	1	0	0
Destaque negativo	2	3	6	2	2

Fonte: Elaboração própria (2022).

Com base na elaboração do Quadro 9, a seguir, no Gráfico 3, é possível ter uma visualização das características gerais dos materiais publicados nos jornais. Este *modus operandi* possibilita compreender como cada jornal fez a sua abordagem quantitativa, e como isso pode ser analisado em níveis qualitativos que serão estudados no decorrer deste capítulo. É importante entender como o jornal se dedicou na cobertura de tal assunto, assim como, a forma como realizou a sua abordagem, inclusive, em relação à imagem do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE. Nessa primeira parte da análise, o destaque é quantitativo, é importante para separar os principais pontos que foram

considerados pelos jornais no momento de considerar o facto notícia e como isso se desenvolveu com o passar dos dias.

Gráfico 3 - Características gerais dos materiais publicados - Comparativo entre os jornais



Fonte: Elaboração própria (2022).

No Gráfico 3 nota-se que há uma dedicação do Jornal de Notícias – em verde –, em questões quantitativas, para abordar o tema das infeções hospitalares do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE. O jornal procurou realizar reportagens e notícias, assim como, por tratar o assunto nas capas e manchetes. Como a pesquisa é construída com base na análise de conteúdo, segundo Lakatos e Marconi (2003) é um dos principais métodos nas Ciências Humanas e Sociais, em especial, na comunicação, ao analisar os dados quantitativamente, o mesmo servirá como base para a análise qualitativa.

Outro ponto importante nesta análise é a quantidade de fontes oficiais utilizada pelo Jornal de Notícias. Ao observar o contexto geral de fontes utilizadas por cada um dos jornais, tendo uma média de 4,6 para cada um dos cinco jornais, o Jornal de Notícias foi o que se propôs a procurar as fontes oficiais para as suas notícias, utilizando nove para produzir as notícias diárias.

Nesta discussão, quando se trata de dados quantitativos sobre um assunto que, de tal modo, preocupa a sociedade, os mesmos são fundamentais para entender questões qualitativas, como no caso da presente pesquisa. Desta forma, é importante compreender

os dados quantitativos, a frequência das publicações, para verificar se o mesmo passa a ideia de continuidade, a quantidade de fontes consideradas oficiais e a abordagem dada – se negativa ou positiva. A partir desses dados quantitativos é possível criar uma análise de como se construiu a narrativa e a abordagem que foi dada pelo jornal ao cenário de infeção hospitalar no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE.

Os dados quantitativos aqui expostos são fundamentais e colaboram para compreender como a pauta foi conduzida pelos jornais, desde a primeira notícia até à última, fechando o ciclo de aproximadamente 30 dias entre uma e outra. No Gráfico 3, um outro requisito importante é a quantidade de fotos utilizadas, tendo em vista que as imagens atraem mais o leitor para verificar tal notícia. Dos jornais analisados, o que mais utilizou fotos para ilustrar as notícias e reportagens foi o Jornal de Notícias, assim como, foi o que mais trouxe notícias e reportagens sobre o assunto, onde as mesmas foram assinadas por jornalistas, e que teve o maior número de manchetes e capas.

No critério de inserções, atrás do Jornal de Notícias está o Diário de Notícias, que foi o segundo a abordar o assunto no seu diário impresso. Neste ponto é importante frisar a relevância que as infeções hospitalares tiveram para esses dois jornais. Além disso, ressalva-se que os jornais Diário da Manhã, Jornal i e Jornal Público tiveram uma média aproximada nas inserções, manchetes, notícias e reportagens.

Numa análise geral dos principais pontos, em dados quantitativos (quantidade de vezes que o jornal fez determinada acção), é possível destacar que:

- O Jornal de Notícias apresentou o maior número de fontes oficiais (nove), reportagens (duas), notícias (cinco), assinatura de jornalistas (quatro), fotos (nove), capas (três), manchetes (seis) e inserções (sete);

- Nas fontes oficiais, o segundo jornal que mais utilizou delas foi o Jornal Público (seis), em terceiro ficou o Diário de Notícias (quatro), e em quarto os jornais Correio da Manhã (duas) e Jornal i (duas);

- Nas reportagens, o Jornal Público, Jornal i, Diário de Notícias e Correio da Manhã foram responsáveis por produzir a mesma quantidade de reportagens (uma em cada impresso);

- Nas notícias, o segundo jornal que mais produziu foi o Diário de Notícias (duas), em terceiro lugar estão o Jornal Público, Jornal i e Correio da Manhã (uma em cada impresso);

- Nos conteúdos com a assinatura do jornalista, os jornais Correio da Manhã (duas) e Jornal Público (duas) ficaram em segundo lugar, e o Jornal i e Diário de Notícias ficaram em terceiro lugar (cada um com uma inserção assinada);

- Em relação à quantidade de fotos, o Correio da Manhã foi o segundo jornal que mais inseriu fotografias (cinco), o Jornal Público em terceiro (duas), e por fim, em quarto, o Jornal i e o Diário de Notícias com a mesma quantidade (uma foto cada);

- Além do Jornal de Notícias, somente o Jornal i e o Correio da Manhã trataram o assunto na capa dos impressos (uma capa cada impresso);

- O Jornal Público e o Correio da Manhã foram os segundos a colocarem o assunto em manchete em quantidade (duas manchetes cada), e o Jornal i e Diário de Notícias foram os terceiros (uma manchete cada);

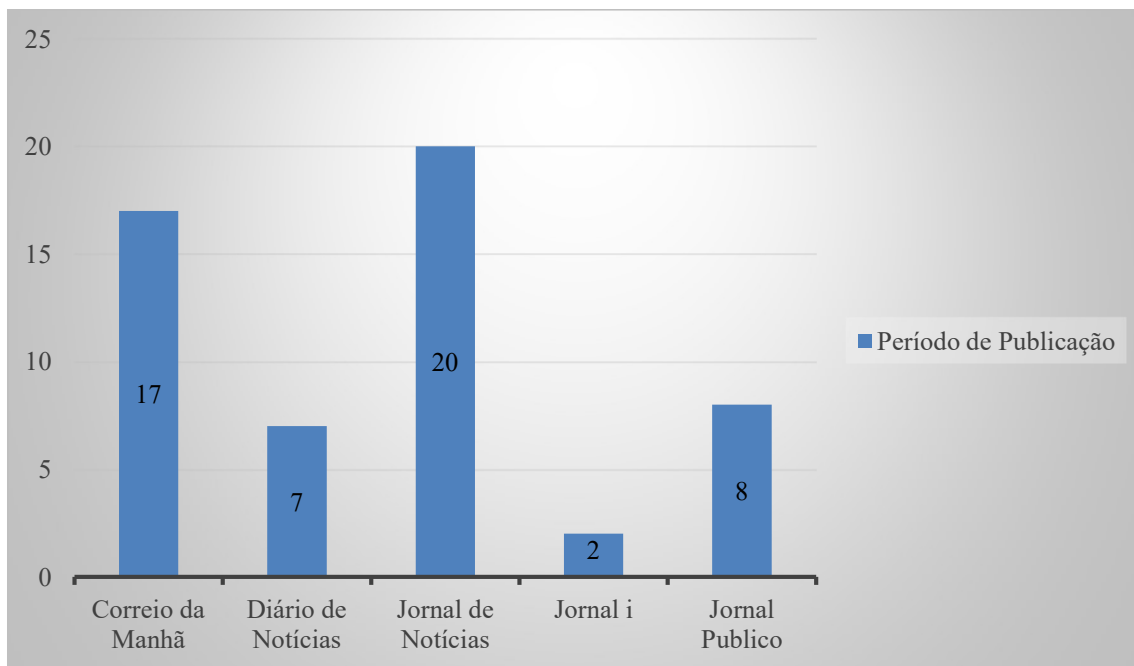
- Após o Jornal de Notícias, o segundo jornal que mais inserções teve sobre o assunto foi o Diário de Notícias (três). Em terceiro lugar estão os jornais Correio da Manhã, Jornal i e o Jornal Público (duas inserções em cada impresso).

A análise qualitativa destes dados é o arranque necessário para iniciar a análise quantitativa, os autores como Berg (1998), Inch (1997) e Sarantakos (1993), que foram apresentados na parte teórica da metodologia, explicam que a quantificação dos dados é normalmente realizada numa fase inicial da análise de conteúdo. Essa análise contribui para a sistematização dos dados, de tal modo que seja possível analisar qualitativamente as informações apresentadas.

No contexto quantitativo, outra informação importante para entender a abordagem que cada um dos jornais teve sobre o assunto das infeções hospitalares no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE é o período de publicação. É fundamental entender que entre a quantidade de inserções (notícias e reportagens) em cada veículo, também existe um período em que o assunto foi abordado pelos jornais.

Desta forma, para perceber a quantidade de inserções no período em que o assunto foi tema nos jornais, a seguir, no Gráfico 4, é exposto o período de publicação que foi utilizado por cada um dos jornais. O gráfico contribui visualmente para a realização de uma análise quantitativa, mas também comparativa entre os jornais, uma vez que permite entender o período de dias em que foram publicadas as notícias e reportagens, assim como, a quantidade neste período.

Gráfico 4 - Período de publicação - Comparativo entre os jornais



Fonte: Elaboração própria (2022).

O Gráfico 4 mostra que entre os cinco jornais – Correio da Manhã, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Jornal i e Jornal Público –, o Jornal de Notícias teve um período de maior frequência das notícias publicadas, somando 20 dias de período de publicação, conforme demonstrado no Gráfico 3, totalizaram 7 inserções entre notícias e reportagens. Isso demonstra que o jornal manteve um dos critérios de noticiabilidade, no que respeita à frequência de notícias sobre um determinado evento, neste caso, as infeções hospitalares. Além disso, a continuidade das notícias, não sendo algo esporádico, mas que segue a ideia de manter a informação atualizada, com informações sobre o prosseguimento do caso. Esses dois pontos são fundamentais quando é analisado o período em que os jornais noticiaram o assunto.

Em segundo lugar está o Correio da Manhã, com uma frequência de 17 dias entre as notícias, e com 2 inserções (entre notícias e reportagens). Em seguida, estão o Jornal

Público e o Diário de Notícias com aproximadamente uma semana de período de publicação entre a primeira e a última notícia.

Ao observar esses dados, também é possível analisar que o Jornal de Notícias enquadra nas variáveis propostas por Wolf (1999) para definir um nível de noticiabilidade de determinado acontecimento. No caso das infeções hospitalares, o jornal obedeceu aos seguintes critérios para ter o assunto como uma notícia: o envolvimento das pessoas com o assunto, sejam elas as autoridades como a sociedade em si, os efeitos que o problema apresentou para o país, seja a nível local ou internacional, as pessoas que foram envolvidas tanto internamente como externamente, assim como, a evolução do caso.

Neste ponto já se pode averiguar que diferentemente das demais publicações, o Jornal de Notícias deu demasiada importância ao acontecimento, ao analisar quantitativamente o período em que o assunto esteve nas publicações do impresso diário. Além disso, numa análise quantitativa, conforme já analisado neste capítulo, o Jornal de Notícias foi o que mais trouxe o assunto para o periódico diário impresso, com uma grande quantidade de fontes oficiais (9), inserções (5 notícias e 2 reportagens), publicações assinadas por jornalistas (4), fotografias (9), manchetes (6) e capas (3).

É importante destacar que essa quantidade de características que foram analisadas nos materiais são fundamentais para verificar a abordagem que cada jornal deu ao assunto. A partir dessa análise é possível verificar quais critérios de noticiabilidade que foram evidenciados pelos jornais, assim como, qual o jornal que mais aprofundou o tratamento das infeções hospitalares no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE.

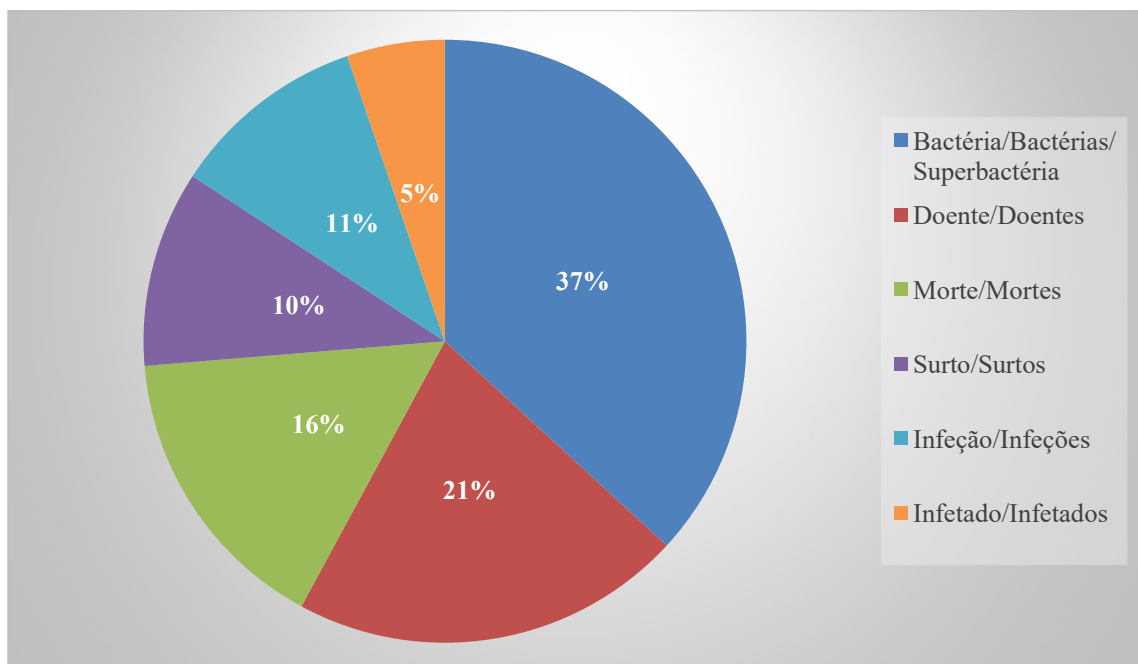
Ainda, na ótica da análise quantitativa destes jornais, é necessário retomar os valores-notícia destacados na parte teórica desta tese de doutoramento, e que são propostos por Galtung e Ruge (1965). De acordo com os autores, os valores-notícias que definem se determinado assunto é ou não noticiável precisam de enquadrar em pelo menos num destes pontos: se é um evento que frequentemente é noticiado, se tem um amplo interesse e influência dentro das mais diversas esferas da sociedade, se é algo evidente, se possui relevância, a consonância com as expectativas, algo que foge do previsível, a continuação de algo que já ocorreu e que vem ganhando determinado desfecho, a informação complementar sobre determinado assunto que já foi noticiado, o facto de pertencer a

determinada região ou país, a presença de pessoas conhecidas, a sensação de pertença a algo e, claro, a ótica negativa sobre algo (Galtung e Ruge, 1965).

Desses valores-notícia é possível observar nos dados quantitativos alguns aspectos que definem determinada abordagem. Neste contexto, conforme analisado neste capítulo, os dados quantitativos colaboram para compreender como a pauta foi conduzida pelos jornais, desde a primeira notícia até à última, encerrando um ciclo de aproximadamente 30 dias entre uma e outra. E desta forma, sendo capaz de analisar os pontos que foram abordados pelo jornal e que foram considerados por eles na hora de noticiar as infeções hospitalares. E para além da periodicidade, que foi ilustrada no Gráfico 4, também é importante verificar em dados quantitativos o destaque dado pelos jornais nas suas produções – tanto de notícias como de reportagens – referentes às infeções hospitalares no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE.

Entretanto, antes de aprofundar a discussão sobre o destaque dado pelos jornais, é necessário analisar quantitativamente as palavras que mais foram utilizadas nos títulos, subtítulos e legendas das notícias e reportagens dos jornais diários analisados nesta tese. Sendo assim, a seguir são expostos os gráficos de cada um dos jornais com as palavras analisadas: bactéria/bactérias/superbactéria, doente/doentes, morte/mortes, surto/surtos, infeção/infeções e infetado/infetados.

Gráfico 5 – Percentagem das expressões utilizadas - Jornal de Notícias

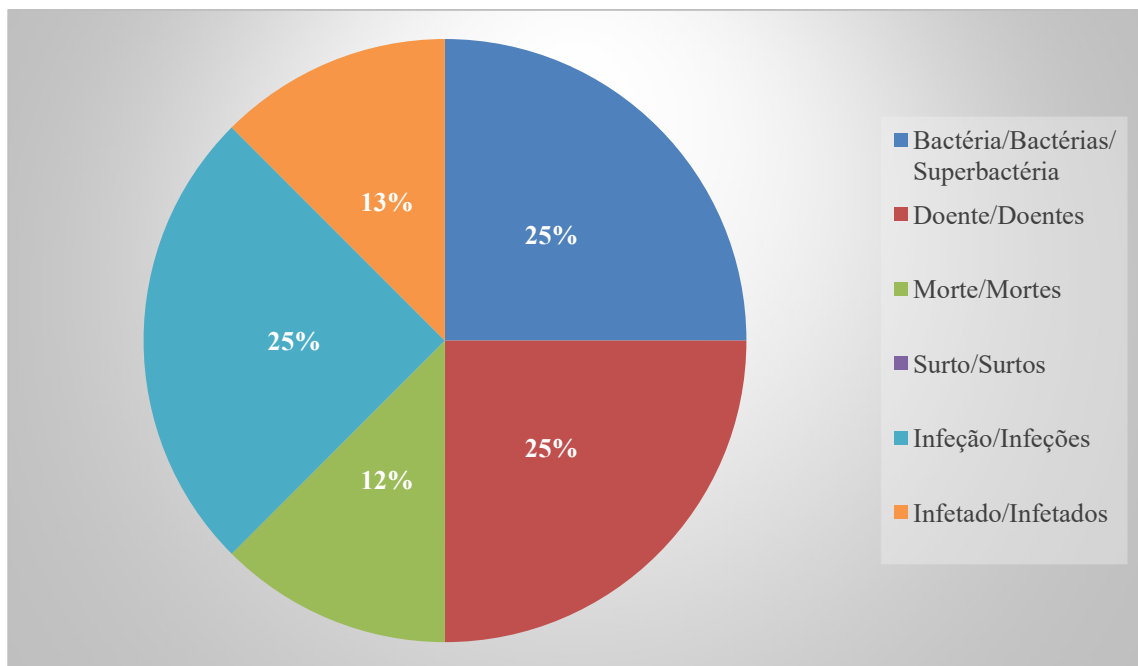


Fonte: Elaboração própria (2022).

Conforme é possível observar no Gráfico 5, o Jornal de Notícias utilizou, em boa parte dos títulos, subtítulos e legendas das notícias e reportagens, os termos “bactéria/bactérias/superbactéria”, contabilizando 37% das palavras usadas. Após, estão os termos doente/doentes (21%), morte/mortes (16%), infeção/infeções (11%), surto/surtos (10%) e infetado/infetados (5%). Essa análise já mostra que os três principais termos mais utilizados pelo jornal enquadram-se na origem da doença, aos doentes contaminados e a um possível resultado epidemiológico causado por tal problema.

A seguir, no Gráfico 6, é apresentada a incidência de palavras utilizadas no jornal Diário de Notícias. As palavras seguem a mesma lógica nos jornais, sendo as palavras bactéria/bactérias/superbactéria, doente/doentes, morte/mortes, surto/surtos, infeção/infeções e infetado/infetados as seleccionadas para análise.

Gráfico 6 – Percentagem das expressões utilizadas - Diário de Notícias



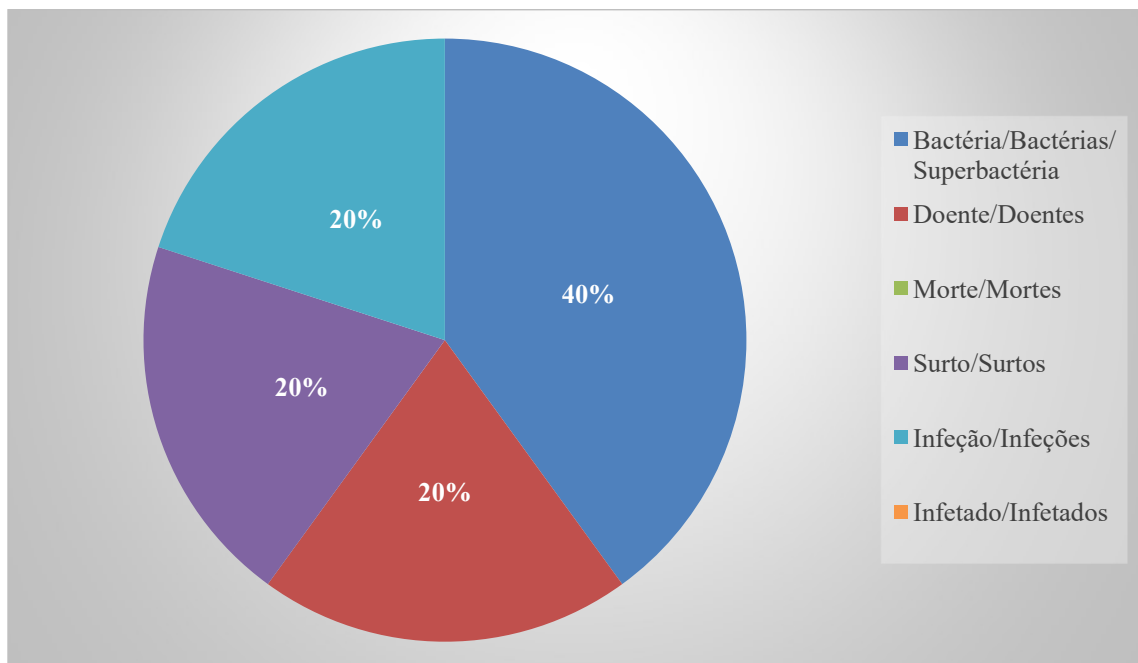
Fonte: Elaboração própria (2022).

Conforme é possível observar no Gráfico 6, o jornal Diário de Notícias utilizou, em boa parte dos títulos, subtítulos e legendas das notícias e reportagens, os termos “bactéria/bactérias/superbactéria”, “doente/doentes” e “infeção e infeções” contabilizando 25% em cada uma dessas categorias de palavras usadas. Após, estão os termos infetado/infetados (13%) e morte/mortes (12%). O jornal não utilizou nos títulos, subtítulos e legendas das suas notícias e reportagens o termo “surto/surtos”. Diferente do exposto pelo Jornal de Notícias, que utilizou todos os termos. Essa análise já mostra que os três

principais termos mais utilizados pelo jornal enquadram-se na origem da doença, aos doentes contaminados e o que tal doença pode provocar ao organismo desse doente. Diferente do Jornal de Notícias, que tinha como terceira palavra mais utilizada o termo “morte/mortes”, como sendo um dos factores preocupantes desta contaminação no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE.

A seguir, no Gráfico 7, é apresentada a incidência dos termos utilizados no jornal Correio da Manhã. As palavras são as mesmas apresentadas anteriormente, sendo as expressões bactéria/bactérias/superbactéria, doente/doentes, morte/mortes, surto/surtos, infeção/infeções e infetado/infetados as seleccionadas para análise.

Gráfico 7 – Percentagem das expressões utilizadas - Correio da Manhã



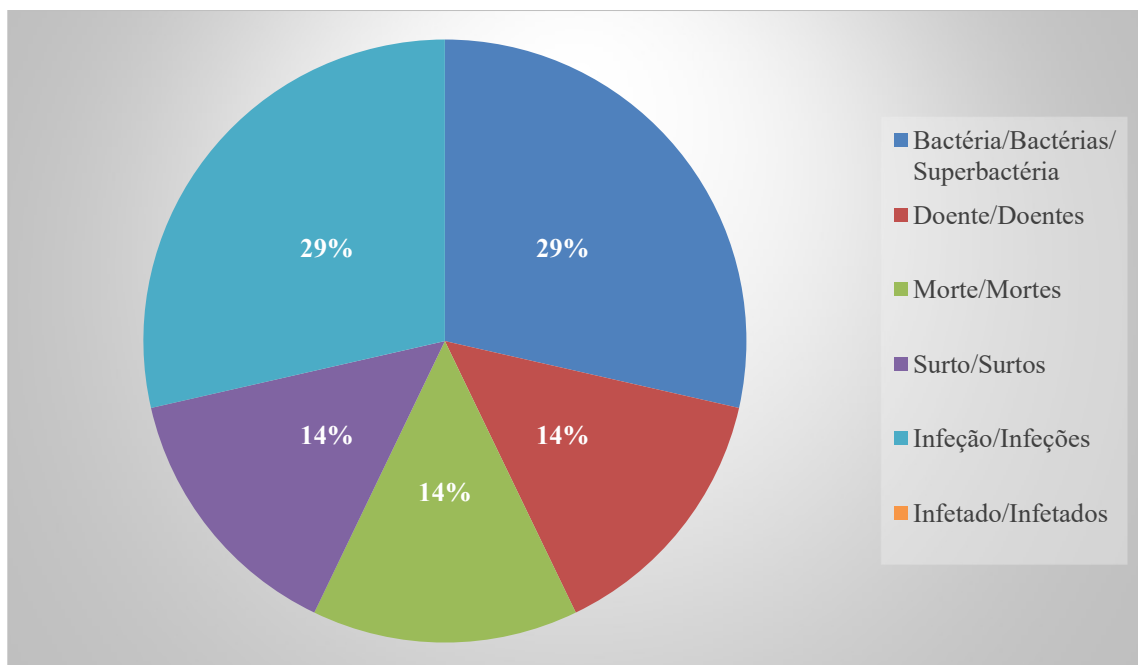
Fonte: Elaboração própria (2022).

Conforme é possível observar no Gráfico 7, o jornal Correio da Manhã utilizou, em boa parte dos títulos, subtítulos e legendas das notícias e reportagens, o termo “bactéria/bactérias/superbactéria”, que contabilizou 40% das incidências. Após estão os termos “doente/doentes”, “surto/surtos” e “infeção e infeções”, contabilizando 20% em cada uma dessas categorias de palavras usadas. O jornal não utilizou nos títulos, subtítulos e legendas das suas notícias e reportagens o termo “morte/mortes”, e nem o termo “infetado/infetados”. Com uma abordagem diferente da exposta pelo Jornal de Notícias, que utilizou todos os termos. Essa análise já mostra que o principal termo utilizado pelo jornal se enquadra na origem da doença, mas o impresso diário também traz palavras que

remetem ao estado dos pacientes contaminados, a situação sanitária do hospital e o que tal doença pode ocasionar ao organismo desse paciente. O jornal Correio da Manhã também trouxe um percurso diferente do Jornal de Notícias nas palavras utilizadas para falar sobre o assunto.

A seguir, no Gráfico 8, é apresentada a incidência dos termos utilizados no Jornal i. As palavras são as mesmas apresentadas anteriormente, sendo as expressões bactéria/bactérias/superbactéria, doente/doentes, morte/mortes, surto/surtos, infeção/infeções e infetado/infetados as selecionadas para análise.

Gráfico 8 – Percentagem das expressões utilizadas - Jornal i



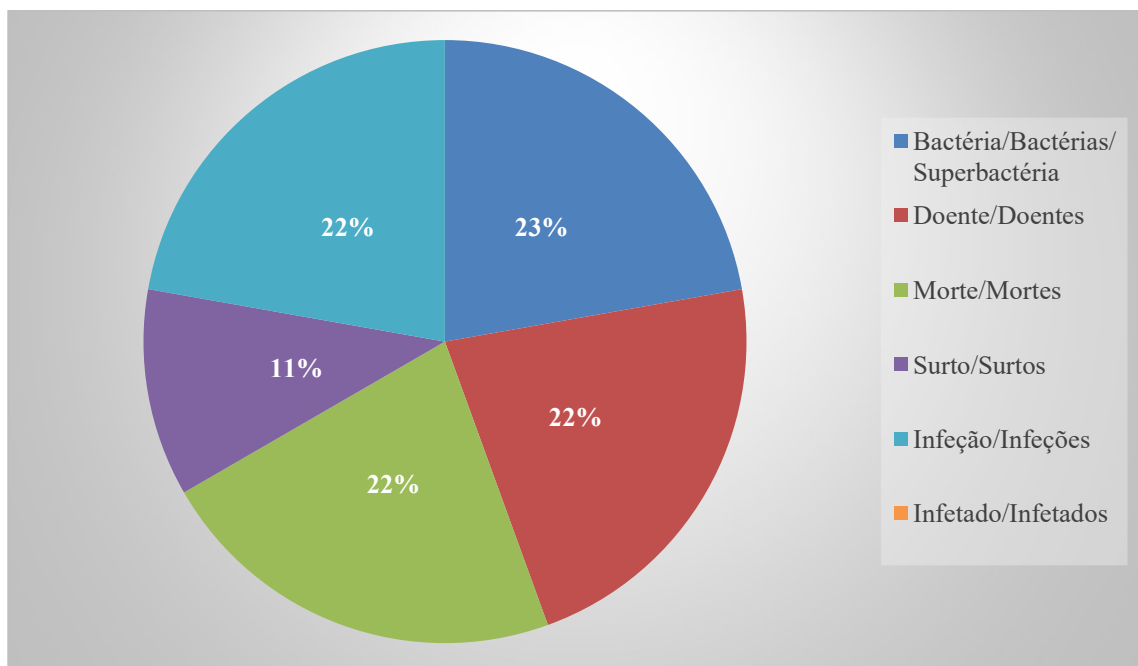
Fonte: Elaboração própria (2022).

Conforme é possível observar no Gráfico 8, o Jornal i utilizou, em boa parte dos títulos, subtítulos e legendas das notícias e reportagens, os termos “bactéria/bactérias/superbactéria” e “infeção/infeções” que contabilizou 29% cada uma das incidências. Após estão os termos “doente/doentes”, “surto/surtos” e “morte/mortes”, contabilizando 14% em cada uma dessas categorias de palavras usadas. O jornal não utilizou nos títulos, subtítulos e legendas das suas notícias e reportagens o termo “infetado/infetados”. O Jornal i também apresentou quantitativamente uma abordagem diferente da exposta pelo Jornal de Notícias, que utilizou todos os termos. Essa análise já mostra que os principais termos utilizados pelo jornal enquadram-se na origem da doença e no que ela gera na pessoa contaminada. Além disso, também traz palavras que remetem

ao estado dos doentes contaminados, a situação sanitária do hospital e o que tal doença pode desencadear.

A seguir, no Gráfico 9, é apresentada a incidência dos termos utilizados no Jornal Público. As palavras são as mesmas apresentadas anteriormente, sendo as expressões bactéria/bactérias/superbactéria, doente/doentes, morte/mortes, surto/surtos, infeção/infeções e infetado/infetados as selecionadas para análise.

Gráfico 9 – Percentagem das expressões utilizadas - Jornal Público



Fonte: Elaboração própria (2022).

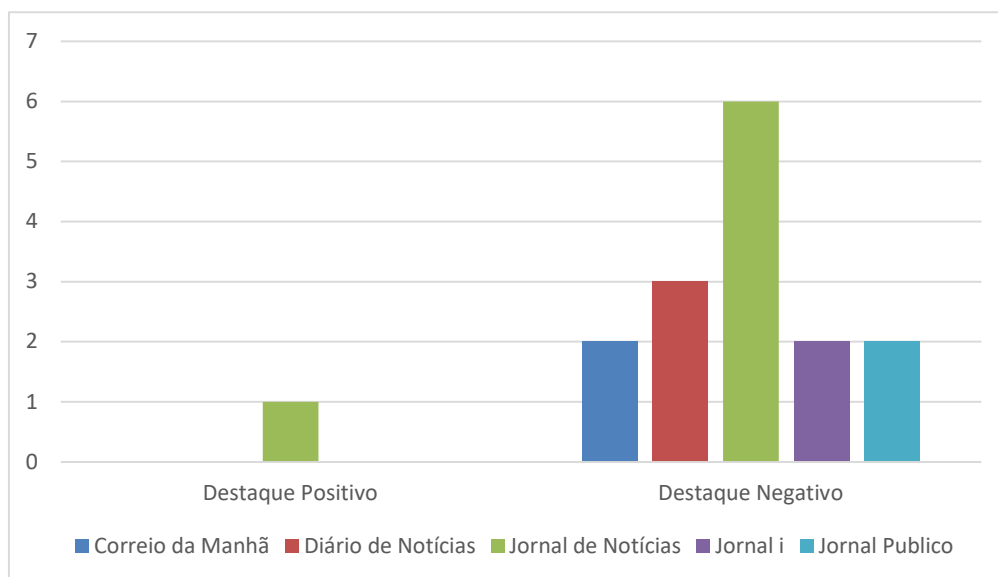
Conforme é possível observar no Gráfico 9, o Jornal Público utilizou, em boa parte dos títulos, subtítulos e legendas das notícias e reportagens, o termo “bactéria/bactérias/superbactéria”, que contabilizou 23% cada uma das incidências. Após, estão os termos “doente/doentes”, “infeção/infeções” e “morte/mortes”, contabilizando 22% em cada uma dessas categorias de palavras usadas. Por fim, o termo “surto/surtos” com 11% das incidências. O jornal não utilizou nos títulos, subtítulos e legendas das suas notícias e reportagens o termo “infetado/infetados”. O Jornal Público também apresentou quantitativamente uma abordagem diferente da exposta pelo Jornal de Notícias, que utilizou todos os termos. Essa análise já mostra que os principais termos utilizados pelo jornal se enquadram na origem da doença. Além disso, também traz palavras que remetem ao estado dos doentes contaminados, o que a situação gera nesses doentes e o que tal doença pode desencadear a nível fatal. Por fim, apresenta a situação sanitária do hospital.

A partir desses gráficos é possível observar as palavras que tiveram mais incidência em cada um dos jornais. Essa análise das palavras mais utilizadas colabora para uma melhor compreensão sobre qual o tipo de abordagem que foi adotada, se a mesma teve um desfecho positivo ou negativo, assim como, complementa os demais dados expostos e os que serão apresentados na análise qualitativa.

É importante frisar que a abordagem sobre a atenção dada pelos jornais é necessária para compreender um dos pontos expostos por Traquina (2020), ao salientar que o campo jornalístico contemporâneo é formado por dois pólos: o económico e o ideológico. Na perspectiva do assunto que faz parte do *corpus* desta pesquisa, o mesmo se enquadra no pólo ideológico, pois é uma notícia que se enquadra no contexto de ser um serviço público. Isso por ser um assunto no contexto de saúde, serviço público e informação ao cidadão.

Desta forma, para analisar a atenção dada pelos jornais e posteriormente a análise qualitativa das peças que fazem parte do contexto, é exposto no Gráfico 10 com a demonstração quantitativa da perspectiva de destaque adotada ao falar sobre as infeções hospitalares no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho – EPE: positiva ou negativa.

Gráfico 10 – Destaque Positivo X Destaque Negativo - Comparativo entre os jornais



Fonte: Elaboração própria (2022).

Conforme analisado no Gráfico 10, o Jornal de Notícias foi o único impresso diário que trouxe uma notícia dentro de uma abordagem positiva. Essa abordagem foi

possível perceber na matéria publicada no dia 04 de novembro de 2015 trouxe o seguinte título na capa: “Gaia. 45 pessoas em isolamento por causa de bactéria perigosa”. E na página interna apresentou o seguinte título: “Gaia enfrentou o maior surto do país da bactéria KPC”. O lado “positivo” é visto com cariz informativo, e trata do controlo e do isolamento das pessoas contaminadas pela bactéria

Quando a abordagem do destaque é negativa, é possível perceber que todos os jornais trouxeram essa análise, de uma forma que procura alertar a sociedade e as entidades de saúde sobre o que estava a ocorrer no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE. Esse lado negativo é possível de perceber através de palavras como surto, morte, infetados e doentes. Além disso, percebe-se que mesmo analisando a positividade numa das notícias, o Jornal de Notícias, nas sete inserções (notícias e reportagens), seis delas são dentro de uma ótica negativa. Isso também já mostra que em questões quantitativas, o jornal abordou negativamente e em grande quantidade, inclusive, num contexto de terrorismo, ao colocar na capa do dia 15 de outubro de 2015 o seguinte título: “Bactéria. Hospital de Gaia incapaz de controlar surto que infetou 30 doentes”.

É importante destacar que o Jornal de Notícias foi o meio noticioso impresso que manteve o assunto dentro da sua agenda, o que também colabora para que a análise tenha um grande destaque na sua produção jornalística. Além disso, essa análise é importante para compreender o que fez com que o jornal desse tamanha visibilidade ao assunto. Pois conforme discutido na parte teórica desta tese de doutoramento, Pamela Shoemaker (2006) faz uma distinção entre notícia e noticiabilidade. A autora defende que as notícias são consideradas um bem e que a noticiabilidade é um julgamento mental. Nesta visão, a noticiabilidade não é construída somente a partir de um determinado factor de um evento, mas dentro de uma construção mental, onde algo acontece e vai parar nas páginas dos jornais.

Com base nesta reflexão de Shoemaker (2006), que foi abordada no decorrer deste trabalho, não se pode negar que muitos são os factores que alimentam o imaginário, seja do jornalista que produz a notícia ou do cidadão que irá receber a informação. E são nestes detalhes que fazem parte do julgamento mental que as coisas acontecem, e que a noticiabilidade é validada. E dentro deste contexto é importante destacar que o valor-notícia, também conhecido como critério de noticiabilidade, é responsável por organizar hierarquicamente as notícias.

Desta forma, para aprofundar a discussão, no próximo item será apresentada a análise qualitativa das peças recolhidas dos jornais, de tal modo que será possível averiguar os critérios que foram adotados para que o tema se tornasse notícia ou reportagem nos respetivos meios de comunicação impressos diários - análise detalhada dos aspectos destacados pelos jornais Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Público e Jornal i.

4.2. Análise Qualitativa dos Dados

A análise quantitativa das peças foi fundamental para que fosse possível realizar a análise qualitativa dos dados e, assim, tirar as conclusões sobre o discurso adotado pelos jornais diários. Mas para além disso, analisar o conteúdo presente nas peças é necessário para compreender a forma como o assunto foi abordado.

A análise qualitativa dos dados, no Quadro 10 é apresentada a relação das manchetes/títulos e as linhas de apoio e subtítulos que acompanham.

Quadro 10 – Relação das manchetes/títulos e linhas de apoio/subtítulos

JORNAL DE NOTÍCIAS		
	MANCHETES/TÍTULOS	LINHAS DE APOIO/SUBTÍTULOS
01	Bactéria. Oito mortos e 22 doentes infetados no Hospital de Gaia (CAPA)	Primeiro caso foi identificado em agosto, num paciente que tinha sido operado. Restantes internados em isolamento.
02	Bactéria infeta 30 doentes no Hospital de Gaia	Infeção. Oito vítimas mortais entre os casos identificados desde agosto. Há 22 doentes sem sintomas que se encontram em isolamento.
03	Bactéria. Hospital de Gaia incapaz de controlar surto que infetou 30 doentes (CAPA)	Há 13 pessoas internadas em isolamento
04	Bactéria por controlar no hospital	Gaia. Oito mortes entre os 30 colonizados com bactéria multirresistente. Há 13 doentes internados em isolamento. Responsável pelo controlo de infeções do centro hospitalar admite que surjam novos casos nos próximos dias. Surto. Maioria dos utentes desconhecia infeção Um em cada 10 doentes contrai infeção hospitalar
05	Bactéria causou três das oito mortes	-
06	Mais quatro doentes com a bactéria	Gaia. Hospital faz rastreio universal nas enfermarias de alto risco. Há 17 pessoas em isolamento, sem infeção
07	Mau uso de antibióticos na origem da bactéria	-
08	Hospital juntou doentes com bactéria no mesmo serviço	Gaia. Administração concentrou pacientes portadores de <i>klebsiella pneumoniae</i> e garante que a situação já está controlada e não há motivo para alarme

09	Gaia. 45 pessoas em isolamento por causa de bactéria perigosa (CAPA)	-
10	Gaia enfrentou o maior surto do país da bactéria KPC	Infeção. Identificados 90 portadores e 12 infetados, 45 deles em isolamento. “Não são expectáveis mais casos”
CORREIO DA MANHÃ		
	MANCHETES/TÍTULOS	LINHAS DE APOIO/SUBTÍTULOS
01	Bactérias matam 4600 por ano nos hospitais (CAPA)	-
02	Bactérias matam 4600 por ano	Saúde. 44 doentes rastreados em V. N. Gaia Oito pessoas morreram em dois meses com a <i>klebsiella pneumoniae</i> Novo contágio é “pouco provável” Falta de profissionais dificulta diagnóstico
03	“Ninguém nos disse que tem bactéria”	Vila Nova de Gaia. Filho de utente do hospital está revoltado Hospital enviou carta e boletim informativo Idosa é portadora de <i>klebsiella pneumoniae</i> . Família e cuidadores garantem que não sabiam
DIÁRIO DE NOTÍCIAS		
	MANCHETES/TÍTULOS	LINHAS DE APOIO/SUBTÍTULOS
01	Bactérias hospitalares. Um em cada dez doentes é infetado	Saúde. Taxa de infeção hospitalar em Portugal é quase o dobro da média europeia e é dos países que mais usam antibióticos. Resistência da bactéria detetada no hospital de Gaia é rara “Impedir infeções hospitalares é difícil. Temos é de as diminuir”
02	DGS confirma três mortes por infeção no hospital de Gaia	-
03	Mais quatro doentes com superbactéria	-
JORNAL i		
	MANCHETES/TÍTULOS	LINHAS DE APOIO/SUBTÍTULOS
01	Hospital de Gaia. Doente que tomou antibiótico durante um mês na origem do surto (CAPA)	-
02	Bactéria resistente em Gaia. “Lotação acima do esperado dificulta prevenção”	Uma doente que tomou antibióticos durante mais de um mês estará na origem do surto que terá feito três mortos. Perita alerta para problemas que dificultam combate à transmissão
03	Gaia. DGS admite três mortes por infeção com superbactéria	-
JORNAL PÚBLICO		
	MANCHETES/TÍTULOS	LINHAS DE APOIO/SUBTÍTULOS
01	Bactéria ligada a oito mortes em Gaia mantém 13 doentes em isolamento	Hospital de Gaia confirmou oito óbitos de doentes em que foi detectada uma bactéria hospitalar. Mas diz que as mortes não podem ser totalmente associadas à infeção porque eram pessoas com doenças graves
02	DGS atribui surto de bactéria em Gaia ao uso indevido de antibióticos	Bactéria que afeta desde agosto hospital de Gaia identificada em 30 doentes. Até ao momento foram contabilizadas três mortes devido a este problema. Francisco George garante que situação está controlada

Fonte: elaborado pela investigadora.

Ao observar o Quadro 10, num contexto geral, os cinco jornais somam 21 manchetes/títulos, sendo 10 delas do Jornal de Notícias. E dessas 21 manchetes/títulos, cinco delas foram publicadas nas capas dos periódicos. Sendo três na capa do Jornal de Notícias. E com base neste quadro, é possível averiguar que o Jornal de Notícias deu grande atenção ao assunto, e isso pode estar relacionado ao facto de o jornal estar localizado na região do Porto.

A partir deste quadro também é possível retomar alguns pontos trazidos da análise quantitativa, tendo em vista que são fundamentais para avaliar em dados qualitativos os critérios de noticiabilidade adotados pelo jornal. Pois conforme exposto no referencial teórico, Sousa (2005) explica que eles funcionam como um método de organização das notícias, e a partir dessa análise é possível observar os critérios que foram adotados pelos jornais, em especial, o Jornal de Notícias, que deu mais visibilidade para a questão das infeções hospitalares no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE.

Em primeiro lugar, conforme retratado nesta análise, observa-se o facto de que o Jornal de Notícias foi o impresso diário que mais tratou o assunto. Além disso, outro ponto importante é o uso da palavra bactéria, que na análise quantitativa foi sinalizada, e aqui é possível verificar que em todos os títulos e manchetes do Jornal de Notícias apresentam o termo. O mesmo ocorre nos jornais Correio da Manhã e Jornal Público, que em todas as manchetes e títulos utilizaram a palavra bactéria. Enquanto os jornais Diário de Notícias e Jornal i empregaram a palavra pontualmente.

Quando se pensa no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, também é possível observar que o Jornal de Notícias evidenciou nos seus títulos, manchetes, linhas de apoio e subtítulos a responsabilidade ao hospital. Além de apoiar-se em palavras como “surto”, “morte”, “doente” como um complemento à abordagem negativa do assunto. Isso faz com que se crie uma tensão em todos os envolvidos (sociedade em geral, doentes, familiares dos doentes, profissionais de saúde, órgãos de saúde e responsáveis pelo hospital). Esse contexto obedece a um dos critérios de noticiabilidade ao abordar e esmiuçar o lado negativo sobre determinado assunto.

O aprofundar do tema foi um ponto que, ao analisar as peças, observou-se nos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias, Jornal i e Jornal Público que não valorizaram o assunto. Os impressos não utilizaram muitas fotos, os espaços utilizados eram

proporcionalmente menores e sem muito destaque, assim como, a utilização de fontes foi inferior. A média de publicações em cada um desses jornais ficou entre duas a três, apenas com o objetivo de falar sobre o que estava a ocorrer e sem dar uma ideia de profundidade, continuidade do assunto, assim como, desfecho do mesmo. Além disso, a forma como foi noticiado o assunto pelos jornais também foi diferenciada. A primeira vez em que o assunto foi abordado em cada um dos jornais, o mesmo foi construído dentro de uma perspectiva de reportagem, que para White (1950) é quando se ocupa de um grande espaço e aprofundamento dentro das demais notícias que são selecionadas para serem publicadas no jornal. Desta forma, percebe-se que o pontapé inicial de cada um dos jornais foi realizado da mesma forma, com a mesma perspectiva de trazer informações mais densas sobre as infeções hospitalares no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE. Esse aprofundamento faz parte de um dos critérios de noticiabilidade de Galtung e Ruge (1965), que trata da amplitude de interesse ou influência do evento.

Entretanto, percebe-se que os jornais adotaram um caminho inverso, pois primeiro trouxeram uma reportagem sobre o assunto e depois notícias menores. Inclusive, o próprio Jornal de Notícias, que mais apresentou informações sobre o caso, trouxe nas duas primeiras edições que abordou o assunto, reportagens com um certo grau de aprofundamento.

Quando se reflete sobre a importância dada ao tema, somente o Jornal de Notícias trouxe uma matéria com uma atenção considerada “neutra”, mas aqui defendida como uma ideia de positivo, pois se tratava de informações sobre o caso. As demais notícias e reportagens, tanto do Jornal de Notícias, como do Correio da Manhã, Diário de Notícias, Jornal i e Jornal Público, basearam-se numa abordagem negativa, pois traziam uma visão de irresponsabilidade do hospital, assim como, apresentando um contexto voltado para a morte, o surto e o problema fora do controlo do hospital e dos órgãos de saúde.

Foi possível perceber essa abordagem a partir do uso das palavras bactéria/bactérias/superbactéria, doente/doentes, morte/mortes, surto/surtos, infeção/infeções e infetado/infetados que apareciam em praticamente todos os títulos e manchetes, assim como, a ligação com o nome do hospital. As palavras, na sua essência, apresentam um contexto negativo, que automaticamente atende a um dos critérios de noticiabilidade, e respeita a máxima de que “notícia boa não vende”, que as boas notícias

precisam falar de algo mau para serem vendáveis nos jornais. Essa negatividade faz parte do que é proposto por Galtung e Ruge (1965) nos 12 critérios.

Quando analisadas as fontes utilizadas pelos jornais, também é possível perceber que, na sua maioria, são fontes oficiais que possuem ligação com o hospital ou com alguma entidade de saúde. Um dos pontos principais na produção de uma notícia e reportagem é a seleção de fontes, e quando se trata de um assunto que envolve questões de interesse público e governamental, a procura de fontes oficiais é primordial. Neste caso, os impressos utilizaram as seguintes fontes oficiais – que estão dentro de alguma entidade de saúde: Dr. Francisco George (Diretor-geral da Saúde), Dr. Libério Ribeiro (presidente da Sociedade Portuguesa de Alergologia Pediátrica), Dr. Silvério Cordeiro (presidente do Conselho de Administração do Hospital de Gaia), Enf^o José Azevedo (presidente do Sindicato dos Enfermeiros), Dr. José Artur Paiva (diretor do Programa de Prevenção e Infeções da Direção-Geral da Saúde), Dra Margarida Mota (responsável do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE), Enf^o Pedro Melo (enfermeiro especialista em saúde pública), Dra Merlinda Madureira (presidente da Federação Nacional de Médicos) e Dra Graça Rocha (vice-presidente da Associação Portuguesa de Infeção Hospitalar).

Neste ponto, é importante resgatar a visão de Sigal (1987), ao destacar que as fontes utilizadas pelos jornalistas são condicionadas por três aspectos: o posicionamento social do jornalista, a rotina organizacional e a convenção da autoridade. Para a discussão desta análise, a última é de extrema importância, pois quando se fala em convenção de autoridade, a mesma atende a máxima de quanto mais autoridade tiver uma fonte dentro de uma organização ou um órgão, maior relevância será dada a esse relato. Ou seja, ao utilizar fontes oficiais, os jornalistas tornam a notícia ou reportagem mais validada. E isso faz com que jornalistas e fontes criem uma relação de troca, pois os primeiros precisam dos segundos para produzir notícias e exclusivos e os segundos precisam dos primeiros para disseminar determinadas mensagens ou perspectivas.

Dentro deste contexto das fontes oficiais, todos os jornais procuraram para a produção de notícias e reportagens referentes às infeções hospitalares no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE. Por ser o jornal que mais produziu informações sobre o assunto, o Jornal de Notícias também foi o que mais trouxe fontes oficiais para os textos, totalizando nove fontes oficiais entre a primeira reportagem até à última notícia produzida

no período de 14 de outubro de 2015 até 04 de novembro de 2015. Em seguida, está o Jornal Público, que trouxe seis fontes oficiais e o Diário de Notícias que trouxe quatro fontes oficiais. Os jornais Correio da Manhã e Jornal i trouxeram duas fontes oficiais cada.

A utilização de fontes oficiais também atende alguns critérios de noticiabilidade, daqueles 12 propostos por Galtung e Ruge (1965) e que foram expostos na construção teórica desta tese de doutoramento. Quando são utilizadas fontes oficiais, a tendência é que as mesmas procurem atender ao requisito relevância, tornar tal notícia e reportagem relevantes num determinado contexto, assim como, trazer a presença de pessoas consideradas importantes dentro da sociedade. As fontes oficiais são determinantes para apresentar uma ideia de validação para o jornal, pois mostra que o mesmo privilegia a informação e procura apresentar para a sociedade o que está de facto a ocorrer, mesmo que seja uma visão que possa ser tendenciosa para um lado ou outro.

As fotos, que podem ser observadas nos anexos desta tese, também foram pontos importantes na análise do discurso da imprensa diária no que diz respeito às infeções hospitalares no Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE. Quando uma notícia ou reportagem contam com uma boa fotografia, o jornal consegue passar uma credibilidade ao leitor. E ao analisar as fotografias, destaca-se que o Jornal de Notícias foi o que mais investiu em fotos nas notícias e reportagens, seguido do Correio da Manhã e Jornal Público. Os jornais Diário de Notícias e Jornal i trouxeram apenas uma foto cada um, o que mostra que ambos não procuraram aprofundar o assunto e nem consideraram relevante para o seu público.

Ao utilizar fotos nas notícias e reportagens, alguns critérios de noticiabilidade também são atendidos, tais como: a relevância, a complementaridade, a presença de pessoas de elite e a personificação. A presença de pessoas de elite e personificação é vista para além das fontes, mas nas fotografias das mesmas que ilustraram as inserções nos impressos. Dentro deste contexto, para pensar além do lado negativo apresentado na maior parte das manchetes e títulos das respetivas notícias e reportagens, quando as mesmas são acompanhadas de fotos do local ou de pessoas envolvidas, também demonstram que o assunto é importante, despertando o interesse do público.

Conforme exposto no decorrer desta análise, por mais que os jornais não tenham dado uma continuidade ao assunto, sendo apenas o Jornal de Notícias o que mais procurou

aprofundar o tema, o destaque do negativo foi o que mais prevaleceu no conteúdo produzido pelos impressos diários. Entretanto, também é importante frisar a necessidade de os jornais trazerem informações sobre o desfecho de determinados assuntos, ainda mais, quando se trata de saúde pública. Ao observar as peças, muitas questões ficaram no ar: o Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE conseguiu controlar o surto da bactéria? Quando? Quais medidas foram adotadas para controlar o contágio? Morreram mais pessoas? Ao todo, quantas foram contaminadas?

De modo geral, quando analisados os 12 critérios de noticiabilidade propostos por Galtung e Ruge (1965), é possível destacar que o Jornal de Notícias foi o jornal que mais se aproximou desses pontos. Assim como, o que mais realizou um discurso voltado para o hospital, e destacando a responsabilidade para o mesmo. Isso porque o jornal está localizado no Porto, em Portugal, e se caracteriza pela proximidade em relação ao Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia e Espinho - EPE, sendo um dos valores-notícia. Assim como, a questão morte e escândalo, pois ao usar o discurso de que o jornal não conseguiu controlar o problema, o mesmo acaba por ser vinculado a um escândalo para a sociedade e os órgãos fiscalizadores de saúde.

Desta forma, a partir desta análise é possível destacar que: por ser um assunto relacionado a morte, por estar ligado a um dos principais hospitais do norte e por despertar o interesse público, o mesmo recebeu um destaque notório em pelo menos, algum momento, num dos cinco jornais impressos diários portugueses. Claro, com principal incidência no Jornal de Notícias, mas sendo divulgado e tendo o discurso de “crise de saúde” nos demais jornais impressos.

Sendo assim, a presente tese de doutoramento consegue mostrar como os jornais portugueses apresentam a questão da crise de saúde em suas páginas. E reforçar a ideia de que as “mazelas” são sempre destacadas, como algo fora de controlo, causando um certo espanto na sociedade.

Comunicação em saúde:

O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

CONCLUSÃO

De forma idealizada, pode-se entender que o jornalismo é capaz de criar consenso social sobre certas temáticas, tem o poder de difundir informações e contribuir para a formação da “opinião pública”, sendo entendido a partir de sua função social como instrumento para informar e até educar a população. Nessa ótica, os critérios de noticiabilidade servem apenas como elementos de organização do fazer jornalístico. Contudo, a realidade dos mass media, especialmente os aspectos económicos, a relação entre a audiência e a publicidade e a linha editorial que envolve o jornalismo, complexifica essa questão. Não é possível acolher de forma acrítica a ideia de que “o que é” ou “o que não é” notícia deriva apenas de critérios técnicos vinculados às Teorias do Jornalismo ou do interesse genuíno da população.

Nesse sentido, Charaudeau (2006) fornece pistas para entender melhor essa complexidade ao indicar que existe algo que se faz presente, através de discursos e opiniões, por exemplo, que estão para além do que as peças jornalísticas propriamente dizem. Ou seja, existem significados que não estão na superfície, na literalidade do texto, pois o jornalismo é uma ferramenta de interpretação da realidade, focada na periodicidade e definida por espaços controlados, nos quais é necessário “pinçar” da realidade o que será notícia e excluir o que não será. Além disso, trata-se de um espaço em disputa de interesses diversos, mediado socialmente e tecnicamente (Sousa, 2006). Nessa lógica, a prática do jornalista exige uma fragmentação da realidade, compreensão das informações, sejam elas técnicas ou não, interpretação e tradução da realidade num processo de codificação que, idealmente, visa facilitar a percepção dos factos pelo maior número possível de pessoas. A organização das informações, bem como a escolha dos géneros textuais, como a crónica e a reportagem, são igualmente orientados por critérios objetivos e subjetivos. Tais critérios interferem em vários aspectos, como a definição do que estará na capa do jornal, por

exemplo, ou o que deve ter um espaço privilegiado no jornal, ou, ainda, em qual género a peça será apresentada.

No caso empírico observado, referente às peças produzidas pelos jornais sobre as infeções no Hospital de Gaia, compreende-se que a função do jornalismo pode ser traduzida pela percepção de Charaudeau (2006) supracitada. Percebe-se no *corpus* o esforço em interpretar a realidade e traduzir para a população a crise ocorrida, através de diversas estratégias. Nas reportagens publicadas pelo Diário de Notícias e Correio da Manhã²¹ nota-se essa dinâmica de fragmentação, interpretação e tradução da realidade e das informações técnicas. Destaca-se que essas peças são reportagens, mais longas que notícias, e ocupam espaço privilegiado no jornal. Ambas consultaram fontes especializadas: a responsável do Grupo de Coordenação Local – Programa de Prevenção e Controlo de Infeções e de Resistência aos Antimicrobianos (GCL-PPCIRA) do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia e Espinho – EPE, a Dra. Margarida Mota; o enfermeiro especialista em saúde pública En^o Pedro Melo; e a vice-presidente da Associação Portuguesa de Infeção Hospitalar, Dra. Graça Rocha. Pelo facto de serem textos mais longos foi possível tratar do assunto em maior profundidade. O tratamento dado a essas reportagens é de cariz informativo, ao esclarecer a população a problemática das infeções hospitalares de forma geral, para além do caso específico do Hospital de Gaia. Contudo, a maior parte dos materiais analisados não possui esse *modus operandi*. Nas reportagens do Jornal de Notícias (Quadro 6) e Jornal i (Quadro 7) verifica-se outra perspectiva: tratam-se de peças que abordam o tema das mortes, com juízos de valor sobre a conduta do hospital, que deixam dúvidas se foi um caso de negligência da instituição e com fontes quase exclusivamente de familiares de vítimas, o que personifica o ocorrido.

Quanto às peças menores publicadas, as notícias, os jornalistas sintetizam as informações colocando como destaque, novamente os números de mortes e infetados, em uma construção textual que indica urgência, risco eminente, que pode ser entendida como sensacionalista. Esse é caso das notícias de todos os jornais analisados, com destaque para o Jornal de Notícias, que publicou maior número de inserções sobre o tema e em todas destacava as mortes, os infetados, a resistência da bactéria e o suposto descontrolo do hospital diante da situação. Salientamos ainda que apenas duas inserções, no Correio da

²¹ Intituladas “Bactérias hospitalares. Um em cada dez doentes é infetado” (15/10/2015) e Bactérias matam 4600 por ano nos hospitais (15/10/2015), respectivamente.

Manhã e no Jornal de Notícias, adotaram uma abordagem que pode tranquilizar e informar a população. No Correio da Manhã, uma reportagem explica formas simples e didáticas de prevenir a infeção, como por exemplo lavar as mãos, e no Diário de Notícias há inserção de uma entrevista com Dra. Margarida Mota, citada anteriormente, que explica à população como pode procurar cuidados de saúde no hospital sem risco, pois os doentes estavam isolados, ou seja a situação não estaria fora de controlo.

Em linhas gerais, as abordagens são pouco aprofundadas e caracterizam-se pela personificação e sensacionalismo, que se repete em todos os jornais, quase que na totalidade das inserções. Porém, percebe-se uma linha editorial um pouco diferente dos demais no caso do Correio da Manhã e do Jornal de Notícias que, pelo menos inicialmente, dedicaram-se a realizar reportagens mais longas e informativas, sem destacar em títulos e manchetes o número de infetados e mortos. Também foram esses jornais que consultaram fontes oficiais mais vezes.

Outro aspecto que se conclui após a realização desta pesquisa é a discussão sobre o valor-notícia. Percebe-se que o caso das infeções converge com os quatro pontos explicitados por Wolf (1999), ou seja, há envolvimento de setores da saúde coletiva, o que, pelo menos em tese, é de interesse de todos. As notícias produzem efeitos para além do acontecimento em si, pois podem gerar medo na população e chamar a atenção nacional e internacional para o caso, por tratar-se de uma questão de saúde pública. O número de pessoas envolvidas não é particularmente elevado, mas como deriva em adoecimento e morte, ainda que não sejam centenas ou até milhares de casos, desperta interesse. O acontecimento é relevante porque atinge, ou tem potencial para atingir, toda a população que é atendida no Hospital de Gaia, bem como este surto fez com que as equipas de saúde se organizassem para encontrar formas mais eficientes de prevenir outras situações do tipo.

A questão das fontes também é relevante. Conforme Sigal (1987), as fontes estariam subordinadas a três factores: posicionamento social do jornalista, como local geográfico, rede de contatos, etc.; rotina organizacional do jornal, como deadline e linha editorial; convenção da autoridade, sua posição hierárquica e autoridade numa organização. No caso analisado nota-se dois “tipos” de fontes: as oficiais, sobretudo na figura de Dra. Margarida Mota (responsável pelo GCL-PPCIRA) e os familiares de pessoas vitimadas pela bactéria que causou o surto. Tendo em vista que o número de vezes que as fontes oficiais foram consultadas é significativamente menor que o espaço dado para

familiares e doentes, pode-se confirmar que, de maneira geral, os jornais procuraram personificar a cobertura, dando mais ênfase ao drama pessoal do que a disponibilizar informações fidedignas e oficiais sobre o facto. Também é notório que houve pouco espaço para orientar a população sobre a temática. Não se trata de criticar essa escolha ao fazer juízo de valor, porém parece ser uma abordagem para atrair um maior número de leitores, afinal, como nos lembra Traquina (2020), a morte, a tragédia, especialmente quando personificada num nome, num caso singular, é um componente que desperta grande interesse social. Assim, um dos possíveis objetivos dos veículos é a garantia de maior audiência, o que, conseqüentemente, atrai mais publicidade e aumenta a rentabilidade do jornal. Contudo, tendo como material empírico a seleção de peças feita nesta tese, não foi possível verificar e comprovar se houve deliberadamente maior interesse publicitário do que interesse público, de informar e educar. Pode-se apenas afirmar que há maior foco na personificação e nas mortes do que em informações técnicas.

Retomando a discussão teórica elaborada no Capítulo II, percebe-se nos dados colhidos que os jornais tem enquadramentos similares (Mouillaud, 1997) para reproduzir os acontecimentos. Ou seja, foi possível observar que os “frames de episódios”, acontecimentos pontuais, extraordinários e/ou, singulares, se sobrepuseram aos “frames temáticos” nas peças analisadas. O facto das infeções hospitalares serem um acontecimento extraordinário e, em grande medida, singular foi o que despertou interesse do tratamento noticioso realizado pelos jornais. Paralelamente, outro aspecto é que a cobertura jornalística, no período de um mês, perceptivelmente diminuiu na frequência, no tamanho das inserções e na visibilidade dedicada em capas, manchetes, etc. Nos quadros (de 4 a 8) disponíveis no Capítulo IV deste texto, pode-se observar que em todos os jornais as primeiras inserções publicadas sobre o caso do Hospital de Gaia eram reportagens ou notícias de, pelo menos, uma ou até duas páginas inteiras, com destaque também nas capas e nas manchetes. Já as últimas inserções foram notícias e notas curtas, relegadas às páginas internas dos jornais, sem destaques na capa. Isso indica que num mês o tema já não era tão atrativo. Através dos dados colhidos, indica-se que essa falta de interesse no final do período analisado, tem relação com duas questões centrais: primeiro, o surto foi controlado, o número de casos diminuiu, as mortes pararam de acontecer, conseqüentemente a “tragédia cessou” e, portanto, não havia mais nada de “extraordinário” para ser tratado. Além disso, existe a temporalidade do jornalismo impresso diário, muito fugaz, que renova os assuntos e aborda novas temáticas diariamente. Para se manter

relevante na imprensa diária um tema deve ter novidades, se não é substituído por acontecimentos mais recentes.

Sobre a ideia de agendamento, conclui-se que os dados empíricos permitem concordar com as elaborações de Wolf (1995). Observa-se que parte do interesse pelas infeções deriva de uma carga informacional que está presente na memória das pessoas, pois está relacionada à morte, adoecimento, emoções (medo) e questões de gestão da saúde pública. Além disso, extrai-se da perspectiva negativa adotada pelos jornais, o apelo para essa memória, inclusive no juízo de valor sobre o descontrolo do hospital diante do facto. Esta pesquisa não tinha como objetivo abordar a recepção das notícias por parte dos leitores, para compreender se estes foram ou não estimulados à reflexão, ou se o discutiram na esfera pública. Entretanto, pode-se deduzir que os leitores foram influenciados dada a gravidade do facto e o interesse que o mesmo desperta.

Especificamente sobre os critérios de noticiabilidade, dos pontos definidos por Galtung e Ruge (1965), o caso analisado enquadra-se nos seguintes critérios:

- Frequência com que surgem notícias sobre esse tipo de eventos: trata-se de um evento raro, fora do quotidiano;
- Número de pessoas a quem poderá interessar: certamente interessa a quase totalidade de pessoas da região, pois estas podem necessitar de atendimento no hospital em questão, além disso um surto de infeções tem o potencial de se espalhar para fora do hospital, ainda que isso seja muito raro, afetando um número maior de pessoas;
- Relevância: por ser um facto ligado à saúde pública coletiva possui relevância social;
- Personificação: em linhas gerais, a abordagem dos jornais optou por personificar o acontecimento, dando maior espaço para os testemunhos de familiares de vítimas fatais e doentes;
- Negatividade: retomando a ideia de que acontecimentos particularmente negativos despertam grande interesse social.

Já na perspectiva de critérios de noticiabilidade defendida Traquina (2005; 2020), salienta-se: morte, proximidade (jornais locais), relevância, novidade, inesperado e conflito/controvérsia (sugestão de negligência, incapacidade e descontrolo por parte do hospital).

Por fim, retoma-se as questões, objetivos e hipóteses apresentados na introdução desta tese de doutoramento. Quanto à problematização, a questão de “como os critérios de noticiabilidade comumente adotados pelo jornalismo direcionam e caracterizam a cobertura de crises na área da saúde?”, pode ser respondida da seguinte forma: a partir do *corpus* analisado, com base nas elaborações teóricas de Galtung e Ruge (1965) e atualizadas por Wolf (1995; 1999) e Traquina (2005; 2020), os critérios de noticiabilidade orientam quando os temas da saúde são relevantes, dando maior ênfase à saúde em momentos extraordinários, como o caso de surtos, epidemias e pandemias. Assim, diminuem o espaço para tratar da área no âmbito informativo, educativo e preventivo. Bem como, reduzem o contributo de fontes oficiais e técnicas. Além disso, prova-se que a personificação e a tematização da morte recebem grande atenção nas peças. Uma questão que poderá ser observada em trabalhos futuros sobre a temática é se esse interesse dos veículos decorre dos critérios de relevância, frequência e negatividade, ou se há forte influência de interesses publicitários e económicos. Nesse ponto, acredita-se que, como solução para a literacia da população, para além do jornalismo generalista, a área da saúde também deveria ter preocupações em divulgar informações através de estratégias de comunicação junto à sociedade, de modo a estabelecer critérios próprios de enquadramento, servindo como uma fonte complementar.

Quanto ao objetivo geral, considera-se que foi atingido, pois foi possível demonstrar que quando ocorre divulgação de factos relacionados com a área da saúde, e possivelmente em outras áreas que exigem conhecimentos técnicos específicos, os critérios de noticiabilidade e interesses dos jornais se sobrepõem ao enquadramento específico da saúde. Ou seja, o jornalismo, por vezes, ignora conhecimentos específicos, interpreta e traduz os factos a partir de valores externos ao bem-estar social, com o objetivo de atrair maior público, sem, muitas vezes, fornecer informações em profundidade.

Ao retomar as hipóteses levantadas na introdução, observa-se que:

- Os critérios de noticiabilidade, vinculados aos saberes da comunicação social, determinam “o que é” e o “que não é” notícia, ao atingir o tratamento de temas de interesse social que nem sempre se enquadram em tais critérios: este aspecto foi confirmado na análise empírica, traduzido no apelo à personificação, perspectiva negativa na abordagem das mortes e pouca consulta de fontes especializadas;
- A estrutura económica, política e hierárquica dos jornais, pode direcionar o tratamento noticioso, por vezes de forma mais intensa do que os próprios critérios de noticiabilidade: apesar de deduzir que essa hipótese é verdadeira e perante aos objetivos traçados para esta tese, que não abordavam a observação da publicidade ou outros factores para além da produção jornalística, não é possível confirmá-la;
- Ocorre, em produções jornalísticas de áreas com conhecimentos técnicos próprios, escassez na consulta de fontes especializadas: facto observado no material colhido que reafirma o atenção recebida pelos relatos dos familiares de vítimas fatais e doentes;
- Existe certo sensacionalismo nas peças que abordam crises, há um apelo através das dramatizações ou personalização das questões, sobretudo em áreas como a saúde: igualmente conformado a partir do material colhido e demonstrado na análise do Capítulo IV;
- Há divulgação de notícias de forma fugaz das crises, que logo "perdem a atualidade" e deixam de ser notícia: a partir dos critérios de noticiabilidade, entende-se que essa redução na publicação de peças sobre a crise, se deve ao facto de ela não mais atender as características propostas pelos autores citados, com a diminuição do número de casos e de mortos;
- A área da saúde coletiva, por meio da comunicação institucional, por vezes, falha em fornecer informações claras e abundantes para a população em momentos de crise, deixando esta responsabilidade os jornalistas, que, em geral, não percebem da área. Como já referido, existe

uma falha nas estratégias de comunicação governamentais e institucionais. Contudo, ressalta-se que os profissionais do Hospital de Gaia e outros ligados ao departamento de saúde elaboraram uma análise rica do surto ocorrido em 2015, o que gerou relatórios e novas diretrizes em relação às infeções hospitalares. Isso foi explicitado no Capítulo I. Porém, esse material possui cariz técnico e circula internamente, não há uma estratégia de comunicação definida para o público em geral.

Por fim, este estudo possui limitação pela quantidade de material analisado, pois, como dito anteriormente, foram poucas as pesquisas encontradas na área. Concluo que o material não forneceu multiplicidade de ângulo e de abordagem, sendo uma amostragem reduzida. Assim, acredito que novas pesquisas podem complementar a análise aqui elaborada. Entre elas, aponta-se a possibilidade de estudar o pólo da receção para ter uma visão mais ampla da questão e de como as abordagens jornalísticas sobre temas da saúde repercutem na esfera pública. Ou ainda, um estudo comparativo entre a cobertura do Hospital de Gaia e outras coberturas jornalísticas de crises de saúde, a fim de construir um estudo transversal que forneça um material mais vasto para ser analisado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Animesh, G, Divya, C. V., Diwakar, K.S., Krutarth, B., Maria, N., Srinivas, R. (2015). Prevalence of health care associated infections in a tertiary care hospital in Dakshina Kannada, Karnataka: a hospital based cross sectional study, *Int J Med Res Health Sci*, 4 (2), pp. 317-321. [Em linha]. Disponível em: prevalence-of-health-care-associated-infections-in-a-tertiary-care-hospital-in-dakshina-kannada-karnataka-a-hospital-bas.pdf (ijmrhs.com)>. [Consultado em 10 fev. 2022].
- Abreu, J.F.F. (2012). *Correio da Manhã: 33 anos depois*. Relatório de Estágio do Instituto Politécnico de Pomar, Escola Superior de Tecnologia de Tomar. [Em linha]. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/5792> . [Consultado em 7 abril 2022].
- Antunes, E. (2009). Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia, *Revista Galáxia*, São Paulo, (1)8, pp. 85-99. [Em linha]. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641244017.pdf>>. [Consultado em 23 fev. 2022].
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70.
- Bastos, M. T. (2009). Niklas Luhmann. In: Marcondes Filho, C. (Org.). *Dicionário da Comunicação*. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo, Paulus. pp. 303-305.
- Bateson, G. (2000). A theory of play and fantasy. In: Bateson, G. *Steps to an ecology of mind*. Chicago, University of Chicago Press, pp. 183-198. [Em linha]. Disponível em <<https://ejcj.orfaleacenter.ucsb.edu/wp-content/uploads/2017/06/1972.-Gregory-Bateson-Steps-to-an-Ecology-of-Mind.pdf>>. [Consultado em 10 mar. 2022].
- Benetti, M. (2009). Produção da notícia. In: Marcondes Filho, C. (Org.). *Dicionário da Comunicação*. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo, Paulus, pp. 362-363.
- Borja-Santos, R. (2015). Bactéria ligada a oito mortes em Gaia mantém 13 doentes em isolamento. Público. [Em linha]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2015/10/14/sociedade/noticia/hospital-de-gaia-confirma-oito-mortes-em-doentes-infectados-com-bacteria-1711108>. [Consultado em 20 jul. 2022].
- Breed, W. (1955). Social control in the newsroom: A functional analysis. *Social forces*, 33 (4), pp. 326-335. [Em linha]. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/2573002>> . [Consultado em 10 mar. 2021].
- Carvalho, A.C.V. (2012). *Análise do design de jornais diários generalistas portugueses: Público, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã e i*. Relatório de

Estágio Instituto Politécnico de Tomar. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/5780> .[Consultado em 10 abril 2022].

Cavaca, A. G., Vasconcellos-Silva, P. R., Emerich, T. B., dos Santos-Neto, E. T., e Oliveira, A. E. (2018). ‘Valor-saúde’: critérios epidemiológicos potenciais para a comunicação e saúde. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 12(1), pp. 26-42. [Em linha]. Disponível em <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1296>>. [Consultado em 17/04/2022].

Cavaca, A. G., Vasconcellos-Silva, P. R., Ferreira, P., Nunes, J. A. (2015). Entre evidências e negligências: cobertura e invisibilidade de temas de saúde na mídia impressa portuguesa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20 (11), 3569-3580. [Em linha]. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csc/a/BhX7L6qnfYk7cywDFZCkQnD/abstract/?lang=pt>>. [Consultado em 13/04/2022].

Cavaleiro, P. L. G. (2011). Prevenção da Infecção Nosocomial nas Unidades de Cuidados Intensivos. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto, Universidade do Porto. [Em linha]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/53392/2/Pedro%20Cavaleiro%20%20Preveno%20da%20Infecc%20Nosocomial%20nas%20Unidades%20de%20Cuidados%20Intensivos.pdf>>. [Consultado em 13/04/2022].

Charaudeau, P. (2006). *Discurso das Mídias*. São Paulo, Contexto.

Coello, R. *et al.* (1993). ‘The cost of infection in surgical patients: a case-control study.’, *The Journal of hospital infection*, 25(4), pp. 239–50. [Em linha]. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7907621>. [Consultado em 20 jul. 2022].

Cofina. (2022). *Perfil de Negócios*. [Em linha]. Disponível em http://www.cofina.pt/business-overview.aspx?sc_lang=pt-pt . [Consultado em 7 abril 2022].

Correia, J. C. (2000). O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 27, pp. 193-212.

Correio da Manhã. (2015). Conheça o Estatuto Editorial do CM. [Em linha]. Disponível em https://www.cmjornal.pt/mais-cm/lei-da-transparencia/detalhe/estatuto_editorial. [Consultado em 9 abril 2022].

Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo, Atlas.

Diário de Notícias. (2022) Estatuto Editorial. [Em linha]. Disponível em <https://www.dn.pt/estatuto-editorial.html> . [Consultado em 9 abril 2022].

Dias, C.F.S. (2015). *O Sensacionalismo na Imprensa em Portugal Estudo de Caso dos Jornais Correio da Manhã, Jornal de Notícias e Público*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Porto. [Em linha]. Disponível em https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=37514. [Consultado em 9 abril 2022].

Dias, S. (2015). *Correio da Manhã consolida liderança*. [Em linha]. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/cm-alcanca-maior-quota-de-sempre>. Acesso em 7 abril 2022.

Flick, U. (2002). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, Artmed.

Galtung, J. e Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news: The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *Journal of peace research*, 2(1), pp. 64-90. [Em linha]. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/423011>> . [Consultado em 12 abril 2022]

Gans, H. J. (1979). *Deciding what's news: A study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time*. New York, Pantheon.

Garcia, A. A. A. (2011). *A comunicação das crises hospitalares: a comunicação social na divulgação das notícias negativas sobre os hospitais portugueses*. Dissertação de Mestrado de Comunicação em Saúde, Faculdade de Medicina, Lisboa, Universidade de Lisboa. [Em linha]. Disponível em <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/3320>> . [Consultado em 13 mar. 2022].

Giarola, L. B., Baratieri, T., Costa, A. M., Bedendo, J., Marcon, S. S., e Waidman, M. A. P. (2012). Infeção hospitalar na perspectiva dos profissionais de enfermagem: um estudo bibliográfico. *Cogitare Enfermagem*, 17(1), pp. 151-157. [Em linha]. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/26390>> . [Consultado em 10 mar. 2022].

Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo, Atlas.

Global Media Group. (2022). Diário de Notícias. [Em linha]. Disponível em <https://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/jornais/diario-de-noticias/> . [Consultado 9 abril 2022].

Global Media Group. (2022a). Diário de Notícias. [Em linha]. Disponível em <https://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/jornais/jornal-de-noticias/> . [Consultado 9 abril 2022].

Goffman, E. (1986). *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston, Northeastern University Press.

Goffman, E. (2002). Footing. In: Ribeiro, B. T. e Garcez, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Loyola.

Gurevitch, M., e Blumle, J. G. (1982). A construção do noticiário eleitoral: um estudo de observação na BBC. In: Traquina, N. (1993). *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»*. Lisboa, Vega.

Harcup, T., e O'Neill, D. (2001). What is news? Galtung and Ruge revisited. *Journalism studies*, 2(2), pp. 261-280. [Em linha]. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14616700118449?journalCode=rjos20>> . [Consultado em 8 mar. 2022].

Hinnant, A., Oh, H. J., Caburnay, C. A., e Kreuter, M. W. (2011). What makes African American health disparities newsworthy? An experiment among journalists about story

O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

framing. *Health Education Research*, 26(6), pp. 937-947. [Em linha]. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1093/her/cyr086>>. [Consultado em 1 mar. 2022].

Jornal de Notícias. (2022) Estatuto Editorial. [Em linha]. Disponível em <https://www.jn.pt/estatuto-editorial.html> . [Consultado em 9 abril 2022].

Jornal i. (2022). Estatuto Editorial. [Em linha]. Disponível em <https://ionline.sapo.pt/estatuto-editorial> . [Consultado em 9 abril 2022].

Köche, J. C. (2007). *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 24. ed. Petrópolis, Vozes.

Kunzler, C. de M. (2007). A teoria dos sistemas de Niklas Luhmann. *Estudos de Sociologia*, [S. l.], v. 9, n. 16, pp. 123-136. [Em linha]. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/146>>. [Consultado em 1 mar. 2022]

Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo, Atlas.

Langbecker, A. (2017). *A cobertura jornalística sobre os sistemas públicos de saúde no Brasil e na Espanha — uma análise comparativa*. Tese realizada no âmbito do Doutoramento em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. [Em linha]. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26474/1/Tese%20final%20Andrea%20Langbecker.%202017.pdf>. [Consultado em 18 out. 2022].

Langbecker, A., Castellanos, MEP, e Catalan-Matamoros, D. (2019). O que os valores-notícia podem nos dizer sobre o Sistema Único de Saúde? Explorando aportes teórico-conceituais da noticiabilidade. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e170940. [Em linha]. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/Interface.170940>>. [Consultado em 10 mar. 2022].

Lewin, K. (1947). Frontiers in group dynamics: II. Channels of group life; social planning and action research. *Human relations*, 1(2), pp. 143-153. [Em linha]. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1177/001872674700100103>>. [Consultado em 18 mar. 2022]

Lima, H. (2018). O Jornal de Notícias: Tradição e Evolução para o Modelo de Imprensa Popular. In: Notícias em Portugal: Estudos sobre a Imprensa Informativa (Séculos XVI-XX), Sousa, J.P. (Org), Coleção: Livros ICNOVA, Lisboa. [Em linha]. Disponível em https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2019/03/ICNOVA_NoticiasPortugal_Jornal_Noticias.pdf. [Consultado em 9 abril 2022].

Lopes, F., e Araújo, R. (2020). As doenças na imprensa portuguesa: retrato de uma década. In F. Lopes e R. Araújo (Eds.), *As doenças na imprensa portuguesa: retrato da década*, pp. 5-10. Braga, CECS.

Lopes, F., Marinho, S., Fernandes, L. G. M., Araújo, R. A. M., e Gomes, E. S. C. (2013). A saúde em notícia na imprensa portuguesa entre setembro de 2010 e junho de 2013. Braga, CECS. [Em linha]. Disponível em

<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/125>. [Consultado em 18 mar. 2022].

Lopes, F., Ruão, T., Marinho, S. (2010). Gripe A na Imprensa Portuguesa: uma doença em notícia através de uma organizada estratégia de comunicação. *Observatorio (OBS*) Journal*, 4 (4), pp. 139-156. [Em linha]. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29977>>. [Consultado em 18 mar. 2022].

Lopes, F., Ruão, T., Marinho, S., e Araújo, R. A. M. (2011). *Jornalismo de Saúde e Fontes de Informação, uma análise dos jornais portugueses entre 2008 e 2010*. [Em linha]. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29438>>. [Consultado em 18 mar. 2022].

Luhmann, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. [Em linha]. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/314272188/A-Realidade-Dos-Meios-de-Comunicacao-Niklas-Luhmann>>. [Consultado em 10 nov. 2021].

Malinverni, C. (2016). *Epidemia midiática de febre amarela: desdobramentos e aprendizados de uma crise de comunicação na saúde pública brasileira*. Tese realizada no âmbito do Doutoramento em Saúde Pública da Universidade de São Paulo. [Em linha]. Disponível em <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Epidemia%20midiatica%20de%20febre%20amarela.pdf>. [Consultado em 18 out. 2022].

Marcondes Filho, C. (2009). Notícia. In: Marcondes Filho, C. (Org.). *Dicionário da Comunicação*. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo, Paulus, pp. 360-362.

Martins, G. A. (2006). *Metodologia da investigação científica para as ciências sociais aplicadas*. São Paulo, Atlas.

Massarani, L., Chagas, C., Ramalho, M., e Reznik, G. (2013). Saúde aos domingos: uma análise da cobertura da pesquisa em medicina & saúde no Fantástico. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 7(1). [Em linha]. Disponível em <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/702>>. [Consultado em 10 nov. 2021].

McCauley, M. P., Blake, K. D., Meissner, H. I., e Viswanath, K. (2013). The social group influences of US health journalists and their impact on the newsmaking process. *Health education research*, 28(2), pp. 339-351. [Em linha]. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3594925/>>. [Consultado em 10 abril 2022].

Mendonça, R. e Simões, P. G. (2012). Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [S. l.], 27 (79), pp. 187-235. [Em linha]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>>. [Consultado em 10 abril 2022].

Minayo, M. C. S.; Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?. In: *Caderno de Saúde Pública*, 9(3), pp. 239-262, 1993. [Em linha]. Disponível em

<<https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/?format=pdf&lang=pt>>.
[Consultado em 19 jul. 2022].

Miranda, P.C.G.M. (2002). *As Origens da Imprensa de Massa em Portugal: O Diário de Notícias (1864-1889)*. Évora: Dissertação de Mestrado. [Em linha]. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/15086>. [Consultado 9 abril 2022].

Morais, B. M. et al. (2013). Produção científica sobre infeções hospitalares. *Revista de Tendências da Enfermagem Profissional*, 5(1), pp. 973-876. [Em linha]. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7259/1/2013_art_gitcavalcante.pdf>.
[Consultado em 10 abril 2022].

Mouillaud, M. e Porto, S. (1997). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília, Paralelo 15.

Moura, M. E. B., Ramos, M. N., Sousa, C. M. M. D., Silva, A. O., e Alves, M. D. S. D. C. F. (2008). Infeção hospitalar no olhar de enfermeiros portugueses: representações sociais. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 17, pp. 743-749. [Em linha]. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/tce/a/tFbjXxfNBNKvGbfJBQXhJps/?format=pdf&lang=pt>>.
[Consultado em 22 abril 2022].

Netto, M. M. L. (2020). *Zika no Super Notícia: O enquadramento noticioso e suas articulações com a iniquidades de gênero e o direito à saúde*. Dissertação de Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz. [Em linha]. Disponível em <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/45004>>. [Consultado em 20 abril 2022].

Orlandi, E. P. (1989). *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez e Editora da UNICAMP.

Park, R. E. (1970). A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: Steinberg, C. (Org.), *Meios de Comunicação de Massa*. São Paulo, Cultrix, pp. 168-185.

Pena, F. (2015). *Teoria do Jornalismo*. São Paulo, Editora Contexto.

Pontes, F. S. (2009). Robert Ezra Park. In: Marcondes Filho, C. (Org.). *Dicionário da Comunicação*. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo, Paulus, pp. 371-373.

Prodanov, C. C., e Freitas, E.C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2 ed. Novo Hamburgo, Feevale.

Público. (2021). *Infeções por bactérias resistentes originam 1160 mortes por ano em Portugal*. [Em linha]. Disponível em <<https://www.publico.pt/2021/11/18/sociedade/noticia/infecoes-bacterias-resistentes-originam-1160-mortes-ano-portugal-1985423>>. [Consultado em 18 abril 2022].

Público. (2022). Estatuto Editorial. [Em linha]. Disponível em <https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>. [Consultado em 10 mar. 2022].

Rebelo, J.O.G. (2020). Sensacionalismo jornalístico: Análise discursiva de notícias Covid-19: estudo de caso comparativo dos jornais Público e Correio da Manhã. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Porto.

[Em linha]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/130106> .
[Consultado em 10 mar. 2022].

Richardson, R. J. (2011). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3 ed. São Paulo, Atlas.

Rizzotto, C. C., Antonelli, D., & Ferracioli, P. (2017). A política nas páginas dos jornais: uma discussão metodológica sobre o enquadramento noticioso. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 13(24), pp.85-95. [Em linha]. Disponível em <<https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/241>>. [Consultado em 18 nov. 2021].

Rodrigues, C.M.M.S. (2013). Infeções Nosocomiais. Dissertação de Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas, Universidade do Algarve. [Em linha]. Disponível em <<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/6893/1/Infe%C3%A7%C3%B5es%20nosocomiais.pdf>>. [Consultado em 12 nov. 2021].

Schudson, M. (1978). *Discovering the news: A Social History of American Newspapers*. New York, Basic Books.

Schudson, M. (2011). As notícias como um género difuso: a transformação do jornalismo na contemporaneidade. *Comunicação & Cultura*, (12), pp.139-150. [Em linha]. Disponível em <<https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2011.622>>. [Consultado em 1 nov. 2021].

Shoemaker, P. J. (2006). News and newsworthiness: A commentary. *Communications*, 31, pp.105-111. [Em linha]. Disponível em <<http://jonathanstray.com/papers/News%20and%20Newsworthiness%20-%20A%20Commentary.pdf>>. [Consultado em 1 nov. 2021].

Shoemaker, P. J. e Reese, S. D. (1996). *Mediating the message*. New York, Longman.

Shoemaker, P. & Cohen, A. (2005). *News Around the World: Content, Practitioners, and the Public*. New York, Routledge.

Sigal, L.V. (1987). Sources Make the News. In: Robert Karl Manoff, R.K. e Schudson, M., *Reading the News*, New York, Pantheon, pp.9-37. [Em linha]. Disponível em <http://mason.gmu.edu/~progers2/Sources_Chapter.pdf>. [Consultado em 3 nov. 2021].

Sigelman, L. (1973). Reporting the News: An Organizational Analysis. *American Journal of Sociology*, 79 (1), pp. 132-151. [Em linha]. Disponível em <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/225511>>. [Consultado em 3 nov. 2021].

Silva Junior, J. A. da, Procópio, P. P., & Melo, M. dos S. (2008). Um Panorama da Teoria do Agendamento, 35 anos depois de sua formulação. *Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 31(2), pp. 205-221. [Em linha]. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/698/69830990011.pdf>>. [Consultado em 3 nov. 2021].

Silva, Estela. (2015, 14 out.). Bactéria infeta 30 pessoas no Hospital de Gaia. Observador. [Em linha]. Disponível em: <https://observador.pt/2015/10/14/bacteria-infeta-30-pessoas-no-hospital-gaia-medidas-seguranca-ja-reforcadas>. [Consultado em 20 jul. 2022].

Silva, T. M., & Gentili, V. I. (2021). Mdiatização da saúde: as perspectivas de uma vida saudável no ecossistema jornalístico. *Intexto*, (52), 100236. [Em linha]. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/100236>>. [Consultado em 3 nov. 2021].

SNS. (2012). Rede Nacional de Especialidade Hospitalar e de Referência: Anatomia Patológica. [Em linha]. Disponível em <https://www.academia.edu/38629223/Rede_Nacional_de_Especialidade_Hospitalar_e_de_Referencia%C3%A7%C3%A3o_ANATOMIA_PATOL%C3%93GICA>. [Consultado em 3 nov. 2020].

Sousa, J. P. (1999). *As notícias e os seus efeitos*. Porto, Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, J.P. (2001). *Elementos de Jornalismo Impresso*. [Em linha]. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. [Consultado em 3 nov. 2021].

Sousa, J. P. (2002). *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.

Sousa, J. P. (2005). *Elementos de Jornalismo Impresso*. Florianópolis, Companhia das Letras.

Sousa, J. P. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto, Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, J.P. (2008). Uma história breve do jornalismo no ocidente. In: Sousa, J.P. et al. *Jornalismo: História, teoria e metodologia de pesquisa: perspectivas luso-brasileiras*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, pp. 12-93.

Sousa, J. P. (2018). Eduardo Coelho e a Fundação do Diário de Notícias. In: *Notícias em Portugal: Estudos sobre a Imprensa Informativa (Séculos XVI-XX)*, Sousa, J.P. (Org), Coleção: Livros ICNOVA, Lisboa. [Em linha]. Disponível em <https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/12318529/ICNOVA_NoticiasPortugal_Eduardo_Coelho.pdf>. Acesso em 11 abril 2022.

Tavares, F., Berger, C. (2010). Na notícia e para além dela: sobre o conceito de informação no jornalismo. *Inf. & Soc.: Est.*, 20(1), pp. 25-37. [Em linha]. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/31495630/Na-noticia-e-para-alem-dela-sobre-o-conceito-de-informacao-no-jornalismo>>. [Consultado em 30 nov. 2021].

Teixeira, H.; Freitas, A.; Sarmiento, A.; Nossa, P.; Gonçalves, H.; Pina, M.d.F. (2021). Spatial Patterns in Hospital-Acquired Infections in Portugal (2014–2017). *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 18, 4703. [Em linha]. Disponível em <<https://doi.org/10.3390/ijerph1809470>>. [Consultado em 30 nov. 2021].

Teles, A. R., e Cruz, A.. (2020). Mdiatização do VIH/Sida em Portugal: “um problema dos outros”. In: Lopes, F., & Araújo, R. A. M. *As doenças na imprensa portuguesa: retrato da década*. [Em linha]. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/67764/1/2020_Lopes_Araujo-Doencas-imprensa-portuguesa-full.pdf>. [Consultado em 12 jan. 2022].

O discurso da imprensa diária portuguesa sobre infeções hospitalares – o caso “Hospital de Gaia” (2015)

Traquina, N.(Org). (1993). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.

Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa, Quimera Editores.

Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística–uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis, Insular.

Traquina, N. (2020). *Porque as notícias são como são*. (Coleção Teorias do Jornalismo, v.1). Florianópolis, Insular Livros.

Triviños, A. (2006). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas.

Villas Bôas, P; Ruiz, T. (2004). Occurrence of hospital infection among interned elderly in a university hospital. In: *Revista Saúde Publica*, 38(3), pp. 372-8.

Wang, X., Pan, Z., & Cheng, Z. (2020). Association between 2019-nCoV transmission and N95 respirator use. In: *The Journal of hospital infection*,105(1), pp. 104–105. [Em linha]. Disponível em <<https://doi.org/10.1016/j.jhin.2020.02.021>>. [Consultado em 24 nov. 2021].

Westley, B. H., & MacLean Jr, M. S. (1957). A conceptual model for communications research. In: *Journalism Quarterly*, 34(1), pp. 31-38. [Em linha]. Disponível em <<https://doi.org/10.1177%2F107769905703400103>>. [Consultado em 2 jan. 2022].

White, D. M. (1950). The “gate keeper”: A case study in the selection of news. In: *Journalism quarterly*, 27(4), pp.383-390. [Em linha]. Disponível em <<https://doi.org/10.1177%2F107769905002700403>>. [Consultado em 25 jan. 2022].

WHO/CDS/CSR/EPH. *Prevención de las infecciones nosocomiales*. Guía Prática 2ª edición; 2002.

Wolf, M. (1995). *Teoria da Comunicação*. Lisboa, Editorial Presença.

Wolf, M. (1999). *Teoria da Comunicação*. Lisboa, Editorial Presença.

Yazan, B. (2016). *Três abordagens do método de estudo de caso em educação*. In: *Meta Avaliação*, 8(22), pp. 149-182. [Em linha]. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Bedrettin-Yazan/publication/309021647_Tres_abordagens_do_metodo_de_estudo_de_caso_em_educacao_Yin_Merriam_e_Stake/links/5ad386b20f7e9b285935ff34/Tres-abordagens-do-metodo-de-estudo-de-caso-em-educacao-Yin-Merriam-e-Stake.pdf>. [Consultado em 20 jul. 2022].

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre, Bookman.

ANEXOS

ANEXO I – Materiais Analisados – Correio da Manhã

CONCORRA!
COUPÃO PUBLICADO
NA PENÚLTIMA PÁGINA
ATÉ AO PRÓXIMO DOMINGO

SILVANA SANTOS LOURES
GANHOU 5000 €
EM COMPRAS
"O PRÉMIO VAI SER
BEM GASTO"

CONSULTE
A LISTA DE
PREMIADOS
PÁG. 41

SUPER CONCURSO CM
GANHE!
ESTE APARTAMENTO NO ALGARVE

10 750 EUROS
EM COMPRAS TODAS
AS SEMANAS
RECORTE COUPÃO PARA
CONCORRER NA PÁGINA 47

QUINTA-FEIRA 15/10/2015 € 1 (C/IVA)

BERLUSCONI
Livro
revela
segredos
das orgias
PÁGS. 24 E 25

CORREIO
da Manhã
 www.cmjornal.pt
 Diretor Octávio Ribeiro Dir.-Adj. Armando Esteves Pereira, Carlos Rodrigues, Eduardo Dâmaso e José Carlos Castro

LADRÕES APANHADOS
Assaltava
bancos com
o carro
do pai
PÁG. 14

BACTÉRIAS MATAM 4600 POR ANO NOS HOSPITAIS ■ Oito mortos em Gaia em dois meses PÁGS. 6 E 7

PASSOS BATE COM A PORTA A COSTA

■ Líder do PS enfrenta resistências no partido
 ■ Emigração dá 3 deputados à coligação e apenas um aos socialistas
PÁGS. 4 E 5

ANTONIO CORREIA/AGF

BENFICA EXIGE 14 MILHÕES A JESUS

PROCESSO EM TRIBUNAL INDEMNIZAÇÃO

■ Luís Filipe Vieira e Bruno de Carvalho ouvidos pela Liga sobre prendas a árbitros
 ■ Presidente do Sporting ataca atitude dos rivais antes do dérbi
 ■ Ação contra o treinador deu entrada no Tribunal do Barreiro PÁGS. 8 E 9

JOSE ESTEVA

COLEÇÃO
DESCOBRIR A FILOSOFIA
 1º LIVRO
 PREÇO DE LANÇAMENTO
€1,95
 + JORNAL

PARIS OTORES
DESCARTES
KANT
PLATÃO

A partir de sábado, dia 17

PÓVOA DE VARZIM
Assassino ameaçava família
PÁG. 10

SABUGAL
Mata mulher a tiro e vai para França
PÁG. 15

Vidas
Sara Sampaio deslumbra em Bora Bora

FÁS QUEREM DESPIR MORTÁGUA
 ■ Petição online deseja ver Mariana na 'Playboy'
PÁGS. 42 A 45

FACE OCULTA
Vara esconde 2 milhões
PÁG. 28

REFUGIADOS
Plataforma pronta para receber 420
PÁG. 18

DE GIRO
 100% DE CONFIANÇA
 80% MAIS BARATO.

COMISSÕES Euronext Lisboa

ACÇÕES €0,50 +0,04%	OPÇÕES €0,85 POR CONTRATO
FUTUROS €1,00 POR CONTRATO	ETF'S €2,00 +0,02%

*** DEGIRO desafia mercado com comissão "low-cost" ***



SAÚDE ■ 44 DOENTES RASTREADOS EM V. N. GAIA

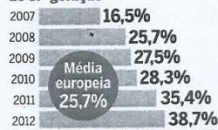
BACTÉRIAS



■ Surto registrado no hospital de Vila Nova de Gaia

Situação em Portugal Bactéria mortal

Taxa de *klebsiella pneumoniae* resistente às cefalosporinas de 3.ª geração



Taxa de *klebsiella pneumoniae* multirresistente



Percentagem de óbitos associados à infeção por dispositivos invasivos em 2013

	Utentes saídos	Óbitos	% óbitos
Cateter urinário	516	86	16,7
Urostomia	402	83	20,6
Cateter venoso central	11 367	4310	37,9
Pneumonia associada a ventilador	400	127	31,8

Fonte: Elaboração própria CM

Matam 4600 por ano

■ Oito pessoas morreram em dois meses com a *klebsiella pneumoniae*

● ÁGATA RODRIGUES

Treze doentes estão internados, em isolamento, no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho

(CHVNG/E), infetados com a bactéria *klebsiella pneumoniae*. Em dois meses, foram infetadas 30 pessoas, e oito pacientes acabaram por morrer. Por ano, morrem nos hospitais e centros de saúde mais de 4600 pessoas vítimas de infeções provocadas por bactérias resistentes a antibióticos,

13 doentes estão internados em regime de isolamento

segundo os últimos dados da Direção-Geral da Saúde.

Ontem, Margarida Mota, coordenadora do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência aos Antimicrobianos do CHVNG/E, explicou que as oito mortes "não estão diretamente ligadas a esta bactéria". São casos de doentes "com patologias clínicas complicadas ou que estão em situação de pós-operatório com drenos e que por isso estavam mais vulneráveis". Segundo o



■ Margarida Mota, responsável do C. H. Gaia/Espinho

CHVNG/E, a origem do surto foi uma doente que estava internada com uma complicação pós-operatória na cirurgia. "Chegámos a esta conclusão porque o primeiro caso [notificado a 7 de agosto] era um doente que tinha

sido admitido há pouco tempo" e partilhou a mesma unidade de pós-operatório. Por isso, é provável que a bactéria se tenha desenvolvido como "efeito colateral da terapêutica com antibióticos" ministrada à primeira paciente, que já estava internada há 50 dias e que já tinha feito "vários ciclos de antibióticos".

A responsável garantiu que o hospital está a "controlar todos os doentes que possam ter estado em contacto com os pacientes infetados". Margarida Mota explicou que os 44 doentes que foram rastreados "estão sob medidas de vigilância" até serem conhecidos os resultados dos rastreios. ■*COM.A.P.

PODEM SURTIR MAIS CASOS NO HOSPITAL

● Margarida Mota avisou que é provável que surjam mais casos durante a próxima semana, pois ainda não são conhecidos os resultados de todos os rastreios efetuados.

HOSPITAL REFORÇOU LABORATÓRIO

● O CHVNG/E informou ontem que após a identificação do primeiro caso foi reforçada a capacidade do laboratório de microbiologia, com mais meios humanos e materiais.

MULTIRRESISTÊNCIA ÀS CEFALOSPORINAS

● Portugal tem uma taxa de incidência de *klebsiella* superior à média europeia (ver gráfico). A bactéria resiste às cefalosporinas - antibióticos relacionados com as penicilinas.

LAVAR AS MÃOS PARA EVITAR O CONTÁGIO

● Uma das recomendações às famílias dos doentes é que lavem sempre as mãos após o contacto com o doente. O paciente também deve ter cuidados de higiene mais apertados.

FNAM | CRÍTICA ADMINISTRAÇÃO

Merlinda Madureira, da FNAM, criticou a administração do centro hospitalar pela "falta de transparência e lealdade". "Devia esclarecer as famílias e a comunidade", referiu



SOBREVIVÊNCIA | DESCONHECIDA

A bactéria sobrevive na pele das pessoas, no meio ambiente, não tem uma duração muito longa, mas desconhece-se quanto tempo resiste fora do corpo humano

PORTO | SEM REGISTOS

Os hospitais de Santo António e de São João, no Porto, informaram não ter atualmente nenhum caso de infeção por esta bactéria

Novo contágio é "pouco provável"

● O Hospital de Gaia considerou "pouco provável" o contágio pela bactéria klebsiella pneumoniae. "Quem entrar no hospital, é muito pouco provável que fique contaminado por essa bactéria", porque os portadores "estão nas zonas de alto risco e já foram rastreados", garantiu Margarida Mota. Nas enfermarias em que deu caso positivo está encerrada a entrada a novos doentes "até existir a certeza de que não há mais nenhum caso". As enfermarias já estão a ser desinfetadas há algumas semanas, especificou a responsável pelo controlo de infeção do centro hospitalar. ■

SAIBA MAIS

● **KLEBSIELLA**
A klebsiella pneumoniae é uma bactéria encapsulada em forma de bastonete. Pode provocar pneumonia, em particular em doentes imunologicamente deprimidos.

● **1882**
O microbiologista alemão Carl Friedländer descobriu, em 1882, a relação entre a bactéria e a pneumonia.

● **SINTOMAS**
Febre, prostração e dores no corpo são alguns dos sintomas. Somam-se queixas do trato urinário e respiratório.

Falta de profissionais dificulta diagnóstico

■ A bactéria klebsiella pneumoniae "é normalmente contraída no meio hospitalar", mas como pertence ao grupo das super-bactérias - produz uma enzima que lhe permite resistir aos antibióticos - é um motivo de preocupação para os profissionais de saúde. "É transmitida pelas secreções por contacto direto, quer manipulando objetos quer lidando com pacientes", explica Pedro Melo, enfermeiro especialista em saúde pública. No hospital

de Vila Nova de Gaia "há falta de enfermeiros e outros profissionais de saúde", o que poderá ter contribuído para o alastrar da bactéria: "se há um enfermeiro para vinte doentes, é normal que as coisas sejam mais difíceis de lidar", exemplificou. Mas o responsável desdramatiza a possibilidade de os casos virem a aumentar. "Esta é uma bactéria que não é transmitida a pessoas saudáveis. Neste momento, os doentes estão isolados, o risco de transmissão é quase nulo." ■

A klebsiella pneumoniae transmite-se por contacto direto



■ Pedro Melo, enfermeiro especialista em saúde pública, diz que atualmente o risco de transmissão "é quase nulo"

EM OUTUBRO E NOVEMBRO TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR A BONS NEGÓCIOS

MÊS DAS OPORTUNIDADES

MILLENNIUM. É PARA AVANÇAR.

10% DE DESCONTO SOBRE O PREÇO DE CATÁLOGO PARA IMÓVEIS NÃO RESIDENCIAIS E 5% DE DESCONTO NOS IMÓVEIS RESIDENCIAIS ESCRITURADOS ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 2015.

707 91 20 20
ATEENDIMENTO PERSONALIZADO 10H - 22H
FUTURO-SEMPRE PARA O SEU MELHOR INTERESSE
www.millenniumbcp.pt



APOSTA ESTA SEXTA
SUPER JACKPOT
 MÍNIMO GARANTIDO

€100.000.000

Os prémios atribuídos de valor superior a €5.000 estão sujeitos a imposto do selo, à taxa legal de 20%, nos termos da legislação em vigor.
 É proibida a venda de jogo a menores de 18 anos. Linha Direta, jogos 808 203 377 (das 0h às 24h)

euro milhões
 A criar excêntricos de um dia para o outro

SEGUNDA-FEIRA 02/11/2015 €1 (C/TVA)

NEGÓCIO DO SANGUE
Novo processo
 contra patrão
 de Sócrates

PÁG. 23

CORREIO da manhã

www.cmjornal.pt

Director Octávio Ribeiro Dir.-Adj. Armando Esteves Pereira, Carlos Rodrigues, Eduardo Dâmaso e José Carlos Castro

PENA DE APOSENTAÇÃO
Procuradora expulsa com
 600 casos
 atrasados

PÁG. 10

CARROS DE LUXO  **TODOS RESERVADOS EM FEIRA** PÁGS. 6 E 7

FUNÇÃO PÚBLICA PERDE 5 MIL MILHÕES

SALÁRIOS E PENSÕES ARRASADOS PELA TROIKA

■ **Contas feitas** pelo Conselho das Finanças Públicas aos anos do resgate
 ■ **Ordenado** de 1211€ em 2010 chega a 2015 a valer 1004 euros líquidos PÁG. 8

BENFICA
 Reforços a 'custo zero' ficam por 9,3 milhões

■ **Gastos** revelados por Relatório e Contas PÁGS. 4 E 5

Jesus ataca árbitro com o passado

■ **Nova polémica** PÁG. 32

Super Dragões
Agressões obrigam a desviar avião PÁG. 33



pollux
 -20%
 SEMANA POLLUX
 CONFORTO
 2.A-7 NOVEMBRO

www.pollux.pt

Vidas
"Agradeço o apoio dado à minha filha"

■ **Júlia Pinheiro** vive drama com anorexia de Carolina PÁGS. 46 A 49



QUEDA NO EGITO
 Aeronave partiu-se em pleno voo PÁGS. 26 E 27

NEGOCIAÇÕES
 PCP e BE contra limite do défice PÁG. 28

ENXURRADA no Algarve faz um desaparecido

■ **Albufeira** sofre prejuízo de milhões de euros com a chuva PÁGS. 18 E 19



ADEGA MOR
Pias

SAPO JORNAIS

VILA NOVA DE GAIA ■ FILHO DE UTENTE DO HOSPITAL ESTÁ REVOLTADO



José Silva acusa hospital de Vila Nova de Gaia de não ter informado que a mãe tem bactéria perigosa

Hospital enviou carta e boletim informativo

● O Centro Hospitalar de Gaia-Espinho avança que a utente foi internada no piso de isolamento e não apresentou evidência de infeção pela bactéria. Em resposta enviada ao CM, refere que os registos de enfermagem indicam que, no dia 25, foram explicadas "as medidas preventivas às visitas da paciente" e, no dia 28, após a alta, nenhum familiar atendeu o contacto hospitalar. No dia seguinte, "as cartas e um boletim informativo com medidas preventivas foram entregues ao transporte" que levou a idosa até à casa de acolhimento. ■

PASSAGEM DAS HORAS



RUI HORTELÃO

DIRETOR DA SÁBADO

Poesia para providência

Coitadinho Do tiraninho! Não bebe vinho. Nem sequer sozinho...

Bebe a verdade E a liberdade, E com tal agrado Que já começam A escassear no mercado.

Coitadinho Do tiraninho! O meu vizinho Está na Guiné, E o meu padrinho No Limoeiro Aqui ao pé, Mas ninguém sabe porquê.

Mas, enfim, é Certo e certo Que isto consoia E nos dá fé: Que o coitadinho Do tiraninho Não bebe vinho, Nem até Café.

Fernando Pessoa, 1935 - podia ser 2015. Como Sophia de Mello Breyner sobre a Grécia de Drácon e Sócrates:

Ressurgiremos Ressurgiremos ainda sob os muros de Cnossos E em Delphos centro do mundo Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta Ressurgiremos ali onde as palavras São o nome das coisas E onde são claros e vivos os contornos Na aguda luz de Creta Ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo São o reino do homem Ressurgiremos para olhar para a terra de frente Na luz limpa de Creta Pois convém tornar claro o coração do homem E erguer a negra exactidão da cruz Na luz branca de Creta.

“Ninguém nos disse que tem a bactéria”

■ Idosa é portadora de klebsiella pneumoniae. Família e cuidadores garantem que não sabiam

● MANUEL JORGE BENTO

Ester Silva, de 78 anos, foi levada à urgência do hospital de Vila Nova de Gaia, no dia 15, com falta de ar e febre. Foi-lhe diagnosticada uma infeção urinária grave e insuficiência renal aguda. Foi tratada e recebeu alta no dia 28. Dois dias depois, a enfermeira do centro de saúde que lhe presta cuidados na casa de

PORMENORES

3 pessoas morreram devido à bactéria, resistente a vários antibióticos, indicou a Direção-Geral de Saúde.

● MULTIRRESISTENTE Bactéria multirresistente, é comum em feridas e infeções hospitalares. Pode estar na causa de pneumonias e infeções urinárias.

acolhimento onde mora informou os cuidadores de que a mulher é portadora de klebsiella pneumoniae. O filho está preocupado com a presença da bactéria que infetou dezenas de utentes daquele hospital.

“Ninguém nos disse que a minha mãe tem a bactéria. Sou filho e nunca fui informado. Nem sequer se era ou não necessário algum cuidado especial”, referiu ao CM José Silva. “A médica da minha mãe só me disse que ela

Enfermeira deu a notícia dois dias após a alta hospitalar

tinha uma infeção que seria tratada”, acrescentou.

A nota de alta indica que Ester Silva é “portadora de klebsiella pneumoniae resistente às carbapenemases”. A bactéria não terá estado, no entanto, na origem da infeção urinária grave e da insuficiência renal aguda, às quais a utente foi tratada. O filho reclamou no hospital e admite agora levar o caso à justiça. ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL

CONHEÇA O MUNDO

CERCA DE UM MILHÃO DE PORTUGUESES COM IDADES ENTRE OS 20 E OS 79 ANOS SOFREM DA DOENÇA ASSOCIADA AO SEDENTARISMO

Envelhecimento aumenta total de casos de diabetes

■ O envelhecimento da população refletiu-se num aumento de 1,3 por cento da taxa de prevalência da diabetes entre 2009 e 2013, o que se traduz na subida de 11 por cento do número de pessoas com a doença.

Cerca de um milhão de portugueses, entre os 20 e os 79 anos, sofrem de diabetes, doença que

em 2013 matou mais de quatro mil pessoas. Os dados da diabetes referentes a 2014 serão amanhã divulgados no Relatório Anual do Observatório Nacional da Diabetes. A doença, associada ao sedentarismo e a maus hábitos alimentares, está presente em uma de cada quatro pessoas que morrem nos hospitais. ■ J.S.



Em 2013, morreram em Portugal mais de quatro mil por diabetes

CHEFE SILVA QUANDO O MASTERCHEF ERA A TELECULINÁRIA

SOCIEDADE PÁG. 23

Diário de Notícias

www.dn.pt

QUINTA-FEIRA, 15 de outubro de 2015, Ano 151.º, N.º 53 506, 1,10€
Diretor ANDRÉ MACEDO | Diretora adjunta MÓNICA BELLO | Subdiretores ANA SOUSA DIAS, JOANA PETIZ E NUNO SARAIVA | Diretor de arte PEDRO FERNANDES

Cavaco dá posse a Costa só depois de Passos cair

Portugal à espera. Presidente seguirá o caminho institucional. Só no caso de Pedro Passos Coelho ver o seu programa de governo chumbado na Assembleia aceitará indagar António Costa como primeiro-ministro, se entretanto o secretário-geral do PS fechar um acordo maioritário à esquerda. **DN+PÁGS. 2 A 9**

PRESIDENCIAIS

Rui Rio explica hoje por que razão decidiu não avançar para Belém

● O ex-presidente da Câmara do Porto desiste hoje da candidatura à Presidência, depois de saber que não terá o apoio do PSD. Para já, ficará na empresa de recursos humanos Boyden, mas o seu nome já é falado para o Tribunal de Contas, com o aval de Passos. **PORTUGAL PÁG. 13**

PS Divisões não chegam ao Parlamento: decisão de António Costa será respeitada	ENTREVISTAS Constitucionalistas: Presidente devia avançar já para governo socialista	VOTOS DA EMIGRAÇÃO Coligação elege três deputados, PS um: PCP ganha força no acordo à esquerda	OPINIÃO Seixas da Costa quer ver-se livre da direita mas teme custo do apoio de PCP e BE
--	--	--	--

25 DIAS EM GREVE DE FOME

Manifestação em Lisboa pela libertação de Luaty em Luanda

● Centenas de pessoas juntaram-se ontem no Rossio a pedir a libertação do rapper angolano de 33 anos, preso desde junho. Irmã garante que Luaty não vai desistir. **MUNDO PÁG. 36**

FUTEBOL

Benfica exige 14 milhões a Jesus. Processo já está em tribunal

DESPORTO PÁG. 50

LISBOA

A TV Arroios começa hoje com receitas e filmes dos seus fregueses

SOCIEDADE PÁG. 22

CRISE POLÍTICA NO BRASIL

Dilma Rousseff: "Quem tem biografia limpa para atacar a minha honra?"

MUNDO PÁG. 32



Presidente brasileira discursou ontem para o sindicato que deu origem ao PT, horas depois de o Supremo ter travado um pedido de impeachment

Ano letivo inscrições abertas

Educação: o seu melhor investimento.

www.cambridge.pt

INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS



Bactérias hospitalares. Um em cada dez doentes é infetado

Saúde. Taxa de infeção hospitalar em Portugal é quase o dobro da média europeia e é dos países que mais usam antibióticos. Resistência da bactéria detetada no hospital de Gaia é rara

ANA MALA

Um em cada dez doentes internados num hospital em Portugal apresenta uma infeção hospitalar. Problema já identificado – e apontado no último relatório da OCDE – que levou ao lançamento de várias campanhas para o controlo de infeções e para o uso mais racional de antibióticos, com o objetivo de reduzir a resistência das bactérias aos tratamentos disponíveis. No hospital de Gaia 30 doentes foram identificados com a bactéria *Klebsiella pneumoniae* com multiresistência. Oito pessoas morreram e 12 permanecem internadas. Este tipo de resistência nesta bactéria é raro em Portugal.

Portugal tem uma taxa de infeção hospitalar de 10,7%, perto do dobro da média europeia, que ronda os 6%, e é dos países que mais consomem antibióticos. Os dados dizem respeito a 2013 e fazem parte do relatório "Portugal – Prevenção e controlo de infeções e de resistência aos antimicrobianos", o último disponível. Os dados são os mesmos que o relatório da OCDE, realizado a pedido do Ministério da Saúde e publicado em maio deste ano, destacava como pontos negativos, assim como o elevado uso de antibióticos, superior ao registado nos outros países que fazem parte da organização.

Em 2013 Portugal ocupava o nono lugar entre os países com maior consumo de antimicrobianos na Europa. Já nos hospitais, tinha-se registado uma diminuição da prescrição, deixando Portugal bem melhor na lista. Embora o relatório salientasse que não havia informação de todos os hospitais. O uso excessivo de antibióticos e o não cumprimento do tratamento leva à criação de resistências por parte de bactérias.

O último relatório sobre a prevenção e o controlo de infeções não dava indicação do número de mortes associadas a infeções hospitalares, mas admitia que parecia relevante a mortalidade associada às infeções hospitalares. O anterior, com dados relativos a 2011, indicava a existência de infeções em 25% das mortes verificadas nos hospitais, o que correspondeu a 11 357 mortes.

Oito mortes em Gaia

O hospital de Gaia regista um surto de infeção com a bactéria *Klebsiella pneumoniae* portadora de



Doentes em isolamento e com enfermeiros dedicados

Gaia Margarida Mota, coordenadora do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência aos Antimicrobianos, diz que nunca tinham tido um caso como este. Os doentes foram isolados em enfermarias, com enfermeiros dedicados. As visitas estão

limitadas em número e tempo. Como se desconhece quanto tempo pode durar a bactéria no intestino, os doentes passam a ser referenciados como portadores. Sempre que derem entrada num hospital deverão ser internados em quartos individuais.

KBC. Este tipo de resistência nesta bactéria é de 1,8% em Portugal, tornando-a rara. Valor abaixo da média europeia e muito longe da registada em alguns países como a Grécia onde é de 50%. Na unidade foram detetados 30 casos de infeção. Oito pessoas morreram, mas o hospital esclarece que "a causa não pode ser atribuída diretamente a esta infeção dada a complexidade e a gravidade dos quadros clínicos de base". A Direção-Geral da Saúde está a monitorizar a situação e deve hoje emitir um comunicado.

O primeiro caso foi notificado a 7 de agosto e foram de imediato tomadas medidas para controlo da infeção, que passaram pela aquisição de material para identificação da bactéria e medidas de isolamento dos doentes. O caso zero terá sido uma doente internada há 50 dias no hospital, com uma complicação pós-cirurgia que teve de tomar vários tipos de antibióticos. Entretanto 12 pessoas permanecem internadas, nenhuma nos cuidados intensivos, e nove já tiveram alta.

FACTOS

270

• bactérias

Este era o número em 2013 de casos de bactérias que só respondiam a um antibiótico, o que torna as opções de tratamento mais limitadas.

30

• doentes

Hospital de Gaia identificou 30 doentes com a bactéria *Klebsiella pneumoniae* portadora do KBC. Oito acabaram por morrer e nove já tiveram alta.

ENTREVISTA:
GRAÇA ROCHA
Vice-presidente da Associação Portuguesa de Infeção Hospitalar

"Impedir infeções hospitalares é difícil. Temos de as diminuir"

Portugal é um dos países da Europa com maior prevalência de infeções hospitalares – 10% quando a média europeia ronda os 6% – e também dos que mais usam antibióticos. O que é preciso fazer para sair desta situação? Tem vindo a ser implementados os programas de prevenção de infeção e também da redução do consumo de antibióticos. A prevenção tem de ser feita todos os dias. Estas medidas têm tido reflexo na publicação de várias normas novas. Para o seu cumprimento, as pessoas têm de estar bem informadas e formadas. A Associação Portuguesa de Infeção Hospitalar (APHI) tem trabalhado nesse sentido e na próxima semana vai realizar o 5º seminário sobre infeções na saúde. Queremos que as normas sejam do conhecimento de todos.

É possível terminar com as infeções hospitalares?

Impedir as infeções hospitalares é difícil. O que é preciso é diminuí-las. A população hospitalar são doentes muitas vezes idosos, com muitas doenças e com internamentos prolongados. São fatores que podem favorecer a infeção. É fundamental monitorizar as resistências, ter programas de bom uso de antibióticos, apostar na prevenção e conhecer as iniciativas de cada local no combate às infeções. Este é um trabalho contínuo e que não é só dos hospitais. É também nos cuidados continuados e nos lares, que têm uma população que circula muito nos hospitais. Partimos de números altos de infeção e por isso custa mais a diminuir.

A redução de profissionais nos serviços pode aumentar o risco de surtos de infeção?

Se há uma redução de profissionais, o tempo que tem para cada doente é menor, e esse é um fator que pode agravar a situação. Não são conhecidos números de mortes associadas a infeções hospitalares. O problema está na investigação e na declaração. Tem de haver mais investigação e que as declarações tenham essa informação. As vezes os fatores que levam à morte são vários, porque são doentes com muita patologia. A investigação microbiológica é fundamental para tentar perceber a presença de bactérias, quais são de forma a prevenir surtos e novas infeções que possam surgir.

Infeção e Resistência aos Antimicrobianos do Centro Hospitalar Gaia / Espinho. Esta é uma bactéria de disseminação rápida e neste caso multiresistente. "Tem um mecanismo que produz uma substância que destrói os antibióticos. Para a tratar temos de fazer combinações de vários antibióticos", explicou.

A sua transmissão dá-se pelo contacto de pele ou em superfícies contaminadas. "Não se pode falar de falhas dos profissionais de saúde. Não são só estes que estão envolvidos com os doentes. Temos também as visitas. Temos todos os programas exigidos de precaução básica, apoio na prescrição e somos auditados. Se não tivéssemos tomado medidas, teríamos mais doentes infetados e que podiam constituir mais mortes. Penso que a corrente de transmissão está quebrada. O último caso foi detetado na sexta-feira, embora possa surgir mais alguma situação de algum doente já infetado", disse Margarida Mota.



OUTONO Sugestão de sete passeios com castanhas, cogumelos, batata-doce, maçãs e bolotas. E Óbidos é nesta semana a capital dos livros, com o Folio.

Diário de Notícias

www.dn.pt

SEXTA-FEIRA, 16 de outubro de 2015, Ano 151.º, N.º 53 507, 1.50€
Diretor ANDRÉ MACEDO | Diretora adjunta MÓNICA BELLO | Subdiretores ANA SOUSA DIAS, JOANA PETIZ E NUNO SARAIVA | Diretor de arte PEDRO FERNANDES

EX-CONSTITUCIONALISTA DE CAVACO

“Governo à esquerda seria uma estranha aliança de derrotados”

Entrevista. Um governo minoritário de direita, sem acordo do PS, ou um governo do PS, com acordo à esquerda, são os cenários que Blanco de Moraes, consultor do Presidente para assuntos constitucionais durante dez anos, considera mais prováveis. Todos trazem instabilidade, diz. **DN+** PÁGS. 2 A 7

PORTUGAL À ESPERA

Costa promete estabilidade a Bruxelas. PR ouviu partidos na terça e na quarta

CARTA ABERTA

“Fechar a porta a quem finalmente a quer abrir seria erro histórico”, diz Lacão a Assis

SAÚDE

Há mais cirurgias e menos demora. Mas há quem espere nove meses

● Em 2014, foram inscritas 650 mil pessoas para cirurgias e 550 mil foram operadas. O tempo de espera está a diminuir. São “milagres” do SNS, que está a atingir o limite da sua capacidade. **PORTUGAL** PÁGS. 16 E 17

VOLKSWAGEN

Pires de Lima prevê garantias na Autoeuropa até domingo

● VW vai recolher 117 mil carros em Portugal com *software* manipulado. O ministro da Economia anuncia que investimento de 677 milhões na Autoeuropa fica garantido nos próximos dias. **DINHEIRO** PÁG. 21

BANCO DE PORTUGAL ACUSA



Salgado e Ricciardi “sabiam e permitiram” irregularidades no BESA

DINHEIRO PÁG. 18

PRÉ-PUBLICAÇÃO

Da Natureza dos Deuses, o novo livro de António Lobo Antunes

● O romance chega às livrarias na próxima semana e é um épico sobre a ascensão, o apogeu e o fim de uma família de banqueiros. Uma coincidência literária e involuntária com a realidade. **ARTES** PÁGS. 38 E 39

SHREK POR €4,95

De 16 de outubro a 13 de novembro a coleção de DVD



SAPO JORNALS

Educação: o seu melhor investimento.

www.cambridge.pt

INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS



CAMBRIDGE SCHOOL
PORTUGAL

Ano letivo inscrições abertas

Um prémio e uma homenagem na universidade

ABERTURA SOLENE O reitor da Universidade de Lisboa, António Cruz Serra, deixou ontem uma homenagem ao antigo ministro Mariano Gago, de quem foi colega no Instituto Superior Técnico. No discurso de abertura solene do ano letivo, na Reitoria da Universidade, Cruz Serra recordou Mariano Gago, que morreu neste ano, como "um construtor de futuro" e "um homem que souhou um Portugal grande", destacando em particular o seu contributo para a evolução da ciência e do ensino superior em Portugal. Na mesma cerimónia, foi atribuído o Prémio Universidade de Lisboa, no valor de 25 mil euros, o qual — como o DN já noticiara — coube neste ano ao arquiteto Nuno Teófilo Pereira, que o júri escolheu pelo percurso "brilhante" e pela "figura ética".



DGS confirma três mortes por infeção no hospital de Gaia

BACTÉRIA "Surto está controlado", garante o diretor-geral da Saúde, Francisco George. Apenas um dos internados em Gaia apresenta infeção

A Direção-Geral da Saúde (DGS) admitiu que pelo menos três pessoas morreram em resultado da infeção pela bactéria multiresistente identificada no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho, mas assegurou que "o surto está controlado" e a "evolução para a resolução".

"Ocorreram oito óbitos em doentes portadores de *Klebsiella pneumoniae*, dos quais três resultaram da infeção por esta bactéria", refere comunicado da DGS divulgado.

No Centro Hospitalar de Gaia foram identificados, desde 7 de agosto, 30 doentes portadores da bactéria multiresistente *Klebsiella pneumoniae*, que terá surgido em consequência do uso de antibióticos, e de rápida disseminação, transmite-se pelo toque e sobrevive na pele e no meio ambiente, mas cuja durabilidade se desconhece.

Sobre o surto de infeção do hospital de Gaia, a DGS garante que "foi já identificado o mecanismo de resistência da bactéria" e que "o surto está controlado e a evolução para a resolução".

Em comunicado assinado pelo diretor-geral da Saúde, Francisco George, é confirmado que desde o seu início "foram cumulativamente identificados 30 doentes portadores da bactéria" e que "atualmente estão internados 14 doentes nos quais foi isolada esta bactéria".

"No entanto, apenas um deles apresenta infeção", acrescenta a DGS. Refere ainda que "dos 13 doentes que são portadores da bactéria sem terem infeção, oito foram identificados através da pesquisa ativa conduzida pela equipa do Centro Hospitalar Gaia/Espinho".

Segundo a DGS, aquela unidade "implementou medidas que permitiram a identificação precoce do caso índice (o primeiro), rastreio para identificação e isolamento de todos os doentes portadores ou infetados pela bactéria e estabeleceu medidas de controlo de infeção para evitar o aparecimento de novos casos de acordo com as normas do programa".

O hospital suspeita que a origem do surto tenha sido numa doente que fez vários ciclos de antibiótico e que partilhou, no dia 29 de junho, a mesma unidade de pós-operatório com o primeiro paciente infetado. **tsa**

Ficar mais um ano no pré-escolar pode ser a melhor opção

Educação. Crianças que fazem 6 anos depois de 15 de setembro não têm lugar garantido no 1.º ano. Podem aproveitar para ganhar maturidade

ANA BELA FERREIRA

As crianças que fazem 6 anos depois de 15 de setembro só entram para a escola se existir vaga e os pais quiserem inscrevê-las. Isso mesmo aconteceu, por exemplo, a 5226 alunos que em 2013-2014 frequentavam o pré-escolar já com 6 anos. Para os pais, este é muitas vezes visto como um ano perdido, mas os professores, um pediatra e uma mãe psicóloga com quem o DN falou não veem as coisas desta maneira. Pelo contrário, acreditam que ficar no pré-escolar pode ser a chave para o sucesso dos alunos.

"Na turma do meu filho há muitos condicionais [alunos que entram à condição de existir uma vaga] e passaram o primeiro mês a chorar. Em termos emocionais, acho que as crianças com 5 anos não estão preparadas", refere Cláudia Vieira, mãe de Gonçalo, que faz anos no final de outubro, a psicóloga acabou por optar manter o filho

no pré-escolar em vez de antecipar a sua entrada na escola. Já se passaram três anos e Cláudia não se arrepende: "Foi a melhor decisão. O Gonçalo é o segundo mais velho da turma, mas é o mais responsável e tem Muito Bom a tudo. Faz os trabalhos de casa sozinho e tem outra motivação para estudar".

Esperar que as crianças tenham maturidade é também a opinião de Hugo Rodrigues. O pediatra lembra que "a ciência diz que a idade ideal para entrar na escola são os 6 anos". Logo, tentar antecipar a entrada na escola "vai levar a que eles tenham de fazer um esforço mental para o qual não estão preparados". "Mesmo que depois até consigam recuperar na adolescência, estas crianças que entram mais cedo voltam a ressentir-se dos ritmos diferentes de desenvolvimento", acrescenta o médico.

Sempre que é questionado pelos pais sobre a melhor atitude, Hugo Rodrigues sublinha que esperar por uma maior maturidade "pode

ser a diferença entre um aluno ser bom ou excelente".

Apesar dos benefícios apontados, a verdade é que os pais querem todos inscrever os filhos logo na primeira oportunidade. "Os pais querem muito que os filhos ganhem autonomia e acham que isso acontece com a escola, mas isso é um processo diferente", aponta Cláudia Vieira, e dá como exemplo quatro dos alunos que entraram mais cedo na turma do filho e que esperavam por ele à entrada da escola para entrar na sala, porque ele era o mais responsável.

Só entram se a escola tiver lugar A lei diz que entram no primeiro ciclo todos os alunos que tenham completado 6 anos até 15 de setembro. Quem completa 6 anos entre 16 de setembro e 31 de dezembro desse ano só entra se os pais o inscreverem e fica com a matrícula à condição — daí chamarem-se condicionais — de existir vaga nas turmas já constituídas.

Sem lugar para aceitar todos os seus condicionais, Manuel Esperança, do agrupamento de Benfica, acha que "em Portugal continuamos a entrar muito cedo na escola. Defendo que só se devia entrar com 7 anos".

Até porque "as crianças são cada vez mais infantis e há cada vez mais coisas que se exige que eles saibam logo desde cedo", acrescenta o professor. Considerando ainda que "mais tarde ou mais cedo as diferenças de idade se vão sentir nas dificuldades que os alunos mais novos mostram".

Mas porque também há cada vez menos crianças, as escolas acabam por incluir cada vez mais alunos com menos de 6 anos. Isso mesmo aconteceu a Filinto Lima, do agrupamento Dr. Costa Matos, em Vila Nova de Gaia, que conseguiu lugar para os 30 alunos que fazem 6 anos depois do início das aulas e pediram para entrar.

No entanto, existem escolas onde isso é mais difícil, até porque "existem indicações para não fazermos turmas com muitos condicionais, para equilibrar", explica Adelino Calado. O diretor do agrupamento de Carcavelos refere que neste ano tem cinco turmas do 1.º ano e vai ter cinco alunos condicionais. Só teve vaga para estes — "tinha uns 20 condicionais" —, depois de ter feito uma lista ordenada pela data de nascimento. Os que não entram no 1.º ano ficam no pré-escolar. Adelino Calado também acha que "faz muita diferença" a discrepância de idades. "Temos alunos que entram com quase 7 anos e outros que vão ter 5 até dezembro, e isso desequilibra."

Diário de Notícias

www.dn.pt

TERÇA-FEIRA, 27 de outubro de 2015, Ano 151.º, N.º 53 518, 1,10€

Director ANDRÉ MACEDO Diretora adjunta MÓNICA BELLO Subdirectores ANA SOUSA DIAS, JOANA PETIZ E NUNO SARAIVA Director de arte PEDRO FERNANDES

DIREITA NACIONALISTA CONQUISTA A POLÓNIA E ASSUSTA A EUROPA

Eurocético e nacionalista, o partido Lei e Justiça do antigo primeiro-ministro Jaroslaw Kaczynski pode chegar à maioria absoluta

Da última vez que esteve no poder o partido do governo adiou a ratificação do Tratado de Lisboa

Bernardo Pires de Lima escreve sobre os perigos para a UE trazidos pelos problemas a Leste

DN+ PÁG. 2



PORTUGAL À ESPERA

Passos acelera posse do governo e faz convites para quatro anos

Cavaco pode receber lista de nomes já na quinta-feira. Programa inclui medidas de PS, PCP e BE

Bacelar Gouveia diz que governo não depende da confiança do Presidente mas do Parlamento

DN+ PÁGS. 4 A 6

LISBOA

Os 30 anos do Rock in Rio contados em filme e num megalivro

• São cinco quilos de páginas e 37 centímetros de altura em que se contam as histórias que ajudaram a fazer a vida do festival que nasceu no Rio de Janeiro em 1985. As celebrações vão prolongar-se até maio de 2016, o mês em que as portas do Parque da Bela Vista se abrem a mais uma edição. ARTES PÁG. 33

DÉRBI

Rui Vitória está a uma derrota do pior arranque de época de Jesus

• A vitória do Sporting anteontem no Estádio da Luz acentuou a tendência depressiva do Benfica de Rui Vitória. São já cinco derrotas em 12 jogos, só superadas pelo início de temporada em 2010-2011. Já o Sporting, com o registo de seis vitórias à 8.ª jornada, foi sempre campeão. DESPORTO PÁGS. 42 E 43

Há 700 mil pessoas com contratos a prazo em Portugal

Emprego. Os contratos a prazo atingiram no início deste verão o valor mais alto desde que a *troika* chegou a Lisboa, em 2011 – um total de 698,9 mil trabalhadores tinham este tipo de vínculo. A estes somam-se 128 mil que passam recibos verdes, elevando para 826,7 mil o universo de pessoas com um vínculo precário. DINHEIRO PÁG. 15

SAÚDE PÚBLICA

Há presos que vão deixar de ir aos hospitais

• As prisões vão avançar com consultas via computador no final do ano, o que irá evitar cerca de quatro mil saídas anuais de reclusos. O sistema, idêntico à videoconferência, permitirá aos presos ter consultas de especialidade de médicos do SNS, evitando as habituais saídas dos estabelecimentos prisionais, com custos elevados. Reduzindo, também, a possibilidade de tentativa de fuga. PORTUGAL PÁG. 11

ENTREVISTA: ANA PAULA MARTINS
Candidata a bastonária da Ordem dos Farmacêuticos

Apresenta hoje a sua candidatura, a primeira conhecida para as eleições de 6 de fevereiro. Esteve ligada à Associação Nacional de Farmácias e é professora na faculdade. Fala dos seus projetos

“Temos medicamentos que custam menos do que um café”

ANA MAIA

O que propõe a sua candidatura?
 Valorizar as competências que os farmacêuticos têm, para dar suporte a um sistema de saúde que gostaríamos que fosse sustentável. Não acreditamos que seja possível manter um SNS como temos hoje, com os desafios futuros, se não houver profissionais de proximidade que possam adicionar alguns serviços àquilo que hoje já acontece. Podemos investir mais em áreas de prevenção, em serviços de proximidade, para que as pessoas possam gerir melhor a sua medicação. **O que fala faz parte do pacote que as associações de farmácias negociaram com o governo.**
 A nossa proposta de valor é que o farmacêutico, na farmácia e no hospital, veja o seu serviço à população reforçado. Temos evidência que comprova que a ação do farmacêutico, integrado na equipa de saúde, pode trazer valor nas áreas de prevenção, diagnóstico e terapêutica. **A lógica será os farmacêuticos fazerem a gestão do doente crónico, acompanhando a medicação?**
 Existem várias propostas de serviços. Num doente internado, a medicação sofre ajustamentos duran-

te este período. Quando sai, a medicação vai continuar mas o seguimento será do médico de família. Nesse contexto o doente deve ter uma farmácia de proximidade, que deve poder em áreas mais graves como diabetes ou hipertensão dar suporte à medicação, confirmar que está a usar bem, que não tem efeitos adversos, que se tiver comunica ao médico. Vamos apostar muito na prevenção, pois acreditamos que é determinante para que o SNS não vá à falência. **Temos assistido às várias profissões da saúde de costas voltadas. Como acabar com esta tensão?**
 Tem de haver uma cultura de transparência, compromisso e de diálogo. Temos quatro ou cinco aspetos que sabemos que são áreas de conflito, casos da vacinação ou da prescrição. Os farmacêuticos não querem prescrever. O que propõe nos seus serviços de acompanhamento da medicação é fazer, em estreita ligação com o médico, a renovação da terapêutica no doente crónico. **Esta é uma das propostas da candidatura?**
 A nossa proposta é que trabalhe-mos em conjunto no sentido de articular a possibilidade de renovação da terapêutica mediante protocolos estipulados com os médicos.



“**A nossa proposta é que o farmacêutico veja o seu serviço à população reforçado**”

Quais os resultados do acordo estabelecido com as associações de farmácias e o governo?
 As expectativas são positivas. Na diabetes – que vai iniciar um projeto-piloto de acompanhamento da medicação – porque existe muita evidência internacional de maior qualidade de vida e menos internamentos. Na troca de seringas temos a certeza de que vamos ter ganhos enormes, porque durante muito tempo tivemos o programa a funcionar.

Quantas farmácias fecharam nos últimos cinco anos?
 Vinte e cinco. O mais importante é que 335 farmácias foram alvo de processos de penhora e 177 de insolvência. Há farmácias que nunca serão compradas porque chegaram a uma situação em que não é possível alguém se interessar por elas. **Há zonas do país onde o serviço deixou de existir?**
 Fecharam muito nas zonas urbanas, onde existem mais farmácias, e também em zonas mais desprotegidas. Mas o Infarmed e as associações apoiaram as farmácias mais isoladas. Não há, neste momento, uma situação de alarme. **A política do medicamento foi bem conseguida ou ditou a morte do negócio?**
 Acho que não ditou a morte do negócio. Mas sendo uma política de ajustamento, diminuiu a potencialidade de algumas áreas. Já falei da farmácia, falo também da indústria, que viu uma série de aspetos muito afetados. O mais preocupante foi o desinvestimento que se viu em algumas áreas estratégicas, como a investigação clínica. Portugal, sendo um país periférico, apresentando um ajustamento muito forte quer nos preços dos medicamentos

prestando algumas dificuldades de acesso à inovação, representou para a indústria global uma área de desinvestimento. Temos de garantir alguma previsibilidade para que o setor possa funcionar. **Pagamos demasiado por alguns medicamentos e estamos a perder soluções por causa dos baixos preços?**
 Temos medicamentos para a hipertensão ou antibióticos que custam menos do que um café. Chegámos ao limite da capacidade de baixar os preços em Portugal destes medicamentos de grande utilização em ambulatório. Em inovação, acredito que este governo, como o anterior, fez um grande esforço para colocar inovação no mercado. Não acredito que nenhum governo queira atrasar inovação importante que possa salvar uma vida. O medicamento tem de mostrar que aquilo que custa é um bom investimento. Se há medicamentos que ainda custam demasiado? Eles podem valer o que pedem por eles. O problema é se os países têm PIB para os pagar. Há um trabalho enorme, que é dos próximos governos, de estabelecer com as empresas negociações que garantam que Portugal possa de forma igual aos outros países aceder a eles. **Os farmacêuticos envolvidos em fraude devem deixar de exercer?**
 Se ganhar as eleições, obviamente os casos de fraude em que haja farmacêuticos envolvidos terão sempre uma avaliação muito séria. Os profissionais têm de ter consciência ética e deontológica. Se não tiverem, não podem fazer parte de uma ordem profissional ou terão de ter as sanções próprias em relação ao delito que cometeram. O conselho jurisdicional da Ordem hoje já atua. Percebo que, pelo tempo que leva, quem está de fora fique com a ideia que não. Mas o tempo é importante para recolher toda a informação necessária.

Mais quatro doentes com superbactéria

GAIA Hospital informou estar em curso um “rastreo universal” em enfermarias de alto risco para detetar bactéria que já matou três pessoas
 O hospital de Gaia divulgou ontem ter identificado mais quatro doentes contaminados com a bactéria multiresistente que já causou a morte a três pessoas e informou estar em curso um “rastreo universal” em enfermarias de alto risco.
 Na passada semana, o centro hospitalar divulgou ter identificado, desde 7 de agosto, mais de 30 doentes portadores de *Klebsiella pneumoniae*, uma bactéria multiresistente que terá surgido em consequência do uso de antibióticos, e de rápida disseminação, transmi-

te-se pelo toque, sobrevive na pele e no meio ambiente e desconhece-se a sua durabilidade. A coordenadora do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infecção e Resistência aos Antimicrobianos do Centro Hospitalar Gaia/Espinho disse então que estavam internadas, em isolamento, 13 pessoas. Ontem o hospital informou em comunicado estarem “internados 17 doentes portadores de *Klebsiella pneumoniae* produtora de KPC (presença da bactéria sem manifestações da doença) em regime de isolamento, aguardando a resolução do motivo do seu internamento”.
 O centro hospitalar garante que “foram elaborados circuitos destinados a doentes e portadores” da bactéria para “evitar” a sua disseminação, pelo que “não há motivo de

alarme para a população e para os utentes”. A situação infecciosa no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho está controlada”, reitera. “Está em curso o rastreio universal de portadores de *Klebsiella pneumoniae* produtora de KPC em enfermarias de alto risco (medicina interna, pneumologia, especialidades cirúrgicas).”
 A Direção-Geral de Saúde (DGS) já admitiu que pelo menos três das oito mortes em doentes portadores ocorreram em resultado da infeção pela bactéria multiresistente identificada no hospital de Gaia.
 O hospital suspeita de que a origem do surto tenha sido uma doente que fez vários ciclos de antibiótico e que partilhou, no dia 29 de junho, a mesma unidade de pós-operatório com o primeiro paciente infetado.

ANEXO III – Materiais Analisados – Jornal de Notícias

Quarta-feira 14 de outubro 2015 • www.jn.pt • €1 • N.º 135 • Ano 128 • Diretor Afonso Camões • Diretor-executivo Domingos de Andrade • Subdiretores David Pontes e Inês Cardoso • Diretor de Arte Pedro Pimentel

● Primeiro caso foi identificado em agosto, num paciente que tinha sido operado ● Restantes internados em isolamento p. 6

Exclusivo
Jornal de
Notícias

Bactéria Oito mortos e 22 doentes infetados no Hospital de Gaia



Jornal de Notícias

Passos e Costa esticam a corda

Encontro terminou sem entendimento sobre formação do próximo Governo

PSD e CDS acusam PS de não querer compromisso. Socialistas arrasam documento da PàF

Páginas 4 e 5



Numa república democrática não há coroação nem nomeação. Há eleição

Maria de Belém Candidata à Presidência
Página 9



Acusação
Juiz adutera
59 processos para
melhorar nota

Página 14

Ronaldo “Quero
a quinta e a sexta
Bota de Ouro”

Página 47

Etc. ‘Playboy’ Portugal
admite manter nudez
nas capas Páginas 32 e 33

Área Metropolitana
Porto, Matosinhos
e Gaia propõem
gerir água sozinhos

Páginas 18 e 19

Braga Pais do rapaz
que baleou amigo
vão emigrar para
evitar comentários

Página 26

Saúde
Ministro afasta
presidente
do INEM

Última



Pedro Guerra
O comentador
que está
a incendiar
o futebol

Páginas 42 e 43



Nacional**Estudo Uso incorreto de batas e luvas contamina**

Um estudo norte-americano concluiu que a retirada incorreta de batas e luvas por trabalhadores de hospitais resulta em 48% das vezes em contaminação. Os investigadores do estudo da JAMA International Medicine pediram aos trabalhadores de quatro hospitais do estado do Ohio para retirar a bata e as luvas,

que os protegem da contaminação, como habitualmente o fazem. A conclusão foi clara: em 48% das vezes os trabalhadores acabavam contaminados. Como amostra, foram realizadas 435 simulações, sendo que 246 foram feitas por enfermeiros, 72 por médicos e 117 por outros profissionais, como terapeutas, técnicos e nutricionistas.

Infeção Oito vítimas mortais entre os casos identificados desde agosto. Há 22 doentes sem sintomas que se encontram em isolamento



A fonte do contágio já terá sido determinada: um doente do foro cirúrgico com complicações pós-operatórias e a tomar vários antibióticos

saber mais :**Quais os sintomas?**

● A *Klebsiella pneumoniae* portadora de KPC é uma bactéria muito resistente aos antibióticos, que se apanha sobretudo em ambientes hospitalares. Os sintomas são febre ou hipotermia, taquicardia, problemas respiratórios e, nos casos mais graves, hipotensão, inchaço e até falência de órgãos.

Como se transmite?

● Pelo contacto com secreções ou excreções de pacientes infectados. As mãos dos profissionais de saúde, com ou sem luvas, e os seus instrumentos de trabalho são os principais vetores de contágio.

Cuidados especiais

● A lavagem das mãos após contacto com o doente e o uso de máscaras são alguns cuidados fundamentais para evitar o contágio em ambiente hospitalar.

Bactéria infeta 30 doentes no Hospital de Gaia

Inês Schreck
ines@jn.pt

► Nos últimos dois meses, 30 doentes do Hospital de Gaia foram infetados por uma bactéria muito resistente a antibióticos. Do total de casos identificados até agora, oito pessoas morreram, confirmou ao IN o Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho (CHVNG/E). Os restantes 22 doentes estão sem sintomas, mas todos internados e em isolamento.

As vítimas mortais apresentavam um quadro clínico de base muito complexo e grave, pelo que a causa dos óbitos não pode ser atribuída diretamente à infeção, esclareceu, por escrito, Margarida Mota, coordenadora do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência aos Antimicrobianos do CHVNG/E.

A bactéria em causa chama-se *Klebsiella pneumoniae* portadora de KPC, o que significa que é alta-

Bactéria *Klebsiella pneumoniae* portadora de KPC é altamente resistente a antibióticos

mente resistente a antibióticos. O primeiro caso em Gaia foi notificado a 7 de agosto. Desde então, sucederam-se os contágios. Dos 30 doentes infetados, 22 são considerados "portadores assintomáticos", adiantou a mesma responsável, acrescentando que atualmente não há qualquer doente em regime de cuidados intensivos.

A fonte da bactéria já terá sido identificada. "Com base na análise dos dados atualmente existentes, o caso índice terá sido um doente do foro cirúrgico, com complicações pós-operatórias e com necessidade de vários esquemas de antibioterapia", explicou Margarida Mota. A presença de uma ferida aberta exsudativa "potenciou as vias de transmissão". Está ainda em curso a análise dos genótipos dos casos em isolamento.

A bactéria transmite-se de pessoa para pessoa através do contacto com fluidos ou secreções, o que implica cuidados redobrados dos profissionais de saúde, nomeadamente a lavagem e desinfecção das mãos antes e depois do contacto com os doentes e o uso de máscaras de proteção. O Hospital de Gaia fez

o rastreio de 44 pessoas potencialmente em risco por terem contacto com doentes e, destas, oito deram resultado positivo.

A identificação do primeiro caso pós em marcha um plano de ação do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência aos Antimicrobianos do CHVNG/E. Entre outras medidas, foi reforçada a capacidade do Laboratório de Microbiologia, isolamento imediato dos casos positivos e suspeitos, reforçada a vigilância epidemiológica e notificadas as estirpes à Direção-Geral da Saúde. Foi ainda reforçada a restrição do uso de dispositivos médicos invasivos e publicada informação interna sobre as medidas de prevenção deste tipo de bactérias.

Contactada pelo IN, Merlinda Madureira, presidente da Federação Nacional de Médicos e especialista naquela unidade hospitalar, garantiu que, neste caso, "o comportamento do hospital foi exemplar". E lembrou que as infeções hospitalares são frequentes tanto em Portugal como no estrangeiro. O CHVNG/E dá resposta a uma área com 700 mil habitantes. ●

FORMAÇÃO DE GOVERNO Páginas 6 e 7

Passos acusa Costa de "faz-de-conta" e espera por Cavaco

Jornal de Notícias



Norte Portagens nas Scut fecharam três mil empresas de transportes Páginas 26 e 27



HÁ 13 PESSOAS INTERNADAS EM ISOLAMENTO Páginas 4 e 5

Bactéria Hospital de Gaia incapaz de controlar surto que infetou 30 doentes

NÃO PERCA AMANHÃ O 1.º DVD DO SHREK POR APENAS 4,95 EUROS



SAPOJOS

Braga Comissão abre processo a criança que baleou amigo

Página 28

Valongo Fábricas de brinquedos artesanais com futuro ameaçado

Páginas 20 e 21

Vila Real Oito anos a lutar para ter acesso a casa isolada pela A24

Página 16



Pessoas Morreu, aos 81 anos, o popular chef Silva

Página 37

Prendas Bruno de Carvalho aponta descida de divisão ao Benfica

Página 45

● Ex-autarca acredita que seria capaz de reunir as "melhores condições" para garantir "estabilidade", mas abdica de candidatura presidencial que poderia ser vista como "divisionista" Páginas 10 e 11

Exclusivo
Jornal de
Notícias

Crise política afasta Rio da corrida a Belém



“Num país profundamente centralizado, lançar uma candidatura vencedora a partir de uma cidade que não a capital do país, é uma tarefa muito próxima do impossível”

Primeiro Plano



bactéria • *Klebsiella pneumoniae* portadora da KPC



É uma bactéria muito resistente a antibióticos comum em ambientes hospitalares que afeta sobretudo doentes imunodeprimidos.



SINTOMAS
Os mais frequentes são a associação de febre alta, infeção urinária e dificuldades respiratórias.



Gaia Oito mortes entre os 30 colonizados com bactéria multiresistente. Há 13 doentes internados em isolamento. Responsável pelo controlo de infeções do centro hospitalar admite que surjam novos casos nos próximos dias

Bactéria por controlar no hospital

Inês Schreck e Marta Neves
sociedade@jn.pt

► Ainda não está controlado o surto da bactéria que, nos últimos dois meses, infectou vários doentes do hospital de Gaia. Há atualmente 30 casos identificados, como noticiou o JN na edição de ontem. Oito pessoas que contraíram a bactéria e com um quadro clínico complexo e grave morreram. Os rastreios aos doentes continuam, o que deverá aumentar o número de colonizados, admitiu, ontem de manhã, uma responsável do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/ Espinho (CHVNG/ E). A Direção-Geral da Saúde remeteu para hoje esclarecimentos sobre o caso.

"Afirmar que o surto está controlado é de mais. Penso que a situação, pelo menos, está prevenida. Agora, assegurar controlo com uma bactéria com esta magnitude e com esta capacidade de disseminação é difícil. Os números vão aumentar, porque estamos a rastrear", referiu, em conferência de imprensa, Margarida Mota, responsável do Grupo de Coordenação Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência aos Antimicrobianos do CHVNG/ E.

A bactéria em causa chama-se *Klebsiella pneumoniae* portadora de KPC, é altamente resistente a antibióticos, vive em ambientes hospitalares e afeta sobretudo os doentes mais debilitados e vulneráveis. Até ontem, em Gaia, tinham

sido rastreados 44 doentes que tiveram contacto com infetados.

"Temos a situação em vigilância. Não é fácil rastrear 500 e tal doentes simultaneamente", afirmou Margarida Mota. Sobre os doentes infetados, esclareceu serem "pessoas muito idosas, com dispositivos invasivos, algaliasções, sondas, ou seja, têm invasão do tubo digestivo, são pessoas que foram operadas ao cólon, à vesícula, tudo o que envolve o tubo gastrointestinal. São acamados, pessoas extremamente debilitadas", descreveu.

"As pessoas que precisam de vir ao hospital podem estar tranquilas", afirmou Margarida Mota

Os últimos dados divulgados pela Direção-Geral da Saúde (DGS) sobre a *Klebsiella pneumoniae*, apontam para uma crescente prevalência e resistência desta "superbactéria" aos antibióticos.

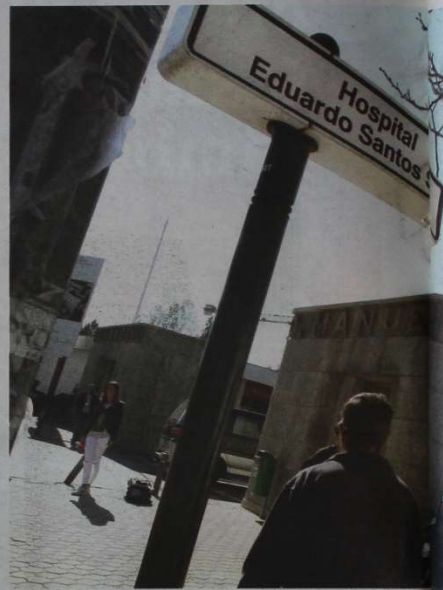
As infeções hospitalares são responsáveis por milhares de mortes todos os anos. Apesar de a taxa de infeções hospitalares ter decrescido ligeiramente, Portugal continua a estar entre os piores da Europa neste capítulo (ler na página ao lado).

Um estudo da Fundação Calouste Gulbenkian estima que, em 2013, possam ter morrido mais de quatro mil pessoas com infeções hospitalares.

Internados em isolamento
O número de mortes nunca é preciso, porque nem sempre é possível estabelecer uma causa direta entre a morte e a infeção pela bactéria. Tal e qual acontece no hospital de Gaia. A unidade admite que há oito doentes com a bactéria que morreram, mas realça que "a causa dos óbitos não pode ser atribuída diretamente a esta infeção dada a complexidade e gravidade dos quadros clínicos de base", nomeadamente "situações oncológicas e de elevada comorbilidade".

Dos 30 doentes identificados, há atualmente 13 internados e não 22 como o JN ontem escreveu, com base em informação do gabinete de comunicação do hospital. Os internados estão todos em isolamento mas nenhum está em regime de cuidados intensivos, acrescentou o hospital. Há ainda pessoas que contraíram a bactéria, mas não desenvolveram a infeção, mantendo-se sem sintomas.

Desde 7 de agosto, data em que foi notificado o primeiro caso, o CHVNG/ E tomou várias medidas de controlo e prevenção da infeção. Ontem, depois de o JN ter avançado com a notícia, surgiram críticas à falta de informação prestada pela direção do hospital aos utentes e familiares de doentes. ●



Surto Maioria dos utentes desconhecia infeção

"Não se compreende uma situação destas"

► Num entra e sai constante de doentes do Hospital Eduardo Santos Silva, em Gaia, a maioria das pessoas que ontem foi abordada pelo JN demonstrou total desconhecimento do surto de uma bactéria que assolou aquela unidade e que já fez oito mortos.

"Ninguém nos avisou de nada! Venho a este hospital muitas vezes para acompanhar a minha mãe em exames, e não fui informada de nada", lamentou Conceição Dias, "incrédula" com o silêncio da instituição. "Deviam dizer alguma coisa até para as pessoas terem mais cuidado", frisou. Também um idoso, que preferiu o anonimato, lamentou não saber de nada: "Este hospital é um caos, cheio de gente! Os doentes haviam de estar a par do que se está a passar". Ideia contrária manifestou, ontem, Margarida Mota, coordenadora do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência aos Antimicrobianos desta unidade hospitalar: "Não havia necessidade da situação vir a público, porque não há nenhum tipo de alarme para a comunidade". Todavia, dada a presença de jornalistas à porta do hospital, muitos foram os utentes que quiseram saber o que se passava, mostrando-se preocupados: "Não se compreende uma situação destas em pleno século XXI", apontou António Sousa, 55 anos. MARTA NEVES

CONTÁGIO

É altamente contagiosa e transmite-se através de secreções e pelo contacto direto com um doente infetado.

PREVENÇÃO

A lavagem permanente das mãos, o uso de máscaras e a desinfeção dos instrumentos e utensílios hospitalares são as principais formas de prevenção e controlo da infeção.

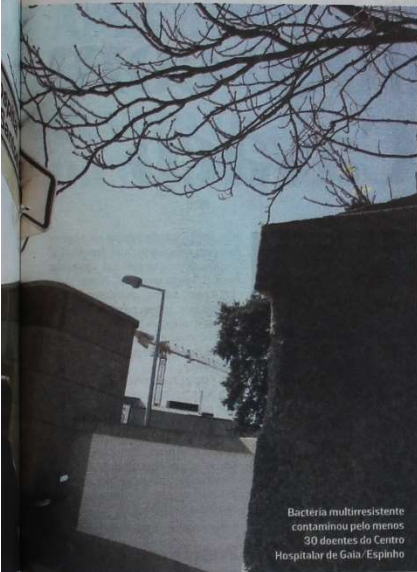


Origem Detetada nos Estados Unidos

A bactéria *Klebsiella pneumoniae* portadora de KPC nasceu da pressão dos antibióticos e foi identificada pela primeira vez na década de 80 nos Estados Unidos. Foi o bacteriologista alemão Edwin Kiebs que a identificou e acabou por dar-lhe o nome. O reservatório da *Klebsiella* é geralmente nos intestinos.

Projeto Reduzir 50% das infeções em 12 hospitais

No ano passado, a Fundação Calouste Gulbenkian lançou o projeto "Stop infeção hospitalar - um desafio Gulbenkian", com o objetivo de reduzir 50% das ocorrências de infeções em 12 hospitais selecionados. As unidades vão ter três anos e 100 mil euros para cumprirem o desafio.



Bactéria multiresistente contaminou pelo menos 30 doentes do Centro Hospitalar de Gaia/Espinho

P&R:

Por que razão é que as bactérias se tornam resistentes aos antibióticos?

As bactérias vão sofrendo mutações, tornando-se cada vez mais resistentes aos antibióticos, constituindo-se num grave problema de saúde pública. O uso excessivo, inadequado e irresponsável dos antibióticos e das principais causas deste problema. Nem aqueles que fazem um uso correto dos antibióticos estão livres de contrair uma "superbactéria" que nem os fármacos de última geração conseguem eliminar. É um problema à escala mundial: menos de 100 anos após a descoberta da penicilina, que contribuiu para um marcado aumento da esperança média de vida, este fármaco está em risco sério de perda de eficácia.

Por que são os hospitais "incubadoras" de bactérias?

Os ambientes hospitalares são férteis em bactérias. Seja porque acolhem doentes já infetados, seja porque lidam com pessoas muito debilitadas e vulneráveis ao desenvolvimento das infeções. A contaminação ocorre, frequentemente, através dos dispositivos invasivos, como por exemplo cateteres e ventiladores.

Como combater o problema?

Há que reduzir a pressão antibiótica, prevenindo todas as infeções evitáveis, não usando antibióticos quando não existe infeção bacteriana e reduzindo a duração da terapêutica ao mínimo indispensável para curar a infeção e evitar a recidiva, defende a Direção-Geral da Saúde, no último relatório sobre Prevenção e Controlo de Infeções e de Resistência aos Antimicrobianos.

Há risco de contágio para os profissionais de saúde?

No caso da bactéria *Klebsiella pneumoniae*, segundo vários estudos publicados, o risco para os profissionais de saúde "é pouco significativo ou nulo, desde que asseguradas as medidas de precaução básicas", sustentou o Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção do Hospital de Gaia.

E para outros doentes?

A disseminação da bactéria ocorre muito rapidamente e o risco de contágio é elevado, podendo ocorrer com um simples aperto de mão.



Bloco operatório é uma das áreas críticas em termos de controlo de infeções

Um em cada 10 doentes contrai infeção hospitalar

PREVALÊNCIA Portugal tem um dos piores desempenhos da Europa na prevenção e controlo das infeções hospitalares. Um em cada dez doentes apanha bactérias nos hospitais portugueses, o dobro da média europeia (5,7%).

O número já foi assumido como "preocupante" pela Direção-Geral da Saúde, não só pela alta taxa de mortalidade e morbilidade destas infeções, como também pelos custos acrescidos de recursos hospitalares e comunitários que implicam.

Por isso, nos últimos anos, têm sido tomadas medidas no sentido de reduzir esta taxa de prevalência para os valores europeus. O grupo que coordena o Programa Nacional de Prevenção e Controlo de Infeções e de Resistência aos Antimicrobianos da Direção-Geral da Saúde acredita que "cerca de um terço das infeções associadas aos cuidados de saúde são, seguramente, evitáveis", conforme referem no último relatório apresentado.

Além de travar o uso inadequado de antibióticos, é necessário apostar em mais recursos humanos e na formação dos profissionais de saúde nos hospitais. Pedro Melo, enfermeiro especialista em saúde pública e investigador, acredita que

parte do problema pode ser explicada pela falta de enfermeiros nos hospitais. Afinal, é esta classe profissional que contacta mais diretamente com os doentes, substituindo pensos e fraldas, colocando cateteres e outros dispositivos.

"Há estudos europeus que indicam que o investimento em enfer-

Portugal apresenta o dobro das infeções hospitalares da média europeia

meiros diminui o número de mortes e infeções nos hospitais", sustenta Pedro Melo.

A escassez de enfermeiros compromete as medidas de precaução básicas como a lavagem e desinfeção das mãos, e também a vigilância e o controlo adequado da infeção, refere, lembrando que nesta temática os auxiliares de saúde estão sob supervisão dos enfermeiros. 15



"Já tinha ouvido a notícia e é evidente que é um assunto que me deixa apreensivo. Como é possível, em pleno século XXI, estas coisas ainda acontecerem?! Não percebo porque os doentes não foram avisados"

António Sousa
55 anos



"Preocupa-me que este hospital esteja com um surto de uma bactéria e que os responsáveis não tenham a dignidade de avisar os utentes. Só com as pessoas devidamente esclarecidas é que se toma mais cuidado"

Concelção Dias
60 anos

GRÁTIS HOJE ESTE JORNAL TEM UM PRÉMIO **JN PRÉMIO GARANTIDO** SAI SEMPRE COM O JORNAL DE NOTÍCIAS

Jornal de Notícias Hoje

HOJE 1.º DVD DO SHREK POR APENAS 4,95 EUROS

AMANHÃ POR APENAS 8,95 EUROS



● Tribunal da Boa Hora é o único imóvel estatal registado e foi penhorado para pagar 97 mil euros a cidadão preso ilegalmente P.13

Exclusivo
Jornal de
Notícias

Estado dá como garantia contas bancárias a zero

● Decisão da Relação P.14

Defesa de Sócrates já pode consultar o processo



Governo Esquerda reunida em Bruxelas reforça vontade de acordo

Páginas 4 a 6

Gaia Autarquia tem um mês para pagar 13,8 milhões a donos de terrenos

Página 18

Porto Hard Rock Café à procura de dois mil metros quadrados na Baixa

Página 21

Luz mais cara para dois milhões de famílias

Aumento representa em média 1,18 euros por mês

Página 12



O presidente da República não governa. Mas não poderá ser indiferente às carências de que os portugueses sofrem

Edgar Silva
Candidato do PCP



Desporto Jesus e Vieira cruzam-se em restaurante

Página 44

Bactéria causou três das oito mortes

INFEÇÃO A Direção-Geral da Saúde (DGS) confirmou ontem que a infeção por *Klebsiella Pneumoniae* provocou a morte a três das oito vítimas mortais que tinham contraído aquela bactéria multiresistente no Hospital de Gaia. Uma relação causal que a unidade de saúde evitou inicialmente fazer, alegando que as vítimas mortais apresenta-

vam quadros clínicos complexos e graves.

Num comunicado assinado por Francisco George, a DGS informou ainda que o surto de *Klebsiella Pneumoniae* "está controlado e a evoluir para a resolução". A bactéria multiresistente foi identificada em 30 doentes do Hospital de Gaia nos últimos dois meses.

Segundo a DGS, que ontem fez o ponto de situação do surto, estão atualmente internados 14 doentes com a bactéria, e não 13 como informou anteriormente o Hospital de Gaia. Dos 14, "apenas um apresenta infeção", refere o comunicado. Os doentes estão todos em isolamento, mas sem necessidade de Cuidados Intensivos.

A DGS refere que já foi identificado o mecanismo de resistência da bactéria e que "o surto está controlado e a evoluir para a resolução". Por último, esclareceu que o Centro Hospitalar de Gaia/Espinho implementou as medidas para identificação precoce do primeiro caso — um doente do foro cirúrgico com complicações pós-operatórias

e necessidade de vários antibióticos —, avançou com o rastreio para identificação e isolamento de todos os doentes portadores ou infetados pela bactéria e com ações de controlo de infeção para evitar o aparecimento de novos casos, segundo as normas do Programa de Prevenção e Controlo de Infeções e de Resistência aos Antimicrobianos. 15.

breves :

GNR Detetados 226 sem cinto de segurança

● A Guarda Nacional Republicana fiscalizou 4864 condutores, no âmbito da operação "Anjo da Guarda", tendo detetado 226 infrações relacionadas com falta de utilização de cinto de segurança, 34 por ausência de sistemas de retenção para crianças e, ainda, 189 infrações por uso indevido de telemóvel durante a condução.

Fármacos Sem receita valem mil milhões

● Mais de 80% dos medicamentos não sujeitos a receita médica são comprados nas farmácias, em detrimento das parafarmácias, sendo que, no total, a compra destes medicamentos em Portugal atingiu mais de mil milhões de euros. Relativamente aos vendidos fora das farmácias, 85% foram comprados em grandes superfícies, segundo a consultora IMS Health.

Batata Universidade desenvolve bioplástico

● A Universidade de Aveiro desenvolveu um bioplástico para a indústria alimentar, a partir de batata. O bioplástico é desenvolvido exclusivamente a partir da batata, com o objetivo de substituir o plástico sintético, já que além de ser biodegradável, permite uma melhor conservação dos produtos alimentares.

Cancro Orientações para preservar fertilidade

● As primeiras orientações para a preservação da fertilidade dos doentes oncológicos serão publicadas em breve. Há tratamentos que põem em causa a fertilidade dos doentes, pelo que a Sociedade Portuguesa de Medicina da Reprodução defende que os doentes sejam informados sobre a preservação do material genético.

Publicidade



Série Limitada #Renault
Da estrada para o mundo.



Com passagem pela Renault Boavista e Renault Gondomar.
Venha testá-los no fim de semana de 16 e 17 de outubro e beneficie de ofertas excecionais até 3.000€*

OFERTA de 500€

Na compra de um veículo novo de passageiros, da marca Renault (exceto o Novo Renault Espaço) recebe a oferta de 500€, convertível em produtos e serviços Renault: equipamento ou pacote adicional¹, acessórios, contrato de manutenção ou na visitação de um veículo retomado. Apresente este cartão no seu concessionário e peça mais informações. Cartão válido até 30/11/2015.
*Exceção para a motorizada.

mais 200€ EM COMPRAS

Oferta válida para todos os centros comerciais Sonae Sierra na compra de um novo Renault.

OFERTAS SERVIÇO	-60% ESCOLHAS DE ORIGEM	-40% PASTILHAS E CALÇOS	OFERTA LAVAGEM ENTRANTES OS SERVIÇOS
------------------------	-----------------------------------	-----------------------------------	--

Oferta exclusiva Renault Boavista e Renault Gondomar. Não aplicável para clientes que não tenham mais de 16 anos.

* Exemplo para #Captur dCi 110cv, mediante entrega de veículo para abate com 8 ou mais anos. Inclui cartão de oferta de 500€ convertível em produtos e serviços Renault. Válido para pessoas singulares até 30/11/2015. Emissões de CO₂ (g/km) de 85 a 113. Consumo em ciclo misto (l/100km) de 3,3 a 5,1.
renaultboavista.pt | renaultgondomar.pt

RENAULT RETAIL GROUP PORTUGAL
Renault Boavista - Rua de Grijó, 123/127 (junto à VCI) • Tel.: 22 619 07 00
Renault Gondomar - Av. Ass. Comercial e Ind. Gondomar, 15/115 • Tel.: 22 466 11 00

Jornal de Notícias



A aldeia onde quem cai à nascença se torna músico P. 24

NÃO PERCA AMANHÃ 2.º DVD DO SHREK

POR APENAS 4,95 EUROS



- Juiz Carlos Alexandre anula restrição de movimentos ao antigo homem-forte do BES, após três meses de prisão domiciliária
- Banqueiro deixa, em pouco mais de um ano, duas cauções de três milhões de euros cada relativas a dois processos em que é arguido Página 13

Liberdade já custa seis milhões a Salgado

● Solução de Governo mora em Belém
Um país inteiro à espera que Cavaco decida P. 6 e 7



Fornos de Algodres
Bombeiro morre quando socorria rapaz em escola Página 27

Porto Autarcas
contra Moreira na polémica do galo e do fumeiro Página 20

Etc. Os loucos anos 90 estão de volta com festas extravagantes Páginas 38 e 39



GALATASARAY 2 - 1 BENFICA

Começar bem e acabar mal

Benfica sofre primeira derrota na Liga dos Campeões. Golo madrugador não chegou
Reportagem do enviado Luís Antunes Págs. 4 e 5

Dérbi
Jesus poupa titulares para o jogo da Luz Página 49

Prendas aos árbitros
"Se fosse conosco já estaríamos mortos" Página 48

Pinto da Costa ao ataque



SAPOJORNALIS

Gaia Hospital faz rastreio universal nas enfermarias de alto risco. Há 17 pessoas em isolamento, sem infeção

Mais quatro doentes com a bactéria



Pelo menos 34 doentes apanharam bactéria multirresistente no hospital

► O hospital de Gaia identificou mais quatro doentes contaminados com a bactéria multirresistente que já causou a morte a três pessoas e informou estar em curso um "rastreo universal" em enfermarias de alto risco. Há 17 doentes portadores da bactéria, mas sem manifestação da doença, em regime de isolamento.

"Está em curso o rastreio universal de portadores de *Klebsiella Pneumoniae* produtora de KPC em enfermarias de alto risco (Medicina Interna, Pneumologia, Especialidades Cirúrgicas)", revelou, em comunicado, o Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho (CHVNG/E).

Como o JN noticiou há uma semana, desde 7 de agosto a 13 de outubro, foram identificados no hospital de Gaia 30 doentes com a *Klebsiella Pneumoniae*, uma bactéria multirresistente que terá surgido em consequência do uso de antibióticos. A bactéria é de rápida disseminação, transmite-se pelo toque, sobrevive na pele e no meio ambiente e desconhece-se a sua durabilidade.

A responsável do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infeção e Resistência aos Antimicrobianos do CHVNG/E, Margarida Mota, referiu então que estavam internadas, em isolamento, 13 pessoas. Ontem, o

hospital informou que estavam "internados 17 doentes portadores de *Klebsiella Pneumoniae* produtora de KPC (presença da bactéria sem manifestações da doença) em regime de isolamento, aguardando a resolução do motivo do seu internamento".

O centro hospitalar garante que "foram elaborados circuitos destinados a doentes e portadores" da bactéria para "evitar" a sua disseminação, pelo que "não há motivo de alarme para a população e para os utentes". "A situação infecciosa no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho está controlada", reitera. Apesar das garantias do hospital, o presidente do Sindicato dos Enfermeiros, José Correia Azevedo, defende que o pavilhão central deveria ser encerrado.

No total, já morreram oito doentes do hospital de Gaia com a bactéria, mas só em três dos óbitos foi estabelecida relação direta com a infeção por *Klebsiella Pneumoniae*, como já admitiu a Direção-Geral da Saúde.

O hospital suspeita que a origem do surto tenha sido numa doente que fez vários ciclos de antibiótico e que partilhou, no dia 29 de junho, a mesma unidade de pós-operatório com o primeiro paciente infetado. ●

Tratamento que remove coágulo reduz mortalidade por AVC

CATERETERISMO Um tratamento do acidente vascular cerebral (AVC), que remove o coágulo do cérebro através de um cateterismo, permite reduzir o número de mortes em 6% e, a metade dos doentes, retornar a sua vida normal.

O tratamento já existe há alguns anos e está disponível em vários hospitais públicos, mas a técnica não era usada de forma rotineira, porque a sua eficácia ainda não estava comprovada, explicou a Lusa Joana Graça, organizadora do Congresso Nacional de Neuro radiologia. Publicados este ano no "The New England Journal of Medicine", estudos sobre o cateterismo arterial, ou trombectomia mecânica, comprovaram que é "possível diminuir significativamente o número de mortes (6%) por AVC e permitir que cerca de 50% dos doentes possam retornar a sua vida normal". ●

Publicidade

2015

SEMANA DO ATLÂNTICO
CIDADE DE VIANA DO CASTELO
II TROFÉU
24 E 25 OUTUBRO 2015



A Semana do Atlântico é o maior evento de vela no Outono em toda a península ibérica e um dos mais importantes da Europa.

Realiza-se em Vigo desde 2000 e em Viana do Castelo desde 2014 na Classe Optimist.

Em ambas as cidades são esperados cerca de 850 velejadores.

PROGRAMA

DIA 24 OUT
REGATAS

DIA 25 OUT
REGATAS

CERIMÓNIA DE ENCERRAMENTO
ENTREGA DE PRÉMIOS



www.clubevelaviana.com

Jornal de Notícias

Gêmeos sozinhos de madrugada no parque

Crianças de três anos saíram de casa e percorreram 500 metros até ser encontradas

Páginas 24 e 25

● **Chefe de Estado coloca ponto final no impasse** Páginas 4 a 6

Cavaco nomeia Passos e deixa avisos à Esquerda

- Presidente da República justificou indignação do líder da coligação Portugal à Frente com a tradição de 40 anos de democracia
- Cavaco Silva recusa "alternativa inconsistente" de Esquerda e insinua a possibilidade de manter um Governo de gestão
- Socialistas reiteram que programa da Direita será rejeitado no Parlamento



PLENO NA LIGA EUROPA

Braga Final explosivo na "Pedreira"

Golo de Alan aos 89 minutos dá triunfo sobre o Marselha

Página 43

Sporting Leão enche a barriga antes da visita à Luz

Página 41

Belenenses Reviravolta vale vitória em Basileia

Página 42



Revista "Evasões" faz roteiro dos restaurantes, lojas e bares da comunidade migrante em Lisboa

Porto PSP desviava droga apreendida nos bairros

Página 16

Saúde Pediatras recomendam mais seis vacinas

Página 8

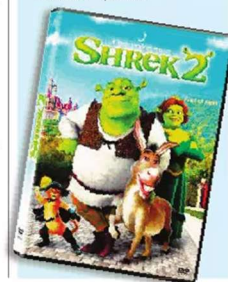
Suécia Mascarado mata professor e aluno com espada

Página 28

HOJE

2.º DVD DO SHREK

POR APENAS + 4,95 EUROS



Nacional**“O SNS vai falir se não reduzirmos a doença”**

FARMACÊUTICOS Procurar novos projetos e soluções que promovam uma maior integração do farmacêutico no sistema de saúde é uma das medidas que Ana Paula Martins pretende tomar se for eleita bastanária da Ordem dos Farmacêuticos. As eleições realizam-se a 6 de fevereiro próximo e a sua candidatura é a primeira a ser divulgada.

“A nossa proposta de valor é responder às necessidades que os doentes têm através das nossas competências ligadas à prevenção, diagnóstico e à terapêutica”, disse

ao IN. Segundo Ana Paula Martins, “os farmacêuticos têm vindo a adquirir competências em áreas de saúde pública, como o programa da troca de seringas, atuam na área da vacinação e do diagnóstico, a nível de análises clínicas, e na dispensa de medicamentos hospitalares”, mas há outras áreas em que podem trabalhar, como a vigilância dos doentes polimedicados. “Se tivermos pessoas que façam cinco ou mais medicamentos, que tenham tido efeitos adversos ou sido hospitalizados por mau uso de medica-



Ana Paula Martins, candidata à OF

mentos, se o médico ou enfermeiro quiser pedir uma atenção especial a estes doentes, nós não temos maneira de o fazer”, lamentou.

A sustentabilidade do sistema de saúde é um dos desafios que os farmacêuticos também enfrentam. “Não é só nós precisarmos de ter dinheiro para tratar os cidadãos e para prevenir a doença. É também o desafio de termos uma população a envelhecer. Vamos ter de agilizar o sistema de saúde nesse sentido”. E alertou: “O Serviço Nacional de Saúde vai falir se não conseguirmos

reduzir a carga de doença que aí vem”. Uma das formas de o fazer, que pode ser assegurada pelos farmacêuticos, adiantou, é a “avaliação de risco de cidadãos que podem ser diabéticos”.

A candidatura pretende “rejuvenescer” a Ordem, para criar uma “transição geracional”. De acordo com Ana Paula Martins, os jovens que estão a iniciar-se na profissão são empreendedores e para os ajudar a candidata defende a criação de linhas de apoio ou a ligação a tecidos empresariais. **AMA GASPARR**

Médicos Capacidade formativa foi subaproveitada ao longo de dez anos

Faltam 200 vagas de especialidade

Inês Schreck
ines@jn.pt

► Ao longo dos últimos dez anos, os sucessivos ministérios da Saúde desperdiçaram 2253 vagas para os médicos fazerem a sua formação especializada. As contas são da Ordem dos Médicos do Centro. O presidente Carlos Cortes lamenta que, agora, esteja a ocorrer a situação inversa, com mais de 200 jovens recém-licenciados em Medicina em risco de não conseguirem tirar a especialidade, por falta de vagas.

Só a partir de 2013 é que o Ministério da Saúde começou a abrir o número de vagas correspondente às capacidades formativas (lugares para os internos fazerem a especialidade nos hospitais e centros de saúde) atribuídas pela Ordem dos Médicos (OM). Antes disso, ficaram por aproveitar uma média de 200 lugares por ano, assegura Carlos Cortes.

O “desperdício” foi provocado por anos de limitações nos *numerus clausus* das faculdades de Medicina que não permitiram formar os médicos necessários, conduzindo à carência de especialistas que hoje se sente nos hospitais.

Segundo Carlos Cortes, que também é coordenador do Conselho Nacional de Pós-Graduação da Ordem dos Médicos, neste momento, há 1442 capacidades formativas atribuídas para 1720 candidatos a formação pós-graduada.

O mapa de vagas da Ordem dos Médicos, que deverá ser publicado em dezembro, ainda não está fechado, mas não poderá ir muito



Hospitais têm menos capacidade formativa devido a fusões

saber mais :**Duas fases de formação**

● A formação de um médico divide-se em duas fases: a pré-graduada, a que corresponde à licenciatura (ou mestrado) em Medicina e a pós-graduada, que inclui o internato médico, para obtenção da especialidade.

Autonomia mais cedo

● Em abril passado, o Governo aprovou novas regras para a formação médica. Com o novo regime, o médico passa a ter autonomia para o exercício da profissão ao final de um ano de internato, ou seja, um ano mais cedo.

além das 1500 capacidades formativas, assegurou, ao IN, o responsável. Devido a esta discrepância entre vagas e candidatos, 2016 poderá ser o primeiro ano a “produzir” médicos indiferenciados, ou seja, sem especialidade.

“É um retrocesso de décadas na qualidade da medicina em Portugal”, critica o presidente do Conselho Regional do Centro da OM. Também preocupante, na opinião de Carlos Cortes, é a legislação recentemente aprovada que permite aos médicos terem autonomia do exercício da medicina ao fim de um ano de internato médico. “Não se entende esta vontade deliberada de criar médicos indiferenciados. Esta possibilidade sempre existiu, mas era por opção do médico”, acrescenta.

No próximo ano, centenas de médicos ficarão indiferenciados por falta de vagas de especialidade

Nos últimos anos, a OM tem procurado junto dos seus colégios de especialidade abrir mais capacidades formativas, de forma a que o Ministério da Saúde abra vagas para todos os recém-licenciados.

Porém, com a criação dos centros hospitalares e agrupamentos de centros de saúde e com a falta de tempo dos profissionais para formarem os mais novos, esse esforço tem sido “cada vez mais difícil”. Há ainda que somar aqueles constrangimentos o facto de alguns serviços de hospitais, como o de Ortopedia e Cirurgia Geral de Faro, terem perdido idoneidade formativa. Atualmente, “os hospitais têm muito menos capacidade formativa do que há alguns anos”, atesta Carlos Cortes, defendendo, por isso, a readequação dos *numerus clausus* em Medicina. ●

Mau uso de antibióticos na origem de bactéria

GAIA O diretor-geral da Saúde, Francisco George, explicou que na origem do problema com a bactéria multiresistente, contraída por mais de 30 doentes no Hospital de Gaia, está “o uso indevido, inadequado” de antibióticos.

Esclarecendo que, nos casos identificados, uns já tinham a bactéria *Klebsiella Pneumoniae* e outros foram contaminados, Francisco George garantiu que “todas as medidas têm sido tomadas pela equipa do Hospital de Gaia com o apoio dos serviços da Direção-Geral da Saúde (DGS)” e disse acreditar que “este problema – se bem que grave, que não pode ser ignorado – está agora controlado”.

Francisco George esclareceu que se trata de um problema que resulta do uso indevido e excessivo de antibióticos. “Todos temos de reconhecer que o antibiótico é um bem, [mas] que tem risco porque há bactérias que são resistentes, exatamente devido ao uso indevido, o excesso de antibioterapia, quando é utilizado para tratar erradamente infeções de origem viral”, concretizou.

As bactérias, “uma vez em contacto com os antibióticos, podem desenvolver essas resistências e foi o que aconteceu em Gaia”, disse. O presidente do Conselho de Administração do Hospital de Gaia, Silvério Cordeiro, afirmou ontem à Lusa que a infeção está controlada e “as pessoas que eventualmente tenham a bactéria estão isoladas e devidamente identificadas”.

O hospital suspeita que o surto tenha tido origem numa doente que fez vários ciclos de antibiótico e que partilhou, no dia 29 de julho, unidade de pós-operatório com o primeiro doente infetado. ●

Presos usam saídas precárias para fazer assaltos P. 16

Jornal de Notícias

RELÓGIO DE MULHER
SAFFRON VIAREGGIO
EM BANCA
POR APENAS + 8,95 EUROS



Crianças do IPO servem de modelo
a marcas conhecidas P. 32 e 33



● Renovação para além dos três anos limite deixa de ser possível ● Há ainda 128 mil trabalhadores sem vínculo laboral e a recibos verdes Página 12

700 mil portugueses com contratos a prazo

● Quer tomar posse antes do fim de semana
Passos pronto para apresentar novo Governo hoje Página 6



Porto
Câmara reserva 23 milhões para bairros sociais
Página 20

Vale do Ave
Por cada empresa que fecha abrem duas na região
Página 24

Afganistão
Sismo faz mais de 300 mortos e dois mil feridos
Página 28

Produtores de carne em pânico

Organização Mundial de Saúde alerta para potencial cancerígeno de alimentos processados como salsichas, enchidos ou bacon

Páginas 4 e 5



F. C. Porto
Casillas ao nível dos melhores anos do Real
Página 44

Sporting
Como Jesus preparou a vitória no dérbi

Treinador almoçou com advogado que o defende contra o Benfica

Páginas 42 e 43



Nacional

Gaia Administração concentrou pacientes portadores de *Klebsiella pneumoniae* e garante que a situação já está controlada e não há motivo para alarme

Hospital juntou doentes com bactéria no mesmo serviço

Ana Gaspar
agaspar@jn.pt

► Desde sexta-feira à noite que os doentes do hospital de Gaia infetados e portadores da bactéria multiresistente que provocou a morte de três pessoas estão concentrados num único serviço (Medicina 4), confirmou o IN junto de fonte da instituição. Os pacientes que estavam ali internados foram transferidos para outros serviços.

A decisão foi tomada com o acordo da Direção-Geral da Saúde, depois de ter sido concluído o rastreio universal de portadores da bactéria em enfermarias de alto risco (Medicina Interna, Pneumologia e Especialidades Cirúrgicas), iniciada na semana passada.

Contactada pelo IN, a administração do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho (CHVNG/E), sem confirmar a informação, assegurou que "está tudo controlado" e que não há mais nada a acrescentar, além do que foi dito no comunicado emitido a 21 de outubro.

No documento, assinalava-se a existência de "dois doentes com infeção em tratamento, com evolução favorável", e de "17 doentes portadores de *Klebsiella pneumoniae* produtora de KPC (presença da bactéria sem manifestações da



Hospital fez rastreio e detetou que mais de 30 doentes são portadores da bactéria

doença)". O comunicado assegurava ainda não haver "motivo de alarme para a população, utentes e profissionais do CHVNG/E, dado que os doentes estão devidamente identificados e sob medidas de isolamento estipuladas".

A *Klebsiella pneumoniae* é uma

Bactéria resistente a antibióticos matou três pessoas

Formação do docente precisa de ser revista

EDUCAÇÃO Todo o ensino de professores em Portugal precisa de uma séria revisão curricular. A ideia é defendida no estudo "Formação de Professores, Tendências e Desafios", que dará origem a um debate, hoje e amanhã, no Algarve e em Lisboa, em mais uma iniciativa do Mês da Educação, organizada pela Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Deve colocar-se a profissão de docente ao nível das outras todas?

Estas e outras questões serão colocadas no encontro, que incide sobre a formação destes profissionais, que "muitas vezes é apontada como um problema subjacente aos resultados dos alunos", diz o texto de apresentação do debate.

Para António Mouzinho, um dos três autores do estudo, "o estudante faz todo o seu caminho, chegando ao termo do mestrado com excelentes notas, e considera-se professor". Ora, para este estudioso, o

embate com a realidade, com uma turma, pode mostrar-lhe que lhe falta vocação, ou seja, "perdeu-se um percurso profissional adequado, e não se ganhou um professo".

António Mouzinho considera, então, que o estudante pode seguir formação no domínio que o interessa, mas é imperativo que haja depois "um leque de saídas profissionais, tão grande quanto possível". E neste sentido que "todo o ensino em Portugal precisa de uma séria revisão curricular".

O Estado não deve, assim, "injetar cadeiras pedagógicas". Deve "tomar uma pessoa talentosa e pô-la em contacto com turmas, com acompanhamento, com reflexão permanente". LEONOR PAIVA WATSON

breves :

Presidenciais Candidatos independentes pedem a inconstitucionalidade de algumas normas

● O candidato a Belém Cândido Ferreira lidera um grupo de Candidatos Presidenciais Independentes que entrega hoje ao provedor de Justiça um pedido de inconstitucionalidade de várias normas aplicáveis à eleição para presidente da República (PR) "por violação de princípios constitucionalmente protegidos em sede de direitos, liberdades e garantias de exercício de cidadania e da expressão política individual dos cidadãos". Neste grupo, estão Castanheira Barros, Fernando Vale, Graça Castanho, Sérgio Gave Fraga e Paulo Borges, que, consideram, por exemplo, que não faz sentido ser o Tribunal Constitucional a superintender o processo eletivo para PR.



Coimbra Globalização e Portugal em debate

● A Fundação Francisco Manuel dos Santos realiza hoje, na Universidade de Coimbra, a conferência "Portugal e o Mundo: desafios da globalização e do desenvolvimento". A sessão coincide com apresentação pública em Portugal da base de dados GlobalStat, cujo lançamento ocorreu em Maio passado, em Florença.

Empresa Trabalho causa problemas de saúde

● Os locais de trabalho podem estar na origem de distúrbios psicossociais, sendo que dois terços das empresas portuguesas apresentam esse risco, em consequência principalmente de os funcionários terem de "lidar com pessoas difíceis". As conclusões constam de um estudo europeu que analisou 50 mil locais de trabalho.

TAP Mais voos para Açores e Madeira

● A TAP vai reforçar a operação para a Madeira e os Açores entre 18 de dezembro e 5 de janeiro para responder à elevada procura de voos que tradicionalmente se regista no período do Natal e Ano Novo. O reforço será feito com 72 voos extraordinários, acrescentando mais 20 mil lugares à sua oferta habitual, segundo fonte oficial da companhia aérea.



538

mil pessoas estavam inscritas nos centros do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) em setembro, menos 77 909 do que há um ano, mas mais 2132 face a agosto.

Ciência Robô criado para ajudar idosos

● Um "personal trainer" robô está a ser criado por investigadores portugueses para motivar os idosos a fazer exercício físico e ajudar pacientes com necessidades de reabilitação. Este é um projeto que, com a duração de quatro anos, está a ser desenvolvido pelo Instituto de Sistemas e Robótica, do Instituto Superior Técnico.

Pesticidas Reduzir acidentes e suicídios

● O Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses defende que os organismos do Estado devem reforçar o trabalho multidisciplinar para reduzir o número de acidentes e suicídios com pesticidas. Nas últimas décadas, o recurso a pesticidas para suicídio, sobretudo nos meios rurais, diminuiu, mas não desapareceu.

Jornal de Notícias

PRESEPIO DE NATAL
Em banca: rei Belchior
POR APENAS - 4,95€



Léa Seydoux e Monica Bellucci
são as novas Bond girls



Páginas 34 e 35

● PSP de Braga deteve 27 pessoas em todo o país e recuperou 35 viaturas ● Fraude avaliada em milhão e meio de euros Página 16

Rede usa OLX para ficar com carros sem os pagar

PS Críticos de Costa antecipam fracasso do acordo com PCP

Página 10

Gaia 45 pessoas em isolamento por causa de bactéria perigosa

Página 12

● Rendas elevadas para tribunais p. 18

Buscas a "Bibi do Benfica" por contrato suspeito na Justiça



Guimarães Alegado homicídio na noite foi afinal queda de varanda

Página 29



BENFICA 2-1 GALATASARAY

A um passo dos oitavos de final

Vitória sobre os turcos e empate do Atlético de Madrid deixam águias isoladas no comando

Páginas 4 e 5

F. C. Porto Lopetegui nunca perdeu na fase de grupos da Liga dos Campeões

Páginas 6 e 7



Polémica Árbitros recebem ameaças até quando estão com as famílias

Página 44

Biografia Tensão entre Ronaldo e Mourinho quase chegou a vias de facto

Página 47

Pub

APOSTA ESTA SEXTA
SUPER JACKPOT
MÍNIMO GARANTIDO

€100.000.000

Os prémios atribuídos de valor superior a €5.000 estão sujeitos a imposto do selo, à taxa legal de 20%, nos termos da legislação em vigor.
É proibida a venda de jogos a menores de 18 anos. Linha Direta Jogos 808 203 377 (das 8h às 24h)

euro milhões
A criar excêntricos de um dia para o outro

Nacional

Infeção Identificados 90 portadores e 12 infetados, 45 deles em isolamento. "Não são expectáveis mais casos"

Gaia enfrentou o maior surto do país da bactéria KPC



Hospital fez rastreio a todos os que contactaram com casos diagnosticados

Inês Schreck
ines@jn.pt

► Foi o maior surto da bactéria KPC (*Klebsiella pneumoniae* resistente ao antibiótico carbapeném) já registado em hospitais portugueses. Desde agosto, 102 doentes do hospital de Gaia apanharam aquela bactéria, que foi diretamente responsável pela morte de três pacientes.

Estão atualmente internadas em isolamento 45 pessoas, revelou ontem o Ministério da Saúde, após o rastreio feito pelo hospital a todos os doentes que contactaram com os casos diagnosticados.

Ministro defende mais verbas para rastreios

DIABETES O ministro da Saúde, Fernando Leal da Costa, mostrou-se ontem desiludido com os rastreios à retinopatia diabética no Algarve, que baixaram mais de 90%, e defendeu o dobro do investimento atual nos rastreios. O relatório "Factos e Números da Diabetes do Observatório Nacional de 2014" revelou que, apesar de o número de pessoas com diabetes abrangidas

por este programa ter vindo a aumentar desde 2009 (223%), em 2014 verificou-se uma diminuição acentuada (17%) de utentes observados (de 115 284 para 95 535). Por região, a maior descida deu-se no Algarve (menos 91%), seguida do Norte, com uma quebra de 17%.

Fernando Leal da Costa justificou a quebra com a falta de recursos aliada à recusa de profissionais

zados a todos os contactantes com casos diagnosticados, num total de 189 pessoas.

Foram ainda identificados todos aqueles que tiveram alta e que contactaram previamente com doentes com KPC e que não chegaram a fazer o rastreio. Para estes casos, foi criado "um sistema na urgência e na consulta que permite o seu reconhecimento imediato" se forem ao hospital, de forma a serem colocados, se necessário, em isolamento e a realizarem o rastreio.

"Encontrámos mais casos porque procurámo-los", notou José Artur Paiva, realçando que "não é expectável que surjam mais casos". A situação "está controlada e agora apresenta-se uma diminuição progressiva do número de casos até à sua resolução", acrescentou, elogiando o "enorme esforço" e a qualidade do trabalho feito pelo hospital para controlar a infeção.

Neste momento, 45 dos 102 doentes estão internados em isolamento, sendo que quatro deles com infeção e 41 sem infeção (portadores). Como o IN já havia notificado, os doentes foram colocados em duas áreas específicas do hospital (Medicina e Cirurgia) "com corte de profissionais, dispositivos, equipamentos e logística".

Sabe-se também agora que a transmissão da bactéria ocorreu sobretudo nas enfermarias, dispositivos, equipamentos e logística. "A taxa de transmissão cruzada foi elevada, mas muito variável, conforme o local de internamento, desde nula a mínima na Unidade de Cuidados Intensivos (UCI) Polivalente e na UCI Cirurgia Torácica, a muito elevada nas enfermarias de Medicina e de Cirurgia", refere a nota.

Segundo José Artur Paiva, estas diferenças explicam-se pelo rácio de enfermeiros por doente - "quanto maior o número de doentes por enfermeiro, maior a probabilidade de transmissão" - com as condições do espaço, mas também com a cultura dos profissionais de saúde no controlo das infeções. "Parece haver maior cultura de controlo de infeção nos serviços que, à partida, estão mais expostos a este risco".

de saúde em fazerem o rastreio. Situações como esta acontecem "quando temos falhas relativamente à não participação de profissionais onde os recursos são mais escassos". O governante entende ser preciso perceber se os recursos em 2015 servem para acutelar a recuperação em 2016 e sublinha a necessidade de "aumentar verbas para a prevenção secundária".

Diz Leal da Costa que, em consequência dos rastreios que não foram feitos, 6% dos utentes poderão ter que vir a ser sujeitos a processos terapêuticos específicos de retinopatia. "Temos que dobrar o que gastamos na área do rastreio".

breves :

Greve Inspetores da ASAE lutam por estatuto profissional e melhores condições de trabalho

► Uma centena de inspetores da Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) manifestaram-se ontem, no Porto, para reivindicar um estatuto profissional e melhores condições de trabalho, pedindo ainda a demissão do inspetor-geral, Pedro Portugal Gaspar, por "falta de lealdade". Empunhando bandeiras azuis da ASAE, ao som de apitos e buzinas, os inspetores concentraram-se junto à Biblioteca Municipal Almeida Garrett, onde decorriam as comemorações do 10.º aniversário da ASAE. Segundo o presidente da Associação Sindical dos Funcionários da ASAE, Albuquerque do Amaral, a manifestação demonstra a "indignação" à forma como a tutela nega "reiteradamente" a criação de uma carreira.



PAR Microsoft apoia casa de uma família

► A Microsoft vai doar à Plataforma de Apoio a Refugiados (PAR) 12 mil euros, o suficiente para pagar a renda e despesas da casa de uma família por dois anos. Fará ainda uma doação igual à dos seus trabalhadores. Também a Starbucks convidou os clientes a doar cinco céntimos, dando ela própria outro tanto, até 1500 euros.

Governo Fenprof apela a concentração

► A Fenprof apelou ontem a "uma forte participação" dos professores, educadores e investigadores, na concentração agendada frente ao Parlamento no dia 10. A iniciativa foi marcada pela CGTP para terça-feira, dia em termina a apresentação do programa do Governo e das moções de rejeição anunciadas pela Oposição.

Refugiados Sampaio diz que é um desafio

► Jorge Sampaio disse ontem que o acolhimento de estudantes sírios "é um grande desafio para os portugueses, mas não é uma matéria que possa ser feita de qualquer maneira". O antigo chefe de Estado, que preside à Plataforma Global de Emergência a Estudantes Sírios, falou na abertura oficial do ano letivo da Escola Superior de Educação de Portalegre.



398

mortos é o balanço da sinistralidade rodoviária desde o início do ano, mais 13 do que em igual período de 2014, segundo a Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária.

Sexo Mulheres não se queixam de disfunção

► Apesar de frequente, a disfunção sexual na mulher "passa muitas vezes despercebida". A constatação é do urologista Mário Reis, que participou ontem, nas 12.ª Jornadas de Urologia, atribuindo o subdiagnóstico a vários motivos, como a vergonha da mulher, razões socioculturais, falta de comunicação e desconhecimento.

Cancro Combate às mutações hereditárias

► Especialistas mundiais vão juntar-se em Lisboa para criar um consórcio para combater o cancro hereditário, que pode manifestar-se em idades precoces e de forma mais agressiva. O debate vai centrar-se na investigação de soluções para minimizar o impacto da mutação dos genes BRCA, associado ao cancro da mama, ovário e próstata.

ANEXO IV – Materiais Analisados – Jornal i

1 euro // Quinta-feira, 15 Outubro 2015
Ano 7 // Número 2017 // www.ionline.pt
Director: Vítor Rainho
Directores-adjuntos: Ana Sá Lopes e José Cabrita Saraiva



SÁBADO
NÃO PERCA O DVD "LINCOLN"
POR APENAS 4,95€

informação

CAVACO RECUSARÁ DAR POSSE A GOVERNO DE ESQUERDA



PR vai indigitar Passos para formar governo

Se moção de rejeição fizer cair governo da coligação, Cavaco mantém Passos em gestão até próximo Presidente tomar posse

PS faz contas para satisfazer exigências do Bloco e do PCP. "Não houve nenhuma proposta inegociável", diz fonte do partido

Socialista João Proença prefere "eleições a curto prazo" a governo de esquerda

// PÁGS. 6-9

40 anos de desavenças insanáveis entre PS e PCP e a história do convívio duro nos governos provisórios de 74 a 76

// PÁGS. 18-23



BES
DEVOLUÇÃO DE BENS ARRESTATOS NÃO ESTÁ GARANTIDA PARA OUTROS VISADOS

PÁGS. 2-3

Hospital de Gaia

Doente que tomou antibiótico durante um mês na origem do surto

// PÁGS. 4-5

Sínodo ameaça arruinar a imagem do Papa Francisco

// PÁGS. 26-27



Exposição

A colecção privada de Julião Sarmento em dose dupla

// PÁGS. 34-35

The Cru. Neste restaurante não entra comida processada nem açúcar

// PÁG. 38



Bactéria resistente em Gaia. “Lotação acima do esperado dificulta prevenção”

Uma doente que tomou antibióticos durante mais de um mês estará na origem do surto que terá feito três mortos. Perita alerta para problemas que dificultam combate à transmissão

MARTA F. REIS
marta.reis@online.pt

Tudo terá começado com uma doente na casa dos 70 anos, internada no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho este Verão. Após uma operação por suspeita de cancro do cólon, a doente foi reinternada e esteve

no hospital com uma infecção, ao todo, 54 dias até ter alta, tendo feito vários ciclos de antibiótico, um dos quais por um período de um mês. Esta é, para já, a suspeita mais forte para o chamado “paciente zero” do surto de uma bactéria multiresistente que o centro hospitalar ligou ontem a três mortes de doen-

tes muito debilitados que estiveram internados na unidade. Outros cinco doentes que faleceram recentemente na instituição também deram positivo para a bactéria, mas tendo em conta a causa de morte, os responsáveis descartam que a infecção contraída no hospital tenha sido decisiva.

O surto foi ontem tornado público pelo “JN” e só hoje haverá um balanço por parte da Direcção-Geral da Saúde. Dentro do problema das chamadas infecções hospitalares, que em 2013 foram ligadas a cerca de 4600 mortes em Portugal, embora não seja possível um balanço exacto (ver caixa), a emergência de uma estirpe de *Klebsiella pneumoniae* resistente a vários antibióticos em simultâneo é considerada um problema raro -, estima-se que apenas 1,8% dos espécimes isolados tenham este comportamento. Noutras bactérias, como a *Staphylococcus aureus*, a taxa de espécimes resistentes chega a rondar os 50%. Mas, segundo o I apurou, a DGS acompanha a situação com particular atenção, já que a taxa de resistência desta bactéria na Europa tem vindo a aumentar e, em países como a Grécia, já há um conjunto de casos em que nenhum antibiótico funciona.

30 DOENTES INFECTADOS O alarme soou no Centro Hospitalar de Gaia/Espinho a 7 de Agosto,

quando a estirpe altamente resistente, até então nunca detectada na instituição, foi isolada num doente. Margarida Mota, coordenadora do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infecção e Resistência aos Antimicrobianos do Centro Hospitalar Gaia/Espinho, explicou ao i que a partir desse momento desencadearam os protocolos e fizeram um rastreio dos contactos, de forma a apurar se haveria outros doentes infectados e onde poderia ter começado o surto.

Isso levou-os a rastrear 44 pessoas, tendo 30 dado positivas para a bactéria. Destas, 13 permanecem internadas, oito faleceram e as restantes tiveram alta. Uma vez que se trata de uma bactéria de transmissão através das fezes, sendo importante a higiene nos contactos, os peritos reforçaram a sensibilização de profissionais, doentes e famílias.

Para Margarida Mota, embora não haja certezas, tudo aponta para que o surto tenha começado devido àquilo a que os especialistas chamam “pressão

Por ano há mais de 4600 mortes associadas a infecções contraiadas nos hospitais

MÁRIO CRUZILUSA

antibiótica" – quando se faz um antibiótico por demasiado tempo, ou incorrectamente, aumenta o risco de as bactérias, ao multiplicarem-se, desenvolverem mutações que as tornam resistentes às moléculas a que houve exposição. A médica explica, contudo, que muitas vezes o problema do recurso excessivo a antibióticos não é simples de resolver. "Há um uso excessivo de antibióticos em Portugal. Neste caso, não posso dizer se houve ou não, mas todos os doentes que avaliámos eram quadros clínicos com situações infecciosas prolongadas que, ou são tratadas, ou podem correr muito mal", salienta Margarida Mota. "Não nos podemos esquecer de que a medicina é cada vez mais interventiva e submetemos doentes com outros problemas de base a cirurgias complicadas que se calhar, noutros tempos, nunca aconteceriam."

CADEIA DE TRANSMISSÃO Se na origem do surto estará então a pressão antibiótica, para a transmissão há outras variáveis a pesar, e Margarida Mota considera que este surto deve servir de alerta para o combate às infecções hospitalares não só na unidade, mas no país. "O facto de trabalharmos em pavilhões dificulta muito o controlo da infecção, já que temos de mobilizar os doentes muito frequentemente, por exemplo para exames", explica. A especialista aponta ainda a existência de carência de camas para alguns picos de procura como outra dificuldade. "Termos uma lotação acima do esperado também dificulta muito medidas de precaução, uma vez que as camas, por vezes, estão demasiado próximas e o excesso de doentes e de trabalho pode levar a quebrar medidas de prevenção como a higiene adequada."

Ainda assim, a especialista salvaguarda que ninguém está imune. "Um estudo recente mostrou

que esta bactéria em particular infectou nove doentes numa enfermaria topo-de-gama, quase só para estes casos. Nós estamos a falar de 30 casos numa instituição com 500 camas. Não se trata de desculpar, mas ter a noção do desafio." Todos os anos, a unidade faz dois retratos da prevalência de infecções hospitalares, em Maio e em Novembro. A análise mais recente, em Maio, já tinha alertado a equipa de Margarida Mota, ao ter sido apurada uma taxa de prevalência de infecções hospitalares de 15% que os peritos associaram ao facto de estarem muitos doentes debilitados com infecções respiratórias, ainda na sequência da época de gripe e da sobrelotação das enfermarias. Na análise anterior, o hospital estava dentro da média nacional, que aponta para que um em cada dez doentes (10%) que entram nos hospitais apanhem algum tipo de infecção. A expectativa de Margarida Mota é que as análises que vão repetir no próximo mês apresentem valores mais baixos.

COMBATE ESTÁ A RESULTAR O director-geral da Saúde, Francisco George, que ontem não quis comentar o surto em Gaia, defende que desde a implementação do Programa de Prevenção e Controlo de Infecções e de Resistência aos Antimicrobianos, em 2012, há sinais de que o combate às infecções hospitalares começa a ter resultados. O programa veio reforçar as estruturas locais de acção – equipas como a liderada por Margarida Mota –, mas também fornecer normas clínicas sobre os tratamentos com antibióticos. Em 2012, a taxa de *Staphylococcus aureus* resistentes a metilina baixou pela primeira vez e em 2013 repetiu-se a tendência. Portugal tinha os piores indicadores a nível europeu e hoje já passou para o terceiro lugar.

TUDO SOBRE BACTÉRIAS RESISTENTES

O QUE É UMA BACTÉRIA RESISTENTE A ANTIBIÓTICOS E PORQUE É TÃO PREOCUPANTE?

O fenómeno da resistência existe desde o surgimento das primeiras bactérias. Contudo, com a evolução da medicina e a exposição aos antibióticos, as bactérias foram desenvolvendo rapidamente formas de resistir a estes medicamentos. Actualmente, o desenvolvimento de resistências é superior ao surgimento de novos antibióticos, facto que é agravado pela facilidade com que as bactérias comunicam entre si e partilham esses mecanismos de resistência.

COMO É QUE AS BACTÉRIAS GANHAM RESISTÊNCIAS?

Existem vários mecanismos pelos quais as bactérias desenvolvem resistência aos antibióticos. O fenómeno da resistência ocorre como uma resposta opressiva à exposição a antibióticos, favorecendo a lei de selecção natural da sobrevivência do microrganismo mais apto. Após a exposição aos antibióticos, as gerações seguintes de bactérias vão desenvolver mutações genéticas que as tornam resistentes.

QUE BACTÉRIAS PREOCUPAM MAIS OS ESPECIALISTAS?

Actualmente há cinco microrganismos epidemiologicamente importantes, conhecidos pelo acrónimo ESCAPE:

- Enterobacteriaceae produtoras de ESBL
- *Staphylococcus aureus* metilino-resistente
- *Clostridium difficile*
- *Acinetobacter baumannii* multiresistente
- *Pseudomonas aeruginosa* multiresistente
- *Enterococcus vancomicina-resistentes*

A BACTÉRIA EM CAUSA EM GAIA INTEGRA O GRUPO DE MICRORGANISMOS MAIS PROBLEMÁTICO?

Não, não se trata sequer de uma estirpe endémica em Portugal, já que apenas 1,8% dos espécimes isolados apresentam este tipo de multiresistência. Apesar de se tratar de uma Enterobacteriaceae, esta bactéria *Klebsiella pneumoniae* assume características particulares pela sua resistência a um grupo de antibióticos actualmente utilizados em meio hospitalar para o tratamento de infecções graves.

COMO SE TRATA?

Apesar de apresentar resistência a vários antibióticos, existem ainda soluções terapêuticas viáveis, com recurso a antibióticos de uso exclusivo hospitalar. Contudo, a globalidade de doentes identificados no hospital de Gaia não são casos de infecção, pelo que não necessitam de tratamento com antibióticos.

HÁ ESTIRPES PARA AS QUAIS JÁ NÃO EXISTE MESMO NENHUM ANTIBIÓTICO DISPONÍVEL?

Em Portugal nunca foi detectada nenhuma.

ESTAS BACTÉRIAS RESISTENTES SÓ CIRCULAM NOS HOSPITAIS?

A bactéria actualmente em causa não se encontra documentada na comunidade, estando restrita a meio hospitalar. Existem, porém, diferentes bactérias com multiresistência fora do âmbito hospitalar. O meio hospitalar favorece a emergência de bactérias multiresistentes pela presença de doentes debilitados, recurso a dispositivos invasivos e exposição a antibióticos.

HÁ O RISCO DE, SE OS DOENTES TIVEREM ALTA, PODEREM LEVAR A BACTÉRIA PARA O LOCAL DE TRABALHO E CONTAGIAREM COLEGAS OU VIZINHOS? O reservatório natural da bactéria isolada em Gaia é o intestino humano, pelo que bons hábitos de higiene e lavagem frequente das mãos minimizam o risco de transmissão. O CHVNG/E está a fazer formação a todos os doentes e familiares, sensibilizando para práticas simples a integrar no seu dia-a-dia.

O QUE PODE SER FEITO EM TERMOS DE PREVENÇÃO?

A abordagem desta bactéria resistente, ou de outras similares, assenta em alguns princípios básicos:

- Uso racional de antibióticos, seguindo sempre a indicação médica
- Cumprimento das precauções básicas de controlo de infecção, como lavar as mãos
- Identificação precoce de microrganismos – problema e implementação imediata de medidas específicas de isolamento

QUANTAS PESSOAS INFECTADAS NOS HOSPITAIS ACABAM POR MORRER?

Não há dados exactos, uma vez que não é possível saber, na maioria das vezes, se a infecção foi a causa derradeira da morte. Ainda assim, os últimos dados da DGS indicam que em 2013 houve cerca de 4600 mortes associadas a infecções por via de dispositivos como cateteres ou ventiladores.

Com o contributo de Margarida Mota, do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infecção e Resistência aos Antimicrobianos do Centro Hospitalar Gaia/Espinho



SÁBADO, NÃO PERCA O DVD "LINCOLN"
POR APENAS 4,95€

informação

Advogados de José Sócrates vão hoje consultar o processo ao DCIAP

“OS DIREITOS DE DEFESA DO ARGUIDO FORAM SACRIFICADOS PARA ALÉM DOS LIMITES CONSTITUCIONAIS”,
DIZ ACÓRDÃO DE RUI RANGEL

Ministério Público pode tentar uma última cartada para impedir acesso ao processo

// PÁGS. 2-3

CRISE POLÍTICA. Costa mantém que negociações à esquerda estão a correr bem. **Bagão Félix não vê problemas em governo de gestão até Abril.** Rui Rio desiste de Belém mas não do PSD

Faltam 61 dias. Quatro livros que tem de ler antes da estreia de “Guerra das Estrelas”

// PÁGS. 34-35

// PÁGS. 8-13



CASO DAS SECRETAS

Defesa de ex-espião Silva Carvalho sugere que chefe das secretas teve acesso a dados de jornalista do “Público”

SAPO

// PÁG. 4

Calçado. Indústria portuguesa é das mais sexy da Europa e sobreviveu à crise conquistando a elite e os famosos

// PÁGS. 24-27



A apreensão foi resultado de uma investigação de mais de seis meses, diz a PSP

TIAGO PETINGALLISA

Grande Lisboa. PSP faz a maior apreensão de sempre de heroína

Dois suspeitos foram detidos em Lisboa e na Amadora pela posse de 42 quilos de droga, no valor de um milhão de euros

Dois suspeitos detidos e mais de 40 quilos de heroína confiscados num único dia é o novo recorde que a PSP anunciou ontem como a maior apreensão deste estupefaciente realizada pela polícia a nível nacional.

A primeira detenção aconteceu na Amadora e, minutos depois, o segundo suspeito seria igualmente detido em Telheiras, em Lisboa. "Da investigação foi possível perceber que iria ocorrer uma transacção que permitiria abastecer a área da Grande Lisboa com uma quantidade substancial de heroína", contou ontem o comandante da Divisão de Investigação Criminal, Resende da Silva. Para travar a operação dos traficantes foi montado um dispositivo, com

o auxílio da Unidade Especial de Polícia, que permitiu interceptar quer o comprador de uma parte dessa droga, quer o vendedor, que "pretendia fazer escoar todo o produto que tinha", explicou o intendente.

Um dos detidos é português, já com antecedentes criminais, e seria o comprador da heroína, a qual terá entrado em território nacional por via terrestre. Já o vendedor da droga neste negócio é um estrangeiro com passaporte europeu.

O comandante da Divisão de Investigação Criminal (DIC) de Lisboa da PSP explicou ainda que a operação resultou de uma investigação com mais de seis meses e que os dois suspeitos, de 33 e 47 anos, foram detidos na posse

A droga apreendida daria para abastecer a Grande Lisboa por alguns meses

Após interrogatório judicial, os dois suspeitos, de 33 e 47 anos, ficam em prisão preventiva

da droga, que se encontrava dentro dos seus automóveis. Além da heroína, que daria para cerca de 423 mil doses individuais - com um valor estimado no mercado a rondar um milhão de euros -, os agentes apreenderam ainda 76 300 euros aos dois suspeitos, resultantes da compra de parte da heroína.

Será que estamos perante um aumento do tráfico de droga? Carlos Resende da Silva está convencido de que não é esse o caso. "O facto de haver mais apreensões, ou até apreensões de maior quantidade, não significa necessariamente que esteja a haver mais transacções", mas sim que as investigações se desenvolvem de forma a obterem este resultado, salientou o intendente, considerando que esta operação permitiu reduzir "significativamente" o tráfico, já que a quantidade apreendida daria para "abastecer a Área Metropolitana de Lisboa durante alguns meses".

Os dois suspeitos ficaram sujeitos à medida de coacção de prisão preventiva depois do primeiro interrogatório judicial, no Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa. A última grande apreensão de heroína ocorreu em 2012, quando a PSP deteve cinco suspeitos na zona da Grande Lisboa e apreendeu 28 quilos deste estupefaciente. *K. C. com Lusa*



Legionela. Hotel do Porto reabre na próxima semana

PORTO O Hotel Boa-Vista, no Porto, encerrado há um mês e meio por suspeita de contaminação de legionela, deve reabrir na próxima semana, após registar 200 mil euros de prejuízos, revelou ontem à Lusa o director daquela unidade hoteleira. O hotel desencadeou a 5 de Setembro um tratamento da rede de águas por suspeita de contaminação pela bactéria.

Gaia. DGS admite três mortes por infecção com superbactéria

LISBOA A Direcção-Geral da Saúde (DGS) admitiu ontem que pelo menos três pessoas morreram em resultado da infecção pela bactéria multiresistente identificada no hospital de Gaia, mas assegura que "o surto está controlado" e a "evoluir para a resolução". "Ocorreram oito óbitos em doentes portadores de *Klebsiella pneumoniae*, dos quais três resultaram da infecção por esta bactéria", diz o comunicado da DGS.

Medicamentos sem receita. Farmácias com 80% das vendas

LISBOA Mais de 80% dos medicamentos não sujeitos a receita médica são comprados nas farmácias, em detrimento das parafarmácias. No total, a compra destes medicamentos em Portugal atingiu mais de mil milhões de euros, revela o estudo da consultora IMS Health. Produtos de beleza feminina ou suplementos vitamínicos são os mais vendidos.

Nacionalidade espanhola vai custar 300 euros

LISBOA Os portugueses residentes em Espanha que queiram obter nacionalidade espanhola têm de pagar pelo menos 300 euros em taxas, mas continuam a ter regras mais fáceis do que os restantes europeus. A obtenção de nacionalidade era até aqui um processo gratuito e o pagamento das taxas resulta da entrada em vigor da reforma do Registo Civil espanhol.

ANEXO V – Materiais Analisados – Público

EDIÇÃO LISBOA QUI 15 OUT 2015

HOJE Poderosos Heróis Marvel

13.º vol. Gavião Arqueiro: Quem pelo Arco Vive

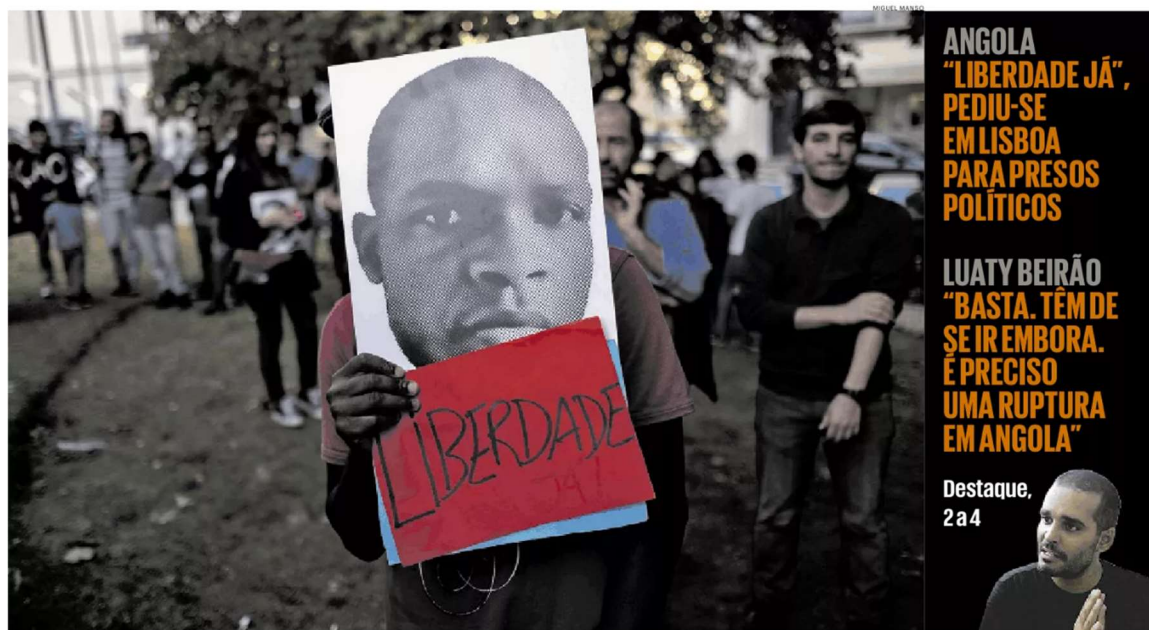


Por + 8,90€



Costa procura apoios em Bruxelas, Passos recusa reuniões de faz-de-conta

Líderes do PS e do PSD explicam-se a governantes europeus. Em Lisboa, prosseguem reuniões técnicas à esquerda, com o objectivo de garantir um Orçamento para 2016. PCP nega “impasse” nas negociações **Destaque, 6 a 11**



**ANGOLA
“LIBERDADE JÁ”,
PEDIU-SE
EM LISBOA
PARA PRESOS
POLÍTICOS**

**LUATY BEIRÃO
“BASTA. TÊM DE
SE IR EMBORA.
É PRECISO
UMA RUPTURA
EM ANGOLA”**

**Destaque,
2 a 4**

Manifestação ontem, em Lisboa, pela libertação dos presos políticos angolanos e, ao lado, Luaty Beirão, durante a entrevista que concedeu este ano ao PÚBLICO sobre Angola

Plataforma já tem 85 casas em Portugal para refugiados

Plataforma de Apoio aos Refugiados fez balanço de um mês e meio. E hoje começa o segundo Conselho Europeu em menos de um mês dedicado à crise dos refugiados **p12 e 20/21**

Programa para regresso ao superior não convence alunos

O programa que o Governo lançou para alunos que tinham abandonado os estudos teve 455 candidaturas, contra 480 no ano passado, continuando abaixo das expectativas **p13**

Empresas apontam sistema judicial como principal obstáculo

Estudo do INE revela que as empresas portuguesas vêem no sistema judicial, nos licenciamentos e no sistema fiscal os maiores constrangimentos à sua actividade **p17**

CAMBRIDGE SCHOOL
PORTUGAL

Ano letivo inscrições abertas

Educação: o seu melhor investimento.

www.cambridge.pt INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Bactéria ligada a oito mortes em Gaia mantém 13 doentes em isolamento

Hospital de Gaia confirmou oito óbitos de doentes em que foi detectada uma bactéria hospitalar. Mas diz que as mortes não podem ser totalmente associadas à infecção porque eram pessoas com doenças graves

Saúde
Romana Borja-Santos

O Hospital de Gaia confirmou ontem que detectou em Agosto nas suas instalações uma bactéria que foi encontrada em oito pessoas que morreram. Contudo, garante que eram doentes graves e que é não é possível fazer uma ligação directa entre o desfecho e o óbito. Ainda há 13 doentes internados por motivos relacionados com a mesma bactéria. Portugal está entre os países da União Europeia com maior prevalência de infecções hospitalares. Os dados relativos a 2014 apontam que 10,5% dos doentes contraíram uma infecção deste género nas unidades portuguesas. Só Roménia e Malta têm valores comparáveis a estes.

"Houve alguns óbitos de doentes que tinham a bactéria, mas não se pode dizer que a bactéria é que motivou o óbito, foi a doença que motivou o internamento do paciente", esclareceu ao PÚBLICO a responsável do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infecção e Resistência aos Antimicrobianos do Centro Hospitalar Gaia/Espinho (CHVNG/E), Margarida Mota. A bactéria *Klebsiella pneumoniae* foi detectada a 7 de Agosto, segundo noticiou o *Jornal de Notícias*.

A médica explicou também que "uma coisa são as manifestações clínicas, que são as infecções, outra coisa são doentes com a bactéria". No total, acrescentou, já foram feitos 44 rastreios a pessoas que possam ter estado em contacto com a bactéria e estão em curso mais quatro. A bactéria foi detectada em 30 doentes, "mas só oito é que apresentaram manifestações clínicas", sendo os restantes portadores assintomáticos. Contudo, Margarida Mota esclareceu que estes oito doentes não corresponderam aos oito óbitos, já que algumas das pessoas que morreram não apresentaram sintomas.

Questionada sobre se a bactéria é a responsável pelas oito mortes, a médica frisou que "não se pode dizer que a bactéria é que motivou o óbito, mas sim a doença que motivou o internamento do paciente". "A relação directa do óbito com a bactéria só pode ser estabelecida



Mais de 10% dos doentes contraem infecções nos hospitais

em três doentes e mesmo nesse não pode ser estabelecida a 100%", afirmou, explicando que nalguns casos eram doentes com cancro terminal. Quanto aos 13 doentes que permanecem isolados em regime de internamento, a responsável do centro hospitalar adianta que o isolamento é feito por precaução e explica que "os doentes estão internados porque têm uma doença que motivou o internamento e que ainda não está resolvida".

Ainda não há certezas sobre qual terá sido o primeiro doente a contrair a bactéria, mas Margarida Mota adianta que tudo aponta para que tenha sido "uma doente do foro cirúrgico que já estava internada há mais de 50 dias com uma complicação de pós-operatório com infecções e com o uso de múltiplos antibióticos, o que levou ao desenvolvimento da bactéria". Alguns dos 13 doentes que ainda estão em isolamento são também pessoas que tinham sido operadas e a quem foram colocados drenos, "o que facilita quer a colonização pela bactéria quer a evolução para quadro infeccioso".

Margarida Mota apelou, também, à tranquilidade dos doentes e família, frisando que os doentes que já tiveram alta não representam qualquer risco. "Esta infecção é uma infecção hospitalar e não põe em risco nem a população em geral nem os utentes da instituição." A médica informou também que os doentes em isolamento estão a ser tratados por profissionais de saúde que estão em exclusivo com esses casos. "O risco é agora muito reduzido", reiterou a responsável do Grupo Coordenador Local do Programa de Prevenção e Controlo de Infecção e Resistência aos Antimicrobianos do CHVNG/E.

Já ontem, numa conferência de imprensa, Margarida Mota, questionada sobre o facto de a Federação Nacional dos Médicos defender que as instalações do centro hospitalar dificultam o combate a este tipo de bactérias, admitiu que o espaço não tem as "condições ideais", mas garantiu que os protocolos estão adaptados à realidade que existe. A médica acrescentou, ainda, que esta é uma bactéria que faz parte do intestino humano, mas que "recebeu um gene que lhe dá a capacidade de produzir uma enzima que vai destruir os antibióticos". A responsável

sublinhou, também, que a bactéria está a afectar sobretudo pessoas já fragilizadas e que tinham sido sujeitas a cirurgias com colocação de um dreno – o que facilita a infecção.

Antes, através de um comunicado, a médica já tinha adiantado que "após a identificação do primeiro caso" foram adoptadas medidas imediatas de "reforço da capacidade do laboratório de microbiologia", através da "aquisição de métodos específicos de identificação da bactéria; reforço da equipa nos turnos de fim-de-semana para resultados mais rápidos; implementação de protocolo de rastreio de contactos". O centro hospitalar notificou também a Direcção-Geral da Saúde no que diz respeito às estirpes identificadas, tal como prevê a norma da Vigilância Epidemiológica das Resistências aos Antimicrobianos.

Foram ainda, segundo a mesma nota, organizadas unidades para isolar os doentes e dada formação específica aos profissionais de saúde. Houve também a "implementação imediata de medidas de isolamento específicas a casos positivos e suspeitos" e reuniões para uniformizar os procedimentos perante casos suspeitos ou positivos.

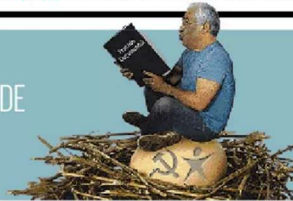
"Segundo vários estudos publicados sobre o risco ocupacional de contágio entre profissionais de saúde, verifica-se que o mesmo é pouco significativo ou nulo, desde que asseguradas as medidas de precaução básicas", garantia a mesma nota do centro hospitalar, que acrescentava ainda que decorrem as análises sobre o "genótipo dos isolamentos efectuados" – o que poderá ajudar a "determinar o foco da infecção".

Resultados a melhorar

Apesar de Portugal ser dos países com mais infecções, mesmo assim, pela primeira vez desde 2003, o país conseguiu reduzir este problema nas bactérias responsáveis por mais infecções e por desfechos mais graves. Por exemplo, a resistência do estafilococo áureo ao antibiótico metilicina (conhecido como MRSA) fica agora nos 46,8%. Foi também a primeira vez, desde 2008, que se conseguiu recuar para uma taxa abaixo dos 50%. Este é um dado relevante, uma vez que é uma das bactérias que mais contribuem para o cenário negro.



O SR. SILVA VAI PODER VER EM GRANDE A SUA MORTE
DOCLISBOA



CINCO SURPRESAS QUE O PS DESCOBRIU NAS CONTAS PÚBLICAS!
O INIMIGO PÚBLICO



“ São muito mais graves as consequências (...) de uma alternativa claramente inconsistente sugerida por outras forças políticas

Cavaco indigita Passos e exclui PCP e BE do poder

Presidente coloca nos deputados, que hoje tomam posse no Parlamento, a decisão de garantir a estabilidade, sugerindo que chumbem a moção de rejeição prometida pela esquerda. PS, PCP e BE perto de fecharem acordo parlamentar **Destaque, 2 a 8**

Governo e banca vão controlar contas da TAP todos os meses

Resolução aprovada ontem quer garantir que, em caso de reversão do negócio, o Estado não fica com a empresa em pior situação **p20**

Ex-namorada de Sócrates processa Correio da Manhã

Fernanda Cândia diz que jornal divulgou conversa falsa e que aproveita informações que os jornalistas obtêm por serem assistentes **p10**

Rep. Checa fecha refugiados em locais sem condições

Pessoas presas até 90 dias ainda pagam dez dólares por dia. ONU critica “violação sistemática dos direitos humanos” **p26**

ANGOLA
ESFORÇOS
DIPLOMÁTICOS
NÃO TRAVAM
DEGRADAÇÃO
DA SAÚDE DE
LUATY BEIRÃO

Mundo, 24/25



DGS atribui surto de bactéria em Gaia ao uso indevido de antibióticos

Bactéria que afecta desde Agosto hospital de Gaia identificada em 30 doentes. Até ao momento foram contabilizadas três mortes devido a este problema. Francisco George garante que situação está controlada

Saúde
António G. Rodrigues

Para o director-geral da Saúde, o surto da bactéria multiresistente que está, desde Agosto, a afectar o hospital de Gaia tem uma explicação: o "uso indevido e inadequado de antibióticos". Apesar disso, Francisco George garantiu ontem que cre "que o problema, que é grave, está controlado", o que foi possível com as medidas tomadas por aquela unidade hospitalar em articulação com a Direcção-Geral da Saúde (DGS).

George, que falava em Mirandela, à margem de uma prova pública de alheira (ver página I2), começou por dizer que "esses antibióticos, uma vez indevidamente utilizados, podem dar origem a resistências das bactérias". O responsável da DGS explicou que "há bactérias que são resistentes e não são inactivadas pelo antibiótico, exactamente por uso indevido", como, por exemplo, "o excesso de dias de antibioterapia", a utilização "para tratar erradamente infecções de origem viral, uma vez que os vírus não são sensíveis e não devem ser tratados com antibióticos".

O director-geral da Saúde lembrou que "há muitos problemas que não dizem só respeito à saúde pública humana mas, também, à veterinária e ao tratamento dos animais", até porque "as bactérias, uma vez em contacto com os antibióticos, podem desenvolver essas resistências, e foi isso que aconteceu em Gaia". "Há doentes que foram infectados, outros foram colonizados, tidos como portadores de uma bactéria que é especialmente preocupante porque adquiriu resistências. A sua composição genética adquiriu resistências, que são propagadas de geração em geração de bactérias", explicou o mesmo responsável.

George considerou, ainda, que "é preciso distinguir a infecção provocada pela bactéria resistente de uma outra condição que é a identificação da bactéria em pacientes que não estão doentes devido a esta bactéria". Depois, assegurou que "foram tomadas medidas de isolamento, pisos evacuados, no sentido de não possibilitarem mais riscos", porque "quem está no hospital não pode ser exposto a riscos evitáveis".

Desde 7 de Agosto foram identifi-



Hospital criou sete quartos de isolamento individual, três enfermarias na área médica e três na cirúrgica

Campanha alerta para abuso de antibióticos nas crianças

Ainda antes de completarem o primeiro ano de vida, mais de 50% das crianças portuguesas já tomaram um antibiótico pelo menos uma vez — apesar de 90% das infecções nesta idade serem de origem viral e, por isso, não necessitarem deste tipo de medicamentos. O abuso dos antibióticos está a contribuir para que as bactérias sejam cada vez mais resistentes. Para inverter este cenário, ontem foi lançada uma campanha de sensibilização nas farmácias nacionais que quer deixar uma mensagem clara: "Antibióticos em crianças: use, mas não abuse".

O presidente da Sociedade Portuguesa de Alergologia Pediátrica considera que esta campanha, promovida pela Coopropfar Farmácia — Cooperativa dos Proprietários de Farmácia, chega numa altura especialmente importante: no Inverno surgem mais problemas

respiratórios e tende a aumentar o consumo desnecessário de antibióticos. "Há uma utilização abusiva dos antibióticos e isso passa-se mais ao nível das crianças do que dos adultos. Nas crianças, cerca de 90% das infecções são de origem viral e no adulto esta relação é inferior", explicou ao PÚBLICO Libério Ribeiro.

Questionado sobre as razões do abuso, uma vez que os antibióticos são medicamentos cuja venda depende de receita médica, o especialista defendeu que há várias causas, que envolvem farmacêuticos, médicos e pais. A campanha, que terá cartazes em farmácias, visa precisamente alertar pais e educadores, assim como os próprios profissionais de saúde.

Libério Ribeiro admite que, por vezes, ainda há farmácias a dispensarem os medicamentos a clientes que conhecem, mas também atribui o problema a

algum desconhecimento dos pais e à falta de tempo dos médicos. "O número de crianças nos serviços de urgência chega a triplicar no Inverno. Acredito que com um exame mais cuidado e com mais tempo para acompanhar o doente se poderiam evitar muitas das prescrições", sublinha.

O pediatra e imunologista cita valores que fazem parte do *International Study of Asthma and Allergies in Childhood*, sobre a prevalência de asma e de doenças como a rinite na infância. O trabalho estimou que, "em Portugal, 54% das crianças no primeiro ano de vida já tinham tomado antibióticos". O médico alertou que nenhum medicamento é inócuo e que o uso inadequado de antibióticos, sobretudo nestas idades, altera a flora intestinal das crianças e pode influenciar o desenvolvimento de patologias do foro alérgico. **R.B.S.**

cados no Hospital de Gaia mais de 30 doentes portadores de *Klebsiella pneumoniae*, uma bactéria multiresistente que terá surgido em consequência do uso de grandes doses de antibióticos. A bactéria é de rápida disseminação, transmite-se pelo toque, sobrevive na pele e no meio ambiente e desconhece-se a sua durabilidade. Até ao momento foram contabilizadas três mortes devido a este problema.

Antes de Francisco George, o presidente do conselho de administração do Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia/Espinho, Silvério Cordeiro, já tinha garantido à Lusa que a infecção está controlada.

Na quarta-feira, em comunicado, a unidade tinha avançado que suspeita de que o surto tenha tido origem numa doente que fez vários ciclos de antibiótico e que partilhou, no dia 29 de Julho, a mesma unidade de pós-operatório com o primeiro paciente infectado. Adiantou também que foram já criados sete quartos de isolamento individual, três enfermarias na área médica e três enfermarias na área cirúrgica. O centro hospitalar respondia desta forma à tomada de posição do presidente do Sindicato dos Enfermeiros, José Azevedo, que na quarta-feira defendeu o encerramento do pavilhão central do hospital, de forma a impedir a disseminação da bactéria.

O coordenador do Programa de Prevenção e Controlo de Infecção e de Resistência aos Antimicrobianos da Direcção-Geral da Saúde sublinhou ao PÚBLICO que esta resistência da *Klebsiella pneumoniae* ainda é "rara" em Portugal (1,8%), que está mesmo um pouco abaixo da média europeia e muito longe daquilo que se verifica noutros países, como a Grécia (50%) e a Itália (mais de 30%). Mas José Artur Paiva admite alguma apreensão: "O que nos preocupa é o facto de estarmos a assistir a uma progressão significativa: passamos de 0,3% há três anos, para 0,7% no ano seguinte e 1,8%, no ano passado."

Recordando que este tipo de resistência já está descrito em Portugal desde 2009, José Artur Paiva sublinha que é necessário usar os antibióticos "com parcimónia", mas lembra que, "mesmo usando bem" este tipo de medicamentos, surgem resistências. **com Alexandra Campos e Romana Borja-Santos**